

New York Times Bestselling Author

Jessica Clare

Happily
ever after...?

ONCE
upon a
BILLIONAIRE

Inter
Mix

❧ A Billionaire Boys Club Novel ❧

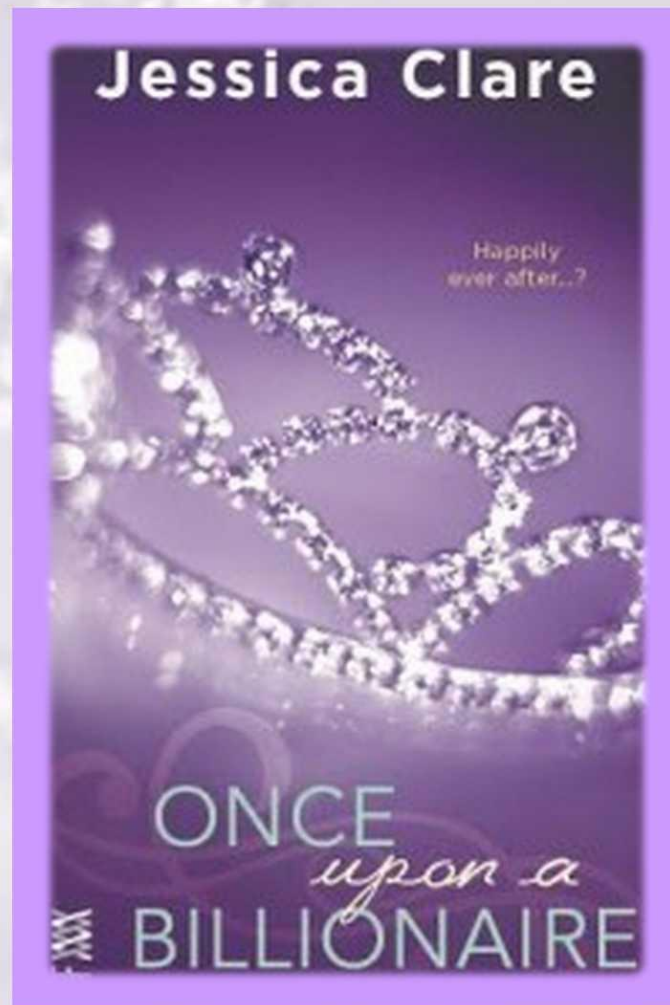




Jessica Clare

PEGASUS APRESENTA

Happily
ever after...?



Jessica Clare
Billionaire Boys Club 4

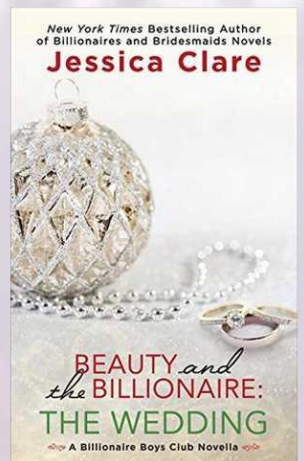
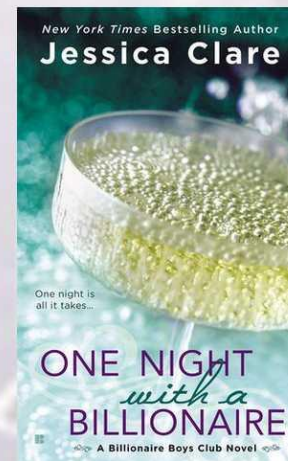
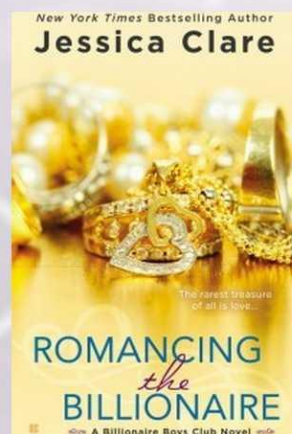
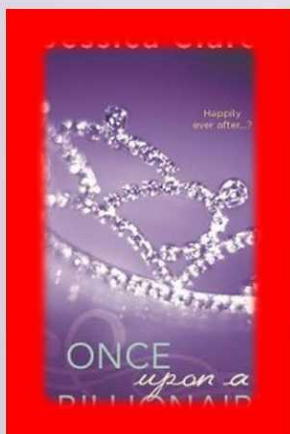
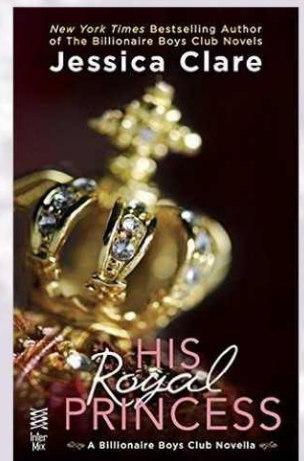
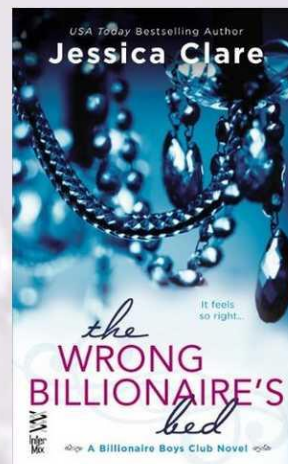
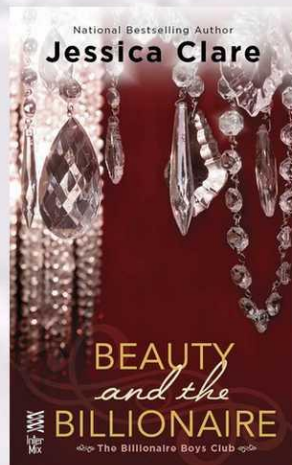
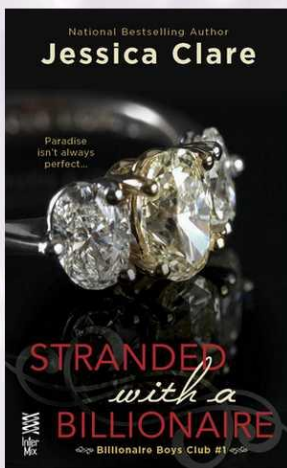


PEGASUS
APRESENTA

Happily
ever after...?

Jessica Clare

Billionaire Boys Club



BILLIONAIRE

Sinopse

Como membro da família real de um pequeno país europeu, a presença de Griffin Verdi foi solicitada no casamento do século. O bilionário erudito se sente perdido em situações sociais então um bom assistente se faz necessário – especialmente quando se lida com etiqueta real.

Infelizmente Griffin está preso a Maylee Meriweather, uma mulher bonita, charmosa e totalmente inadequada que não sabe nada sobre a alta sociedade, mas com certeza sabe beijar. Sua total falta de etiqueta pode afundar Griffin, pois nem mesmo o dinheiro pode comprar classe. Mas através dos olhos de Maylee, está começando a apreciar as coisas simples da vida, isso se simplicidade significar a mulher mais complicada que já conheceu.

Maylee é tudo o que Griffin não é, porém é tudo que almeja, isso se puder baixar a guarda e sair da sua zona de conforto...

Capítulo Um

O estado de saúde do assistente pessoal de Griffin Verdi era terrível.

— Como assim está com catapora?

— Quero dizer exatamente isso. — Confirmou Kip Rothwell ao telefone, com uma pitada adequada de tristeza — Meu médico me garantiu que não serei contagioso após dez dias. Ele me recomendou que ficasse em um hotel até não correr o risco de passar a doença e sei que você não pode ficar doente agora.

— Você está fodendo comigo. — Griffin, usando o palavrão favorito de seu amigo Reese. Soava apropriado no momento — Ficarão contagioso por dez dias? Partimos amanhã para Bellissime¹. Não posso ficar sem meu assistente.

— Sei disso, senhor, mas receio que não haja nada que possa fazer.

Furioso, Griffin desligou o telefone na cara de seu assistente pessoal de tanto tempo. O homem nunca o decepcionara antes. Kip trabalhava para Griffin há dez anos, desde seus dezoito anos, e insistira em vir aos Estados Unidos para estudar. A mãe de Griffin insistiu em enviar uma comitiva de criados para se juntar a ele, como convinha à sua classe. Demitira todos, exceto Kip. Afinal alguém tinha que escolher suas roupas e levá-lo onde necessário.

E agora, quando mais precisava de seu assistente, o homem o abandonara.

¹ País fictício entre França, Suíça e Itália.

Griffin olhou para a pilha de revistas na ponta de sua mesa cheia de papéis. Sob uma cópia da Scientific American² e Archaeology Today³, um exemplar do Bellissime National News⁴, que havia importado. E abaixo, a revista Time, que possuía a mesma maldita manchete.

CONTAGEM REGRESSIVA PARA O CASAMENTO DO SÉCULO, dizia em letras garrafais. Abaixo, uma foto de sua prima, a Princesa Real⁵ Alexandra Olivia III, Duquesa de Beaulac, herdeira ao trono de Bellissime, e seu noivo, a estrela hollywoodiana de filmes de ação, Luke Houston.

Sua Alteza Real não apenas se casaria com um plebeu americano, mas com uma celebridade, o que significava que os jornais, americanos e os de Bellissime, estariam cobrindo o evento de uma maneira ridícula.

Carniceiros era o que eram.

Como o próximo evento era o casamento de uma princesa de Bellissime, todos os Verdi foram convidados para as festividades, incluindo Griffin. E, embora pudesse se afastar da maioria de seus deveres reais, já que é o caçula, sem importância, e morava nos Estados Unidos, não conseguiu se safar desse. A família real – até primos distantes com coisas melhores para fazer – se reuniria em Bellissime para celebrar o casamento de Alexandra III. Griffin passaria uma semana completamente infeliz, evitando paparazzi, sorrindo para fotos (odiava fotos) e evitando as princesas elegíveis que sua mãe jogaria em sua direção.

² Revista americana especializada em Ciência.

³ Revista americana fictícia especializada em Arqueologia. Fictícia porque o termo “Today” não existe na revista Archaeology em circulação.

⁴ Jornal ou revista fictício do país Belissime.

⁵ Título dado ao primeiro na linha de sucessão ao trono. Os demais recebem apenas o título de Príncipe ou Princesa. O ‘Real’ só é incorporado ao título do próximo na linha de sucessão após a morte o 1º.

Tudo isso seria ainda pior porque seu fiel assistente, e companheiro de viagem, não estaria ao seu lado. Precisava de um assistente. Griffin não conseguiria cumprir sua agenda e, de acordo com sua mãe, não era necessário que a realeza organizasse os próprios compromissos. Se soubesse que seu único assistente o abandonara, retomaria seus esforços em pressioná-lo por um estilo de vida que odiava. Sua mãe, a Alteza Real, princesa Sybilla-Louise, acreditava que o estilo de vida da realeza se sustentava em ter uma comitiva, e nunca teve menos de quarenta e seis funcionários o tempo todo.

Mas Griffin odiava esse estilo de vida. Enquanto controlasse as coisas, poderia morar em sua pequena casa, cheia de livros espalhados, perto do Central Park, com apenas Kip para ajudá-lo e uma faxineira para dar jeito nas coisas aos fins de semana. Era como preferia. Odiava ter pessoas pairando por perto o tempo todo. Abominava ostentação. Sua mãe, porém, pensava o contrário, era uma necessidade básica para a família real.

Caralho.

Devia dar um jeito nisso, e rápido. Sua mãe suspeitaria no momento em que pousasse os olhos em sua gravata. Se estivesse apenas torta, hiperventilaria e providenciaria funcionários para ele. Não era apropriado, diria. Era como se sua vida estivesse se deteriorando aos olhos dela. Seria tudo muito simples se tivesse um ajudante, um manobrista, um motorista e algumas empregadas domésticas, e a próxima coisa que Griffin se daria conta era que tropeçaria em pessoas determinadas a tornarem-se úteis, até mesmo imprescindíveis. E então não teria paz. Seu cantinho estaria cheio de empregadas e mordomos e... estremeceu com o pensamento.

O celular vibrou. Atendeu com entusiasmo, esperando que a mensagem de texto fosse de Kip informando que havia conversado com o médico, pois sabia que estava aborrecido, e que havia sido liberado para voar. Que estava voltando para a casa de Griffin e que tudo não passara de um completo mal-entendido.

— *Senhor, liguei para a agência para ver se eles podem fornecer um substituto. Mantereí você informado. E providenciei uma seleção de gravatas e cliques de alta qualidade, para entrega nesta tarde.*

Querido Deus. Para sua mãe a única coisa pior do que uma gravata torta era se houvesse um clipe nela.

Algo tinha que ser feito, imediatamente.



— Apostem, meninos. — Reese jogou suas fichas no centro da mesa.

— Coloquem as cartas na mesa. Alguns de nós preferem não ficar aqui a noite toda.

— Você nunca se importou antes. — Jonathan resmungou enquanto jogava suas fichas depois das de Reese — O casamento transformou-o em um velhote?

— Não. — emendou Reese de imediato — Só estou ansioso para chegar em casa e ver minha fogosa. A gravidez realmente aumenta os

hormônios da mulher, entende. — Levantou as sobrancelhas de maneira diabólica para os outros.

— Por favor, poupe-nos dos detalhes — rosnou Cade com uma careta, adicionando sua aposta — Audrey é minha amiga de infância e não quero ouvir sobre seus hormônios em fúria.

— Ciúmes? — Reese questionou com um sorriso. Cutucou Griffin que estava ao seu lado — Está dentro, amigo?

— Hum? — Griff levantou os olhos do telefone, franzindo a testa para a mensagem de Kip. Foram duas palavras simples. ‘*Sem sorte*’. Droga! — Estou dentro. — Forçou sua atenção novamente no jogo de cartas.

Logan colocou sua aposta e arqueou uma sobrancelha para o amigo.

— Tudo certo?

— Apenas questões familiares... — Griffin elucidou amargamente, e foi até a mesa de bebidas, pegou a garrafa de conhaque. Os outros preferiam uísque, mas ele gostava de algo um pouco mais suave. Não se incomodou em pegar um copo, apenas abriu a garrafa, se virou e deu um gole.

Agora, as duas sobrancelhas de Logan subiram.

— Tenho certeza — começou Logan — de que não são ‘apenas’ questões familiares. Ao menos o que diz a minha experiência. Estão pedindo dinheiro?

— Antes fosse. — Se pudesse jogar alguns milhões em sua família e fazê-la desaparecer, o faria. Griffin bebeu o conhaque novamente. Talvez devesse ter escolhido uísque, afinal.

Reese começou a jogar as cartas na mesa, negociando.

— Então, onde diabos está Hunter esta noite?

— Gretchen falou que estava a caminho. — Revelou Logan com um encolher de ombros — Suponho que esteja preso no trânsito.

Jonathan pegou as cartas da mesa e lançou um olhar curioso a Griffin.

— Está nervoso com a visita ao local?

— Visita?

— A escavação que patrocinamos. Espanha? – Jonathan pareceu surpreso que Griffin tivesse esquecido — Devemos estar lá na próxima semana e ver como as coisas estão progredindo. Sabe que encontraram um provável esconderijo de moedas.

— Droga. — Havia esquecido — Não posso ir. Tenho que marcar presença no casamento real.

Todos os homens gemeram com simpatia.

— Deus, isso soa como a maior chatice de todos os tempos — reclamou Reese.

Griffin não discordou.

Jonathan estava franzindo a testa.

— Você está se esquivando, cara? Mas eu...

A porta no topo da escada se abriu e os cinco homens se viraram, a conversa esquecida.

Hunter apareceu no topo da escada, vestido com uma jaqueta pesada, cachecol e carregando uma caixa de lenços de papel. Seu nariz estava vermelho, os olhos turvos, as cicatrizes feias aparentes no rosto pálido. Espirrou.

Enquanto Hunter descia as escadas, sua namorada, Gretchen, seguia logo atrás, com um olhar preocupado no rosto.

— Precisa de mais remédios para resfriado, bebê?

Parecia que ela estava doente. Seu cabelo vermelho vivo estava preso em um coque bagunçado, usava um suéter folgado e calças de ioga. Se tivesse passado por ela na rua, Griffin se perguntaria se era uma sem-teto ou não. Ainda não podia acreditar que Hunter havia se apaixonado. Parecia grosseira.

— Estou bem. — Hunter, embora mal se parecesse com ele mesmo, sua voz estava rouca e quebrada.

— Oh, claro. — Gretchen foi sarcástica. Pisou no último degrau da escada atrás dele, desenrolando o cachecol e tirando a jaqueta — Olá meninos, desculpe pelo atraso.

Griffin resmungou em suas cartas. Não era primeira vez que Hunter levava a namorada tagarela para uma de suas reuniões, supostamente secretas, e isso o irritava cada vez mais.

— Sério, Hunter? Não podia vir sozinho?

Gretchen apontou Griffin com o dedo, enquanto ajudava Hunter a tirar a jaqueta.

— Ele está doente pra caralho, idiota. Falei para ficar na cama, mas não quis, então vim junto. Engula isso.

— Adorável — Griffin murmurou — Exatamente o que a noite precisava, uma bruxa intrometida.

— É minha cunhada, então pode calar a boca antes que eu escute sobre isso, quando chegar em casa?

Griffin deu a Reese um olhar gelado.

— Você também? Sou o único que tem um problema com a questão de ‘sociedade secreta’ ser secreta?

Jonathan lhe dirigiu um sorriso simpático do outro lado da mesa, mas Griffin notou que não falou. Covarde.

— Ei, eu sei! – Gretchen falou, dando a Griffin um olhar arregalado e inocente, enquanto colocava Hunter na única cadeira vazia à mesa — Por que não toma outro gole de 'Cala a Boca' e me deixa cuidar do meu homem?

A educação não permitiu que Griffin respondesse. Decidiu dar-lhe seu melhor olhar frio e aristocrático. Aparentemente desperdiçado já que a atenção dela estava em Hunter, o homem com cicatrizes. Vergonhoso. Quando Gretchen ficou satisfeita com as roupas de Hunter, se virou e sentou em seu colo.

— Então, o que estamos jogando?

Griffin olhou-a e esperou que alguém corrigisse sua impertinência.

— Poker Texas Hold'Em⁶ — Cade respondeu, sempre bajulador.

— Legal. — Gretchen pegou as fichas, remexendo no colo — Ajudarei Hunter a jogar.

— O que, suas mãos estão doentes também? – Jonathan perguntou, com uma nota seca de humor em sua voz.

Gretchen mostrou o dedo do meio para ele, e Hunter apenas passou os braços em volta da cintura dela, um olhar satisfeito em seu rosto feio quando limpou o nariz com um lenço de papel. Parecia gostar de Gretchen lá.

⁶ O jogo de Pôquer, ou Poker em inglês, possui várias modalidades dependendo da região dos Estados Unidos, sendo 6 as principais. Texas Hold'Em, Omaha, Seven Card Stud (Razz), Five Card Draw, Courchevel e Crazy Pineapple.

Traidor.

Até Logan, o chefe da sociedade, não parecia se incomodar em ter Gretchen na mesa com eles. Claro que ela assinou um contrato de confidencialidade, no qual prometeu não divulgar um único detalhe da fraternidade secreta, mas era o mínimo, não era?

— Vamos pular as discussões profissionais esta semana. — Logan acendeu um charuto.

Pensou. Estava ansioso para mergulhar de cabeça em alguma conversa de negócios. Parecia que tudo estava contra ele agora. Não falei nada quando as primeiras cartas foram distribuídas e reduziu seu valor para corresponder à oferta do Cade.

— Cubro a aposta — Gretchen, empurrando as fichas para frente — E enfia esse pau gigantesco na bunda de Griffin.

Griffin jogou suas cartas no chão.

— Oh qual é? Isto é ridículo.

— Crianças, crianças — Reese repreendeu — Vamos nos acalmar.

— Ele começou. — Gretchen já de mau humor — É esse sotaque arrogante dele. Tudo o que diz soa dez vezes mais idiota.

Griffin olhou para a mulher detestável.

— Se não gosta, fique à vontade para sair. Não me lembro de alguém aqui te convidando, em primeiro lugar.

Hunter apenas apertou mais a cintura de Gretchen e deu uma pequena sacudida em sua cabeça, avisando-a para não brigar. Bom Deus. O homem se apaixonou e, de repente, estava deixando sua mulher sapatear em sua cabeça. Griffin prometeu que nunca deixaria isso acontecer com ele.

Cade olhou para Griffin por cima de suas cartas.

— Você está bem? Parece extraordinariamente mal-humorado esta noite.

Griffin esfregou o rosto.

— Estou em um mau momento, obrigado por perguntar.

Logan grunhiu em concordância.

— Qual é o problema? – Jonathan queria saber — Qualquer coisa que possa ajudar?

— A menos que tenha um assistente de reserva. — Griffin largou as cartas, incapaz de se concentrar — Meu assistente-pessoal está doente e não está disponível para viajar por mais de uma semana, e irei para Bellissime amanhã à noite, para o circo que será o casamento da prima Alexandra.

Gretchen ofegou.

— Puta merda! A princesa Alexandra de Bellissime é sua prima? – Se abanou, parecendo animada — Isso explica essa atitude idiota! Você é da realeza?

Estreitou os olhos para ela. Nunca pensou em usar seu título para fazer com que alguém se sentisse inferior, aqui nos Estados Unidos, mas, naquele momento, estava seriamente tentado.

— Não vejo por que isso importa.

— Esse casamento é um grande acontecimento! – exclamou Gretchen — É bem legal que você vá.

— Exceto que Griffin é provavelmente quase tão antissocial quanto Hunter. — Jonathan reconheceu com um aceno de cabeça. Lançou um olhar para o amigo — E está interferindo em outros projetos.

Droga. Griffin ficaria chateado por perder essa escavação por semanas. Simplesmente sabia disso. Iria verificar as coisas depois, é claro, mas não era o mesmo que fazer o tour inicial do local e estar lá enquanto as coisas aconteciam.

— Não importa se irei. Obviamente não desejo participar. Mas se não levar um assistente, serei forçado a contar com a equipe de funcionários da minha mãe.

O colarinho apertado o sufocava diante de tal pensamento, e afrouxou a gravata.

— Então preciso de um.

Todos os homens gemeram de simpatia.

— O quê? O que acontece? – perguntou Gretchen, curiosa.

— A mãe dele é meio que... — Cade diz com uma pausa, tentando achar uma palavra adequada.

— Desagradável — Hunter completou.

— Aquele pau na bunda de Griffin? É um raminho perto da sequoia inteira que é Sua Alteza Real Sybilla-Louise. — Jonathan destilou seu veneno.

Os olhos de Gretchen se arregalaram.

— Caralho.

— Obrigado por esse lembrete adorável, senhores. — Griffin em um tom cortante — Sempre tão agradáveis. Realmente. — Bebeu seu

conhaque novamente. Às favas com as boas maneiras, necessitava do álcool queimando a garganta, antes e agora.

— Bem — Gretchen proferiu docemente — Hunter tem uma assistente extra em seu escritório. Aposto que pode emprestá-la. De qualquer forma, ele está doente e não irá trabalhar.

Hunter interrompeu em um acesso de tosse. Ele levantou a mão e Gretchen puxou-a contra a cintura, aquele sorriso meloso nunca deixando seu rosto.

Griffin lançou-lhe um olhar desconfiado. Por que estava tentando ser útil de repente? Após o atrito que tiveram na mesa?

— Emprestaria?

Gretchen assentiu, segurando os braços de Hunter enquanto ele tossia convulsivamente. O homem parecia mortalmente doente.

— Ela é amável. Trabalha duro. Tenho certeza de que viajaria sem aviso prévio se oferecesse horas extras.

— Precisarei de alguém que consiga organizar uma agenda deveras atribulada, enquanto estiver em Bellissime. Há muitos compromissos importantes que devo participar.

— Tenho certeza de que não haverá problema. Maylee é atenta nas tarefas. E faz muitas anotações.

Griffin ponderou sobre isso. Olhou para Hunter.

— Não se importa se a tomasse emprestado por algumas semanas?

— Deus, não — respondeu entre tosses.

Gretchen deu-lhe uma cotovelada.

— Está doente e precisa descansar na cama. Então não deveria trabalhar de qualquer maneira. E se precisar de ajuda, pode contar comigo.

Griffin olhou para a aparência desgrenhada de Gretchen.

— Fechado.

Mas o sorriso dela só aumentou.

— Quer que ligue para ela?

Considerou. Não confiava inteiramente em Gretchen..., mas Hunter não toleraria funcionários ineficientes. Viu como a casa do homem era administrada. E para ser sincero, possuía poucas opções.

— Entrarei em contato com Kip novamente esta noite e avisarei se precisar dos serviços dela.

— Claro. — Gretchen tinha veludo em sua voz — Apenas me avise. Mal posso esperar para saber.



Gretchen estava formigando de ansiedade sobre a situação de Maylee. Remexia-se e checava o telefone de Hunter uma dúzia de vezes, a cada poucos minutos, apenas por precaução. A noite do pôquer terminou um pouco mais cedo, já que não tinha assuntos para discutir perto de Gretchen, e a tosse seca do homem distraía a todos.

Uma hora depois que Hunter e Gretchen voltaram para casa. Griffin mandou uma mensagem para o amigo.

— Parece que preciso da sua assistente, afinal. Acha que ela pode me encontrar no aeroporto às 18:00 com seu passaporte, com o máximo de roupa formal que possa carregar e estar pronta para trabalhar? Pagar-lhe-ei o dobro do que você normalmente paga —

Gretchen pegou o telefone da mão de Hunter enquanto o colocava na cama, leu a tela e gargalhou extasiada.

— Oh, meu Deus, isso será tão divertido. Gostaria de estar lá para ver o rosto dele quando encontrar Maylee.

Hunter fez uma careta entre tosses.

— Ele me matará quando chegar em casa, Gretchen. Sabe que ela é péssima em relação à etiqueta e sabe também que Griff é um defensor disso.

— Maylee é pior do que terrível com etiqueta. — Concordou — Mas é amigável e, oh, tão doce. Será a situação perfeita, porque será péssima em tudo e agradável demais para ele dizer uma só palavra cruel sobre a pobre menina. Então, ficará preso a ela.

— Tem sorte de eu te amar porque, caso contrário, não seria capaz de salvá-la da ira dele. — Sentenciou.

Ela sorriu maliciosamente.

— Então posso ligar para ela? Posso, posso? Por favor? – Suplicou, meiga.

Ele espirrou e acenou com a mão;

— Apenas me traga mais remédios no caminho de volta.

Gretchen gargalhou de puro prazer novamente.



Maylee Meriweather estava assistindo a um episódio de Duck Dynasty⁷ em sua pequena televisão, comendo pipoca e sentindo um pouco de saudade de casa, quando o telefone tocou. Não era incomum os membros da família telefonarem em horários estranhos, apenas porque era assim que sua família era.

— Olá?

— Maylee? É a Gretchen Petty.

Deixou de lado a tigela de pipoca e lambeu os dedos para limpá-los.

— Oh! Olá, Srta. Gretchen. Como está? – O medo vibrou em sua barriga. Se a namorada do chefe estava ligando depois das nove da noite no final de semana, isso não era nada bom. Talvez estivesse ligando para dizer que o Sr. Hunter não a aguentava mais e a dispensaria. Não ficaria surpresa. O Sr. Hunter nunca estava feliz com seu desempenho, embora se empenhasse muito. Ela meio que esquecia as coisas.

— Ótima. Como você está?

— Estou bem! – Não falou ‘bem, como um porco na lama’ porque falou isso a Srta. Gretchen uma vez e os olhos dela quase saltaram das órbitas. Não diziam esse tipo de coisa aqui na cidade grande, como estava aprendendo. Então, quanto mais trabalhava na cidade de Nova

⁷ Série americana do tipo reality show, sobre uma família que enriqueceu vendendo apitos para caçar patos.

York, mais tentava melhorar seu linguajar. Estava na principal cidade do país e não recém-saída de um caminhão de legumes.

— Bem, Maylee, a razão pela qual estou ligando...

Maylee fechou os olhos já temendo o pior.

—...é que Hunter e eu precisamos de um grande favor. Você tem um passaporte?

Maylee franziu o cenho.

— Bem, essa é uma pergunta estranha, Srta. Gretchen, mas sim, tenho. Minha mãe diz que é melhor estar preparada para qualquer coisa, então providenciei um antes de vir para a cidade grande. — Estava bastante orgulhosa desse passaporte. Poucas pessoas em sua cidade natal tinham um ou viajavam para fora do estado, muito menos para fora do país.

— Oh, isso é perfeito! – Gritou Gretchen, e Maylee poderia jurar que estava engasgando uma risada. Ela era uma pessoa tão feliz, sempre sorrindo e rindo. Ficara contente em vê-la com o Sr. Hunter, que podia rir uma ou duas vezes.

— Precisam de mais documentos? Dei cópias de tudo à agência de empregos... — Deixou suas palavras morrerem. As pessoas precisavam de mais papelada para demissão? Roeu a unha, sentindo-se infeliz. Tentou tanto, realmente se empenhou. Nunca reclamou das longas horas ou do fato de que as pessoas que ligavam eram rudes. Apenas suportou. E suspeitava que ainda não era boa o suficiente para trabalhar para o Sr. Hunter. Ele queria alguém bem instruído, que nunca fizesse uma única pergunta, e ela não era. Infelizmente, estava em falta no quesito polidez.

— Não, não. Lamento. Estou assustando você, não estou?

— Bem, talvez precise mudar minhas calças depois dessa ligação. — Maylee admitiu com um pequeno sorriso — Mas está tudo bem. Eu aguento. Qual é o problema?

— Como dizia, precisamos de um favor. Hunter tem um amigo que precisa de uma assistente o mais rápido possível, porque seu secretário está doente e ele está prestes a fazer uma viagem importante.

— Oh? – Então, espere... não está me demitindo? Obrigado Jesus.

— Sim. Seu nome é Griffin Verdi. Já ouviu falar dele?

— Não posso dizer que sim, Srta. Gretchen. Parece um personagem de Harry Potter⁸. — Maylee adorava os livros do bruxinho. Certeza de que seria da Lufa-Lufa⁹.

Dessa vez, Gretchen riu alto.

— Ele não é. Na verdade, é meio idiota. Mas ofereceu para pagar em dobro se você viajar e atuar como sua secretária pessoal. Precisa de alguém para gerenciar seus compromissos e tal. É um pouco distraído e Hunter me diz que é inútil sem um assistente.

Maylee parou de ouvir depois da palavra mágica ‘dobro’. Olhou para o seu pequeno apartamento, mobiliado pela Goodwill¹⁰, do tamanho de um armário e cruzou as pernas no colchão que jogara no chão e que servia de cama e sofá. Um pouco mais de dinheiro ajudaria bastante, embora nunca tenha pedido um aumento ao Sr. Hunter. Não era uma mendiga, não importa o que os nova-iorquinos pensassem das pessoas do campo.

⁸ Personagem que dá nome a uma série de livros de fantasia, que aos 11 anos se descobre um bruxo. Criação de J.K. Rowling.

⁹ Uma das quatro Casa da Escola de Magia de Hogwarts, nos livros da série Harry Potter. Um texugo em amarelo e preto representa o brasão e as cores.

¹⁰ Empresa americana sem fins lucrativos que auxilia pessoas necessitadas com treinamento, recolocação profissional e moradia.

— Então é um idiota e precisa de ajuda nas férias? Acho que posso lidar com isso, Srta. Gretchen.

— Resumindo é isso. — Concluiu Gretchen presunçosamente — Sabia que era perfeita para esse trabalho quando o ouvi. Então pode ir? Ele precisa que o encontre no aeroporto amanhã. — Deu a Maylee alguns detalhes, que ela prontamente escreveu em um Post-it¹¹ nas proximidades.

— Posso enviar um e-mail com tudo, se quiser.

— Isso seria ótimo, Srta. Gretchen. Apenas... tem certeza de sou a pessoa certa?

— Oh, sem sombra de dúvida. Foi a primeira pessoa em que pensei quando soube que ele estava procurando alguém.

— Sério? – As sobrancelhas de Maylee se franziram — Por quê?

— Oh. Você é jovem e não está presa à família, então imaginei que poderia se ausentar a qualquer momento. Estou certa?

— Sim.

— Certo, ótimo. Mandarei uma mensagem para Griffin e avisá-lo. Ele ficará extasiado. Basta levar todo o seu material habitual de trabalho.

Teria que pegar um táxi para o aeroporto. Na verdade, não. Os táxis eram caros. Talvez pudesse pegar o metrô. Era mais barato.

— Posso perguntar para onde iremos, Srta. Gretchen? Inglaterra? Itália? – Oh, sempre quis visitar a Itália! Excitação tomava conta de sua mente. O dobro do pagamento e férias? Era como o Natal por aqui. Gretchen foi tão gentil por pensar nela.

¹¹ Post-it® é uma marca registrada da 3M Company que identifica um tipo de bloco de notas composto por pequenas folhas de papel adesivo, de várias dimensões, formas e cores, e que são vendidas em blocos de várias folhas pegadas entre si.

— É um lugar chamado Bellissime. Um país minúsculo na fronteira da Itália e da França. Ao lado de Mônaco. Ouviu falar?

— Hum – Maylee pensou por um momento, depois pegou um pedaço de pipoca e jogou na boca. Geografia não era seu forte — Não é o lugar onde haverá um casamento real? – Não lia muitos tabloides, mas era difícil ignorar as manchetes. Uma princesa loira e bonita, de algum país europeu, estava se casando com o ator de Hollywood Luke Houston, que tem o queixo cinzelado, um sorriso dos sonhos e estava em vários filmes bem ruins — Que legal!

— Ah, é para onde irá. — Assentiu Gretchen — Griffin foi convidado para o casamento.

Ela se engasgou com um pedaço de pipoca, sufocando.

— Desculpe, perdão?

— Casamento real. — Repetiu Gretchen — Grande baile. Um monte de idiotas esnobes se deixando fotografar.

Maylee pigarreou, a pipoca alojada no fundo de sua garganta.

— Oh. Misericórdia. — Ofegou. Sabia que havia uma razão para gostar da Srta. Gretchen. Ela era tão ‘pé no chão’ — E, novamente, tem certeza de que sou a indicada para esse trabalho?

— Você ficará bem. — Apaziguou Gretchen, uma nota persuasiva em sua voz — Será divertido. Pense nas histórias que terá para contar depois! E não se esqueça, o dobro. Tudo o que precisa fazer é garantir que Griffin chegue aos lugares a tempo e atenda as ligações. Será fácil.

E a Srta. Gretchen queria que ela fizesse isso? Maylee sorriu com o pensamento.

— Diga ao Sr. Griffin que conseguiu uma assistente.

— Perfeito! – Gretchen parecia totalmente encantada — Enviarei um e-mail com todos os detalhes. Obrigado, Maylee. Você é a melhor!

Desligaram e Maylee imediatamente ficou de pé atravessando seu minúsculo apartamento até o velho e frágil computador de mesa que instalara ali. Ainda não tinha dinheiro para comprar um laptop e alguém lhe vendeu esse ótimo, embora barulhento, computador. Clicou e esperou o arranque, depois pegou um ponto de acesso local e navegou na web para descobrir tudo o que podia sobre Bellissime.

A página da Wikipedia¹² sobre Bellissime era fascinante.

Uma das mais antigas monarquias constitucionais da Europa, Bellissime é um pequeno país montanhoso, limitado a leste pela Itália, a oeste pela França e a norte pela Suíça. Escondido nos Alpes, o idioma oficial é o francês, mas como a monarquia tem conexões britânicas desde a Idade Média, o inglês é comumente falado. Bellissime é conhecido por três coisas: sua monarquia, seu chocolate e o pequeno tamanho do país. Apenas Mônaco e o Vaticano são menores.

Um pequeno país montanhoso nos Alpes com uma princesa que teria um casamento real? E ela iria? E receberia um bônus?

Beliscou-se para ter certeza de que não estava sonhando.

¹² Wikipédia é um projeto de enciclopédia multilíngue de licença livre, baseado na web e escrito de maneira colaborativa. Encontra-se sob administração da Fundação Wikimedia, uma organização sem fins lucrativos cuja missão é "empoderar e engajar pessoas pelo mundo para coletar e desenvolver conteúdo educacional sob uma licença livre ou no domínio público, e para disseminá-lo efetivamente e globalmente".

Capítulo Dois

— Misericórdia. — Maylee respirou enquanto o carrinho de transporte de cortesia dirigia pela pista em direção ao jato. Fez malabarismos com as malas, segurando-as no colo.

— Quase lá, Srta. Meriweather. — Avisou o motorista.

— É um avião pequeno, não é? — Não parecia demasiado grande. Ou seguro. Voara em um avião extremamente grande a caminho da cidade de Nova York, com três fileiras de largura e só Deus sabe quantos pousos e decolagens. Este claramente não era o mesmo tipo de avião.

— É um jato particular, senhora. — Esclareceu o motorista, um homem idoso que parecia estar se divertindo muito, assistindo suas reações a tudo no aeroporto — Alguns são menores que outros. Este é um dos maiores.

Era? Olhou-o, boquiaberta.

— Então, não haverá outras pessoas?

— Não, senhora. O Sr. Verdi não terá técnico de voo. — Podia jurar que ele sorriu discretamente com o pensamento.

— Ah. Ok. — Sentiu-se muito deslocada. Apertou sua bagagem com mais força, junto ao peito. De repente, isso pareceu um pouco intimidador.

O dobro, repetiu para si. Dobro. Gretchen imaginou que Maylee seria perfeita para esse trabalho e, na verdade, estava fazendo um favor ao Sr. Griffin viajando no último minuto. Só precisava se lembrar disso.

Ele precisava de Maylee. Não o contrário. Erguendo a cabeça, resolveu que iria aproveitar esta viagem. Nunca deixou os Estados Unidos antes, e essa seria a aventura de uma vida.

O carrinho estacionou em frente ao jato e uma escada com rodas foi colocada na porta. No topo, uma aeromoça esperava. O homem tirou a mala de seus braços e franziu a testa um pouco para o xadrez vermelho brilhante, juntamente com as fitas que usou para decorar a alça. Ele tocou uma das fitas.

— Precisava colocar isso, senhorita?

— Oh, não. É para que não se perca na retirada da bagagem. — Esclareceu alegremente.

— Não há retirada de bagagem em um jato particular. — Explicou, sorrindo-lhe — Caso contrário, é uma ideia inteligente.

Ela dirigiu-lhe um sorriso pelo elogio.

— Posso carregar a mala, querido. Não há necessidade de você subir todas essas escadas carregando peso.

— Não me importo. É o meu trabalho.

— Você é tão gentil. — O homem sorriu-lhe. A mãe sempre dizia que podia-se pegar mais moscas com mel do que vinagre, então sempre fora amigável com a equipe. Caramba, ela era da equipe. Este era o seu povo — Não tenho como agradecer o suficiente pela viagem até aqui.

— Só estou fazendo o meu trabalho, senhorita. — Repetiu, e gesticulou para que subisse as escadas à sua frente.

Maylee apertou a bolsa, colocou a mochila no ombro e deixou que carregasse a mala. Estava feliz por ter usado mocassins de salto baixo com seu terno de saia, porque aquela escada parecia íngreme.

Normalmente, a maioria dos voos não tem uma rampa de túnel que se descia para entrar no avião? Supôs que esse aviãozinho era extravagante demais para esse tipo de coisa.

Nas proximidades, outra comissária de bordo lhe sorriu. Usava um terno de jaqueta preta que parecia mais sofisticado do que qualquer coisa que Maylee possuísse. Seu cabelo loiro estava puxado em um toque elegante e usava mais maquiagem que ela. Ainda assim, parecia linda como uma modelo.

— Bem-vinda. O Sr. Verdi está lá dentro. Posso pegar suas coisas?

— Oh, isso seria adorável. — Assentiu, e tirou a mochila do ombro — É muito gentil em oferecer. E, meu Deus, você é tão bonita! – Não era uma mentira, a mulher era deslumbrante.

Ela riu do elogio efusivo de Maylee e pegou a bolsa dela.

— Obrigada. Siga-me e mostrarei onde pode se sentar.

O interior do jato não era nada parecido com o que voara pela primeira vez. Então ficara na parte de trás do avião e a viagem foi tão agitada que sentiu como se tivesse montado um touro até Nova York. Passaram por turbulências e isso lhe deu pesadelos, tanto que procurou um médico para prescrever relaxantes, que estavam em sua bolsa no momento, para a próxima vez que voasse. Ocupara o assento do meio e passara todo o terrível voo esmagada, entre dois executivos gordos, que pareciam descontentes, com o fato de alguém sentado entre eles. Como se pudesse evitar!

Não foi uma experiência que queria repetir. O receio de voar rondava seus pensamentos pela manhã, enquanto fazia as malas, porém a expressão o ‘dobro do pagamento’ ganhou a discussão em todas as vezes que hesitou. Tomou os comprimidos. Ficaria bem.

A comissária de bordo sorridente informou.

– O primeiro voo será de oito horas para Heathrow¹³. Vamos reabastecer e depois voar direto para Bellissime.

— Oito horas? Tenha compaixão. — Resmungou — Isso é mais do que durou o primeiro casamento do meu primo Bobbie Jo.

O atendente riu.

— É longo, mas o segundo voo dura apenas quatro horas. E é durante a noite, então pode dormir.

— Ah, estarei muito ansiosa para conseguir dormir. — Revelou a ela que então se afastou. Maylee deu uma primeira olhada atenta no jato particular — Senhor!

Era como algo saído de um filme.

Uma suave iluminação dourada enchia a cabine, o teto estriado em um padrão decorativo de concha, projetado para fazer o interior parecer muito maior do que realmente era. Aqui não havia compartimentos de bagagem abarrotados, provocando sensação de claustrofobia. Em vez disso, mais luzes foram colocadas no teto, e carpetes bonitos, em um marrom suave e estampado, revestiam o chão da cabine. Os poucos assentos dentro da cabine eram enormes, feitos de couro de cor creme, com um braço que podia ser puxado, e uma bonita mesa projetava-se de cada parede, acompanhada por uma TV de tela plana, para que o ocupante sentado pudesse assistir o que quisesse. Contou oito desses assentos e, nos fundos, havia outra porta para o que deveria ser uma sala privada. Flores em pequenos vasos adornavam cada uma das mesas na cabine principal.

¹³ Aeroporto internacional, localizado a oeste da cidade de Londres. É o 3º aeroporto mais movimentado do mundo.

Era superior ao apartamento dela. Misericórdia.

— O que acha? – A aeromoça estava sorrindo, vendo claramente a admiração de Maylee.

— É tão... ostentoso. É nisto que voaremos? – Meu Deus, estavam lhe pagando para voar neste jato? E depois fazer uma viagem à Europa? Bom, não sabia como teve tanta sorte. Também não conseguia parar de sorrir.

A atendente riu.

— Sim é. O Sr. Verdi está na sala dos fundos e não deseja ser incomodado no momento. — Inclinou a cabeça para a porta fechada — Vamos deixar suas coisas e te mostrarei onde fica o banheiro. Basta escolher um lugar.

Maylee atravessou a espaçosa cabine, passando a mão sobre o couro macio e sedoso de cada assento antes de escolher um na parte de trás. Não tinha certeza onde os funcionários deveriam se sentar, mas imaginou que não era na frente. A parte de trás sempre era onde a viagem é mais difícil em um avião, certo? Teve certeza de que o chefe não gostaria de se sentar lá. Pegou um assento e acomodou-se, depois apertou as mãos no colo.

— Este não é como um voo comercial. — Esclareceu a comissária — Então, qualquer coisa que precisar, é só me avisar.

Ela bateu na bolsa, agora no assento ao seu lado.

— Tenho minhas pílulas de pânico aqui.

A atendente sorriu e deu-lhe um olhar compreensivo.

— Com medo de voar?

— Com medo da parte do acidente. — Admitiu — Não voei muito e isso faz meu coração disparar como uma galinha com a cabeça cortada.

— Gostaria de uma bebida? Posso fazer um coquetel adorável para você.

— Um coquetel?... Seria atencioso da sua parte.

Ela piscou para Maylee.

— Que tal um mojito¹⁴?

Maylee nunca provou um. Como poderia deixar passar uma boa bebida sofisticada?

— Isso seria perfeito. — Pegou sua bolsa — Quer ver minha identificação?

O atendente riu novamente.

— Não é necessário. Este é um voo particular. Tenho certeza de que tem idade suficiente.

— Tenho vinte e quatro. — Admitiu. No entanto, geralmente pediam sua identificação. Provavelmente eram os cachos tolos (que a faziam parecer jovem) ou o nariz arrebitado e sardento (que não ajudava) ou as bochechas redondas (que certamente não ajudavam). Sem maquiagem, parecia uma adolescente.

— Sou Megan — disse a mulher e se afastou, seus quadris balançando naquele casaco sob medida. Maylee alisou seu próprio vestido de poliéster adquirido na Sears¹⁵. Tinha botões subindo em uma costura falsa e a jaqueta estava presa à saia, para que a coisa toda

¹⁴ Coquetel originário de Havana, capital de Cuba, há mais de 100 anos. É feito à base de rum branco, açúcar, limão, hortelã e água gaseificada.

¹⁵ Loja de departamentos fundada em 1893 em Chicago, no estado de Illinois, EUA. Tornou-se a maior varejista do mundo nos anos 60. Abriu falência em 2018. No Brasil atuou de 1949 a 1980 e ficou famosa pelo slogan “Satisfação garantida ou seu dinheiro de volta!”

fechasse nas costas. Parecia um saco, mas estava em oferta, e não se podia reclamar. Apenas prendeu com alfinete de roupa, fazendo os ajustes onde parecia pior e deu-se por satisfeita. É claro, teve que retirá-los quando passou pela segurança do aeroporto, então estavam um pouco frouxos.

Enquanto esperava a bebida, passou as mãos pelo couro macio dos assentos e mexeu nos botões que podia alcançar. Alguns eram para saídas de ar, outros para iluminação, e um era para ligar para a atendente (que não pressionou). Havia um controle para a televisão, fones de ouvido enfiados no bolso ao lado da cadeira, um travesseiro elegante e um cobertor combinando, apenas para ela, se quisesse. Era impressionante. Caramba, era mais agradável do que alguns quartos de hotel em que ficou. O hotel em que ficou enquanto procurava um apartamento, continha mofo no teto e teve que dividir o banheiro com todos os outros hóspedes do andar.

Megan voltou alguns minutos depois com sua bebida.

— Aqui está. — Parecia uma Sprite¹⁶ com algum tipo de folhas verdes maceradas. OK. Não é tão glamourosa quanto imaginara.

Maylee pegou o copo.

— Você é tão atenciosa. Obrigada. — Tomou um gole e sorriu para jovem — Maravilhoso. — Na verdade era excelente. Continuou bebendo enquanto se acomodava em seu assento.

Com o passar dos minutos, a cabine permanecia vazia. Maylee bebia rapidamente o drinque, tentando terminar antes da decolagem, mas aparentemente não estavam com pressa. Estavam parados, esperando

¹⁶ Refrigerante de limão.

o Sr. Verdi. Pegou um pedaço de gelo do copo e mastigou, sugando a última gota mojito do cubo.

Megan finalmente voltou e pegou o copo de Maylee com um sorriso. Antes que Maylee pudesse protestar, estava servindo outro. Bem, poderia beber mais um. Estava bem gostoso com toda aquela hortelã. O avião começou a taxiar na pista assim que começou a beber o novo, e tentou novamente terminá-lo antes da subida, engolindo de uma vez. Isso era educado, certo?

Quando terminou aquele segundo coquetel já estava se sentindo um pouco embriagada. Nada de mais, apenas um pouco flutuante e solta. Provavelmente foi porque os bebeu tão rápido. O avião parou novamente e esperou.

Espiou pela janela. Não conseguia ver nada, exceto o céu noturno e as luzes na pista. Por que não estavam decolando?

O atendente passou novamente e, enquanto a observava, Megan foi até a porta na parte de trás do avião e bateu.

— Pronto para partir quando quiser, Sr. Verdi. — Não esperou uma resposta, apenas voltou-se para Maylee e sorriu — Outra bebida?

— Oh, não. — Recusou — Eu não poderia. Obrigada mesmo assim.

Megan pegou o copo dela.

— Vá em frente e aperte o cinto. Sairemos assim que o Sr. Verdi terminar sua reunião.

Maylee mexeu no cinto, apertando-o na cintura e depois apertando-o mais ainda. A ansiedade começou bater na boca do estômago. Conheceria o rico Sr. Verdi e voariam. Duas coisas que a deixaram agitada. Combinadas com as bebidas, parecia que ia vomitar.

Hora das pílulas.

Tirou o frasco da bolsa e olhou para a etiqueta, incerta de quantas tomar. Uma ou duas? Havia um adesivo amarelo brilhante no lado que dizia '*NÃO MISTURAR COM ÁLCOOL*', mas já era tarde demais para isso, não era? Apressadamente colocou uma na boca, engolindo seco.

Cinco minutos depois sentiu-se bem.

Tão legal.

Madura.

Tudo leve e maravilhoso.

Hum.

Em uma névoa agradável, viu Megan se prender no outro extremo da cabine e as duas esperaram o Sr. Verdi aparecer. Piscou lentamente, e isso foi bastante divertido, então piscou novamente, vendo seus cílios descerem.

Uau. Quem imaginaria que os cílios eram tão interessantes?

— Podemos demorar mais um minuto. — falou Megan — Posso servi-la em algo mais?

Maylee sorriu-lhe fazendo sinal de positivo. Ato que parecia não transmitir como estava se sentindo, então também jogou a outra mão no ar.

— Estou maravilhosa. Tão, tão maravilhosa.

E balançou os polegares para a mulher.

O sorriso no rosto do atendente vacilou um pouco em sua sinceridade.

— Hum. Tudo certo. Apenas me informe se precisar de algo.

Maylee pensou por um momento, não era fácil, dado o álcool e as pílulas. Então, soltou: — Tricô.

—... Desculpe? Acho que não entendi isso.

Agitou as mãos, um pouco como uma galinha agita as asas na verdade, e falou: — Elas estão entediadas.

— Entediadas? – Megan piscou. Forte.

— Sim. E meu tricô está todo guardado na minha bagagem. — Fez uma cara triste — Provavelmente se sentindo solitário. — Olhou para as mãos — Aposto que sentem falta delas.

— Na verdade, sua mala está aqui em cima. — Revelou Megan, com um olhar curioso ainda no rosto — Quer pegar?

— Oh, isso seria ótimo. — Se levantou, ou tentou, de qualquer maneira. Ainda estava presa ao cinto, que a jogou de volta na cadeira. Começou a rir descontroladamente — Ops... estou presa.

— Posso pegar para você. — Megan se prontificou rapidamente.

— Isso também seria ótimo. — Respondeu com um sorriso lânguido — Está no bolso lateral. — Puxa, eles eram legais em aviões particulares. Gostava tanto de todos aqui.

Um momento depois, Megan entregou-lhe o tricô e ela emitia um som feliz na garganta. Tão perfeito. Agora podia tricotar todo o caminho até Bellissime. Talvez pudesse fazer um chapéu para seu novo empregador. Ele não amaria isso?

— Todo mundo gosta de chapéus. — Murmurou para si e começou a movimentar as agulhas.



— Se tiver a chance de sair cedo — Jonathan para Griffin por telefone — realmente deveria vir para a Espanha. Encontraram alguns fragmentos interessantes de cerâmica em um local e algumas novas áreas que gostariam de escavar, mas há licenças a serem solicitadas e financiamento a ser adquirido, todavia nada pode realmente avançar sem sua presença.

Droga. Realmente queria estar lá. O momento não poderia ser pior.

— Só terá que esperar algumas semanas. Receio que não tenha como sair mais cedo, sem insultar toda a minha família e ofender a coroa.

— Não te invejo. — Continuou Jonathan — Direi o que farei. Carregarei minhas fotos on-line mais tarde, esta noite, e poderá ter uma ideia do que estou vendo aqui. Acho que gostará. O sistema de canais é realmente impressionante. Disseram-me que os terrenos pantanosos tornam a escavação um desafio, entretanto acho que isso torna tudo ainda mais promissor.

— E temos certeza de que é Atlantis¹⁷ e não apenas Társis¹⁸?

— Não sei. O líder do projeto, doutor DeWitt, diz que descobriu algo significativo, mas como você é o benfeitor, não o revelará sem que esteja aqui.

¹⁷ Refere-se à lenda de Atlantis ou Atlântida, continente desaparecido que deu origem ao nome do Oceano onde se localizava. Estudos recentes dão a entender que pode estar localizado em alguma parte entre Portugal e Grécia, no Mar Mediterrâneo.

¹⁸ Refere-se a um local ou cidade de nome Társis, citada no Antigo Testamento, de localização incerta. Existe a possibilidade de ser um porto ou uma cidade ao leste no Oceano Índico, um porto fenício na Espanha, Cartago na África. Período que inicia do reinado de Salomão (966 a.C.) a Nabucodonosor (562 a. C.)

Sentiu uma pontada de prazer com isso, mesmo sabendo que não deveria. Jonathan era um de seus melhores amigos e confiável, mas esse projeto era o seu bebê.

— Entendo. Como disse, terá que esperar algumas semanas.

— Cádiz¹⁹ não está tão longe de Bellissime, está? Não pode simplesmente voar para cá e pegar um avião de volta no mesmo dia?

— Nunca viu uma agenda real em torno de um desses eventos, viu?
— perguntou secamente.

— Deus não.

— Terei sorte se tiver uma hora para mim.

— Porra, isso parece miserável.

Sim. Era por isso que preferia o mínimo de barulho quando estava sozinho, e queria ficar sozinho o máximo possível. E porque se contentou com um assistente, contra os quarenta e seis funcionários de sua mãe.

Houve uma batida suave na porta.

— Pronto para partir quando quiser, Sr. Verdi. — Megan anunciou.

Griffin ignorou e continuou conversando com Jonathan por mais alguns minutos. Estava com ciúmes diante da possibilidade de seu amigo bisbilhotar nos pântanos da Espanha pelas próximas semanas, enquanto ele teria que se vestir com ternos engomados, beijar bebês e deixar-se fotografar oitocentas vezes por dia.

Reese deveria ser o Visconde Montagne Verdi²⁰, não ele. Ele amava pessoas. Griffin mal podia tolerá-las.

¹⁹ Cidade ao sul da Espanha, banhada pelo Oceano Atlântico, fundado pelos Fenícios, pertencente à Comunidade Autônoma Andaluza.

²⁰ Montanha Verde em francês.

Quando não conseguiu mais adiar o inevitável, Griffin encerrou a ligação com Jonathan, guardou o laptop e saiu da sala privada. Acenou com a cabeça para a atendente no final do avião e sentou-se na cadeira, esfregando o rosto. Estava ansioso por isso, tanto quanto se poderia esperar por uma extração dentária, ou talvez uma vasectomia. Uma colonoscopia? Ponderou sobre uma lista de coisas horríveis, que poderiam ser menos dolorosas do que um casamento real de uma semana.

Apertou o cinto de segurança, fechou os olhos, recostou-se e o avião começou a taxiar. Manteve os olhos fechados, relaxando, enquanto o avião subia, o rugido dos motores abafando tudo, menos seus próprios pensamentos. Finalmente o som dos motores se estabilizou e Griffin percebeu um novo ruído.

Clicando.

Franziu a testa, abrindo os olhos bem a tempo de ver a comissária de bordo inclinada sobre a cadeira.

— Posso lhe pegar alguma coisa, Sr. Verdi?

Balançou negativamente a cabeça.

— Estou bem.

Ela assentiu e desapareceu, e o clique recomeçou. Olhou para a esquerda. Nada. Olhou atrás dele.

E parou.

O que, na Terra...

Havia uma mulher atrás dele. Uma loira e estava tricotando.

Aquilo era... bizarro.

Tinha que ser a assistente de Hunter. Gretchen mandou-lhe uma mensagem na noite anterior e prometeu que a enviaria, para encontrá-lo em seu avião. Para ser honesto, esteve tão envolvido em sua própria miséria que nem sequer pensou muito nisso. Estava distraído.

Mas isso? Isso o fez refletir.

Essa mulher era uma bagunça. Seu cabelo, uma pilha desarrumada de cachos de saca-rolhas loiros claríssimos, que formavam um halo em sua cabeça como um nevoeiro crespo, mal tocando seus ombros magros. Estava levemente bronzeada, com uma pitada de sardas no nariz e nas bochechas. Seu rosto era redondo e parecia incrivelmente jovem, exceto pelo tricô. E usava o que deveria ser o terno mais feio que, sinceramente, já vira. Pendia de seu pequeno corpo como um saco disforme, certamente o tecido brilhante era de poliéster. Jesus Amado!

Pedi competente. Com experiência. Gretchen o havia assegurado que a assistente de Hunter era todas essas coisas.

Gretchen!

Ele a mataria quando voltasse.

— Quem é você? – Latiu furioso para a mulher estranha. Era demasiado educado para adicionar o termo ‘diabos’ a essa pergunta. Só podia ser um engano.

Ela piscou devagar. Duas vezes. Como se fosse difícil fazê-lo. Longos cílios loiros, tão claros como os cabelos, percorreram seus olhos e havia algo peculiar em seu olhar. Eram extremamente escuros.

— Olá. — Cumprimentou em um sotaque rouco sulista, que era tão grosso que o fez encolher-se internamente. Mãos pequenas jogaram o

tricô no colo e ela estendeu-lhe uma — Sou Maylee Meriweather. É May-
Lee depois que juntaram os nomes da minha Nana May²¹ e Pepaw Lee²².

Ele apenas olhou.

— Por favor, diga-me que as palavras 'Nana' e 'Pepaw' não saíram da
sua boca.

Ela inclinou a cabeça e piscou lentamente. Então riu, o som musical,
doce e jovem.

— Você deve ser o senhor Grifinória²³.

— Griffin. — Rosnou. Na frente da cabine, ouviu a comissária sufocar
uma risada e lhe lançou um olhar irritado.

— Acho que seria uma Lufa-Lufa. — Cogitou, numa voz austera —
Eles parecem ser os mais felizes. Simpáticos, Lufa-Lufa.

Ele a encarou por mais um momento e depois olhou para a aeromoça.

— Ela está bêbada?

Os olhos da atendente se arregalaram.

— Só dei a ela duas bebidas, senhor.

— Parece que duas foi demasiado. — Murmurou. Voltou-se para a
loira de cabelos selvagens, que estava piscando aqueles olhos de coruja

— Você está bêbada?

— Não senhor. — Bufou — Eu sou Maylee. É Maylee depois de juntar
os nomes da minha Nana May e Pepaw...

²¹ Vovó May, expressão local. Caipira.

²² Vovô Lee, expressão local. Caipira

²³ Uma das quatro Casas da Escola de Magia de Hogwarts, da série de livros Harry Potter. Um leão em vermelho e dourado representa as cores e o brasão da Casa.

— Sim, sim — interrompeu — já me contou. E você está claramente bêbada. Isso, ou é uma tola. Por que Hunter te enviou?

— Pagamento em dobro. — Verbalizou e deu-lhe um sorriso radiante — Você foi pego de surpresa e eu ganho uma bolada e uma viagem chique a todas essas partes legais da Europa.

Meu Deus, seu sotaque piorava quanto mais falava. Havia todos os tipos de sons repugnantes saindo de sua boca.

— Pego de surpresa?

Realmente iria matar Gretchen.

— Simmm. — Maylee respirou — Você está sem assistente, então a Srta. Gretchen me ligou e perguntou se poderia cuidar do Sr. Grifinória. E respondi que certamente poderia. Como você fala inglês, Sr. Grifinória? Pensei que era de Bellissime.

— Griffin. — Corrigiu duramente — E falamos inglês lá. Morei na Grã-Bretanha durante meus anos de formação.

— Ah... — Inclinou-se cúmplice — Hogwarts, certo?

Mas que porra. Era como ter uma conversa com uma criança de dois anos. Uma interiorana de dois anos de idade. Pegou o telefone e começou a digitar furiosamente.

— O que está fazendo? — Foi questionado com aquele sotaque, deixando-o ainda mais irritado.

— Estou mandando uma mensagem para Hunter para que saiba o quanto odeio a namorada dele. — Griffin retrucou — De maneira nenhuma você pode ser minha assistente nesta viagem. Este é um trabalho que requer sutileza e capacidade de manter um cronograma apertado.

— Posso fazer tudo isso...

— E maneiras! – Griffin latiu — Isso é imperdoável e totalmente ridículo e você não será minha assistente.

— Não serei? – As duas palavras eram suaves e trêmulas.

Lançou-lhe outro olhar zangado.

— Não ouse...

Mas era tarde demais. A deplorável criatura explodiu em enormes soluços, engasgados e barulhentos.

Capítulo Três

Havia crescido em uma família que valorizava a sobriedade e considerava as demonstrações emocionais uma fraqueza. Choro? Nunca aconteceu, nem mesmo quando seu pai morreu. Simplesmente não era algo que acontecia em seu meio. E, como normalmente não era sociável, realmente não sabia como agir diante de uma mulher chorando.

Esta viagem estava indo de mal a pior e rapidamente.

Olhou para a jovem soluçando sentada atrás dele. Ela chorou alto, seu rosto jovem ficando manchado de vermelho, seus cachos loiros esbranquiçados saltando enquanto limpava o rosto com um guardanapo.

— Pare de chorar — Griffin ordenou.

Ela só chorou mais.

Isso era ridículo. Olhou para a comissária de bordo, suplicante por ajuda, mas esta desviou o olhar, lábios demonstrando o quanto reprovava esse comportamento. Encantador. Parecia que nem sua equipe estava do seu lado.

Com um suspiro, olhou de volta para a terrível criatura que seria sua assistente.

— O que é preciso para que pare de chorar?

Ela fungou alto: — Preciso de um abraço.

— O quê?

Ela estendeu-lhe os braços.

— Não te abraçarei.

O choro recomeçou mais forte.

Griffin cerrou os dentes com tanta força que ouviu seus molares rangerem. Isso passou de todos os limites.

— Pare de chorar. — Ordenou novamente.

— Você não gosta de mim. — Constatou, lamuriosa.

Não, não gostava, porém não queria ver rios de lágrimas. Decidiu tentar condicioná-la.

— Eu farei, se você parar de chorar. — Resignado.

— Tudo bem. — Respondeu-lhe a moça fungando alto.

Funcionou? Sêrio? Fora mais fácil do que pensara. Assentiu com firmeza e virou-se na cadeira. Daria à criatura algum tempo para se recompor e veria a melhor maneira de se livrar dela, assim que parassem em Heathrow, para reabastecer. Precisaria pedir emprestado alguns membros da equipe de sua mãe, ou de seu irmão mais velho, e teria que aguentar os incessantes conselhos para contratação de funcionários e, então, alegremente descartar qualquer sugestão quando voltasse aos Estados Unidos. Mal olhou-a quando ela se levantou da poltrona, provavelmente indo se limpar no banheiro. Ainda pensava nas questões de pessoal e em como sua mãe diria presunçosamente que o havia alertado sobre esse problema, e que não cederia um de seus funcionários por que...

Uma sombra caiu sobre Griffin.

Olhou para cima, no exato momento que a estranha, e bizarra, caiu no seu colo e abraçou-o pelo pescoço.

Ficou rígido, em choque.

Isso realmente aconteceu!?... A mulher medonha simplesmente subiu em seu colo e abraçou seu pescoço? Não era para acontecer. Era seu empregador antes de tudo, e isso não era nenhum pouco apropriado. Também era da realeza, e ninguém tocava na realeza sem a permissão deles, mesmo nos dias de hoje.

— Senhorita! – Disse categoricamente — O que pensa que está fazendo?

Ela enterrou o rosto no pescoço dele.

— Precisava de um abraço. — Murmurou e se aconchegou um pouco mais, inconsciente da rigidez dele.

— Saia de cima de mim. — Vociferou Griffin.

Foi completamente ignorado.

Buscou pela atendente para ajudá-lo, entretanto havia desaparecido de seu assento, possivelmente se escondendo na cabine com os pilotos.
Droga.

Griffin estava preso.

Tamborilou com os dedos no braço do assento, tentando pensar. Fios de cabelo loiro encaracolado fizeram cócegas em seu nariz enquanto ela se aproximava mais, e começou a se sentir inapropriadamente excitado. Os braços dela em volta do pescoço eram macios, os cabelos perfumados e o ligeiro quadril pressionando contra seu pênis. Qualquer homem com sangue nas veias teria essa reação, dizia a si mesmo.

Mais uma razão para tirá-la de seu colo.

Então pensou por um momento. Qual era o nome dela? Nana? Millie?

— Levante-se, menina.

Ela deu um pequeno suspiro de prazer e colocou a cabeça ainda mais perto do pescoço dele.

— Não quero. — Os lábios se moveram pela pele do pescoço, e Griffin se mexeu em seu assento, desejando que seu pau parasse de responder ao toque de uma bêbada.

— Como é mesmo o seu nome?

— Maylee. — E sua respiração suave arrepiou lhe pele — Maylee Meriweather.

— Preciso que saia de cima de mim, Maylee — disse aplaudindo mentalmente seu tom calmo e equilibrado, apesar da situação estranha — Não é adequado.

Ergueu a cabeça, por pouco não batendo no seu queixo e olhou-o. Ao fazê-lo, ele notou que seus olhos, agora vermelhos de choro, eram de um marrom-esverdeado em um rosto pálido. Caramba, aqueles olhos eram bem bonitos para uma pequena caipira que usava poliéster.

Esse era outro pensamento que não deveria ter como seu empregador, lembrou-se.

— Ainda irá se livrar de mim? – perguntou, uma das mãos começou a brincar com o cabelo dele, os dedos roçando a base do pescoço de uma maneira que enviou arrepios incontroláveis pelo corpo.

Griffin olhou para aqueles grandes olhos marrom-esverdeados. Decidiu se acertar com ela.

— Este é um trabalho minucioso.

— Sou boa em lidar com coisas delicadas. — Uma languidez floreava sua voz.

Ótimo, agora sua mente estava pensando naquelas pequenas mãos brincando com seus cabelos e tocando todos os tipos de coisas delicadas. Inapropriado. Inapropriado.

— Mas este é um trabalho que exigirá muita habilidade... — Oh, merda, agora essa sim foi uma escolha particularmente ruim de palavras.

— Tenho habilidades. — Replicou, em uma voz rouca, olhando-o. Um seio pressionando contra o peito dele, e parecia mais rechonchudo do que o que aquele terno ‘maravilhoso’ mostrava — Posso arquivar, receber mensagens e digitar, e sou uma encantadora de queimadura.

Estava prestes a zombar daquela lista insignificante de habilidades quando percebeu a última parte do que ela estava dizendo.

— O quê? Que porra é uma encantadora de queimaduras?

— Essa sou eu. Sou uma curandeira. Se você se queima, eu apenas esfrego e falo com a queimadura e a faço desaparecer. — E agora seus dedos estavam esfregando na faixa de pele exposta do pescoço dele. Deus tenha piedade.

— Isso parece ridículo. — Zombou e pigarreou porque sua voz não era tão convincente quanto deveria — E você realmente deveria sair do meu colo. Isto é inapropriado. — Parecia um idiota abalado.

— As pessoas que falam com queimaduras são reais. — Maylee disse com uma voz sonhadora — Temos ótimas mãos. Ótima em esfregar. Posso tirar o calor de qualquer coisa com um toque.

Bom Deus, seu corpo reagiu a isso. Ela percebia o que estava dizendo?

— Você realmente deveria sair do meu colo.

— E você precisa de mim.

Ele gemeu. Partes de sua anatomia concordavam, e isso o deixou furioso não apenas com ela, mas com ele próprio.

Ela olhou-o novamente.

— Ainda se livrará de mim?

— Certamente, agora que você está se atirando em mim. — Griffin começou, e olhou para seu nariz arrebitado novamente. Havia algo mais em seus olhos profundos que o incomodavam. Depois de um momento, percebeu o que era. Suas pupilas estavam extremamente dilatadas. Franziu a testa e agarrou o rosto dela, olhando em seus olhos. Isso era mais do que apenas dois drinques. A preocupação aumentou quando se lembrou das horríveis histórias que Cade contou sobre a overdose que a irmã de Audrey teve na frente dele. Seu amigo ainda estava assustado com o ocorrido — Você tomou outra coisa?

— Apenas uma pílula feliz. — Acariciava seus cabelos e olhava-o com olhos ternos e drogados — Não gosto de voar. Isso me assusta.

— Droga. Dê-me seu frasco de comprimidos. — Precisava ver se ela começaria a espumar ou a convulsionar nos próximos minutos. Essa viagem desastrosa piorava a cada minuto.

— Certo. — Em vez de se levantar, Maylee contorceu-se, esmagando seus seios contra o peito dele, quando tentou alcançar a bolsa atrás dela. Não teve dúvida. Os mamilos estavam rijos, apesar do traje largo, e os empurrava contra ele com entusiasmo.

Griffin fechou os olhos e fez contagem regressiva a partir do cem para se distrair enquanto ela se mexia e torcia nos braços dele, esfregando o corpo todo nele.

Quando chegou em setenta e dois, ela girou de volta para a frente.

— Aqui está, Sr. Grifinória.

Abriu os olhos e se encolheu. Essa mulher desmiolada possuía uma bolsa que parecia uma sela.

— Esta é sua bolsa?

— Não é divina? – Parecia orgulhosa.

— Oh, é estupenda. — Murmurou. Pegou-a e começou a vasculhar o conteúdo, até que sua mão encontrou um pequeno frasco de comprimidos. Leu a advertência lateral e depois fitou-a.

Seu rosto estava a centímetros do dele, e o encarava, fazendo aquele estranho e lento piscar de olhos.

— Diz aqui que não se deve misturar com álcool. Viu? – Ressaltou desnecessariamente.

— Sabia que tem um nariz realmente reto? – Deslizou a ponta do dedo por todo o trajeto entre os olhos até a ponta do nariz dele — Como a face estampada na moeda.

— Encantador. Pode sair do meu colo enquanto observo os efeitos colaterais disso na Internet? Não? Que seja! – Pegou o smartphone e digitou com o polegar, enquanto ela brincava com seu cabelo, alisando com mãos. Estava com a maior barraca já armada, graças aos seus toques despretensiosos e movimento sinuoso de seu corpo. Suspeitava que ela não se dava conta de nada... o que era bom, porque ele próprio ficou bastante desconfortável.

Parece que o álcool potencializou o efeito de seus remédios para ansiedade. Que beleza! Explicava suas ações bizarras, pelo menos.

— Seu cabelo é engraçado. — Sussurrou em seu ouvido e deu uma risadinha manhosa que fez seu pênis se contorcer mais uma vez.

Desligou o telefone e franziu o cenho para ela.

— Engraçado?

— É como se estivesse bagunçado. É tão engraçado. — Os dedos dela tocaram as linhas visíveis — Aposto que seria bonito se você o cortasse.

— A última coisa que quero é ser 'bonito'. — Com voz tensa — Agora vamos. Levante-se.

Embora protestasse (e se fosse honesto, também reconheceria o protesto de seu pênis), conseguiu fazê-la ficar de pé. Levantou-se e, quando ela envolveu novamente seu pescoço, pegou-a no colo sem se dar conta que apreciava o contato. Levou-a para a sala dos fundos e deitou-a na cama estreita que mantinha ali para voos noturnos... como nesta noite.

— Oooh, é hora da soneca? – O sotaque de Maylee parecia ficar mais acentuado a cada palavra dita — Dormirá comigo, Sr. Grifinória?

— Não! – Retumbou em uma voz firme — Ficará deitada e dormindo e, quando não estiver mais doidona, discutiremos o que faremos com você. Compreendeu?

— Você não é divertido. — Queixou-se quando foi colocada na cama. Ajeitou os travesseiros. Sua saia subiu, mostrando muito da coxa bronzeada, e ele sentiu o suor frio escorrer.

Definitivamente mataria Gretchen quando voltasse.

Desviou o olhar e puxou um cobertor sobre as pernas, para que ela ficasse coberta.

— Durma. Conversaremos depois.

— Não estou cansada. — Retrucou para logo na sequência deixar escapar um bocejo, jogando por terra seu argumento.

— Fique aí de qualquer maneira — Ordenou.

Não importava, ela já estava caindo em sono profundo. Observou-a por mais um minuto, completamente confuso com toda essa situação. Então, esfregando o rosto, tentando se concentrar novamente, saiu da pequena sala, fechou a porta e voltou para a cadeira.

Pegou o telefone para poder terminar sua mensagem para Hunter.

G: *Sua namorada está morta para mim.*

H: *Lamento, cara. No entanto, Maylee estava disponível.*

G: *Ela é podre. Está vestindo um terno de poliéster com zíper. É vergonhoso. Devo interagir com a realza esta semana com ela ao meu lado?*

Houve uma longa pausa, e então Hunter respondeu.

H: *Gretchen diz que você é um esnobe. E Maylee é amável e trabalhadora. Não mentimos sobre isso. Também era única disponível no último minuto, que pode aceitar o serviço.*

G: *Eu não sou um esnobe. — Bem, era, mas não dava a mínima. — Ela voltará no primeiro voo em que puder enfiá-la.*

H: *Adapte-se — Hunter mandou uma mensagem de volta. E um momento depois, outro texto apareceu. — ESNOBE, ESNOBE, ESNOBE, ESNOBE.*

Griffin revirou os olhos.

G: *Eu te odeio, Gretchen. Devolva o telefone para Hunter.*

Recebeu nada além de um rosto sorridente em troca.



Quaisquer planos de despejar Maylee em Heathrow foram descartados, já que a mulher continuou a dormir durante todo o tempo de abastecimento. Pensou em acordá-la e deixá-la no aeroporto, mesmo sem a certeza se permaneceria inconsciente e por quanto tempo. Se fosse seis horas, não queria obstruir a pista e atrasar os planos de voo.

Afinal poderia facilmente deixá-la no aeroporto de Bellissime.

Então voaram em direção ao seu país natal, e Griffin cochilou em sua cadeira já que a caipira estava em sua cama. Quando acordou, alisou os cabelos com gel e, faltando uma hora para a chegada, vestiu uma jaqueta azul-marinho escura com o brasão da família no bolso. Recusou-se a seguir o protocolo usando toda a vestimenta, mesmo sabendo que haveria fotógrafos esperando para ver sua saída do avião. Uma jaqueta e gravata eram suficientes.

Só que não conseguia dar o nó da gravata.

Normalmente, Kip estava à disposição para atá-lo e, no dia a dia preferia não usar gravata. Mas agora? Aparecer em seu país natal, para um casamento real, com o colarinho aberto? O falatório não teria fim. Então olhou para o espelho e amaldiçoou-se enquanto tentava amarrar sua gravata borboleta, uma e outra vez.

E falhou em cada tentativa. Não estava funcionando.



Maylee acordou confusa sobre onde estava. As luzes estavam apagadas e estava deitada em uma cama, mas podia ouvir o rugido de um motor de avião. Nada fazia sentido. Sentou-se na cama e procurou até encontrar uma lâmpada de cabeceira e acendeu, olhando para o ambiente.

Estava em uma pequena sala no que deveria ser a parte de trás do avião. Uma imagem de brasão de família na parede, com unicórnios e dragões, olhava para ela. Piscou rapidamente, tentando se lembrar de como chegou nesta sala.

A última coisa que lembrava era de tomar a pílula. Oh céus. Conhecera o Sr. Griffin? Sua boca estava com um gosto horrível, lambeu os lábios. Por que não se lembrava de nada? Sua bexiga deu sinal de vida alertando-a de suas necessidades, levantou-se da cama notando que seus sapatos haviam sumido. Quando os perdeu? Um certo pânico se manifestou, enquanto fazia uma verificação rápida, certificando-se que ainda usava sua calcinha de algodão e seu vestido estava intacto. Isso era bom, pelo menos. Talvez as bebidas, que Megan lhe dera, fossem mais fortes do que pensara.

Encontrou um banheiro ao lado do quarto estranho e chocou-se com o reflexo. Seu cabelo estava praticamente em pé, cachos crespos por toda parte. Marcas de baba cobriam sua boca em várias direções, e tinha bolsas debaixo dos olhos inchados. Parecia horrível. Abriu a torneira,

esfregou o rosto e molhou as mãos, tentando domar o pior dos cachos. Oh, Deus, esperava que o Sr. Griffin não a tivesse visto assim. Acharia que era uma erva daninha.

Ajeitando sua aparência da melhor maneira possível, endireitou o vestido e assentiu com aprovação. O poliéster era um ótimo tecido, dormiu com a roupa e não havia um amassadinho sequer. Isso era perfeito. Com um último retoque no cabelo, deixou o banheiro e saiu da cabine.

Um homem estava sentado em uma das grandes cadeiras de couro creme, no final do avião. Um jornal erguido escondia seu rosto, apertou os olhos, tentando se lembrar de como era sua aparência. Jovem? Velho? Feio? Precisava ser velho para que pudesse comprar um jato como esse, deduziu. Pessoas idosas eram boas, não eram? Esperava que ele fosse legal.

Maylee pigarreou.

— Sr. Griffin?

O jornal foi dobrado. Um homem a encarou por trás dele, uma carranca no rosto.

Bem... Velho, não era. Seus cabelos escuros estavam penteados para trás e óculos de armação preta escondiam parte do rosto. Seus traços eram retos, agradáveis e comuns, analisou. Se tivesse passado por ele na rua, não o teria notado.

Ele a olhava com desdém.

— Estamos de volta à normalidade enfim?

Resistiu ao desejo de esfregar os olhos como uma criança sonolenta.

— Perdão, senhor?

— Assumirei que isso é um sim — Dobrou o papel, colocou-o de lado e depois se levantou. Era alto, notou, aquele cabelo escuro e liso quase tocava o teto do avião. Usava uma jaqueta azul marinho com um símbolo no bolso, calça cáqui e uma gravata borboleta pendurada no pescoço, como se não tivesse terminado de se vestir.

— Perdão, se ocupei seu quarto. — Desculpou-se, resistindo ao desejo de torcer as mãos com ansiedade — Adormeci ou algo assim?

Os olhos dele se estreitaram por trás dos óculos.

— Desconfio que não se lembre de se atirar em mim?

— Eu me joguei em você? – Piscou em desentendimento.

— Se bem me lembro, pediu-me um abraço. — Disse-lhe com uma voz azeda e olhar desdenhoso. Maylee ajeitou as roupas, mas ele se voltou para um espelho, na parede oposta tentando ajeitar a gravata no pescoço, falhando terrivelmente.

— Um abraço? – Engasgou com uma risada. Isso era tão engraçado — Sério?

O olhar que recebeu não foi divertido. Ele desfez a gravata e tentou novamente.

— Sim, e então rastejou por cima de mim e chorou. Não era assim que esperava passar meu voo, Srta. Meriweather.

Mordeu o lábio, um rubor de vergonha aquecendo suas bochechas. Ele parecia tão enojado. Tanta coisa para uma ótima primeira impressão.

— Desculpe-me por isso. Estava fora de mim.

— Com certeza estava. Combinou álcool com suas pílulas e isso afetou seu cérebro. — Deu-lhe outro olhar descontente — Pelo menos, suponho que não seja o seu normal.

O sorriso que surgia na boca de Maylee era tenso. Seria legal, e super educada com esse homem, apesar de suas palavras maldosas.

— Posso garantir que normalmente não saio por aí pedindo um abraço ao meu empregador, Sr. Griffin.

— Sr. Verdi. — Corrigiu — Meu sobrenome não é Griffin, esse é meu primeiro nome.

Sabia disso. Era de bom tom adicionar um ‘senhor’ na frente de um primeiro nome, mas supôs que ele não entendera isso. Bem, como funcionária não era sua função corrigi-lo. Em vez disso, observou-o atar a gravata, fazer uma careta e desatá-la, voltando a tentar novamente. Nesse ritmo, estava destruindo a pobre coitada. Já parecia bastante mutilada.

— Assim que chegarmos a Bellissime, reservarei um voo de volta para casa. — Sentenciou Griff.

Maylee franziu o cenho. Estavam quase no aeroporto. A pior parte da viagem, o voo, estava quase no fim. Queria ver Bellissime e ganhar o dinheiro em dobro.

— Lamento pelo meu comportamento ontem à noite, não sou esse tipo de garota. Isso não se repetirá.

— Sei disso. Confisquei suas pílulas. — Antes que pudesse protestar, voltou sua atenção para a gravata, continuando a falar — Está ciente de que tem um sotaque extremamente pronunciado, Srta. Meriweather?

— Chame-me de Maylee, e sim, estou ciente. Teria que estar morta para não perceber. — Estava sorrindo — É uma característica sulina.

— E sabe que está usando uma peça de poliéster que imita um terno de duas peças?

Ela deu uma sacudida no enorme vestido.

— Sem rugas. Diria que é satisfatório, considerando que dormi com ele.

O olhar que ele lançou em sua direção era assustador, o que surpreendeu Maylee.

— Srta. Meriweather — começou de novo, puxando a gravata do pescoço e recomeçando mais uma vez – sou o Visconde Montagne Verdi. Pode me chamar de Lorde Montagne Verdi, ou Sr. Verdi. Não de Lorde Verdi e, definitivamente, não de Sr. Griffin.

— Isso soa soberbo. — Brincou — Os títulos de Bellissime têm nomes de lugares, certo? Li isso na Wikipedia.

Fulminou-a com o olhar por interrompê-lo.

— Já terminou?

— Acho que sim. — Maylee engoliu em seco.

— Como estava dizendo. Minha prima é Sua Alteza Real, Alexandra Olivia Terceira, princesa de Bellissime. Ela se casará na próxima semana. Isso significa que haverá funções sociais que requerem conhecimento das regras de etiqueta. Ao meu lado, preciso de alguém que esteja disposto a trabalhar noite e dia para organizar minha agenda, cada vez mais complicada e, acima de tudo, uma pessoa capaz. Não necessito de uma 'encantadora de queimaduras'.

Corou um pouco. Mencionara isso a ele?

— Você pode queimar sua mão. — Profetizou alegremente. Este homem estava mal-humorado, tudo bem. Mas era provavelmente porque teve que dormir em uma dessas cadeiras. Parecia que estava destruindo sua pobre gravata também. Necessitava fazer algo. Se fosse como as gravatas de Hunter, provavelmente custaria mais do que seu aluguel.

Maylee deu um passo à frente e antes que Griffin pudesse protestar, afastou as mãos dele da gravata. Habilmente, levantou a gola, alisou o tecido de seda ao longo do pescoço e começou a ajeitar a gravata borboleta, tomando muito cuidado para garantir que o nó ficasse perfeito.

— Sr. Griffin, entendo que não queira uma assistente como eu, nesta viagem. Sei que não sou refinada como esperava. — Manteve a voz suave se desculpando, e ele ficou em silêncio — Mas sou realmente boa em me manter fora do caminho. E sou muito boa com uma programação. — Ajustou a gravata, agora perfeita, e depois sorriu — E posso amarrar uma gravata malvada.

Griffin franziu o cenho para o próprio reflexo, tocando a gravata como se não acreditasse que ela a consertara tão rapidamente, ou tão facilmente.

— Posso gerenciar um cronograma muito bem. — falou.

— Mesmo? Então, por que precisa de mim?

— Estava corrigindo seu inglês. A frase correta é: Posso gerenciar um cronograma muito bem. Não ‘sou muito boa com uma programação’.

— Mas eu sou. — teimou, e então passou a mão na frente de sua jaqueta. Ele também abotoou errado. Rapidamente abriu os botões e depois os refez. O homem não sabia como se vestir? Senhor. Precisava

dela mais do que percebia — Sou excelente com horários. E roupas de homem.

Depois de consertar a jaqueta, ergueu os olhos e deu-lhe uma piscadela.

Poderia jurar que o viu corar um pouco.



Esta era uma situação difícil. Griffin tocou a gravata novamente enquanto aguardava, na frente do avião, a chegada do vagão da escada. No seu encalço, a comissária de bordo conversava com a jovem petulante. Estavam rindo como se fossem melhores amigas.

Maylee era totalmente inadequada para este trabalho. Era um desastre ambulante. Usava poliéster. Falava arrastado como uma caipira.

Ela se aconchegou no colo dele ontem à noite.

Amarrou uma gravata malvada.

E já estava aqui.

Sem ter certeza do que fazer, o mais inteligente seria enviá-la imediatamente de volta aos Estados Unidos. Mas e depois? Admitir à mãe que seu único assistente ficou doente e que agora só podia confiar nas ternas decisões dela? Ouvir a mesma conversa que ouviu uma dúzia de vezes antes sobre contratar mais funcionários e adquirir uma residência enorme para viver no estilo que se esperava de um Visconde

de Bellissime? Quando tudo o que queria era trabalhar em sua pesquisa e patrocinar seus projetos de estimacão?

Essa era uma das razões pelas quais possuía mais dinheiro do que qualquer outra pessoa da família. Griffin era o cidadão mais rico de Bellissime. Toda a família real era rica, até certo ponto. Tinham famílias extravagantes, com várias casas de campo com 20 quartos ou mais, e dezenas de funcionários para cuidar de suas necessidades. Griffin usou seu dinheiro para outras coisas, como investimentos e projetos conjuntos com seus amigos, em sua pequena sociedade secreta, dobrando o valor investido a cada ano.

Então... não queria ouvir comentários depreciativos sobre seu estilo de vida.

Olhou para Maylee. Estava sorrindo para a comissária de bordo, puxando o vestido para o lado enquanto a outra mulher o segurava de volta. Era simpática, isso era óbvio. E certamente não seria tão incompetente ou Hunter não a teria mantido como funcionária.

E notadamente podia amarrar uma gravata.

Suspirou. Podia lhe dar mais um dia ou dois. Não poderia estragar as coisas, poderia?

Ajustando as abotoaduras (outro item difícil de vestir sem Kip), preparou-se para sair tão logo o carro da escada chegou. Abaixo, já havia uma multidão de paparazzi esperando, junto com várias pessoas dos jornais locais. Aqui em Bellissime, era uma pessoa importante.

Como odiava isso.

Quando a escada estava posicionada, a atendente se adiantou e abriu a porta, dando-lhe passagem. Esboçou um sorriso caloroso.

— Bem-vindo a Bellissime, Sr. Verdi.

Ele acenou para ela e entrou na luz do sol. Um rugido de vozes subiu.

— Lorde Montagne Verdi! Senhor! Olhe aqui!

— Visconde!

— Meu Senhor! É verdade que irá procurar por uma noiva qualificada durante o casamento real?

— Meu Senhor! Por aqui!

Sem parar, a cacofonia de vozes gritava. Griffin ignorou todos, levantou a mão e deu um aceno educado. Sorriu falsamente para as câmeras, pensando no tanto que detestava essa parte de sua vida, mais do que qualquer outra coisa.

— Misericórdia! – Ouviu uma voz exclamar às suas costas — Olhe para todas essas pessoas! Você é algum tipo de celebridade aqui, Sr. Griffin?

— Sr. Verdi. — Falou, parando no topo da escada — Receio que sim.

Era por isso que nunca voltava para casa, se pudesse evitar.

Capítulo Quatro

Essas pessoas estavam loucas por esse homem. Não devem conhecê-lo muito bem, pensou consigo. Claro, Griffin Verdi parecia amável e elegante, mas não era um homem legal. Não fez nada além de rosnar para ela desde que acordou, zombou de suas roupas, disse que não era uma boa funcionária e tentou ignorá-la. Pode perceber o motivo do seu último assistente não querer vir junto.

Foi prestativa em arrumar suas roupas, e recebeu um agradecimento? Nem um pio.

Ao menos parou de falar em mandá-la de volta, o que já é uma pequena vitória. Seria uma longa estadia, mas passaria o tempo todo sorrindo, pensando no — dobro — e aproveitando sua primeira viagem ao exterior. Já lidou com homens irritadiços antes – seu Pepaw não era exatamente uma joia – e sabia como lidar com eles. Simplesmente ignore o mal humor, permaneça agradável e eles acabam por desistir.

Maylee seguiu Griffin pelo tapete vermelho até a pista e continuou até a limusine que o aguardava. Era extremamente reluzente, com os vidros com película escura, que não permitiam observar quem estava dentro, e possuía os brasões estampados nas portas, iguais ao que vira na parede do avião.

Nada discreta, aliás, extravagante isso sim.

Colocou a mochila no ombro enquanto os assistentes carregavam a bagagem do nobre para o carro. Ninguém tocou sua mala xadrez

brilhante. Imaginou que a bagagem da ajudante não combinava com a do Visconde.

— Devo levar isso para você?

Voltou-se e viu um homem de terno e chapéu escuro. O motorista. Era jovem e bonito e tinha o mesmo sotaque que Griffin. Também estava sorrindo para ela com apreço, sua mão estendida para pegar suas coisas.

— Não sei para onde minhas coisas podem ir. — Sorriu-lhe.

— Podem ir na frente comigo. Assim como você. — Piscou galanteador — Para que possa ouvir esse seu sotaque adorável.

Maylee não conseguiu evitar sorrir-lhe.

— Tudo bem, obrigado gentil senhor...

— Sr. Sturgess. — Disse, pegando sua bolsa e dando outro sorriso glamouroso.

— Sr. Sturgess. — repetiu, sorrindo e estendendo a mão — Eu sou...

—...minha assistente — interrompeu Griffin, claramente descontente — E ela irá atrás comigo, para revisar minha agenda.

O rosto do rapaz perdeu seu sorriso amigável e acenou firme em concordância.

— Claro, meu senhor.

Maylee deu ao motorista um olhar de desculpas quando este abriu a porta do banco de trás e Griffin entrou. Ficou pasma com isso, já que era comum as mulheres entrarem no carro primeiro, mas ele era um Lorde de alguma coisa ou outra, então imaginou ter caído abaixo dele

na escala social. Mantendo um sorriso brilhante no rosto, entrou no carro de seu novo chefe.

Griffin não lhe dirigiu a palavra por pelo menos meia hora. Seguiram o trajeto em um clima bastante desconfortável, atravessando a cidade. Após um tempo ela deixou de se importar com o que ele pudesse pensar e aproveitou a vista. Bellissime era lindo. As ruas eram estreitas e pavimentadas com paralelepípedos, e os edifícios que se erguiam acima deles pareciam velhos e cheios de personalidade. Ao longe, montanhas se elevavam acima dos telhados e, em todo lugar, as pessoas andavam pelas ruas. Era tão charmoso e pitoresco, como todas as histórias que ouvira sobre aldeias suíças. Ninguém nunca falava sobre Bellissime quando o assunto era turismo e não entendia o porquê. A pequena cidade era exuberante.

Viraram a rua principal e Griffin olhou para trás. Gemeu em descontentamento.

— O que foi? — Maylee virou-se para olhar, mas tudo que viu foram mais carros.

— Os paparazzi ainda nos seguem.

— Por que não estariam? – Dirigiu-lhe um olhar surpreso.

— Esperava que desistissem assim que saíssemos do aeroporto.

Olhando para trás pensou em lhe dizer que estavam atravessando a cidade, em uma limusine enorme e toda paramentada. Nada ali era discreto. O homem não sabia o significado de sutileza, sabia? Porém desistiu, uma vez que ele já estava bastante irritado e não queria provocar-lhe a vontade de mandá-la para casa. Finalmente perguntou: — Para onde vamos?

— L'hotel de Bellissime.

— Parece chique.

— É o principal hotel da cidade! – Lançou um olhar levemente assustador.

— Então, por que não ficar com sua mãe e eles?

— Antes de tudo, nem tenho certeza de que idioma 'mãe e eles' é. Certamente não é inglês. — Brincou com as abotoaduras — Segundo, não vamos ficar com minha mãe por várias razões.

— Quais razões? – Não resistiu em perguntar.

Ele olhou-a como se os questionamentos o desagradassem. Demorou a responder.

— Minha mãe crê fielmente na aparência da realeza, mesmo que eu seja apenas um Visconde. Acredita que nenhum homem intitulado, de boa família, deve ter menos de trinta funcionários à disposição o tempo todo, evidenciando a aparência de riqueza completa e absoluta às pessoas comuns. Isso inclui várias propriedades, tantas funções da sociedade quanto alguém pode encaixar na agenda de uma pessoa e, é claro, manter tudo fortemente documentado nos jornais e revistas para que todos possam ver o quanto somos reais. — Seu tom gotejava desprezo.

Maylee piscou, tentando processar essa informação.

— Falou... trinta funcionários?

— Pelo menos.

— É um bom número. Para quê?

— O que for considerado necessário. Vários manobristas, um mordomo, funcionários da cozinha, empregadas, um ajudante...

— Alguém para cortar sua carne em pedaços pequenos...

Ele bufou, mas uma sombra de sorriso surgiu em seu rosto austero.

— Sim, algo nesse sentido.

— Parece um pouco ridículo.

— É totalmente ridículo. — Concordou — Passei meus anos de formação sendo seguido completa e totalmente por uma pessoa após outra. Odeio o barulho. Detesto. Recuso-me a viver desta forma. — Por um momento, pareceu tão cansado que ela sentiu pena. Então, olhou-a como se lembrando de si — Essa é a razão por estarmos hospedados no hotel.

— Entendo. — Resignou-se Maylee.

O carro ficou em silêncio novamente. Vez ou outra observou Griffin que parecia infeliz, uma tensão entre as sobrancelhas, que a fez se sentir culpada por trazer a conversa para a família que claramente o incomodou. Talvez uma mudança de assunto faria bem aos dois.

— Bem, Sr. Griffin... — Com uma voz alegre, puxando uma caneta e um bloco de Post-its da bolsa. — por que não trabalhamos com sua programação enquanto esperamos?

Ele continuou olhando pela janela. Ela se inclinou sobre o bloco de Post-its e começou a escrever.

— Parece uma boa ideia. Eu.. — Suas palavras morreram — O que, raios, é isso?

Ela o encarou com um olhar severo.

— O que é o quê? — Questionou.

— Não pode acompanhar minha agenda no Post-it. — Lançou um olhar chocado para ela.

Ela forçou outro sorriso radiante.

— Ficarà tudo bem. Não se preocupe. Agora, o que está previsto para amanhã?

— Primeiro, não sei o que está na minha agenda. Essa é sua responsabilidade. Segundo, tenho certeza de que não pertence a um Post-it. Pegue o seu laptop.

O homem era um esnobe. O papel não era bom o suficiente para ele.

— Não possuo um.

— Como assim, não tem um laptop? – Deu-lhe um olhar incrédulo — Todo mundo tem um laptop.

— Nem todo mundo, Sr. Requentado. — Maylee colocou a caneta sobre os Post-its — Agora... Sua programação?

— Não fazemos isso no papel. Está tudo salvo online. Nós teremos que esperar até chegarmos ao hotel, e então pode pegar o meu notebook reserva emprestado.

— Você tem um sobressalente?

Recebeu um olhar ameaçador.

— Claro. Não sou pobre.

Ai. Essa doeu.

— Bem, eu sou.

— Isso está explícito no seu guarda-roupas. — Voltou a olhar pela janela, azedo.

Tudo bem, qualquer possibilidade de brotar simpatia pelo detestável e arrogante se foi prontamente esmagada por essas palavras. Maylee enfiou a caneta e os Post-its de volta na bolsa e olhou pela janela oposta. O homem sabia como ser agradável?

Sinceramente duvidava disso. Não é de admirar que seu assistente tenha adoecido. Ela teria inventado o sarampo para livrar-se dele pelas próximas semanas, se não houvesse tanto dinheiro envolvido.

Recostando-se, observou os edifícios pitorescos de Bellissime passarem e pensou em todas as coisas que poderia comprar para sua família com o bônus que receberia por essa viagem. Isso a fez se sentir melhor.

O prazer inicial ao ver o hotel, um belo edifício rosa com colunas e coberto de hera verde, desapareceu imediatamente quando Griffin gemeu. Havia carros por toda parte, pessoas alinhadas nas calçadas com câmeras na mão. Mais paparazzi.

— Isso é uma merda gigantesca — disse Griffin — Estão determinados a tornar minha vida uma merda nesta viagem, não estão?

Ele estava falando sério?

— Se você não se importa que eu diga isso, Sr. Griffin...

— Sr. Verdi. E tenho certeza de que me importarei...

O homem estava determinado a ser antipático, não estava?

— A culpa é sua.

Isso claramente não era o que ele esperava. Virou-se, estampando um olhar incrédulo — O que disse?

— Eu disse: ‘a culpa é sua!’ – Maylee replicou, sua voz suave enquanto expiava pela janela o grande hotel ostentoso — Está

circulando no que provavelmente é o equivalente à Rua Principal por aqui, em uma limusine enorme com um selo real, indo para o hotel mais luxuoso da cidade. Isso não grita exatamente 'Nossa, realmente necessito da minha privacidade'.

A boca de Griffin afinou.

— Então o que sugere?

— Pegue um carro comum. Nada de limusine. Compre um carro comum, esqueça os brasões e hospede-se em um hotel comum. Desça as estradas secundárias em vez de desfilar pela Avenida Principal. Será muito mais difícil de te encontrarem dessa forma.

— Em outras palavras, fugir como um criminoso?

— Não, como alguém que valoriza sua privacidade.

Ele voltou para a janela.

— Ainda bem que não pedi sua opinião, não é?

Um idiota insuportável, mas era paga para aturá-lo.

— Acho que pediu. — Seu tom era divertido.



Na manhã seguinte, Maylee teve uma nova perspectiva sobre as coisas.

Separou-se do chefe na noite anterior, totalmente furiosa com Griffin Verdi. Teve que fazer o check-in²⁴ deles no hotel, já que ele não fazia esse tipo de coisa por conta própria, pois era para isso que a assistente servia. Estava começando a achar que esse assistente na cidade de Nova York deveria ser canonizado. Griffin gostava de pregar que não suportava ser paparicado, mas também não fazia nada por si. Então, ela o registrou no hotel, mandou a equipe providenciar a entrega da bagagem, teve inclusive que dar gorjetas, porque Griffin não andava com dinheiro na carteira. Envergonhada, pegou algumas notas de dólar e acabou anotando nomes e prometeu entregar uma gorjeta melhor depois. Todos foram muito compreensivos e gentis.

Exceto Griffin.

Ele recebeu um dos melhores quartos do hotel e Maylee ficou horrorizada com quão maravilhosa e luxuosa a suíte era. Droga, mesmo o quarto adjacente, claramente destinado a ser o quarto dos funcionários, era suntuoso. Era o tipo de lugar que deixava chocolates nos travesseiros e estava animada por ficar lá. Nunca esteve em um lugar tão elegante.

Griffin mal olhou a sua volta, pediu-lhe que providenciasse uma troca de roupa de cama, pois não confiava na equipe para fazer um bom trabalho, depois pegou um livro e começou a ler.

Era um idiota pretensioso. Ok, muito. No entanto, desconfiava que tinha um lado bom. Todo mundo tem, certo?

²⁴ Ato de confirmação de entrada. Registro de comparecimento, chegada. Termo utilizado para entrada em hotéis, confirmação de voo.

Desempacotou suas coisas em seu quarto chique, encontrou uma casa de câmbio com a ajuda do simpático concierge²⁵ do hotel, e depois localizou a equipe distribuindo as devidas gorjetas e salientando quão satisfeito Lorde Montagne Verdi estava com o serviço prestado. Todos ficaram emocionados, e quando o gerente se encontrou com Maylee para ver se algo mais poderia ser feito, para garantir que a estadia do Sr. Verdi fosse confortável, ela pediu uma visita técnica ao local. Inspeccionou cada canto dos bastidores do hotel e seu funcionamento. Conheceu os diversos tipos fascinantes de pessoas, de todos os setores, da equipe da cozinha à equipe de roupas. Todo mundo era tão gentil e amigável, e lhe davam conselhos sobre os melhores lugares para conseguir comida, os que deviam ser evitados, as melhores maneiras de evitar os paparazzi acampados na frente, incumbidos de cobrir o casamento real.

Imediatamente amou Bellissime e seu povo hospitaleiro.

Dormiu em uma cama macia deliciosa, provavelmente do tamanho de seu apartamento em Nova York, completa, com travesseiros de plumas e cobre-leito de edredom grosso. Até agora, tudo na viagem foi maravilhoso, exceto por seu chefe. Mesmo o Sr. Hunter não era tão mal-humorado quanto o Sr. Griffin, e ela o conquistou.

Conquistaria o Sr. Afetado também. Só tinha que dar tempo ao tempo.



²⁵ Porteiro em tradução literal do francês. Atualmente utilizado para designar a função do Recepcionista. Responsável por fazer o primeiro atendimento ao hóspede, auxiliando no que for necessário, sanando dúvidas e prestando as devidas informações que se façam necessárias.

Na manhã seguinte, Griffin estava se sentindo culpado.

Fora um total idiota com Maylee ontem. Sabia que foi e, no entanto, não conseguia conter-se. Toda vez que fazia uma exclamação suave de admiração ao avistar Bellissime, ficava irritado. Toda vez que sorria para alguém e agradecia com seu sotaque suave, ficava ainda mais irritado. O problema não era ela, nem Bellissime, ou até mesmo o peso de ser Visconde e membro da família real. Mesmo na cidade de Nova York, conseguia sua parcela de anonimato. Só era reconhecido quando queria ser. Aqui? Não conseguia mostrar o rosto em lugar nenhum sem alguém se curvar servilmente.

E pressionar Maylee a lhe dizer que a culpa era dele não ajudou.

Nem a sensação de estar certo existia.

Naquela noite, sozinho em sua cama, teve dificuldades para dormir. O hotel estava silencioso e, quando deu a Maylee sua permissão para se recolher, ela não o procurou nenhuma vez. Simplesmente sumiu, como se tivesse ficado totalmente agradecida por se afastar dele. E isso também não foi bom para ele. Kip era seu assistente e conhecia os hábitos de Griffin após longos anos trabalhando juntos. Ele o verificava uma ou duas vezes à noite, mesmo que não estivesse fazendo nada além de ler um livro, apenas para garantir que não precisava de mais nada.

Maylee não havia feito isso. Dispensou-a e ela se foi.

Talvez estivesse sendo muito severo. Era delicada, fofa e sorria tanto que tinha certeza de que exalava sentimentos bons por todos os poros. Provavelmente a fez chorar com sua postura fria e arrogante, sentia-se culpado por isso.

Ter sonhos sujos, naquela noite, fodeu com seu psicológico. Quase sentia aqueles cachos loiros platinados saltando em seus ombros enquanto a sentava em seu colo e a fodia, seios pressionando contra seu peito, sua boca quente sobre a pele dele. Em seu sonho ela ofegou e gemeu como uma mulher selvagem, perdendo totalmente a compostura. Em sua mente ecoava aquela voz, com aquele sotaque suave, clamando por mais enquanto a golpeava duramente.

Acordou suando, seu pau latejando dolorosamente.

Absolutamente embaraçoso. Um banho frio o livrou da ereção, mas não das memórias perturbadoras de sua boca nele. Aquelas permaneceram, mesmo enquanto se vestia com a jaqueta e as calças do dia. A gravata pendia do pescoço, esperando que ela o arrumasse.

Tentou não a imaginar em pé na sua frente, puxando-o pela gravata e para um beijo demorado. Porque não estava atraído por ela. De maneira nenhuma. Não, não estava.

Tentou amarrar a gravata.

E, naturalmente, não pode. Tentou três vezes antes de suspirar, atravessar o quarto de hotel e bater na porta de Maylee.

— Estarei aí em um instante. — Ela gritou.

Imaginou-a deslizando uma alça de sutiã por cima do ombro, aqueles cachos crespos roçando sua pele nua. Remexeu-se desconfortavelmente ciente de seu pênis endurecendo. Usou seu livro, um pesado livro de não-ficção sobre a Royal Expedition Society, para disfarçar sua ereção matinal.

Um momento depois, a porta se abriu. Mediu-a dos pés à cabeça... hoje estava diferente. Foi-se o miserável terno de poliéster. Em seu

lugar, havia uma saia de malha preta que mostrava pernas finas e pálidas, os mesmos sapatos feios e uma jaqueta de brocado laranja, igualmente feia, com um alfinete enorme de um lado. Seu cabelo loiro saca-rolhas estava preso em um coque. Mechas de cabelo crespo escapando e grudando em ângulos selvagens e fazendo com que parecesse ainda mais bagunçado que o normal. Os olhos dela pareciam escuros e os lábios rosados brilhavam. Maylee sorriu para ele.

— Sim, senhor?

Ele apontou para a gravata.

— Pode consertar isso para mim?

— É claro. — Murmurou, e se aproximou, agarrando as pontas.

A cena se parecia tanto com o que imaginara a alguns momentos atrás que quase gemeu alto, a luxúria queimando através de seu corpo. Contou uma centena reversa tentando ignorar a ponta da língua que insistia em aparecer por entre os lábios enquanto ela se concentrava.

— Prontinho. — Sentenciou, dando um tapinha amigável em seu peito — Veja você mesmo.

A frente da camisa ainda estava quente com o toque. Foi até o espelho e verificou. Com certeza, sua gravata borboleta parecia imaculada. Melhor, tinha que admitir, do que quando Kip o fazia.

— Muito bom. Vamos tomar café da manhã?

— Parece ótimo. Pegarei minha bolsa. — Desapareceu dentro do quarto enquanto ele pegava o laptop sobressalente. Quando ela retornou trazia aquela bolsa feia a tira colo. Mordeu um ‘Sério?’ para não escapar de sua língua e não disse nada. Hoje, tentaria ser legal com Maylee. Realmente o faria. Não era culpa dela que estivesse preso aqui.

— Todos prontos? – perguntou sorrindo.

Ele se encolheu mediante o sotaque. Isto seria mais difícil do que pensara.

Quando emergiram do elevador, até o andar principal do hotel, Griffin quase esperava ser bombardeado com mais paparazzi ou, pelo menos, funcionários bajuladores.

Para sua alegria, chegaram ao restaurante sem serem notados e, assim que adentraram à sala de jantar, o maitre os cumprimentou com um sorriso.

— Sua mesa é aqui, Lorde Montagne Verdi.

Maylee sorriu para o homem e depois deu a Griffin um olhar expectante.

Griffin acenou com a cabeça e ficou surpreso ao ver que uma sala de jantar privada havia sido aberta nos fundos. Normalmente, quando se hospedava nesse hotel, ficava salão de refeições comum, com os outros hóspedes. Por que nunca fora separado antes?

Acomodaram-se nas cadeiras, o anfitrião serviu dois copos de água e colocou os cardápios na frente deles.

— Seu garçom chegará em breve para anotar os pedidos. Por favor, me chamem caso necessitem algo. — Então desapareceu.

Não houve menção sobre seu título. Nenhum ‘Posso tirar uma foto minha com você?’, poucos comensais olhando-o enquanto bebia e comia. Havia o silêncio, e estavam sozinhos.

Isso era sensacional.

Observou Maylee colocar o guardanapo no colo. Parecia não se dar conta do gesto incomum, todavia estava clara a tentativa de agradá-lo.

O feio casaco de brocado não era de poliéster, e tentou domar o cabelo. Usava até maquiagem. Olhou para a tentadora boca rosa e o lábio inferior que ela mordiscou quando colocou o laptop de lado e ligou-o.

Era jovem e inocente, e estava se esforçando muito. Não era culpa dela que estivesse completamente fora de contexto. Recebera um telefonema de seu empregador pedindo que aceitasse um trabalho de última hora, em outra parte do mundo, tendo que aguentar seu mal humor. Não tinha nada a ver com o fato de que não queria estar ali, para participar de eventos sociais de um casamento que não lhe trazia interesse algum.

Mas ainda assim. Um empregador não se desculpava com seu empregado. Um Visconde certamente não.

Em meios aos seus devaneios, deparou-se com o olhar e um sorriso hesitante, muito diferente dos anteriores.

E por alguma razão, isso o fez se sentir mais idiota.

O garçom chegou um momento depois e os dois fizeram seus pedidos, primeiro Griffin. Pôde notar que Maylee pediu o mesmo que ele. Será que não estava familiarizada com os pratos do menu? Observou-a por mais um momento. Estava ansiosa e seu olhar percorreu a sala, bebeu um pouco de água para aliviar a tensão.

Definitivamente a tensão era latente.

Maldição. Griffin recostou-se na cadeira e a fitou.

— Eu... peço que me perdoe. — Ora, isso não foi lá tão difícil, foi? Ficou bastante orgulhoso de si por fazê-lo.

Suas sobrancelhas pálidas se uniram em evidente confusão. Olhou por cima do ombro.

— Estou falando com você – Disse ele, irritado novamente, mas lutando contra isso. Não era uma fera, era? — Sei que não tenho sido o mais agradável dos chefes e peço desculpas por isso. Estou infeliz por estar aqui e estou descarregando em você, e isso não é justo.

As sobrancelhas arquearam, como se não pudesse acreditar nessa confissão. Então aconteceu. Aquele sorriso lento se desenrolou em seu rosto, iluminando-o. Seus olhos castanhos esverdeados dançavam de felicidade e seu rosto inteiro parecia brilhar. Era muito bonita quando sorria, reconheceu.

— Obrigado, senhor Griffin. Isso é muito gentil da sua parte.

Nem sequer corrigiu o inglês dela, ou o bizarro uso indevido de — senhor — Estava sendo gentil. Novamente. Grunhiu e desviou o olhar, sem querer encará-la. Mas sentiu-se melhor. Gostou daquele sorriso. Era completamente e totalmente sincero, iluminando o rosto e dando um lindo brilho aos olhos.

Não havia muitas pessoas sinceras ao seu redor, e apreciava os que eram. Ameaçou pegar o livro para ler algumas páginas, mas desistiu ao perceber que ela ainda lhe sorria. Como se esperasse continuar a conversa. Desde que estava em um estado de caridade, se obrigou.

— Acredito que seu sono foi agradável?

— Foi maravilhoso. Os travesseiros eram tão fofos quanto carneirinhos. Mal posso acreditar que dão esse tipo de travesseiro aos hóspedes do hotel. Não temem que as pessoas os roubem? – Gracejou.

Quase se engasgou com a água que estava bebendo.

— Roubar? — Do L'hotel de Bellissime? Ela percebeu que as pessoas que ficavam em sua suíte costumavam frequentar a realza ou eram

celebridades? Achava que todos tinham as mesmas acomodações? Parecia tão emocionada com tudo que não a corrigiu.

Também não corrigiu a pronúncia de ‘travesseiro’. Se continuasse nessa conduta seria declarado santo rapidamente.

— Sim. Toda vez que viajava com minhas tias e tios para a Geórgia, Flórida ou outro lugar, eles despojavam o quarto de motel de tudo o que podiam levar. Diziam que era esperado. Acho que a maioria das pessoas não faz isso. — Ponderou balançando a cabeça.

— Posso garantir que nunca tirei nada de um quarto de hotel.

— Com certeza faria, se tivesse meu travesseiro. — Sugeriu com um aceno alegre — O melhor travesseiro em que já me aconcheguei.

Por alguma razão, a imagem mental de uma sonolenta Maylee, cachos jogados na fronha, apertando um travesseiro no peito... fez coisas indizíveis na sua virilha. Griffin pigarreou.

— Aceitarei sua palavra sobre isso.

O garçom entregou o café da manhã e Maylee foi efusiva em agradecimento. Conversou com ele por alguns minutos como se fossem velhos amigos. Sobre o clima, os cheiros deliciosos vindos da cozinha e o quão bonito era seu país natal. A atenção do atendente estava totalmente voltada para a dama, ignorando o Visconde completamente, até desaparecer.

Griffin franziu a testa enquanto pegava os talheres.

— A equipe está agindo de forma estranha esta manhã.

— Oh? — Parecia inocentemente curiosa — Ele me pareceu adorável.

Claro que sim. O garçom estava claramente flertando com ela. Talvez o sotaque sem instrução de Maylee fosse algum tipo de afrodisíaco para

homens, que só ouviam o idioma francês e o inglês britânico. Quem sabe.

Decidiu deixar para lá e deu uma mordida na torrada, depois abriu o livro e começou a ler, desfrutando a paz e a tranquilidade do café da manhã sem escrutínio. Maylee ficou quieta enquanto comia também, embora aquele sorriso feliz permanecesse em seu rosto.

Griffin só leu uma página antes que uma sombra caísse sobre seu livro, diminuindo a luz. Levantou a face e franziu a testa quando dois homens se aproximaram da mesa, um vestido como chef e outro como garçom. Fechou o livro com um suspiro irritado. O silêncio foi bom demais para durar, supôs. Agora teria que suportar o fluxo de perguntas. Preparando-se, Griffin franziu o cenho para os dois homens e recostou-se na cadeira.

— O que é isso?

Maylee lançou-lhe um olhar rápido, como que o repreendendo por ser rude e em seguida voltou-se para os homens com um sorriso.

— Desculpe-me – Disse o garçom, e olhou para Maylee — Lamento invadir, mas meu companheiro queria agradecer por sua ajuda na noite passada.

Griffin não fazia ideia do que o homem estava falando ou pelo fato de que olhava diretamente a moça e não para ele.

— Oh, não! — As mãos de Maylee subiram no ar e ela balançou a cabeça — Não pode me agradecer. Não funcionará se você fizer.

— O que não funcionará? – perguntou Griffin, perplexo. Olhando dos homens para a mulher.

O Chef disse alguma coisa em francês, e o garçom assentiu, traduzindo.

— Etienne, diz que a dor se foi hoje de manhã.

Maylee sorriu, orgulhosa.

— Estou tão feliz em ouvir isso. Diga-lhe para ter mais cuidado ao tirar o pão do forno da próxima vez. Eu...

— Com licença?! – Interrompeu Griffin — Do que estão falando?

Aquele sorriso caloroso se voltou para ele, e Griffin se sentiu momentaneamente deslumbrado.

— Falando sobre queimadura. Sr. Etienne aqui — disse, gesticulando para o Chef cujo nome acabara de massacrar em uma pronúncia sofrível – estava com uma queimadura muito desagradável na mão, então me ofereci para dar uma olhada.

— Por quê?

— Sou uma encantadora de queimaduras. — Maylee cruzou as mãos no colo, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo — É um dom. Minha mãe pode falar com as verrugas de qualquer pessoa, mas eu só sou boa com queimaduras.

— Veja. — Mostrou a mão em recuperação. Encantamento popular. Que estranho.

— Funcionou, meu senhor – Disse o garçom — A queimadura incomodava Etienne há dias, a ponto de dificultar seu trabalho. Mas a Srta. Meriweather trabalhou em sua mão e a curou imediatamente. E é por isso...

Maylee levantou a mão novamente, sorrindo.

— Lembre-se: não agradeça ou não funcionará mais.

Os homens assentiram e, depois de mais alguns momentos de conversa, olharam na direção dele e depois foram embora.

Novamente, Griffin ficou surpreso.

— Desculpe por isso — disse Maylee com um pequeno sorriso — Pedi que não subissem enquanto você estivesse sentado, porque sei que odeia gente pairando em volta.

— Desculpas aceitas. — Admitiu, e olhou ao redor da sala de jantar privada vazia. Podia ouvir as pessoas na sala ao lado, mas a deles estava agradavelmente quieta — É por isso que estamos aqui e não no salão principal?

Maylee assentiu.

— Ontem à noite, conversei um pouco com o gerente para aprender um pouco sobre o local.

Griffin ficou surpreso com sua consideração.

— Oh?

— Sim, e disse-lhe o quanto você valoriza sua privacidade e perguntei o que poderíamos fazer para garantir que não fosse incomodado durante um período tão estressante. Discutimos algumas coisas e, entre elas, sugerimos que faça as refeições aqui, se a sala não estiver em uso. Ninguém gosta que o café da manhã seja interrompido. — Completou com uma mordida cuidadosa nos ovos. Quando terminou de mastigar, acrescentou: — Disse a eles que se você pudesse saborear sua refeição em paz, provavelmente passaria e contaria à equipe da cozinha se gostou. Espero que não tenha sido presunçosa. Sei que adorariam ouvir de você. Essa atitude faria muita diferença para o trabalho deles.

Trocar alguns minutos de elogios por paz e sossego enquanto jantava? Foi genial. Puxou seu livro novamente.

— Isso é muito atencioso da sua parte. E sim, estou gostando de tomar um bom café da manhã. Obrigado. — Com outra torrada, ele virou a página e continuou lendo sobre as façanhas de Edward Shackleton²⁶.

— Passarei para esta outra mesa, vou trabalhar, para não o incomodar — disse Maylee, pegando o laptop.

Ele ergueu os olhos do livro e olhou para o laptop, depois para ela. Estava na ponta da língua dele pedir que ficasse, mas assentiu.

— Obrigado. Você tem o horário que Kip deixou?

— Está tudo bem aqui. Darei um resumo do dia quando estiver pronto para partir. — Falou.

Confirmou balançando a cabeça e voltou ao seu livro.

A sala de jantar estava silenciosa, Griffin tomou um gole de seu chá quente enquanto lia, apreciando calmamente o café da manhã. A luz do sol entrava por uma janela próxima e parecia uma ilha de calma. Ocasionalmente, olhava para cima e via Maylee trabalhando no computador, fazendo anotações em seu bloco de notas ou ocasionalmente conversando com um dos funcionários próximos. Eles estavam sempre sorrindo e felizes em vê-la.

Tão felizes por sua assistente. Não tinha certeza se achava isso interessante ou irritante.

²⁶ **Edward Arthur Alexander Shackleton** (15/071911 – 22/09/1994) foi um geógrafo britânico, além de político membro do Partido Trabalhista. Nascido em Wandsworth, Londres, Shackleton era o filho mais novo de Sir Ernest Shackleton, explorador da Antártida.



O primeiro dia de Maylee em Bellissime foi exaustivo.

Depois que terminaram o café da manhã, ela deu a Griffin uma breve visão geral de sua agenda para o dia. Para alguém que não visitou muito o país nos últimos anos e não era o noivo, ele com certeza tinha um grande calendário social. Houve uma visita ao museu, uma montagem no alfaiate real, um chá da tarde com um dignitário de um país vizinho, uma visita a uma instituição de caridade de não sei o quê, uma foto com outro Visconde e uma entrevista para uma revista de cavalheiros que tratava exclusivamente de arqueologia e exploração, que descobriu ser uma das paixões de Griffin. E era seu trabalho organizar os horários e garantir que ele chegasse a tempo em todos.

Foi uma luta, mas Maylee estava orgulhosa dela mesma por manter as coisas funcionando. Em um momento, entrou em pânico ao descobrir que o venerável Kip havia reservado dois chás para Griffin, em mesmo dia e horário, então a duras penas fez algumas ligações, e remarcou seu encontro com a mãe para o dia seguinte. Não contou a Griffin para não receber aquele olhar reprovador, como se fosse a culpada do equívoco.

Mas conseguiu. Passou o dia com o telefone pressionado contra uma orelha, o laptop nas coxas e esperando na limusine enquanto Griffin ia a um encontro social após o outro.

Óbvio que ele não gostou disso; seu humor se tornou mais tenso com o passar do dia, embora tenha se mantido educado e gentil com as pessoas que o esperavam. Apenas Maylee e o motorista, Sr. Sturgess, que receberam o peso de sua infelicidade.

Entre os compromissos de Griffin, Maylee também teve que conciliar as solicitações da imprensa para entrevistá-lo, pedidos de visitas a instituições de caridade locais e, de alguma forma, tomar providências em relação ao casamento. Teve que ligar para o palácio para conversar com o coordenador do casamento real, que não queria falar com ela a princípio graças ao seu sotaque, para descobrir quais cores de roupas deveriam ser evitadas nos compromissos da realeza e quando e onde seriam realizados os jantares de ensaio e café da manhã do casamento e similares. Os locais eram secretos, soube Maylee, porque a imprensa pegava as informações e os invadia com um batalhão.

Não argumentaria a respeito, pois tinha ciência que eram seguidos, por todos os lugares, assim que notavam o brasão estampado na limusine. Realmente necessitava conversar com o homem, sobre como proceder para que o passeio fosse discreto.

Ao menos o pior já havia passado e Griffin rosnara para ela apenas uma vez (quando a gravata estava torta e ele estava prestes a ir ao evento do chá). Consertou-a sem, no entanto, receber um agradecimento do homem. Não que o culpasse, por estar se sentindo exausta pela agenda dele, mas a responsabilidade pesava-lhe nos ombros.

O dia cansativo terminou, sem ter a chance de comer ou respirar, desde o café da manhã silencioso, conseguindo com que Griff comparecesse a todos os compromissos a tempo, parecendo respeitável, e voltando ao hotel para um merecido descanso. Agora que ele desapareceu em direção ao quarto e permaneceria lá durante toda a noite, significava que finalmente estava livre para explorar Bellissime.

Claro que estava tão cansada que só pensava em tomar um banho e assaltar o minibar da suíte, em busca de qualquer coisa que pudesse engolir antes do café da manhã do dia seguinte.

Maylee tomou um longo banho quente, deliciando-se com os sabonetes e xampus chiques que eram cortesia. Ela se certificaria de esconder alguns frascos assim que terminasse com eles, para que a equipe os substituísse diariamente e conseguisse uns novos para levar para casa. Talvez o Sr. Griffin não se importasse se pegasse seus extras, pensou enquanto se enrolava em uma das enormes toalhas felpudas.

Cantarolando baixinho, prendeu a toalha junto aos seios, em baixo do braço e seguiu para o quarto. Sentou-se na beirada da cama ajeitando a toalha quando notou que a porta do armário estava entreaberta. Com uma careta, levantou e se aproximou da porta para fechá-la, mas algo a incomodava e inadvertidamente espiou dentro dela.

Um homem estava lá, com a câmera na mão.

— Não grite. — Sussurrou — Posso oferecer um acordo muito lucrativo se estiver disposta a trabalhar comigo para obter a história por dentro...

Maylee bateu à porta do armário com força.

Então, ela gritou.

Capítulo Cinco

Um grito assustador partiu do quarto de Maylee, tirando a atenção de Griffin do livro. Jogo-o de lado, pulando da cama e correndo em direção à porta de comunicação entre as suítes.

Quando abriu, uma loira molhada enrolada apenas em uma toalha caiu em seus braços, enlaçando-o pela cintura.

— Homem no meu quarto... Tem um homem no meu quarto! – Murmurou desesperada.

Atordoadado ao ver Maylee quase nua, pingando, e agora passando os braços em volta de sua cintura, Griffin permaneceu congelado no lugar. Fantasias luxuriosas floresceram em sua mente, distraíndo-o por um momento do soluço aterrorizado.

Um homem no quarto dela? Finalmente acordou do transe.

— Tem um homem no seu quarto? – inquiriu.

— Sim! — Soluçou, agarrando-se às costas dele — Tem um estranho, e esquisito no meu armário!

Ele deu um tapinha no braço dela, quente, úmido e cheirando a sabonete floral.

— Espere aqui – Procurou algo em volta que pudesse usar como arma, pegou uma luminária de uma mesa próxima, desconectou-a, removeu a cúpula e ergueu-a como um taco de beisebol. Então, avançou pelo quarto de Maylee.

A porta do armário estava fechada. Por um momento, se perguntou se isso era simples histeria feminina, para tentar seduzi-lo. Sabia que Reese tinha todo tipo de histórias loucas sobre o que as garotas faziam para entrar na cama dele, mas Griffin nunca havia se metido em tais cenários. Ainda assim, Maylee não parecia o tipo.

Então se aproximou do armário e bateu nele.

— Alguém aí?

— Por favor, não me mate! – Ouviu-se uma voz abafada — Sairei se prometer não me matar.

Surpreso, olhou para Maylee. Mordia os nós dos dedos, aterrorizada, com os olhos escuros e enormes no rosto. E estava nua debaixo dessa toalha. Completamente e totalmente vulnerável.

E alguém invadiu o quarto dela e tentou machucá-la.

Uma onda protetora atravessou seu peito, e Griffin pegou uma cadeira próxima e enfiou-a sob a maçaneta da porta do armário. Testou se prendera a porta com eficiência. Perfeito. Olhou para Maylee, que estava tremendo tanto que gotas de água tremeluziam nas pontas dos cachos molhados.

— Espere no meu quarto. No armário escolha algo meu e vista.

Ela assentiu e desapareceu quarto adentro.

Griffin examinou seu quarto. Estava arrumado, mesmo tendo saído do chuveiro e ter sido interrompida antes de colocar uma roupa. Seu tricô repousava no canto da cama, claramente esperando a dona voltar. Nada mais parecia fora do lugar, não tinha como saber como alguém conseguiu entrar sem algum tipo de trabalho. Furioso, foi até o telefone ao lado da cama dela e ligou para a recepção.

— Senhora Meriweather — a voz do outro lado disse suavemente — o que posso fazer por você hoje à noite?

— Aqui é Lorde Montagne Verdi — disse em seu tom mais gelado e austero — Senhora Meriweather tem um intruso no quarto dela. Eu o tranquei no armário, mas quero a segurança aqui imediatamente. Compreendido?

— Absolutamente, meu senhor! Estamos enviando alguém imediatamente.

Ele desligou. Do outro lado, viu a maçaneta do armário girar, o homem lá dentro verificando a trava. A porta chocalhou e ele ouviu uma maldição suave. Griffin foi até a cadeira, endireitou-a e sentou-se, fechando a porta com o peso.

E esperou pela segurança.

Felizmente, o hotel foi rápido. Poucos minutos depois, houve uma batida rápida na porta.

— Segurança.

Griffin levantou-se da cadeira e foi até a porta, deixando-os entrar.

— Ele está no armário.

A equipe de segurança deteve o homem, que era claramente um dos paparazzi. O homem balbuciava e tentava inventar desculpas, mas a câmera na mão, e o fato de estar escondido entre os vestidos feios de Maylee, contavam a história verdadeira. Eles o levaram embora e outro homem ficou para trás, para anotar as informações de Griffin, que narrou o que sabia e depois olhou para o quarto. A assistente dele não mostrara o rosto desde que os outros chegaram.

— Maylee? Pode dar a esse homem sua declaração?

Um momento depois, ela entrou pela porta de seus quartos adjacentes. Seu cabelo ainda estava molhado, foi penteado com os dedos em ondas soltas e úmidas. Usava uma de suas camisas de botão, a barra roçando suas coxas bronzeadas. Ficou grande nela, mas quando avançou, viu o suave contorno de seus seios sob o tecido.

E santo Cristo, ficava muito sexy em sua camisa.

Griffin cerrou os punhos, afastando a onda de luxúria que sentiu ao vê-la. Aqueles olhos castanho-esverdeados ainda estavam enormes e perturbados, e quando ela estendeu a mão para cumprimentar o oficial de segurança, notou que ainda estava tremendo. Estava apavorada.

O medo dela fez seus instintos protetores aflorarem. Colocou a mão no ombro dela e a puxou para mais perto dele, ignorando o olhar interrogativo do oficial de segurança. Enquanto Maylee fazia sua declaração, permaneceu ao seu lado, e ela pareceu relaxar um pouco, brincando com as mangas longas demais da camisa dele enquanto falava.

— Disse-me que queria que trabalhasse com ele. — Relatou em seu tom suave — Que queria a história por dentro. Acho que queria detalhes sobre o casamento ou sobre o Sr. Griffin. Disse que me pagaria muito dinheiro.

— E o que disse a ele? — Perguntou o homem.

Pareceu chocada com o questionamento.

— Ora, eu gritei. Gritei e bati a porta na cara dele.

Griffin sorriu fracamente.

— Obrigado — disse o oficial de segurança uma vez que Maylee fez sua declaração — Vamos entregar essas informações, e junto o invasor, à polícia.

— O que fará para garantir que isso não aconteça novamente? – A voz de Griffin era fria, autoritária e o olhar que lhe dirigiu era duro — Não me agrada a ideia de ter meus funcionários assediados quando estamos em um estabelecimento que se diz seguro.

— Claro, senhor, err, meu senhor — disse o homem que parecia envergonhado — Vamos colocar um segurança neste andar, além dos que estão lá embaixo. Não serão perturbados novamente.

— Garanta que não volte a acontecer — disse Griffin.

— Obrigado. — Maylee disse com uma voz trêmula — Fico-lhe grata — Seus braços cruzaram sobre o peito, e Griffin notou que o olhar do homem focou ali.

— Ligaremos se precisarmos de mais alguma coisa — disse Griffin bruscamente. Com um aceno de cabeça, indicou que o homem deveria sair da sala.

O oficial de segurança saiu e Maylee fechou a porta atrás de si. Agora, eram apenas eles dois em seu quarto. Manteve os olhos no rosto dela quando se virou, toda macia e cheia de curvas em sua camisa. Seu rosto redondo parecia exausto, embora tentasse dar um sorriso matreiro.

— Acho que tivemos nossa dose de emoção da noite — disse Maylee.

Griffin examinou seu rosto atentamente.

— Você está bem? – Ela demonstrava uma alegria que não era a habitual.

— Não sei. — Admitiu — Sinto-me uma idiota. Talvez devesse ter conversado com ele em vez de gritar.

— Ele invadiu o seu quarto. Você fez a coisa certa. — Apertou o ombro dela solidariamente.

Ela deu um sorriso trêmulo.

— Acho que sim.

Griffin já estava impressionado com sua confiabilidade. Nem pensara em dar detalhes aos paparazzi. Pensou imediatamente em defender sua reputação. Esse tipo de lealdade não pode ser comprado, não importa o preço. Dar-lhe-ia um bônus quando chegassem à casa, pensou. Mas ela ainda parecia tão perturbada e isso o incomodou.

Eu preciso de um abraço, disse quando estava drogada no avião.

Observou-a. Ainda parecia perdida, pequena e sozinha.

Então a puxou para mais perto e lhe deu um abraço estranho. Não era seu costume. De fato, era péssimo em confortar pessoas. Ela necessitou de um abraço no passado enquanto chorava. Achou que poderia fazer isso agora, por ela.

Maylee ficou rígida de surpresa e depois se derreteu contra o peito dele um momento depois. Era toda curvas quentes, e ficou atônito com o quão boa parecia em seus braços. Acariciou suas costas, e tentou não pensar nela nua sob o tecido frágil de sua camisa.

Então a soltou.

— Melhor?

Uma risada escapou dela.

— Tenho que admitir, Sr. Griffin, que fiquei muito surpresa.

— Pareceu apropriado.

Ela se virou e olhou para o quarto novamente, depois mordeu o lábio.

— O quê? — Ele perguntou.

A articulação voltou à boca e ela a mordeu.

— Não me sinto segura. Sinto muito. Pode verificar o quarto para mim?

Ele relaxou.

— Claro. Vá esperar no meu.

Ficou tensa novamente.

— Mas... e se houver alguém no seu?

Estava lá mais cedo, não estava? Não entendeu essa relutância, mas assentiu e esticou o braço, gesticulando para que se aproximasse.

— Venha aqui, então. Fique do meu lado.

Imediatamente, Maylee trotou em sua direção e se moveu debaixo do braço. Seu peito roçou contra o lado dele e seus dedos foram para trás de sua calça de dormir, como se pudesse de alguma forma segurá-lo, caso tentasse escapar.

Deveria ter sido irritante. Griffin odiava agarrar-se e odiava a proximidade. Mas por alguma razão, tê-la ao seu lado, quente, suave e doce, foi bastante agradável.

Juntos, examinaram o quarto, abrindo o closet, passando por todos os armários e até checando debaixo da cama. Não havia nada. Griffin verificou novamente a porta da frente e testou as fechaduras duas vezes, depois passou a corrente.

— A partir de agora, deve manter isso trancado. Você pode simplesmente sair pelo meu quarto.

Ela assentiu para ele.

— Grata.

Olhou para o relógio.

— Está ficando tarde. Deveria ir para a cama.

Seu rosto ficou branco novamente, mas assentiu, liberando-o. Aqueles dedos macios deslizaram para longe de sua cintura e, por um momento, Griffin sentiu arrependimento, o que era tolice. Ela era sua assistente. E temporária, muito temporária.

— Obrigada novamente — Maylee disse, sua voz suave. Deu outro sorriso, mas não manteve o brilho normal — Realmente estou agradecida.

— Eu sei. — Seu tom soou um pouco mais abrupto do que deveria ser. Ela estava frágil no momento, droga. Não fazia sentido ser grosseiro com a menina. Assentiu rapidamente — Durma um pouco. Temos uma agenda cheia amanhã.

— É claro. — Falou baixinho e se afastou.

Depois de um momento de hesitação, deu outro aceno e se retirou para o quarto, fechando a porta atrás de si. Griffin se inclinou contra a madeira por um momento, exalando pesadamente.

Bom Deus. Deveria ficar muito puto com o fato dos paparazzi estarem em cima dele nessa viagem, o suficiente para justificar entrar furtivamente no quarto de sua assistente para fechar um acordo. Deveria estar furioso por alguém ter violado sua privacidade.

Mas seu cérebro continuava se concentrando nas pernas nuas sob a bainha de sua camisa, a curva suave de seu peito pressionando contra o lado dele, aqueles dedos roçando sua cintura enquanto ela segurava suas calças.

Seu pênis estava duro como uma rocha. Enfiou a mão na calça e se ajustou, mas não aliviou a dor latejante. Isso não iria acontecer tão cedo, não com a suavidade de Maylee e sua nudez em sua mente. Continuou piscando enquanto imagens dela, correndo para seu quarto, pingando água, a toalha mal contendo os seios cheios de ar, bombardeavam seu juízo.

Foi ao banheiro. Fechou a porta, tirou a calça e voltou para o chuveiro. Sob a água quente, ensaboou seu corpo pela segunda vez esta noite, depois pegou seu pau na mão e começou a acariciá-lo, pensando na pequena mulher em sua camisa. Pensando em empurrá-la de volta para a cama dele e apreciar o tecido subir, revelando todo o comprimento de suas coxas, o fio pálido entre as pernas que seria da cor de suas sobrancelhas e lábios macios e lisos esperando por seu pênis.

O clímax veio com um grunhido, sua mão áspera enquanto se acariciou até o orgasmo. Porra que patético, precisar se masturbar no banheiro do hotel com o pensamento em sua assistente.

Com certeza, iria matar Gretchen Petty quando retornasse.

Cinco minutos depois, estava vestindo sua calça de dormir e subindo na cama quando houve uma batida na porta adjacente. Ficou tenso, o alarme disparou através dele e foi para a porta.

— Maylee? – Chamou, preocupado — Alguém tentou entrar de novo?

Quando abriu a porta, ela estava lá, ainda na camisa dele. Um travesseiro estava apertado contra o peito, olhos vermelhos e brilhando com lágrimas não derramadas, fitando-o.

— Posso... — fez uma pausa e tragou, depois continuou – posso dormir com você?



Meu Senhor, Griffin Verdi era um homem bonito quando estava despido.

Não que não fosse bonito vestido, Maylee concluiu. Em seus ternos de três peças e gravatas adequadas, o cabelo caído em desalinho, teimando em ser domesticado, era lindo. É claro que, quando estava arrumado ficava totalmente inalcançável. Agora estava de banho recém-tomado, com o cabelo molhado e um pouco bagunçado, e não usava camisa.

O que lhe permitiu se espantar com todos os músculos que uma observadora ávida não deveria ter.

Tinha um peito másculo. De tirar o fôlego. Largo, com ombros fortes, triangular que se afunilava até uma cintura estreita. Seu peito era quase liso pela ausência de pelos, somente uma fina linha de pelos escuros subindo do umbigo, que ela achou fascinante. Também havia uma tatuagem, de caveira preta com dinheiro saindo das órbitas dos olhos, em um ombro que a surpreendeu. Seu conservadorismo real certamente não combinava com tatuagens.

Gostou do que viu. Isso o fez humano. Como se talvez não fosse tão rígido e certinho como julgara.

Foi essa tatuagem que lhe deu forças para bater na porta dele novamente depois que voltou para a cama. Hesitou, aterrorizada com a possibilidade de receber um sonoro ‘não’ e ainda dar-lhe um sermão para que soubesse o que ele achou da sugestão dela. E em seu estado de espírito bastante instável no momento, provavelmente desabaria.

Mas, diante da pergunta ridícula dela, ele não riu, não zombou nem nada desse tipo.

Simplesmente abriu a porta um pouco mais para deixá-la entrar.

Sentiu tão aliviada que poderia tê-lo beijado. Não o fez, mas teria, se tivesse sido um pouco mais receptivo, ou algo assim, com uma garota do interior como ela.

— Obrigada. — Murmurou quando passou por ele. Esteve aqui mais cedo e ficou um pouco chocada com o quanto o quarto dele era melhor do que o dela. Com sofás e mesas elegantes e uma janela enorme com uma varanda que provavelmente teria uma vista incrível da cidade. A janela estava fechada, as cortinas fechadas. Era tarde, e ficava mais a cada minuto.

Ele passou a mão pelo cabelo desarrumado e meio molhado e olhou ao redor da sala.

— Posso ficar no sofá. Você pode ficar na cama.

Seus olhos se arregalaram com a sugestão dele. O Senhor Engomado ia desistir de sua cama por ela? Instantaneamente, se sentiu culpada. Essa não era sua intenção. Simplesmente tinha medo de ficar sozinha,

com certeza de que teria pesadelos com homens estranhos pulando de seu armário, com uma câmera. Olhou para a cama. Era enorme.

— Achei que nós dois dormiríamos juntos.

— Você achou? – As duas palavras eram planas.

Maylee corou.

— Não dessa forma. Mas olhe para esta cama. É do tamanho do meu apartamento. Podemos apenas colocar alguns travesseiros entre nós e estará tudo certo, uma barreira. Como um acampamento. Você sabe?

Griffin simplesmente a encarou.

— E aquele sofá pequeno e fofo parece muito desconfortável. — Admitiu — Especialmente para um homem do seu tamanho. — Oh, Senhor, agora estava corando novamente. Por que disse ‘homem do seu tamanho’? Não iria olhar para o caminho da felicidade dele. Não iria — Quero dizer, se alguém deveria ficar no sofá, deveria ser eu.

A sala ficou em silêncio. Griffin considerou a cama, depois ela, depois gesticulou para o travesseiro que estava segurando.

— Vá pegar os travesseiros do seu quarto.

Ela trotou de volta alegremente e pegou todos os travesseiros, depois voltou. Entregou-os a ele que prontamente jogou-os na cama, fazendo uma barreira entre eles.

— Dormirei à direita. — Disse, a nota imperiosa em sua voz — É mais próximo da porta.

— Obrigada — Ela disse suavemente.

— Lerei por mais algum tempo. Espero que isso não vá incomodá-la.

Ela balançou a cabeça.

— Estou meio abalada demais para dormir. Você se importa se eu tricotar?

Ele encolheu os ombros e subiu do seu lado da cama, pegando o livro e abrindo-o novamente, ignorando-a. Realmente isso foi perfeito. Fingiria que ela não estava lá, assim ela não se sentiria tão estranha em pedir para dormir com ele.

Maylee saltou da cama e foi para o quarto dela, agarrou o tricô e correu de volta. Por alguma razão, seu quarto de hotel não parecia mais seguro, mas no momento em que entrou pela porta dele, sentiu como se pudesse relaxar. Exalou um suspiro feliz de alívio, voltou para a cama, arrastou os cobertores ao seu redor, sentou-se, cruzou as pernas e começou a tricotar. A sensação do fio e das agulhas a acalmava, assim como os movimentos repetitivos. Isso lhe permitiu se acalmar e relaxar. Tecia fios com movimentos fáceis.

Olhou para Griffin, que permanecia em silêncio, lendo um livro com toneladas de pequenas palavras na página. Parecia uma leitura pesada. Hum. Interessante que era tão estudioso quando não precisava ser. Voltou a tricotar.

Um silêncio confortável pairou entre eles por um longo tempo.

— Por que tem medo de dormir sozinha?

Maylee olhou por cima do tricô e ficou admirada ao ver que ele estava olhando em sua direção. Seu livro grosso estava apoiado no peito divino, e suas madeixas secaram em um emaranhado marrom claro que parecia diferente, agora que não estavam fixados por uma camada de gel de cabelo. Estava mesmo diferente. Mais jovem. Mais fácil de abordar.

Até bonito.

Sentiu se corar, embora continuasse tricotando, agulhas se movendo.

— Realmente quer saber?

— Teria perguntado se não?

— Poderia se estivesse apenas sendo educado.

Ele bufou.

— Posso garantir que não pergunto sobre as pessoas a menos que esteja interessado.

Acredito que esse era o caso.

— Acredito que deveria ficar muito lisonjeada então, hein? Não é grande coisa, realmente. Meu apartamento foi arrombado quando me mudei para a cidade. Só estava em Nova York há alguns dias. Fiz uma entrevista de emprego e, quando voltei, alguém havia entrado pela minha porta e mexeu em todas as minhas coisas.

— Foi à polícia?

— Fui ao meu senhorio. — Admitiu, enrolando o fio ao redor de uma agulha enquanto falava — Ele me disse que, como me cobrava apenas trinta dólares por metro quadrado, não deveria esperar muito. Então mandei que consertasse a porta e arrumei um taco de beisebol, mas foi assustador nos primeiros dias.

Ele ficou calado. Ela olhou por cima do tricô para vê-lo franzindo a testa.

— O quê? – perguntou.

— Não sei qual parte dessa história é a mais ridícula. Estou tentando decidir.

— Não posso fazer nada se estava com medo. — Disse, na defensiva — Foi a primeira vez que saí de casa e alguém apareceu, invadiu e mexeu nas minhas coisas. Foi bastante alarmante para uma garota do Arkansas²⁷.

— Suponho que sim. — Sentou recostando-se na cabeceira da cama — Essa não é a parte ridícula. Estão te cobrando trinta dólares por metro quadrado?

Assentiu com a cabeça.

— É um quarto em Bushwick²⁸. Sem janelas ou qualquer coisa, o que me deixa triste, me disseram que é um roubo de US \$ 450 por mês.

— Um apartamento em Bushwick, Brooklyn? Isso parece horrível. Acho que meu armário é maior que quinze metros quadrados.

— Não duvido disso, Sr. Griffin. — Riu relaxada.

Enquanto o olhava, ele esfregou o peito à toa. Oh, aquele peito nu com todos esses músculos. Precisava parar de espiar ou era provável que se metesse em problemas.

— Apenas me chame de Griffin, se vamos dormir juntos aqui na cama. — Meditou, esfregando o peito — Parece estranho de outra maneira. Então mora de aluguel, em um buraco que chama de apartamento, em uma parte terrível da cidade. Hunter não lhe paga bem?

Oh céus.

— Sr. Hunter me paga muito bem, senhor. Apenas tento viver frugalmente para poder enviar dinheiro para mamãe e eles.

²⁷ Estado americano.

²⁸ Bairro de Nova York, subdistrito do Brooklyn.

— Deus, sua linguagem é terrível. ‘Mamãe e eles’, sinceramente. Isso não é inglês.

— Isso é.

— Sério? Onde nos livros de gramática acha que escondem ‘e eles’? Quem, por favor diga, são ‘eles’?

— Minhas irmãs e minha Nana e meu Pepaw.

Ele acenou com a mão.

— Quer saber? Perdoe-me, eu perguntei. Deixa pra lá. Por favor, continue com o horrível conto de aflição.

Ficou calada. Estava zombando dela, não estava? Não sabia exatamente o que dizer, então não disse nada.

Ele suspirou e esfregou o rosto.

— Então envia dinheiro para casa? Por que não conseguir um emprego mais próximo?

— Mamãe quer que eu seja bem-sucedida — disse baixinho, e ficou comovida com a dor de saudade que a atingiu — Disse que todas as pessoas dinâmicas e verdadeiramente bem-sucedidas vivem na cidade grande e que deveria ir para lá. Disse que sou uma filha tão boa que não mereço ficar presa no meio do mato com um monte de caipiras pelo resto da minha vida. — Lágrimas surgiram nos olhos de Maylee. Ela amava aqueles caipiras e teria ficado com eles para sempre, se deixassem — Além disso, tenho duas irmãs mais novas e estou tentando dar um bom exemplo, então não posso voltar para casa com o rabo entre as pernas na primeira vez que alguém invade meu apartamento, sabe? Sou uma Meriweather e não desistimos.

— Duas irmãs mais novas? Estremeço ao pensar quais são seus nomes.

Maylee riu ao seu tom arrogante.

— Uma é Alabama²⁹ e a outra é Dixie.

— Querido Deus. Claro que são.

— Sou a mais velha, então tive a honra de receber o nome de Nana e Pepaw. Depois disso, meu pai meio que ficou sem ideias, então apelou para músicas.

— E o que seu pai faz?

Ficou consternada e fez um rápido e desleixado sinal da cruz.

— Papai morreu há dez anos.

— Sinto muito por sua perda. — O tom arrogante dele se foi e parecia que falava sério — Também perdi meu pai em tenra idade.

Olhou-o e exclamou, um pouco abalada.

— Oh?

— Quando eu tinha dezesseis anos. Acidente de barco.

Estendeu-lhe a mão sobre os travesseiros e tocou-o no braço para confortá-lo.

— Sinto muito. É difícil quando se tem essa idade. Gostaria que fosse mais jovem, para não ter tantas lembranças.

Ele pareceu surpreso que ela o tocou, olhando para sua mão.

Oh, estragara tudo?

²⁹ Estado americano. Também é nome de uma banda musical.

— Desculpe – Disse, recuando. Para aliviar o clima, acrescentou: — Prometo me comportar para a nossa pequena festa do pijama.

Ele bufou novamente.

— E a sua família? – Quis saber, pegando o tricô novamente — Você é o mais velho?

— Graças a Deus não sou — disse Griffin — Tenho um irmão mais velho, George. Ele é o duque oficial. Como sou o filho mais novo, sou um mero Visconde.

Piscou sobressaltada, sem desviar o olhar.

— Seu irmão é um duque?

— Minha mãe é a irmã mais nova da rainha. — Admitiu — Essa é a razão pela qual seremos perseguidos noite e dia enquanto estivermos aqui.

— Oh. Uau.

Acabara de pedir para compartilhar os cobertores com a realeza. Meu Senhor. Não é à toa que era tão irritado o tempo todo. Provavelmente estava horrorizado com ela. Maylee engoliu em seco.

— Pensei que você era chique, só não sabia o tanto.

Ele gemeu.

— Por favor, por favor, nunca se refira a mim como 'chique' na frente de ninguém.

De olhos arregalados largou o tricô.

— Por quê?

— Por que eu não sou gay?

— Não quis dizer que isso! Você sabe. — Fez um gesto com a mão se referindo a ele — Chique. Com seu cabelo, suas gravatas-borboleta e outras coisas.

— Ah, sim, meu cabelo bagunçado. — Sua voz fria pareceu divertida pela primeira vez.

Ela riu disso.

— Quem disse que era bagunçado?

— Você disse. No avião. E então me pediu um abraço.

Maylee respirou fundo e tentou não rir.

— Oh, senhor. Sinto muito. Como não me demitiu na hora?

— Porque estou preso. E porque você é boa com gravatas-borboleta.

— Com isso, deixou o livro de lado e apagou a luz — Boa noite.

Maylee se atrapalhou para pegar seu tricô no escuro, depois o colocou cuidadosamente no criado-mudo e deslizou sob os cobertores. Afofou o travesseiro e olhou para a escuridão, a parede de travesseiros que os separava.

— Boa noite, Sr. Griffin — disse suavemente — E obrigado por ser tão gentil.

— Gentil é um adjetivo muito melhor do que chique. Sinta-se à vontade para me chamar de 'gentil' em público.

Ela sorriu.

Capítulo Seis

A manhã seguinte foi um pouco... ímpar.

Ela acordou de um sono profundo, ao som de um despertador tocando. Como costumava fazer, gemeu e se aconchegou mais profundamente nos travesseiros, rolando.

E então se levantou, porque percebeu que havia rolado sobre uma mão quente e agradável, pressionando-a sob seio. Desorientada, olhou ao redor do quarto, que era muito mais agradável que o dela, e levou um momento para perceber onde estava. Oh Certo. Olhou para o Sr. Griffin cujo sono estava um pouco inquieto. A parede de travesseiros que construíram quase foi demolida enquanto dormiam, e o braço dele serpenteava por baixo dos travesseiros. A mão grande estava com a palma para cima. do lado dela da cama.

E colocou o seu seio nela como se fosse uma grande vadia. Meu Senhor.

Corando, Maylee se arrastou para fora da cama, puxando a camisa de dormir emprestada para garantir que cobrisse a calcinha e depois foi para o lado de Griffin e o sacudiu.

— Senhor Griffin? Hora de acordar e tomar café da manhã.

Ele abriu os olhos e depois deu um sorriso suave, esticando-se na cama. Seu cabelo estava espetado em todas as direções.

E seu coração perdeu uma batida, como ele parecia infantil.

— Ok, estou levantando. — Sentando-se, seu delicioso peito exposto. Quando esfregou o rosto com uma mão, ela corou ao pensar em como enfiara o peito nela. Ohh.

— Irei me trocar. — Comunicou-o.

— Espere! – Disse ele ficando de pé — Verificarei seu quarto para você.

— Não precisa.

— Sim, mas eu quero. Não permitirei mais nenhum demônio lá, te assustando.

Realmente é um homem atencioso quando rompe a barreira do comportamento gelado. Muito cavalheiresco, reconheceu. Depois que ele verificou o quarto, entrou e foi direto para o banheiro e umedeceu os cachos, depois os torceu fazendo um coque na nuca, para mantê-los fora do caminho. Griffin deixou claro que não aprovava seu cabelo bagunçado, mas era difícil fazer algo a respeito. Fez uma maquiagem leve depois foi para o armário encontrar algo para vestir durante o dia.

O intruso na noite passada havia derrubado e pisado metade de suas roupas. Pegou seu vestido favorito e olhou para a pegada gigantesca com um estremecimento. Talvez pudesse limpá-lo a seco, mas estava com pouco dinheiro, graças às gorjetas dadas a todos os funcionários. Tentaria limpá-los hoje à noite, mas espere, não conseguiria. Griffin iria a um jantar. Teria que esperar um dia ou dois.

Virou-se para suas roupas novamente. Nada mais serviria. Oh céus. Só uma blusa vermelha e uma saia lápis verde, mas pareceria um Elfo³⁰ se as usasse juntas. Usara sua saia preta ontem. Talvez pudesse

³⁰ Ser da mitologia nórdica, com poderes especiais. Geralmente retratado com rara beleza e orelhas pontudas. Não existe o termo feminino para elfo.

reutilizar algumas de suas roupas, mas enrolou-as em uma bola amarrotada, por isso precisava ser passada e arejada primeiro.

Mordendo o lábio, colocou um vestido estampado amarelo pálido sem mangas que gostava de usar com uma jaqueta verde escura, que atualmente estava no fundo do armário. Colocou um xale curto de malha vermelha sobre os ombros, esperando que não parecesse absurda demais.

Jogou a bolsa por cima do ombro e bateu na porta adjacente.

— Bom — disse Griffin quando abriu a porta — Parece que não consigo descobrir qual gravata usar com essa camisa. Eu... — Olhou e parou, reparando suas roupas. Podia ver seu rosto visivelmente gelado — Maylee, não pretendo ser cruel, mas vamos nos encontrar com a família real para fotos ainda hoje. Sua roupa é um tanto... — esfregou o queixo recém-barbeado — ...não ortodoxa.

— Eu sei — disse prontamente, correndo para olhar as gravatas jogadas em uma pilha em sua cama — É só que o cara escondido no meu armário bagunçou minhas roupas e pisoteou-as, precisarei lavá-las a seco. Sinto muito. — Segurando uma gravata escura com um leve padrão preto que não seria muito vistoso — Tentarei ficar fora das vistas hoje. Ficarei escondida na limusine.

— Sedan. — Murmurou — Pedi ao motorista para usar um sedan não marcado pelo resto da viagem. Deve ser mais fácil se locomover.

Essa foi sua sugestão. Ela sorriu para ele.

— Acho que achará muito mais propício. Podemos até sair pelos fundos, se preferir. O porteiro me falou de uma passagem lateral especial...

Ele tocou o xale em seus ombros.

— Você fez isso?

— Eu fiz — disse com orgulho.

— É horrível. Pode tirá-lo?

Estremeceu com as palavras cruéis e tirou a peça, depois cruzou os braços sob os seios, esperando que reclamasse do vestido a seguir. Não combinava exatamente com os sapatos, mas sinceramente não pensou em colocar vários pares de sapatos ao fazer as malas. Estava com muita pressa.

Ele suspirou.

— Sinto muito. Não me ocorreu que ele tenha destruído suas roupas. Você está apenas se virando com o que tem. — Deu-lhe um tapinha no braço — Perdoe minhas palavras.

Maylee ficou chocada. Ele pediu desculpas uma segunda vez? Por ter insultando suas roupas?

— Hum, está bem.

— Vamos resolver isso.

As sobrancelhas dela franziram, mas quando ele não esclareceu, simplesmente enrolou a gravata no pescoço e deu o laço, depois endireitou a jaqueta. Seu cabelo estava perfeitamente penteado para trás, parecia mesmo o ‘velho’, sisudo e reprovador Griffin. No entanto, iria remoer os pensamentos sobre isso. Sorrindo se virou para a porta.

— Vamos. Vamos tomar café. Esqueci de jantar, na noite passada, e meu estômago está roncando como um texugo³¹.

³¹ Animal carnívoro de pernas curtas, atarracado, pelagem grossa castanha ou negra. Pertence à mesma família das lontras, doninhas e furões.

Ele franziu a testa quando deixaram o quarto.

— Por que não jantou?

Acenou com a mão para as preocupações dele.

— Eu me distraí com os acontecimentos na noite passada.

— Entendi.

Maylee viu vários membros familiares da equipe enquanto desciam para o café da manhã e, assim que se sentaram, pegou o laptop e começou a revisar a agenda, escrevendo notas no Post-it para não esquecer. Pediu os mesmos itens de café da manhã que Griffin, já que não reconhecia metade das coisas do cardápio e não queria parecer uma caipira.

Percebeu que era observada e levantou os olhos da tela. Suas mãos estavam vazias.

— Esqueceu seu livro lá em cima? Quer que vá buscá-lo para você?

Ele balançou a cabeça negando e pareceu pensativo.

— Qual é o primeiro horário da manhã?

Acompanhou com o dedo deslizando na tela.

— Das nove às onze, um encontro com a Sociedade Histórica de Bellissime.

Griffin assentiu.

— Vá em frente e cancele.

— Mas é meu trabalho manter seus compromissos. — Piscou relutante.

— Eu sei. E quero cancelar esse. O que tem depois disso? — Prosseguiu.

— Almoço com o prefeito?

Ele resmungou.

— Acho que não consigo escapar desse. É um velho amigo da família. Muito bem, mantenha esse.

Ela pegou o telefone e franziu a testa.

— O que devo dizer a eles, como motivo do cancelamento? Algo em particular?

Ele balançou sua cabeça.

— Um Visconde não dá desculpas. Estou simplesmente ocupado.

Ela assentiu e se levantou, atravessando a sala de jantar privada vazia, para fazer a ligação. No entanto, ele estava certo. Ninguém questionou seu cancelamento.

Quando voltou para a mesa, o café da manhã havia sido servido, e ela interceptou o garçom no caminho de volta para a cozinha e empurrou uma nota de vinte na mão dele, como gorjeta.

— Obrigada.

Ele pegou com um sorriso e piscou para ela.

Maylee sentou-se à mesa e pegou o guardanapo. O café da manhã desta vez eram ovos moles cobertos com algum tipo de molho avermelhado estranho e o que parecia caviar por cima. Ai, credo. Por que o homem não podia pedir alguns grãos e bacon como uma pessoa normal? Era uma pena que estivesse com tanta fome. Comería de qualquer maneira.

— Então o que gostaria de fazer hoje de manhã agora que a tem livre?

— Depois que terminarmos aqui, mandarei que a equipe suba ao nosso quarto e providencie para que suas roupas sejam lavadas a seco, às custas daquele safado, para que possa usá-las hoje à noite.

Ela corou. Nosso quarto?

— Não precisa fazer isso.

— Eu não. — Concordou — Mas eles precisam. E depois vamos às compras.

Maylee endireitou-se na cadeira.

— Iremos? Compras de souvenirs³²?

— Sou natural de Bellissime, Maylee. Tenho certeza de que não preciso de cartões postais ou copos baratos para me lembrar do fato. — Dando-lhe um olhar divertido.

— Oh. — Como ele sempre conseguia fazê-la se sentir tão estúpida com apenas uma frase? Cutucou os ovos com seu garfo, seu apetite desaparecendo.

— Vamos comprar roupas para você. Algo apropriado para vestir.

O coração de Maylee bateu com emoção, que logo foi aplacada pela insinuação.

— Por que pareço tão horrível?

— É porque o que está vestindo não é aceitável para uma visita ao Palácio Real de Bellissime — disse ele, salgando os ovos e dando uma pequena mordida.

Isso tirou toda a diversão de ir às compras, pensou. Maylee ficou olhando a comida até as lágrimas embaçarem sua visão e se obrigasse

³² Objetos pequenos dados como lembrancinha de viagens. Geralmente objetos típicos do lugar, como postais, pedras naturais e artesanato típico.

a piscar para retê-las. Tinha certeza de que ele não queria ser tão cruel. Queria?

— Senhor Griffin...

— Senhor Verdi. — Corrigiu — Ou Lorde Montagne Verdi. Ou Visconde Montagne Verdi. Não é o Sr. Griffin. Por favor, observe sua linguagem quando estivermos no palácio real.

— Ia dizer que realmente não posso comprar roupas novas, Sr. Verdi. — Enfatizou cuidadosamente o tratamento correto — Talvez devesse ficar aqui — disse em voz baixa, raspando o caviar do topo de um de seus ovos de aparência viscosa.

— Absurdo.

Esperou por mais, como: 'Talvez você seja indispensável para mim', ou 'Preciso de sua ajuda hoje', ou até mesmo 'Você é uma ótima assistente, Maylee'. Algo que lhe dissesse que não era apenas um fardo feio e fora de moda para ele.

Quando o olhou com expectativa, ele acrescentou: — Talvez eu precise trocar de roupa para os retratos da realeza e você precisará estar lá para consertar minha gravata.

Ela suspirou.



Maylee era absolutamente impossível de agradar.

Achou que ela ficaria feliz em comprar roupas novas. Não era só porque as dela eram hediondas, mas também porque estava

constantemente usando peças tricotadas. Quando viu o xale esquisito que usava antes percebeu... É tão pobre que estava criando suas próprias roupas. E isso o fez se sentir terrível. Nem percebeu quão desprivilegiada era até então, e seu constrangimento por não ter nada decente para vestir durante o dia era palpável. Então se ofereceu para levá-la às compras. Ela ficou animada quando pensou que iriam para um ponto turístico qualquer. Ao saber que era para adquirir roupas, no entanto...

Fechara a boca e parecia um filhote de cachorro chutado.

Não saber o que fazer com ela o fez revirar-se na cama. Quase não conseguiu dormir na noite passada, totalmente consciente do corpo macio do outro lado dos travesseiros. Também falou enquanto dormia. Sem pesadelos, apenas murmúrios como se estivesse em casa e tivesse colocado o cachorro lá fora. Ela tinha um cachorro? Certamente não com o tamanho do apartamento que mencionou.

Revirou-se a noite toda, insone, ouvindo-a murmurar, antes de finalmente adormecer, em algum momento antes do amanhecer. Acordou imediatamente, no entanto, quando o alarme disparou... e ficou atordoado quando ela rolou e pressionou o peito na mão dele. As lembranças daquele peito macio e cheio o assombravam agora e o faziam suar frio. Fingiu que dormia – caralho, o que mais poderia ter feito? – e ela não pareceu notar que ele segurava os lençóis na cintura para esconder o tesão em forma de ereção.

Era muito embaraçoso estar atraído pela sua funcionária. Especialmente quando era tão pouco adequada para o posto de affair³³³.

³³³³ Traduzido do inglês: Caso, envolvimento afetivo ou amoroso de caráter passageiro.

Terminaram o café da manhã em silêncio. Percebeu que Maylee acabou empurrando sua comida mais do que comeu, e lembrou-se de como ela estava com fome. Supôs que não era fã de pratos tradicionais do seu país, como o molho de conhaque e caviar em cima de ovos levemente escaldados. Ainda assim, foi bom comer com privacidade. Depois que os pratos foram retirados e ele terminou o café, foram para a cozinha para agradecer ao chef e sua equipe.

Teve que admitir, ela era um gênio quando se tratava de lidar com funcionários. No começo, foi cético em relação ao plano dela em ir à cozinha, e ela explicou educadamente que, se conversasse com a equipe por cinco minutos, não seria surpreendido com interrupções constantes enquanto comia. E estava certa. Mais do que isso, a equipe sorriu de prazer quando ele foi conversar com eles e dizer-lhes o quanto apreciara a deliciosa culinária.

Gostou tanto, disse-lhes, que não se importaria com alguns sanduíches embrulhados para viagem, para comerem no carro posteriormente e imediatamente a equipe se esforçou para fazê-los.

Maylee pegou sua carteira e tentou pagar, mas todos protestaram tanto que finalmente guardou-a. E para compensar os sanduíches, Griffin concordou em posar para algumas fotos.

Imediatamente, a equipe pegou smartphones, prontos para essa ocasião.

Dez minutos depois, deixaram a cozinha, e seu bom humor havia retornado.

— Isso foi tão gentil da sua parte, Sr. Griffin — disse ela com aquele sotaque. Os braços seguravam o pequeno saco de papel pardo dos sanduíches que ele havia pedido — Viu como estavam animados em

conhecê-lo e poder tirar uma foto? É um momento único e importante. Faz as pessoas se sentirem valorizadas.

— É uma sermão, Srta. Meriweather?

Ela suspirou profundamente.

— Negativo. Não posso comentar algo sem que pense que há um motivo oculto?

— Não. — O gelo implícito nas palavras a fez ficar em silêncio. Droga, por que ele sempre acabava sendo o alvo nessas conversas?

Ambos ficaram em silêncio quando o sedan entrou na rua. Dessa vez, apenas um carro se afastou para segui-los, em vez da frota que normalmente os seguia. Uma melhoria, Griffin admitiu para si. O motorista parou no distrito comercial do centro de Bellissime e estacionou em frente a uma das calçadas cobertas.

— Oh! – Disse Maylee ao ver o parquímetro e começou a vasculhar sua bolsa — Não tenho nenhuma moeda de Bellissime. Apenas alguns centavos de dólar.

— Apenas ignore o medidor. — Instruiu-a quando saíram do carro — Não ousariam multar um membro da família real.

Maylee tinha o cenho franzido.

— Mas porque não? Está desobedecendo a lei.

— As leis não se aplicam à minha família.

Parecia que ela desaprovava essa resposta, mas o seguiu até a loja mais próxima.

Lá dentro, Griffin examinou as roupas. Ternos escuros, vestidos de cor neutra. Fascinantemente modestos. Nada com brilho ou padrão.

— Isso servirá. Vá procurar um vendedor.

— Aqui? – Maylee perguntou, e cerrou os dentes — Parece roupa de funeral. Pensei que estávamos indo para um casamento.

— Garanto que não é roupa de funeral — disse Griffin — E mesmo que fosse, você é minha empregada. Reservo-me o direito de solicitar que use as roupas apropriadas para a ocasião, especialmente se eu as fornecer.

Ela apertou os lábios.

— Você está protelando. — Advertiu.

— Senhor Griffin. — Começou — Estou muito desconfortável com você me comprando roupas. Não é certo.

— Não está certo. — Ele corrigiu.

— Eu sei. Acabei de dizer isso.

Jesus Cristo. Ele esfregou a testa.

— Apenas chame o vendedor, por favor. Não podemos passar o dia todo aqui.

Uma hora depois, Maylee vestia adequadamente um terno de saia azul escura, combinando saltos modestos nos pés. Ele até, contra protestos, conseguiu uma bolsa escura discreta para ela, em vez da monstruosidade que carregava. Várias roupas e calçados neutros, e fascinantes calçados combinando com roupas elegantes foram colocados em sacolas. Eram suficientes para o restante da viagem.

Ficou satisfeito. Ela não discordou com qualquer uma das roupas, não brigou com ele por nada. Toda a compra foi cobrada em sua conta pessoal, e foi por isso que ficou intrigado quando Maylee parou ao saírem da loja e voltou correndo para a vendedora. Observou quando ela

murmurou algumas palavras para a mulher e depois pressionou algo em sua mão. A vendedora sorriu e agradeceu com um aceno de cabeça. Então, Maylee voltou para seu lado.

— Desculpe por isso, Sr. Griffin.

Iria corrigi-la para sempre sobre como deveria usar o título adequado, não iria? Mas a curiosidade pesava mais nele do que uma correção.

— O que foi fazer? — Ele perguntou quando saíram da loja.

— Oh, estava apenas dando uma gorjeta a ela — disse Maylee — É apenas educado.

Ele se virou e franziu a testa para ela.

— Por que o fez?

— Por que ela nos ajudou?

— Ajudar-nos deve ser privilégio suficiente — disse a Maylee. Era por isso que a equipe foi tão amigável? Ela estava distribuindo dinheiro a todos?

— Com certeza tem a estima bem alta, Sr. Griffin. — Bufou.

Óbvio. Também era Visconde e o nono na fila do trono. Por que não teria?

— Exatamente quanto gastou em gorjetas para essas pessoas?

— Bem, Sr. Griffin, o Sr. Hunter sempre me dá dinheiro para que possa dar gorjeta ao seu pessoal. É a coisa mais educada a se fazer. — E deu a ele um olhar primitivo, como se fosse o culpado por suas maneiras.

— Isso não responde à pergunta.

— Algumas centenas. Pensei em gastar apenas quando voltarmos. — Suspirou resignada.

— Algumas centenas? – De sua carteira pessoal? Enquanto mora em um casebre para poder enviar dinheiro para seus pais? E vestida como uma pobre coitada? — Você está louca?

— Desculpe-me por tentar ser educada. — Lançou-lhe um olhar magoado.

— Olha, se distribuirá dinheiro para todo mundo, pelo menos deixe que seja o meu dinheiro.

— Tudo bem. — Estendeu-lhe a palma da mão.

Olhou para a mão e depois para ela.

— Não tenho dinheiro comigo agora.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Como estava dizendo...

— Vamos embora. — Fez um gesto para que ela voltasse para o carro, quando viu uma barraca extravagante no final da rua. Estava coberto pela bandeira amarela e azul brilhante de Bellissime e viu camisetas turísticas. Fez uma pausa. Suspirou. Olhou para o rosto carrancudo de Maylee — Na verdade, vamos fazer mais uma parada antes de continuarmos. — Pegou o cotovelo dela e a girou gentilmente até que ela avistou a barraquinha de lembranças.

O guincho de alegria de Maylee foi bastante divertido de ouvir, admitiu para si.



Griffin estava saindo de um jantar quando seu celular vibrou, com um toque personalizado.

— Com licença. — falou para Maylee e o motorista que estavam esperando, e se afastou alguns passos para atender a chamada — Jonathan — disse Griffin ao telefone — Como vai a viagem à Espanha?

— Incrível — disse Jonathan — Você realmente deveria estar aqui. Alguns dos artefatos que encontram são absolutamente inacreditáveis. Estão convencidos de que poderemos ter provas suficientes em alguns anos para dar força à teoria de que são realmente de Atlântida e não a Társis.

Griffin sentiu uma onda de excitação, seguida rapidamente por ciúmes.

— Queria estar aí.

— Eu também, amigo. Como vão os preparativos do casamento?

— Como esperado — disse amargamente — Muitas mãos trêmulas, fofocas, jantares e uma conversa sem fim. E o casamento não começará oficialmente até a próxima semana.

— Que bom que é você e não eu — Jonathan disse com uma risada — Não trocaria de lugar com o nobre Visconde por nada.

— É claro que não — disse Griffin suavemente, olhando em volta enquanto passeava pela calçada. Estava ficando tarde e a rua estava bastante vazia, o que era uma bênção. Maylee encostou-se ao sedan e ouviu o motorista contar uma história. Estava um tanto perto demais do que o decoro exigia, mas ela estava rindo e sorrindo para ele. Pareciam íntimos.

Griffin não gostou disso. O homem precisava ficar tão perto? E ela tinha que parecer tão satisfeita com a conversa? O motorista da limusine apontou para um prédio próximo e observou Maylee sombrear os olhos e se inclinar para que pudesse ver. Quando ela se inclinou, sua bunda empinou em sua saia, arredondada e bastante atraente.

— Algo emocionante aconteceu?

Griffin sacudiu a cabeça e desviou o olhar, os pensamentos voltando à conversa telefônica.

— Além de um paparazzi entrando no quarto da minha assistente para tentar suborná-la?

— Jesus. Eles são determinados, não são? – Jonathan bufou — Ouça, ei, você pode limpar sua programação neste fim de semana?

Griffin franziu o cenho.

— Duvido. Por quê?

— Porque estão iniciando em uma nova área. Sabe, aquele com todas as ruínas nas impressões do radar? Você disse que queria estar lá para isso.

Seu coração afundou. Queria muito estar lá.

— Não posso fugir do casamento. Sinto muito. Podem adiar uma semana?

— Provavelmente não. O clima estará perfeito neste fim de semana. E a Espanha fica a uma curta distância de onde você está, certo?

— Não importa — Griffin murmurou — Não posso abandonar meus deveres familiares.

— Parece horrível. Tenho que ir. Jantarei com o Dr. Phineas DeWitt, para discutir sobre os planos. Enviarei um relatório.

— Claro. — Griffin disse sem expressão. Queria estar lá, mais do que qualquer coisa. Droga, não era justo. Odiava fazer parte da família real de Bellissime. Era apenas uma obrigação constante. Tudo o que queria era ficar sozinho com seus livros e seus projetos de estimação.

— Oh, antes que me vá, como está a assistente?

Griffin revirou os olhos.

— Então ficou sabendo?

— Como não saberia? Almocei com Hunter e Gretchen antes de sair e ela não fechou a portinholinha.

— Essa mulher é um pesadelo.

— Sim, mas é o sonho de Hunter, então a tolero. Divirta-se — disse Jonathan, e desligou.

Griffin encerrou a ligação e olhou para o telefone, triste. Deveria estar na Espanha com Jonathan, alegremente percorrendo pântanos em expedições arqueológicas. Em vez disso, estava preso a títulos e convenções em seu país natal, participando do casamento de uma prima que raramente via.

Sentiu-se miserável e deprimido. E incrivelmente desapontado. Enfiou as mãos nos bolsos e se aproximou do sedan, mascarando suas emoções. O motorista, não conseguia se lembrar do nome do homem, fugiu ao vê-lo. Maylee inclinou a cabeça, observando-o.

— Está tudo bem? — Por alguma razão, achou o sotaque reconfortante esta noite.

— Claro.

Ela deu-lhe um olhar conhecedor e, quando ele fez um gesto para que entrasse no carro, ela balançou a cabeça.

— Não parece feliz. Quer falar sobre isso?

— Se quero falar sobre isso?

Isso não a perturbou. Maylee sorriu, ainda animada pela visão da banca de lembranças. Nunca vira uma mulher tão empolgada com cartões postais feios e adesivos para carros, todos comprados para ‘mamãe e eles’.

— Pode falar comigo. Sou uma boa ouvinte.

Ele olhou para o motorista e notou a rua em que estavam. Tudo quieto, quase vazio. Duvidava que seria reconhecido a essa hora tardia, mas nunca se sabe. Por alguma razão, voltar ao carro parecia admitir a derrota. Era admitir ser um fantoche em vez do homem independente que queria ser.

— Não estamos longe do hotel — disse Griffin, depois hesitou — Acha que podemos caminhar sem sermos notados? Não quero ter que lidar com mais nada hoje.

Colocou um dedo nos lábios e o estudou.

— Posso tentar alguma coisa?

— Tem minha permissão.

Maylee levantou a mão e desabotoou a gravata borboleta. Arrancou-a e jogou-a no banco de trás do carro, depois estendeu a mão e afrouxou os botões superiores da gola, mexendo um pouco. Sinalizou com um dedo para ele.

— Abaix-se.

Aquele dedo se movimentando mexia insanamente com sua imaginação. Griffin forçou a atenção no momento e não em seus pensamentos sujos, então se inclinou obedientemente para frente.

Os dedos de Maylee se enterraram no seu cabelo endurecido em gel e o enrolou, deixando-o bagunçado. Deu um tapinha e alisou novamente. Recuando, examinou sua obra. Então, balançou levemente em aprovação e estendeu a mão.

— Jaqueta?

Ele retirou e estendeu-lhe e tentou não estremecer quando ela jogou-a na traseira do carro também. Então agarrou a mão dele e abriu o botão de punho, arregaçando a manga. Sua mão estava perto o suficiente do corpo dela, e imediatamente recordou a sensação luxuriante daquele seio pressionando sua palma.

Não conseguiria se afastar, nem se tentasse.

Depois que Maylee terminou de arregaçar uma manga, mudou para a outra.

— Muito, muito melhor. — Fechou a porta do carro e gesticulou para visse seu reflexo na janela escurecida.

O homem que o olhava possuía cabelos despenteados, uma camisa amarrotada e não se parecia em nada com o sua aparência contida habitual, exceto pelos óculos. Após um momento de hesitação, tirou e os entregou a ela.

— Ninguém te reconhecerá. — Disse, satisfeita — Podemos demorar o quanto quisermos na caminhada de volta. — Posicionou-se ao seu lado, deslizou a mão pelo bíceps repousando-a na dobra do cotovelo.

Como se estivessem namorando.

Foi muito presunçoso. Tomou muitas liberdades. Algo que certamente sua mãe ou qualquer pessoa da família real repreenderia ao vê-los. Mas não havia ninguém por perto, era apenas uma rua tranquila à noite, sorria como se fosse especial, esperando ouvir o que ele tinha a dizer.

Então colocou a mão sobre a dela e caminharam pela rua.

Andaram alguns quarteirões em silêncio, apreciando o ar noturno. Depois de alguns minutos, Maylee apertou o braço dele.

— Me dê um segundo. Esses sapatos estão matando meus pés. — Inclinou sobre ele quando levantou um pé e tirou um sapato depois o outro.

Não deveria ficar surpreso por ela ter decidido andar descalça pelas ruas, disse consigo. Talvez nem usasse sapatos em casa. Por alguma razão, o pensamento de Maylee descalça andando pela cidade de Nova York o fez sorrir internamente.

— Oh, isso é libertador. — Dando um suspiro aliviado, segurando os sapatos na mão livre. Sorriu em êxtase — Parece que você está relaxando um pouco também. Se sentindo melhor?

— Um pouco. — Reconheceu.

— Às vezes, gosto de dar uma fugida — disse erguendo o rosto para olhar o amontoado claustrofóbico de edifícios ao seu redor. As montanhas cobertas de neve pairavam ao longe, e a respiração de Maylee se materializava através do ar gelado, mas Griffin não sentia frio. A mão dela em seu braço parecia tão quente brasa — Você sabe. O ar da cidade se torna esmagador e até meu apartamento não parece casa, então tomo um dia de folga e apenas ando pela cidade.

Podia entender que no minúsculo apartamento não se sentisse em casa. Provavelmente parecia uma caverna, insegura por sinal.

— Onde gosta de ir à cidade?

— Central Park! É bonito... — ele fez uma careta. Todo mundo sempre citava o parque —...mas prefiro os museus. — Continuou ela — São tão cheios de vida. Não apenas as pessoas que visitam, mas as coisas. Tudo lá representa muito conhecimento, talento e criatividade. Vou para lá e sinto que estou cercada pelo auge do que as pessoas podem alcançar. Entende? E isso me revigora e me faz pensar que posso continuar.

Griffin ficou surpreso ao ouvi-la dizer isso... e um pouco satisfeito. Parecia uma observação muito mais astuta do que a esperada de uma garota do campo.

— Sou um grande defensor dos museus.

— Tenho certeza que sim — disse com um sorriso brilhante — É claro que você é muito inteligente.

— Está me lisonjeando, senhorita Meriweather? — Porque estava realmente lisonjeado.

— Basta ver como eu o vejo — disse ela — Está sempre lendo e tentando aprender. Admiro isso.

— Em que se formou na faculdade? — Não pôde deixar de perguntar.

— Arquivologia.

— Perdão?!

— Fui para uma escola avançada de secretariado — disse com orgulho — A melhor do Arkansas. Aprendemos todo tipo de coisa útil, como atender ao telefone, fazer planilhas, receber e enviar mensagens, mas eu era realmente boa em arquivar.

— Eles ministram aulas de arquivamento? – Descrente.

— Pode apostar.

— E pagou por essas aulas?

Aquele lábio carnudo inferior pendeu.

— Está tirando sarro de mim?

Imediatamente se sentiu um idiota.

— De modo algum. Estava apenas curioso.

A mão em seu braço se apertou um pouco, parecendo duvidar se zombava ou não dela, estava se preparando para uma resposta.

— Minha mãe ouviu falar das aulas e me disse que se alguém da nossa família tivesse a chance de ganhar a vida de verdade, precisava ir para lá. Então economizou seu dinheiro por meses e eu fiz um segundo turno no Barracão Burger para sobreviver.

— Barracão Burger? As pessoas realmente comem em um lugar com — barraco — no nome?

— Calma, está tirando minha concentração da minha história. Então, mamãe economizou seu dinheiro, e eu fui para a escola nas noites em que não estava trabalhando. Depois que me formei, minha mãe me deu o seu pé-de-meia, que continuou guardando, e me disse para fazer algo de mim mesma, que precisava ir para a cidade grande. Não qualquer cidade grande, mas ‘A’ cidade grande. Meu sucesso ajudaria minhas irmãs, me disse. Então fui para Nova York. — Fitou-o com seus grandes olhos cautelosos — Provavelmente é bobagem para você.

— Nem um pouco. — Respondeu honestamente — Está fazendo sacrifícios por sua família. É muito nobre. E sua mãe está certa. Duvido

que exista plano de carreira em um barraco de hambúrguer. — Nem podia imaginar.

— Nossa cidade é muito pequena. Pode se dar mal caso fique se gabando. Então, mamãe achou que eu deveria recomeçar em outro lugar. Deixar o trabalho duro falar por si. Acho que estava certa, porque sem ela, nunca teria trabalhado para o Sr. Hunter em seu escritório chique, ou chegado a este belo lugar. — Apontou para as ruas estreitas de Bellissime.

Tentou vislumbrar a perspectiva dela, mas tudo o que viu foi uma cidade que parecia mais uma armadilha para turistas suíços do que seu país. Viu prédios antigos lotados, singulares e desatualizados. Viu ruas de paralelepípedos que faziam alguém chacoalhar como maracas³⁴ quando estava no carro. Viu um lugar que parecia sufocante e sufocado quando estava aqui.

Griffin olhou para Maylee, que não percebia nada disso, e encarava os arredores com um olhar satisfeito.

Gostava da pureza de espírito dela. Apreciava que estivesse satisfeita com os pequenos gestos não dando importância aos grandes. Tinha um bom coração, reconheceu.

— Então, como chegou a Nova York, Sr. Griffin? — perguntou, delicadamente evitando uma poça enquanto caminhavam — Obviamente cresceu aqui.

— Cresci. Quando fiz dezoito anos, decidi que queria fazer faculdade nos Estados Unidos. Dartmouth³⁵. Queria me formar em história da arte

³⁴ Instrumento musical tipicamente latino. Consiste em uma espécie de cabaça com grãos, contas ou pedrinhas em seu interior, que emitem sons quando agitadas.

³⁵ Universidade fundada em janeiro de 1769, em Hanover, estado de New Hampshire, Estados Unidos. Sinônimo de elitismo acadêmico, foi considerada a melhor do país e opera ininterruptamente desde antes da Independência. Já foi citada outras vezes em livros, filmes e séries.

e arqueologia, mas meu irmão é o duque e minha família estava em apuros financeiros na época, então George disse que a única condição pela qual me deixaria ir aos Estados Unidos era se estudasse finanças. Então aceitei.

Aquela mãozinha simpática apertou seu braço novamente.

— Então, nós dois nos sacrificamos por nossa família.

Não tinha certeza se fizera um grande sacrifício. Uma faculdade da Ivy League³⁶ versus uma escola onde ensinavam a trabalhar em um arquivo? Impossível comparar.

— Depois que me formei, estava indo bem financeiramente com alguns pequenos investimentos, então decidi ficar nos Estados Unidos. Escolhi Nova York porque parecia o centro do mundo. — Isso, e os amigos da sociedade secreta, estavam todos localizados na mesma cidade ou nas proximidades — Estou lá desde então.

— Você deve amar.

Na verdade, não pensara muito nisso. Ainda morava na mesma casa cheia de livros que havia comprado quando se mudou para Nova York. Os outros adquiriram coberturas ou edifícios inteiros. Isso não era de seu interesse. A casa era meramente um lugar para dormir entre uma viagem e outra, ao redor do mundo, geralmente com Jonathan, em suas expedições.

Ele suspirou. E Jonathan estava atualmente na Espanha, escavando o local do que poderia ser as ruínas da Atlântida.

— Ah, não — disse Maylee — Não suspire, Sr. Griffin. Pensei que estávamos lhe distraindo do que o deixou tão triste. Se quiser, posso lhe

³⁶ Liga Ivy ou Liga da Hera é uma conferência desportiva da NCAA de oito universidades privadas do nordeste dos Estados Unidos.

contar mais sobre minha mudança para a Big Apple³⁷. Sabia que chorei na primeira vez que andei de metrô? Estava com tanto medo de ser assaltada cada vez que me virasse. As pessoas sempre contam essas histórias sobre o metrô ser como um grande ônibus.

Griffin observava enquanto ela falava. Seus cabelos rebeldes estavam escapando do penteado na base do pescoço, e mechas loiríssimas flutuavam na brisa, ao redor de seu rosto. Seus pés percorriam a calçada, continuavam de braços dados.

Era sua empregada e, no entanto, tentava animá-lo porque ele parecia melancólico. Aquilo era reconfortante.

Por um breve e louco momento, quis detê-la em sua conversa jovial e colocar a mão sob o queixo dela. Desejava cobrir a boca com a sua, aquela boca macia com o lábio inferior volumoso, e ver como reagiria. Será que coraria e diria alguma expressão caipira? Ou iria abraçá-lo e corresponder com um beijo entusiasmado, como suspeitava?

Ou...daria um tapa no rosto dele porque era sua empregada e estava apenas sendo gentil conversando?

Griffin deu um tapinha na mão dela e continuou andando ouvindo-a falar sobre suas aventuras em Nova York. Ficou claro, depois de ouvir mais algumas histórias, que Maylee estava aterrorizada com a cidade. Não a culpou. Para uma menina criada em uma pequena cidade sulista, imaginou que era um tipo de lugar muito diferente.

³⁷ A Grande Maçã (em inglês: *Big Apple*) é um apelido da cidade americana de Nova Iorque, que se popularizou na década de 1970. Não se sabe ao certo sua origem, mas acredita-se que a expressão data de 1921, quando foi usada numa coluna de corrida de cavalos, em um jornal da cidade, o *New York Morning Telegraph*. Escrita pelo político John Joseph Fitzgerald.

Mas ela nunca desistiu. Jamais abandonou tudo e voltou para casa. Persistiu, porque isso significava que sua família teria uma vida melhor e mais dinheiro.

Quando Gretchen aprontou para cima dele, com a assistente risível de Hunter, ficou furioso com a ideia de se tornar alvo de piadas, em um momento em que aparências e horários eram cruciais. Mas quanto mais conhecia Maylee, mais se perguntava como alguém tão forte e determinada acabara sendo uma mera assistente. Era inteligente, gentil e merecia muito mais na vida.

Ser assistente de Hunter estava muito além do Barracão Burger, mas atender telefone não parecia a carreira dos sonhos para uma garota como ela.

No entanto, ficou claro que alguém como Maylee nunca recuava. E Griffin teve que admitir que jamais se imaginou admirando alguém como Maylee por sua lealdade, teimosia e sua determinação em fazer o que sua família precisava, independentemente do custo pessoal.

Afinal, era um homem que passara os últimos dez anos de sua vida evitando a família o máximo possível.



Quando voltaram para o hotel, Maylee hesitou do lado de fora da porta da suíte.

— Você pode...

Ele assentiu.

— Darei uma olhada para você.

Não havia nada no quarto dela. Sorriu agradecida para ele e fechou a porta. Griffin sentiu-se vagamente decepcionado que ela não ficaria mais uma noite na cama dele.

Vinte minutos depois, uma batida suave veio à porta adjacente. Com o coração disparado, ficou de pé, e foi até a porta a abrindo.

Maylee estava do outro lado, segurando um travesseiro, como na noite anterior. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo e seu rosto, recém-lavado, exibia um sorriso envergonhado.

— Seria estranho se...

— Nem um pouco. — Apontou para o quarto — Entre.

— Obrigado, Sr. Griffin. — A voz de Maylee estava claramente aliviada — Você é o melhor, sabia disso?

Isso, ou era governado por seu pau. Não chegou a uma conclusão sobre isso, ficou indeciso. Ela pulou na cama, no lado esquerdo, jogando o travesseiro que trouxera para o meio da cama. Ele se virou para olhá-la e parou.

— Você está vestindo pijama de camuflagem?

— Sim. — Estava ajustando os cobertores ao seu redor — Minha mãe tinha uma sobra de tecido, então me fez este pijama. No entanto, não se trata do mesmo tecido usado nas vestimentas militares. É apenas algodão. Quer sentir? — Estendeu uma manga para ele tocar — É macio, juro.

Aquele pedido inocente foi suficiente para provocar seu corpo novamente. Droga, por que reagia a cada palavra que ela pronunciava? Ele imediatamente apagou as luzes e depois se ajustou, achatando o

pênis contra a barriga e prendendo a cabeça no cordão da cintura, mantendo-o seguro, por precaução apenas.

— Oh, vamos direto para a cama? Não lerá?

— Hoje não. — Griffin já estava teso — Vá dormir.

— Boa noite, Sr. Griffin. — A voz alegre parecia de quem estava realmente em uma festa do pijama.

Mais uma noite insone, subindo pelas paredes.

Capítulo Sete

Dias depois...

— Oh, Senhor! Olhe para os belos jardins! – Maylee exclamou enquanto o sedã seguia até o palácio real de Bellissime. Sua mão tocou o vidro das janelas coloridas do carro, como se pudesse, de alguma forma, ver melhor com o rosto grudado — Nunca vi flores como essas. Não assim!

— São apenas plantas — disse Griffin, sem tirar os olhos do livro. Encontrou algumas referências a Társis em seu livro e procurava informações adicionais que também pudessem apontar para Atlantis e respaldar sua teoria sobre a cidade antiga estar nos pântanos da Espanha — Realmente emocionante — disse seco, depois virou a página.

— Será que existe um labirinto? – Seu entusiasmo era latente.

— Há sim.

Ela ofegou tão alto que a cabeça dele se levantou.

— Oh, acha que podemos ver?

Ele franziu o cenho.

— Estes são os jardins reais. Não são para visita pública, principalmente hoje.

Maylee parecia decepcionada.

— Claro que não. — Apertou as mãos no colo, descansando-as no laptop.

Ela estava muito elegante hoje, teve que admitir. Usava um vestido azul claro com paletó e salto combinando, e seus cachos selvagens foram puxados para trás com um lenço combinando, que agia como uma faixa para a cabeça. Muito atraente, realmente. Sentiu que deveria dizer isso e deixá-la saber que aprovava sua aparência.

— Parece muito apropriada hoje, Maylee. Muito bem.

Em vez de lhe dar um dos seus sorrisos brilhantes, ela franziu o cenho.

Droga, o que ele disse agora? Ignorou o fato de que ela se voltou para a janela e ficou em silêncio. Tinha coisas mais urgentes com que se preocupar.

Hoje, não podia mais evitar sua mãe e irmão. Griffin observou o palácio se aproximar com uma sensação de pavor involuntário e endireitou os punhos do paletó cerimonial. Como era tradicional, era azul escuro com dragonas douradas e dezenas de medalhas, que recebeu simplesmente por nascer na família certa. De toda a pompa pertencente à família real, a jaqueta ridícula era a que menos gostava, porque se sentia uma farsa, em um casaco quente, desconfortável, de gola apertada, tecido em lã grossa.

Ridículo usar isso em um dia tão quente como aquele. Seria terrível se os membros da família real estivessem suados na foto.

O sedan parou em frente ao palácio, os atendentes enfileirados junto à porta do carro. Maylee virou-se com um olhar arregalado.

— O que devo fazer?

— Não fale com ninguém, a menos que tenham lhe dirigido a palavra anteriormente — disse Griffin em uma voz brusca — Tente diminuir o sotaque, sorrir, ser educada e seguir os outros criados.

Ela endireitou-se rígida.

— O quê?

— Funcionários! – Corrigiu-o — Não sou uma criada. Sou sua assistente.

— Aos olhos da coroa, dá tudo no mesmo. Deixe-me sair primeiro. — Indicou as portas do veículo — Estou acima de você e é o adequado.

— Claro.

Conseguiram entrar no palácio sem causar uma cena. Griffin estava grato. Parecia que Maylee havia levado suas instruções a sério. Andou vários passos atrás dele, manteve os olhos abatidos e não cumprimentou ninguém que passou.

Havia algo que lhe pareceu errado sobre isso.

— Visconde Montagne Verdi. — Anunciou o mordomo e as grandes portas duplas, para a sala comunal no palácio de sua avó, se abriram.

Griffin os cumprimentou com um aceno de cabeça, e antes que pudesse dar dois passos para dentro da sala cheia de membros da realeza, sua mãe já estava ao seu lado.

Sua Alteza Real, a princesa Sybilla-Louise se aproximou, as mãos enluvadas estendidas. Sua mãe parecia mais saudável do que nunca, alta e robusta, suas roupas praticamente brilhando em todas as contas e lantejoulas e Deus sabia o que mais estava usando. O cabelo de Sybilla-Louise imponentemente adornado com uma pequena coroa de

ação com pedras azuis e verdes. Deu a ele um olhar crítico e depois se inclinou para beijar sua bochecha.

— Parece bem, meu querido. Conviver com americanos combina com você, fico feliz em constatar.

A voz dela não era de aprovação. Ainda odiava que ele tivesse desistido de qualquer reivindicação ao trono, em troca do direito de ir para a faculdade nas Américas. Foi sua mãe quem sugeriu que o removessem do ranking da HRH³⁸ e rebaixado para um Visconde. Fez para puni-lo e mantê-lo na linha, no entanto, ele não poderia estar mais feliz. Não tinha vontade de lidar com nenhum dos deveres da coroa.

— Mãe... — Ignorando seus comentários — Você está ótima.

— É uma maravilha... — Sua voz assumindo o tom de sofrimento de que lembrava tão bem — Com a família real se casando com plebeus, diante de nossos olhos. — Deu a ele um olhar que lhe dizia que não aprovava, mesmo estando aqui para os retratos oficiais do casamento.

— A prima Alexandra está feliz? Suponho que isso é tudo o que importa, não? — Deu-lhe o braço e conduziu-a por entre a multidão.

— Isso importa? Poderia ter se casado com um príncipe. Em vez disso, está se casando com um ator. — Sua mãe deu uma fungada altiva — É como tentar transformar Bellissime em Mônaco³⁹ ou algo parecido.

Concentrado no que sua mãe resgatava do passado de Mônaco, do que a realeza fez, décadas atrás no pequeno principado, um país irmão de fronteira francesa. Bellissime parecia concorrer constantemente com

³⁸ Abreviação de His or Her Royal Highness. Classificação de títulos da nobreza quanto á sua importância.

³⁹ Principado de Mônaco é uma pequena cidade-estado independente na zona costeira do Mediterrâneo, na França. É conhecida pelos cassinos de luxo, pelo porto repleto de iates e pelo prestigiado Grande Prêmio de Fórmula 1, que acontece nas suas ruas uma vez por ano. Monte Carlo, seu principal distrito, abriga um elegante complexo de cassinos da belle-époque e a casa de óperas Salle Garnier. Também tem muitos hotéis de luxo, lojas, casas noturnas e restaurantes. Sob regência da dinastia Grimaldi.

a realeza de lá. Parecia que não havia mudado desde a última vez que conversou com Sybilla.

Um rápido olhar, por sobre o ombro, mostrou-lhe que Maylee havia se posicionado junto à fila de criados, no fundo do salão e conversava com um deles. Bom.

— Irmão! Que bom que está aqui. — Uma mão grande bateu nas costas de Griffin, que virou para olhar para George. Ele era tudo o que Griffin não era: atlético, arrojado, mais interessado em esportes do que em aprender e havia se casado com uma linda duquesa sueca, que estava ocupada produzindo herdeiros para a família. Aos trinta e dois, George é quatro anos mais velho, pai três vezes e dono de três palácios.

George também estava completamente falido antes que Griffin assumisse suas finanças. Sua Alteza Real Sybilla-Louise, também. De fato, todo o pessoal que atualmente insistia em ostentar? Os palácios de verão e inverno? Tudo pago com o dinheiro de Griffin e ainda assim desaprovavam seu estilo de vida.

Não que estivesse desgostoso com esse tipo de coisa.

— Venha dizer olá a sua prima e ao americano — disse George com um sorriso largo que não chegava a seus olhos — Companheiro interessante.

Durante a hora seguinte, Griffin cumprimentou e conversou com vários membros de sua família. Sua avó, a rainha Alexandra Olivia I que era idosa e quase não governava mais. Sentada no trono sorria para todos, acariciando um de seus famosos gatos brancos de pelos longos. A filha, sua alteza, a princesa Alexandra Olivia II, que se retirara da linha de sucessão aos 55 anos, afirmando que a última coisa que queria fazer era passar o resto da vida servindo ao trono. Abdicara em favor de

sua filha, a princesa herdeira, Alteza Real Alexandra Olivia III, a futura noiva de 25 anos que se casaria com o plebeu americano.

O noivo Luke Houston, mais baixo do que Griffin havia imaginado, tão bonito, charmoso e amigável quanto esperava. Sulista também, se arriscasse comparar o sotaque semelhante ao de Maylee. Gostou do homem, mas sentiu um pouco de pena dele por se casar com uma família tão engomada. Ainda assim, sua prima Alexandra olhava para Luke com aprovação silenciosa. Na intimidade, que a realeza não demonstra, estava praticamente bajulando-o. Esperava que Alex soubesse no que estava se metendo. Casar-se com um plebeu, especialmente americano, significava uma vida inteira de comentários maliciosos da família.

Manteve conversas intermináveis sobre as cores do casamento e o clima para o dia seguinte, enquanto fazia o possível para não parecer irritado. Como se estivesse interessado no casamento, não estava. No entanto, abandonou Maylee assim que pisaram no palácio. Sabia que ela se sentiria deslocada e não se preocupara em ajudá-la nessa transição. Sentiu-se um pouco culpado por isso.

É claro que, quando a festa da realeza se mudou para a galeria de retratos, para as sessões de fotos oficiais, não ficou surpreso ao ver que Maylee estava ao lado do fotógrafo, segurando duas garrafas de água e sorrindo enquanto conversavam. Ele disse alguma coisa, e ela riu, aquele brilho voltando aos seus olhos.

Griffin sentiu o ciúme corroer-lhe as entranhas.

Piorou quando o fotógrafo, que percebeu ser jovem, britânico e muito bonito, começou a organizá-los em ordem de importância. Na frente estava Sua Majestade, a Rainha, é claro, Sua Alteza Real, Princesa

Alexandra, e seu futuro marido, Luke Houston. Nas costas? O humilde Visconde, que provavelmente não teria sido incluído no retrato, se não fosse pelo fato de sua mãe ser a irmã da rainha. E ele foi arrastado para trás como a ralé, na frente de Maylee que assistia a tudo com olhos brilhantes e fascinados.

O fotógrafo voltou para o lado de Maylee e pegou uma garrafa de água, bebeu e a devolveu. Piscou e disse algum gracejo, que Griffin não conseguiu ouvir, e fez Maylee rir.

— É uma serva bastante desagradável. — Observou George, pegando fiapos imaginários em sua jaqueta pesada — Flertando com a equipe de filmagem. Acha que é nova?

Griffin olhou furioso para o irmão, que tinha uma propensão por perseguir as saias de qualquer criada em sua casa.

— Ela é minha assistente.

— Parece um poodle com todo esse cabelo. É muito fascinante.

— Nem pense nisso, George.

George levantou uma sobrancelha para Griffin.

— Ah. É por isso que é sua assistente?

Sabia o que George estava insinuando e queria dar um soco na boca do irmão.

— Não, é minha assistente porque – Por que o quê? Era ótima em seu trabalho? Isso não era verdade. Era decente e sua simpatia diminuía muitos problemas, mas nunca seria uma excelente assistente — Estou emprestando-a de um amigo.

— Ah, uma troca.

Como seu irmão arrogante e elegante conseguiu fazer tudo parecer tão sujo? Ignorou-o.

George riu e avançou para o seu lugar.

— Deixe-me saber se estiver interessado em uma troca, irmãozinho.

Griffin olhou para o irmão, avançando e inclinando-se para sussurrar para George, apesar dos protestos do fotógrafo.

— Não pode estar atraído por ela! – Disse ele ao irmão — Comparou-a um cão!

Mas George simplesmente sorriu.

— Gosto de cães. Eles são extremamente... enérgicos.

— Visconde Montagne Verdi, por favor, endireite-se — disse o fotógrafo, acenando com a mão para tentar forçar Griffin a voltar à posição. Todo mundo olhando-o, impaciência estampada nos rostos da realeza.

Griffin se endireitou, mascarando suas emoções.

— Desculpe-me.

— Espere só um segundo — disse Maylee, dando um passo à frente. Correu para o lado de Griffin. Provavelmente não vira o olhar horrorizado de sua mãe ou teria se encolhido. Ela virou uma de suas medalhas e alisou a trança em seu ombro. Então sorriu-lhe — Prontinho, Sr. Griffin. Impecável. Não pode parecer esfarrapado no retrato de família, não é?

E se afastou.

— Não podemos. — George murmurou, claramente fascinado.

Griffin estava carrancudo quando tiraram as fotografias.

Assim que as fotos terminaram, Griffin se afastou dos outros e foi direto para Maylee que se virou para olhá-lo, com um sorriso brilhante no rosto.

— Me pareceu muito elegante, Sr. Griffin.

Agarrou-a pelo cotovelo e a rebocou para longe dos outros.

— Por favor, venha comigo, senhorita Meriweather.

Ela foi, os calcanhares estalando no chão de mármore enquanto trotava para acompanhar seus passos zangados.

Arrastou-a até o final de um corredor próximo, longe dos ouvidos, embora tivesse certeza de que algumas pessoas os encaravam quando saíram. Não se importava. Alguns pensariam que estava disciplinando um funcionário insolente. George pensaria que estava castigando uma amante.

Por um momento, se sentiu tão completamente sufocado por toda a situação que queria dar meia-volta, sair do prédio e seguir direto para o próximo voo de volta aos Estados Unidos.

Quando finalmente parou e a fitou, irritou-se com os olhos receosos.

— Francamente, senhorita Meriweather, preciso revisar as coisas com você novamente. — Levantou um dedo — Primeiro, é ‘Lorde Montagne Verdi’, ou ‘meu senhor’, ou ‘Visconde Montagne Verdi’. Também pode usar ‘Sr. Verdi’, pois é americano. Não é, e nunca foi ‘Sr. Griffin’. Não sei quantas vezes mais teremos que passar por isso, mas vamos repassar mais uma vez.

Ignorou quando ela se encolheu e levantou outro dedo.

— Em segundo lugar, repito, não me interrompa na frente da rainha, da princesa e de quaisquer outras personagens reais para que você

possa arrumar minhas roupas. Implica em uma familiaridade que não temos.

Ela deu um aceno brusco e não disse nada, os olhos arregalados no rosto pálido.

— Em terceiro, você está aqui para fazer um trabalho. Assim como o fotógrafo. O mesmo acontece com o motorista. Não estou lhe pagando para ficar de conversa fiada com eles. — Continuou enumerando os dedos.

Ela nada disse.

— E finalmente... — Uma pausa para pensar em algo para criticar. Praticamente esgotou o repertório neste momento, mas ainda precisava terminar com alguma coisa. Então se concentrou no cabelo por causa dos comentários obscenos de George. Puxando um dos cachos rebeldes — Faça algo com isso, por favor. Um cabelo despenteado não é apropriado para visitas ao palácio.

Suas mãos tocaram as mechas que saíam do lenço.

— Desculpe, senhor.

— Sim. Então é isso. — Ele se endireitou e puxou a gola apertada de seu uniforme — Veja se mantém essas coisas em mente, por favor.

— Sim, Lorde Montagne Verdi. — Sua voz era tão baixa e dura que nem parecia ela, que desviou o olhar e ele sabia que se fizesse contato visual perceberia que estariam marejados.

Com o pensamento sentiu-se desprezível.

Ele se afastou furioso, com ela e consigo.

Droga, o que deveria fazer? Ignorar sua funcionária pisoteando todo o decoro real só porque era americana? Ele não viu Luke Houston

andando por aí e ajustando os laços das pessoas ou chamando as pessoas pelo título errado.

Então de novo... Alexandra provavelmente treinou Luke por horas sobre como agir na frente de sua família. E era um ator, então estava acostumado a lidar com situações adversas envolvendo pessoas famosas.

Maylee estava fora de seu ambiente.

O que o fez se sentir culpado novamente. Parou quando voltou à galeria de retratos. Deveria pedir desculpas a ela e explicar que o modo como agiam em privado não era como deveriam agir em público, ou na frente da rainha.

— Querido, está tudo bem?

A mãe dele. Griffin virou-se para a princesa Sybilla-Louise.

— Está tudo bem, mãe. Estava apenas educando minha assistente sobre as maneiras adequadas. A cena que tivemos com o retrato não acontecerá novamente.

Olhou-o com o nariz empinado.

— Ela realmente te chama de Sr. Griffin? Isso é tão inapropriado.

— Disseram-me que é uma forma de respeito nos estados do sul, mas sim, é um mau hábito dela. Um que pretendo corrigir. — Ofereceu o braço à mãe e a levou de volta para junto dos outros — Não se preocupe com isso.

— Sabe, querido, você ficou tempo demais longe da sua família e da sua equipe.

— Está tudo bem, mãe.

— Tenho um funcionário da Casa Real que passa alguns dias com todos os meus novos funcionários, para que possa educá-los. É claro que precisa fazer isso com a sua. Isso pode lhe fazer bem. Ah, mas você só mantém o mínimo da equipe, certo? – Fungou — Isso deve explicar as maneiras dessa pobre garota. Ninguém para mostrar como ser uma serva adequada. Deveria contratar alguém para instruí-la.

— Está resolvido, mãe. — Mal prestava atenção. Ficou pensando na vacilada de Maylee quando a deixou. Não estava exatamente errado. Entretanto poderia ter feito de uma maneira mais gentil.

Estava tão animada por estar no palácio, e foi repreendida na frente de todos, e justamente aqui gritou com ela. Fora humilhada.

Pediria desculpas mais tarde. Em particular.



Quando finalmente saiu da sessão de retratos, Maylee não estava em lugar algum. O fotógrafo não a via desde que Griffin a corrigira com rispidez, e ninguém de sua família se lembrava dela, já que funcionários, mesmo os ruins, tendiam a se misturar ao papel de parede, no que lhes dizia respeito.

Exceto, talvez, quando se tratava de George, o mulherengo. E não queria que George se lembrasse dela.

Quando estava pronto para desistir de encontrar sua assistente, viu uma loira familiar ricamente cacheada do sedan. Estava de costas para

ele, e o motorista, cujo nome não se lembrava, estava dando tapinhas nas costas dela, confortando-a.

Griffin caminhou na direção deles, bem a tempo de ouvir um pouco da conversa.

— Eles não são pessoas comuns, por mais que gostemos de pensar que sim. É apenas algo que devemos lembrar. Se não o fizermos, eles nos pisoteiam. — O homem passou a mão no ombro de Maylee — Não deixe que isso a incomode, amor.

Amor? Uma resposta furiosa se alojou na garganta de Griffin, depois morreu quando os dois se viraram e o encararam. Os olhos de Maylee estavam vermelhos e estava claramente chorando. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo apertado, seu lenço amarrando-o impecavelmente dando aparência de limpeza.

Ela lhe deu um sorriso educado, fingindo que tudo estava bem.

— Pronto para partir, Lorde Montagne Verdi?

Ele assentiu, notando que empregara seu título formal. O motorista entrou em ação e abriu a porta dos fundos do sedan. Griffin gesticulou para que Maylee entrasse.

Negou com cabeça.

— Irei na frente com Robbie. É mais adequado.

Não encontrou o olhar dele, que não argumentou.

Quando voltaram ao hotel, se ofereceu para verificar o quarto dela.

Prontamente foi recusado.

Nem veio bater à porta dele mais tarde. Até deixou a porta de comunicação destrancada, para o caso dela ficar com medo e precisar dormir ao lado dele.

Para te abraçar, você quer dizer, resmungou para si.

Sentiu-se um completo idiota. Não era melhor que seu irmão, era? Desejando sua subordinada e depois estapeando-a quando se torna íntima.



Na manhã seguinte, Maylee era só negócios. Seu cabelo maluco estava alisado, esticado em um coque que parecia estar pronto para se separar do couro a qualquer momento. O traje era discreto e não falava a menos que ele lhe dirigisse a palavra.

Em suma, era como se uma pessoa completamente diferente tivesse aparecido para ser sua assistente naquela manhã.

E Griffin não tinha certeza se gostou.

Tentou conversar.

— Maylee? Qual gravata acha que devo usar esta manhã?

Escolheu uma sem emitir uma palavra.

No café da manhã, pediu torradas e café, apenas mordiscando, denotando a vontade de estar em qualquer outro lugar, menos ao lado dele. Manteve o olhar baixo e trabalhou no laptop enquanto ele tentava ler seu livro. Tentou, mas falhou.

O silêncio de Maylee o estava enlouquecendo. Depois de mais alguns minutos de silêncio, fechou o livro e olhou para ela.

Percebendo ser observada, levantou-lhe um olhar distante.

— Com o que posso ajudá-lo, Lorde Montagne Verdi?

— Pode começar me avisando se planeja ficar de mau humor o dia todo?

Um lampejo da antiga faísca brilhou por um ínfimo momento, depois morreu. Comprimiu os lábios.

— Não estou de mau humor.

— Não está? Não disse duas palavras desde que nos sentamos.

— Perdoe-me. — Naquela voz cortante — Pensei que era isso que esperava de um assistente.

Ficou irritado com isso.

— Sabe, se continuar assim, posso te mandar para casa.

Ela deu a ele um olhar vazio.

— Acho que não, senhor Gr... er, Lorde Montagne Verdi.

— Acha que não posso?

— Não, meu senhor. — Deu-lhe um olhar desafiador.

— Por que acha que é tão crucial? – Deus, ela era irritante.

— Porque você tem uma agenda cheia hoje, Lorde Montagne Verdi. —
Relatou — Kip agendou duas consultas novamente, no mesmo horário, então preciso ver qual delas posso mudar para garantir que todos fiquem felizes. — Fechou o laptop e deu um sorriso tenso — Mas suponho que, como está no controle, já sabe disso, correto?

Ele não disse nada.

— Senhor Verdi, se é que posso ser tão franca. — O sotaque suave quase sumiu de sua voz — Diz que deseja ser independente, e que não quer ser controlado, mas acho que não tenha se empenhado para esse objetivo.

Griffin tirou os óculos para que pudesse lhe dar um olhar apropriadamente assustador.

— Perdão?

— Deveria. — Aconselhou suavemente — Enquanto isso não acontece, gostaria que deixasse de ameaçar meu trabalho, porque não creio que lhe ofereça perigo.

— Está demitida! – Sentenciou Griffin.

— Não, não estou.

— Não está? – Retrucou incrédulo.

Ela meneou a cabeça.

— Desculpe, pode não gostar de ter uma caipira como eu aqui, ainda assim precisa de mim.

— Preciso mesmo?

Quando ela inclinou a cabeça, visualizou um cacho se libertar da prisão.

— Que horas é seu primeiro compromisso hoje e para onde é?

Ele lambeu os lábios e pensou. Esta era uma pergunta complicada.

— Encontrarei com...um conselho de curadores... — Forçando a memória.

As sobrancelhas dela se ergueram.

— Continue.

— A respeito de...algum tipo de doação. — Ele acenou com a mão — Sempre é disso que tratam.

— Errado. Às dez da manhã tomará um desjejum tardio com sua mãe. Então, seguirá para uma partida de Polo⁴⁰, com seu irmão George. E finalmente um jantar em família, na sua mãe hoje à noite. — Deu-lhe um olhar furtivo — Estaria a par se soubesse alguma coisa sobre sua própria agenda. Enquanto isso, arrumei seu terno para o jantar desta noite, selecionei uma gravata e uma camisa diferentes para usar no jogo de Polo, para que não pareça que está reciclando suas roupas, e providenciei um descanso para respirar entre um compromisso e outro, no caso de precisar se afastar de sua família, porque estão te sufocando. — A voz dela era totalmente fria — Então, tentei encaixar isso. E certamente não me intrometerei no futuro.

— Maylee...

— Além disso, você não carrega dinheiro. Não consegue amarrar sua própria gravata, não escolhe suas próprias roupas sem ajuda e não cumpre seus compromissos. Vamos encarar, Sr. Verdi, estaria perdido sem alguém aqui para segurar sua mão.

— Isso é ridículo...

— Sim, é. — Maylee disse calmamente — É por isso que não deve me tratar como se fosse lixo só porque trabalho para você.

— Eu... não! — Conseguiu balbuciar.

⁴⁰ é um esporte que se joga a cavalo, no qual quatro jogadores por equipe se enfrentam golpeando uma pequena bola de plástico ou madeira, com um taco longo, com o objetivo de marcar gols contra a equipe adversária. Os jogos são disputados em tempos de sete minutos e meio, denominados *chukkers*.

— Você age constantemente como se não fosse boa o suficiente para respirar, Sr. Verdi. Posso não ser a assistente que queria. — A voz dela quebrou um pouco e fez uma pausa para recuperar o controle — Mas sou a única que conseguiu, então só precisa aceitar e lidar.

— Posso me virar sozinho. — Fez uma careta.

Ela cruzou os braços.

— Então se vira. Quer que desamarre sua gravata para que você também possa fazer isso?

Griffin colocou a mão protetoramente sobre a gravata.

— Não.

Ela aguardou.

Ele jogou o guardanapo sobre a mesa.

— Só para constar, sou completamente capaz de lidar com essas coisas sozinho. Você amarra minha gravata porque me agrada que o faça. Tenho um motorista porque sou rico o suficiente para pagar alguém para dirigir. Você me repreenderá por não cozinhar minha própria refeição e ter alguém para servi-la à mesa? – Gesticulou para o café da manhã servido diante deles.

Ela não se pronunciou.

Furioso, pegou seu livro da mesa.

— Dirigirei até o palácio de Sua Alteza Real para o café da manhã. Você... — Apontando para Maylee —...pode ficar aqui e fazer sua mala. Não preciso de servos. Não estou desamparado.

— Claro que não, Lorde Montagne Verdi. — Murmurou naquela voz atenuada e irônica.

Griffin se afastou da mesa. Ela queria que provasse que era capaz e independente? Tudo bem então.

— Vejo você hoje à noite.

— Até lá — disse Maylee, e tomou um gole de café.

Estava desamparado? Mostraria a ela.



Uma hora depois, Griffin teve que admitir para si que estava irremediavelmente perdido nas ruas labirínticas de Bellissime. Estacionou o sedan no meio fio e abriu o porta-luvas, procurando um mapa. Nada. Droga. Fechou-o com força e saiu do carro, depois começou a andar.

Dirigir sozinho era mais difícil do que suspeitava. Não que não soubesse dirigir... sabia. Era que não sabia para onde estava indo. Conseguia reconhecer o palácio de sua mãe por fora, conhecia a rua em que estava localizado. Só não tinha ideia de como chegar lá. Tampouco poderia pedir orientações sem parecer idiota. Frustrado, puxou a gola apertada de sua camisa e depois xingou de novo, quando sentiu o nó da gravata afrouxar.

Explosão.

Alisando a gravata, virou-se para a janela do carro e usou o reflexo para afrouxar a gravata. Maylee achou que estava desamparado? Amarraria a própria gravata e ela seria forçada a engolir as próprias

palavras. Então a mandaria para casa coberta de vergonha, e todos saberiam o quão terrível era como assistente.

Desfez a gravata e tentou novamente.

E de novo.

E de novo.

Alguém passou por ele na rua e franziu a testa, como se tentasse descobrir o que estava fazendo. Irritado, Griffin rasgou a gravata e a enfiou no bolso. Simplesmente usaria um colarinho solto. Foda-se. Voltou para o carro parado na rua. Acabou de usar a porra do seu aplicativo de telefone. Pegou-o e o símbolo vermelho de bateria piscou, e a tela ficou escura.

Cacete.

Arrancou com o carro pelas ruas, determinado a encontrá-la por conta própria e ficou perdido novamente por mais meia hora.

Naquele momento, estava além do limite de sua paciência. Quando viu um homem andando na rua, desviou para o lado da estrada e pulou fora do carro.

— Desculpe.

O homem parou e olhou-o, assustado.

— Hum, olá, sua Graça...

Griffin acenou com a mão, descartando a cerimônia com seu título. Ele não era uma 'Graça'.

— Pagarei cem notas de Bellissime se puder me levar ao palácio de verão de Sua Alteza Real.

— Uh, ok — disse o homem.

— Esplêndido. — Griffin tirou a carteira. Estava vazia. Não carregava dinheiro. Droga. Levantou a mão — Espere aqui. Encontrarei um caixa eletrônico.

Deixou o homem perplexo para trás e saiu correndo pela rua, procurando um banco. Encontrou há dois quarteirões de distância e correu.

Griffin não conseguia se lembrar da sua senha. Olhou para a tela e rosnou.

— Só pode estar brincando comigo.

Três tentativas depois, e a senha foi bloqueada. Tirou o cartão da máquina e voltou para o carro. O homem na calçada olhou-o com curiosidade, mas Griffin o ignorou. Encontraria a porra do lugar.

Entrou no carro, bateu à porta e apertou o volante com tanta força que viu estrelas.



Quando finalmente voltou ao hotel, Griffin estava de péssimo humor. Ignorando os olhares questionadores da equipe, foi para o quarto, com a mão agora inchada apoiada no peito. Em vez de entrar na suíte, bateu na porta de Maylee.

Ela abriu e o espanto brilhou em seus olhos, depois com cautela.

— Posso ajudá-lo, Sr. Verdi?

Entrou no quarto sem esperar ser convidado.

— Ok, você ganhou.

— Desculpe?

Griffin procurou em seu quarto uma mala aberta. Não havia nenhuma. Nem havia uma na porta. Ela não fez as malas porque sabia que não iria para casa. Isso foi tão tranquilizante quanto irritante. Virou-se para ela.

— Eu disse que você venceu. Estava certa. Estou completamente perdido, desorientado, desamparado. Era isso que queria ouvir?

— Sinto muito — disse suavemente.

— Por que sente muito? — Retrucou — Você é quem venceu.

— Não — disse ela, e aqueles grandes olhos castanhos esverdeados sorriram para ele pela primeira vez em um dia — Era isso que eu queria ouvir. 'Eu sinto Muito.'

Oh! Lambeu os lábios, considerando. Não estava arrependido. Estava terrivelmente chateado. Não apreciou constatar que se vangloriava por ser independente e diferente dos outros membros da família real. Quão desprendido dos protocolos. Que piada de merda. Era tão impotente quanto o resto deles. Sem um assistente, era inútil.

Não estava feliz em reconhecer suas limitações. E a mão doía. Sacudiu-a, tentando afastar a dor.

— Sou um Verdi. Não sabemos como pedir desculpas.

A boca de Maylee se curvou, escondendo uma risada.

— Percebi que não é muito bom com humildade. Precisa de ajuda?

— Não. — Disse, soando aborrecido até para os próprios ouvidos — Estou cansado de precisar da ajuda de todos. Dirigi por duas malditas

horas esta manhã e não conseguiria encontrar minha própria bunda se me mordesse. Estraguei minha gravata, machuquei minha mão e acho que bloqueei minha conta bancária.

Uma pequena risada escapou dela.

Ele se virou para encará-la. Deveria ser cautelosa com os sentimentos dele, droga. Estava tendo um momento de completo desconforto.

Mas ela estava sorrindo, aquele rosto redondo e bonito iluminado com humor, e seus olhos fascinantes brilhavam.

Relaxou um pouco. Reconheceu que era um pouco engraçado. Ali estava ele, um membro da família real de Bellissime, um bilionário e um homem importante... e era completamente inútil.

— Posso ver sua mão? — Ela deu um passo em sua direção, a própria estendida.

Ele estendeu a mão machucada para ela, irritado consigo mesmo.

— Tentei bater no volante para completar. — Estava muito mal-humorado — O volante venceu.

Dessa vez ela riu. Griffin contraiu a boca ameaçando sorrir-lhe de volta.

Mãos tocaram a sua dolorida, e dedos frios roçando a pele.

— Conte-me sobre onde dói. — Pediu baixinho, seu olhar fixo nas juntas inchadas.

— Dói muito em todo lugar. — Choramingou. O contato das pequenas mãos com seus dedos parecia surpreendentemente agradável. Macios, fortes e calmantes.

— Claro que sim. — O rosto dela estava concentrado, esfregou a pele entre as juntas fazendo uma leve pressão, sentindo os ossos da mão dele com a ponta dos próprios dedos — Mãos não foram feitas para bater em carros.

— Não foi no carro inteiro. — Admitiu — Apenas no volante.

— Claro. Você lhe ensinou uma lição?

— Está mais para ele ter me ensinado.

Ela riu de novo.

— Não acho que haja algo quebrado aqui. — Seus dedos estavam relaxando-o. Quando a mão dela acariciou as costas da dele, sentiu uma sensação desconfortável em sua virilha.

Agora não é a hora, lembrou severamente seu pau. Estou ocupado me desculpendo com minha assistente.

— Estou vendo que dói – Disse Maylee — Quer me dar dor?

— O quê? – Tentou puxar sua mão da dela, mas o aperto era surpreendentemente firme.

— Você deve dizer ‘sim’, Sr. Griffin. É assim que funciona. — As mãos dela continuavam esfregando as dele, trabalhando sobre os nós dos dedos. Ela se aproximou um pouco mais, e a mão dele estava praticamente pressionada contra seus seios. Será que ela percebia o que estava fazendo? Parecia estar totalmente focada na massagem.

— Está tentando fazer esse negócio de cura popular comigo?

As mãos continuavam esfregando as dele, e dane-se tudo se o pau dele não endureceu mais uma vez.

— Diga-me que quer me dar sua dor. — Sua voz era tão rouca que o fez pensar em dar-lhe outras coisas.

— Eu quero dá-la a você — disse a ela, fascinado. Soou doentio e sujo, seu pau ficou ainda mais duro. Entregaria tudo que ela quisesse. Sua mente estava cheia de imagens dele dando a ela. Na cama, no chão, com ela pressionada contra uma mesa.

— Obrigada — disse ela, e deu uma última esfregada nos nós dos dedos, depois soltou a mão — Deve ficar boa, como orvalho pela manhã.

Curiosamente, a dor em sua mão quase desapareceu. Estranho. Sacudiu mais uma vez, franzindo a testa.

— Como fez isso?

Ela deu de ombros.

— Eu sou uma encantadora de queimaduras. Você esfrega a dor para fora. Não é uma queimadura, mas o conceito é o mesmo.

— Obrig...

Ela colocou a mão nos lábios dele, parando-o antes que pudesse dizer as palavras.

— Se me agradecer, Sr. Griffin, estragará tudo e a dor voltará.

Assentiu, encantado com aqueles pequenos dedos em seus lábios. Queria beijá-los... Beije-a. Era toda suavidade, mas autoritária, e ele achou uma combinação excitante. Competência e confiança. Gostou disso nela.

Ela se afastou e sorriu para ele.

— Você ainda não se desculpou.

— Já falei que sou muito ruim nisso. — Ainda fascinado por ela. Por aquele cabelo loiro quase branco e elástico que agora escapava de seu coque. Por aqueles olhos castanhos verde-escuros que o observavam. Aquela pele clara sardenta em seu nariz e bochechas.

— É bem fácil. Apenas repita comigo. 'Eu sou...'

— Eu sou.

— Desculpe?

— Sinto muito. — Ele murmurou, quase inaudível — Sou um idiota.

— Seja o que for, sim, você é. — Maylee sorriu novamente, e era como o sol saindo por entre nuvens — Minha mãe diria que é um verme desagradável quando está encurralado.

— Seja o que for tenho certeza que sim.

Estendeu a mão e endireitou o colarinho, alisando-o.

— Gravata?

Tirou do bolso e ofereceu a ela.

Maylee começou a consertar sua aparência, observou que lambia os lábios enquanto se concentrava.

— Não sou uma desistente, você sabe.

— Hum? — Estava hipnotizado por aqueles lábios. O superior era um pequeno arco, mas o inferior era cheio e exuberante. Fazia parecer que estava constantemente fazendo beicinho, como se estivesse implorando para ser beijada. Achou aqueles lábios completamente fascinantes, especialmente quando brilhavam depois que ela os lambia.

— Eu disse: Não sou desistente. — Repetiu, habilmente dando um nó na gravata dele — Pode jogar merda em mim o quanto quiser, mas

ficarei. Sou um Meriweather. Nós não corremos e nos escondemos de nossos problemas. Pode ser mau comigo até cansar, Sr. Griffin, porém, farei o meu trabalho da melhor maneira possível, não importa o quão desagradável seja comigo.

Pensava que era desagradável com ela? Ficou frustrado, mas... ele gostava dela. Porra, partes do corpo dele gostavam demais dela.

— Sinto muito. — Disse-lhe. E honestamente quis mesmo dizer isso — Não estava tentando ser desagradável. Não sou bom com pessoas.

— Eu sei. — Deu um tapinha na gravata dele — Mas gosto de você de qualquer maneira.

Aquele sorriso acabou com todo o seu autocontrole. As mãos de Griffin agarraram seus ombros e ele a arrastou alguns passos adiante, pressionando sua boca na dela em um beijo duro e desajeitado. Estava rígida nos braços dele, momentaneamente chocada, então relaxou a boca e passou a língua contra os lábios, encorajando-a a deixá-lo entrar.

Sentiu-a ofegar, e então suas mãos agarraram suas lapelas, e ela o beijou de volta, a boca se abrindo para aceitar a língua dele.

E oh, merda, foi glorioso.

A língua de Maylee varreu a dele, seus lábios se fundiram, e percebeu que beijava com toda a intensidade e entusiasmo com que abordava a vida. Ela beijou como se não houvesse amanhã. Beijou como se fosse sua maior alegria na terra. Beijou e lambeu e lambeu e deu aqueles gemidos baixos na garganta, que lhe diziam o quanto estava gostando do beijo.

E seu pênis estava tão duro quanto uma pedra.

Gemeu quando a língua dela esfregou contra a dele. Queria jogá-la na cama, tirar esse macacão desagradável e ver o que estava vestindo por baixo. Roupa íntima camuflada? Nem se importava. Nela, ficaria incrível.

Ela quebrou o beijo, pequenas gemidos escapando de sua garganta.

— Oh. Oh céus.

Piscou os olhos, atordado.

— O quê? – Precisava beijar sua boca novamente. Sentir a parte sob a língua dele, avançar em sua boca e senti-la recebê-lo... e imaginar que era o pau dele.

— Não deveríamos fazer isso.

Isso foi um banho de água fria em seu ego. Afastou-se dela. Oh, porra. Estava assediando sexualmente uma funcionária, não estava? Querido Deus, era um homem repulsivo, repulsivo.

Seus dedos acariciaram sua jaqueta, alisando onde ela a apertou.

— Você se atrasará para o seu horário de almoço.

Que se dane o horário do almoço. Esfregou a mão boa no rosto.

— Maylee, sinceramente peço desculpa por tocar em você.

— Por quê? Foi um beijo poderoso e bom.

Ele não sabia o que dizer.

— Não deveria ter te beijado, em primeiro lugar.

— Oh. — Ela se encolheu — Entendo.

— Por causa de quem é — disse rapidamente.

Seu olhar ficou ainda mais ferido.

— Não, não. — Tentou consertar — Não é a coisa de plebeia. Bem, em parte é isso, mas...

— Devemos ir, Sr. Griffin. Quero dizer, Sr. Verdi. — Voltou a dar-lhe aqueles olhares magoados e infelizes novamente.

Maldição, estragou tudo mais uma vez.

Capítulo Oito

Para espanto e prazer de Griffin, o café da manhã no palacete da mãe incluía a noiva e o noivo. Gostava da prima Alexandra. Era equilibrada e raramente perturbada pela mesquinhez da corte. Almoçaram formalmente, mas quando todos deixaram a mesa para se misturar e passear pelos jardins após a refeição, ele procurou Alexandra.

— Sua Alteza?

Alexandra se virou e deu a Griffin um sorriso delicado.

— Olá primo.

Como muitos da família real Bellissime, Alexandra não era uma beleza. As feições eram régias e elegantes, mas havia um toque de severidade em seu semblante, que mostrava uma mulher que conseguia o que queria. Griffin pensou que não havia suavidade em sua prima. Não era como Maylee, cujos olhos emanavam corações, o tempo todo.

— Posso falar-lhe por um momento? É em relação a um assunto pessoal.

— É claro — disse Alexandra, e ofereceu-lhe a mão. Ele a colocou na dobra do cotovelo e passaram pelos famosos jardins de sua mãe. Quando estavam sozinhos, Alexandra esticou o pescoço, olhando em volta. Quando ficou satisfeita vendo que estavam sozinhos, lhe deu um sorriso diabólico.

— Podemos abandonar as formalidades agora que sua mãe não está por perto. Juro, ela tem surtos homéricos toda vez que ouve Luke me

chamar de Alex. — Cutucou-o com o cotovelo — Então, o que está incomodando você, Griff?

Deu um sorriso constrangedor para a prima.

— Muitas coisas, na verdade.

— Pode me contar — Piscou para ele, toda a dignidade austera desaparecendo de seu rosto e, por um momento, parecia uma jovem astuta em vez de 'Sua Alteza Real' — Sou boa em guardar segredos.

Griffin considerou por um momento. Não havia ninguém com quem pudesse conversar, exceto Alex. Ela entenderia.

— Como, exatamente, alguém corteja um plebeu?

Ela riu.

— Bem, para começar, pare de chamá-los de 'plebeus'. É rude. — Inclinou-se — Trata-se da sua pequena assistente? Eu a vi. Ela parece charmosa.

Deu uma careta para a prima Alex.

— Por que acha que é ela?

— Porque nunca o vi perder a paciência tão rápido, Sr. Griffin. — Brincou, enfatizando deliberadamente a convenção inadequada de nomes de Maylee para ele.

— Tentei muitas vezes corrigi-la, mas parece não entender. — Gemeu.

— É fofo.

— Não é fofo quando faz isso na frente da minha mãe.

Alex riu.

— Não, posso imaginar que não. Sybilla-Louise é um dragão, não é? Eu diria que é mais austera que a nossa avó, e sempre achei que era uma ferrenha defensora do decoro.

Griffin suspirou enquanto continuavam andando.

— Então como exatamente deixou Luke saber que estava interessada nele? Não é algo que acho fácil de fazer.

— Meu Deus, Griff. Nunca namorou antes?

As garotas com quem havia se metido eram filhas de nobres em Bellissime, ou garotas ricas em uma faculdade da Ivy League, que estavam acostumadas a um estilo de vida muito específico, festas glamorosas, eventos de Polo e qualquer coisa que envolvesse a sociedade.

— Isto é... diferente.

— Bem — disse Alex — Quando decidi que queria conhecer Luke, invadi o set de filmagens, disfarçada, e por uma manobra do destino, só consigo pensar nessa possibilidade, acabei indo me esconder dos paparazzi no trailer dele. Tive uma breve e bela visão do seu corpo e ele achou que eu era, digamos, outro tipo de pessoa... Enfim... Depois convidei o diretor e o elenco principal para jantar no palácio. Claro que me certifiquei que minha mãe e vovó estariam em outro lugar. Acabamos ficando sozinhos por um tempo, durante o tour ao palácio real. Nesse momento, ele acabou por me confidenciar que estava insatisfeito com o rumo das filmagens e dos problemas de comunicação que vinha tendo com o diretor. Fingi um grande interesse no filme e me prontifiquei a ajudá-lo com a bravata contra Stanton, e apareci todos os dias no set. Depois disso, acabou entendendo a dica. Parte das locações onde o filme foi rodado, no verão passado, foi aqui em Belissime, não sabe? Enfim,

vivi uma deliciosa aventura secreta durante o tempo em que a equipe ficou aqui. E cá estamos, prontos para nos unir em um casamento totalmente fora da tradição do Principado.

Ele ficou impressionado.

— A avó não achou isso muito avançado?

— Não perguntei a opinião dela — disse Alex, com os olhos brilhando — Já recusara quatro propostas de candidatos adequados nos últimos dois anos. Acho que suspeitava que me casaria com quem quisesse, quando quisesse, não com quem ela achava que deveria me casar. — Alex balançou a cabeça — É bom que não sejamos tão sufocantes quanto outras famílias reais, ou provavelmente teriam uma convulsão por me casar com um americano.

— E um plebeu para começar. — Griffin acrescentou com uma careta.

Alex bateu no braço com uma mão com luvas de seda.

— Precisa mesmo deixar a coisa de plebeu, primo. Essa é a primeira etapa.

— Bem, bem.

— O segundo passo fazê-la saber que está interessado nela. Fez isso?

Pensou no beijo que haviam compartilhado naquela manhã.

— Acho que ela faz ideia.

— Então deixe-a saber que está falando sério. — Aconselhou Alex — Que não está interessado em perseguir mais ninguém. Não está, não é?

— Não sei.

— Como assim, você não sabe?

— Quero dizer, eu não sei. Ela é... diferente.

— Quão?

— Ela é muito... americana. Do sul dos Estados Unidos.

— Não estou entendendo.

— Em casa se referiam a ela como uma 'caipira' — disse Griffin. No olhar confuso de Alex, acrescentou: — Pessoas do interior, muito atrasadas. Por exemplo, Maylee acredita que é encantadora de queimaduras.

— O quê?

Explicou à prima, que parecia mais intrigada do que divertida.

— E você disse que usou isso na sua mão?

Griffin mostrou-lhe os nós dos dedos, que, surpreendentemente, nem estavam machucados. Hum.

— Não devo ter batido tão forte quanto pensei.

— Ou talvez haja algo de verdadeiro nisso — disse Alex — Coisas estranhas acontecem. É muito curioso. Luke é supersticioso, sabe? — Exibia um sorriso suave no rosto à menção de seu noivo.

— Mesmo?

— Sim. Inicialmente, marquei a data do casamento para o décimo terceiro dia, mas ele recusou. Tivemos que esperar até o sétimo dia do mês seguinte, porque acredita que o número sete traz sorte. E o peguei jogando sal por cima do ombro antes de ir para o set. É bastante divertido.

— Já o pegou tentando curar alguém com um toque?

— Bem, não.

— Então encerro meu caso — disse Griffin — Minha americana é mais peculiar que o seu.

— Sua americana? – Deu-lhe um olhar conhecedor — Parece que a reivindicou.

Griffin suspirou.

— Não sei o que pensar quando se trata dela. — Ainda não tinha certeza se queria cortejar Maylee, entretanto descobriu que estava obcecado. Pensou sobre ela em seus sonhos, fodendo-a no chuveiro... Estava ferrado, o que quer que fosse — Acho que devo esclarecer minhas intenções. — Assim que descobrisse.

Alex assentiu com aprovação.

— Tente fazer algo de bom. A última vez que os vi, você estava correndo, arrastando a pobre garota. Por que não descobrir o que ela quer, ou precisa, e fornecer?

Ponderou sobre isso. Toda vez que imaginava Maylee, pensava naquele cabelo loiro selvagem e saltitante que constantemente escapava do coque. Isso a fez parecer despenteada e fresca da cama. Isso o deixou louco, mas sabia que não era apropriado.

— Não tenho certeza.

— Ela te acompanhará no baile amanhã à noite?

— Imagino que sim. — Não sabia se ela tinha um vestido adequado. Havia se esquecido completamente do baile. Imaginou-a em um vestido pálido, tão pálido quanto aqueles cachos selvagens e estalou os dedos — Acho que tenho uma ideia. Você é um gênio, Alex!

Ela riu.

— Terei que adicionar isso à minha lista de títulos. Sua Alteza Real Alexandra Olivia, a Terceira, Gênio Total. Tem uma ótima sonoridade!

Griffin sorriu.



Quando voltou ao hotel, falou em particular com o concierge por alguns minutos, marcou uma consulta para o dia seguinte e subiu para o quarto, sentindo-se bastante orgulhoso de ser tão atencioso. Até manteve sua surpresa em segredo durante o café da manhã no dia seguinte, enquanto conversavam sobre sua agenda. Teria outra reunião familiar nesta manhã, seguida de um ensaio do casamento em que toda a família real teria que comparecer. Depois disso, haveria um baile comemorativo. A capela mais antiga de Bellissime era Sainte-Anne de la Vallée⁴¹. Toda a monarquia de Bellissime se casou lá, desde a época de Carlos Magno⁴², e era um espaço bastante pequeno. Como um pedido de desculpas, pelo número reduzido de convidados, haveria uma enorme festa de casamento para todos, os que não eram significativamente importantes, pudessem comparecer. Referia-se ao pessoal da família real, nobres inferiores, nobres visitantes, diplomatas, celebridades e qualquer outra pessoa que pudesse entrar furtivamente.

Teve a infelicidade de ser convidado para o casamento e para o baile, como membro da família real. Maylee, no entanto, teria que parecer

⁴¹ Traduzido do francês: Santa Ana do Vale.

⁴² Monarca francês que expandiu seu império pela Europa. Nascido em 742 a.C., tornou-se Rei dos Lombardos em 774. Rei dos Francos em 768. Conquistou a Itália, a Península Ibérica e a Alemanha, lutando contra saxões, lombardos, bascos, muçulmanos, unificando essas regiões como o seu império, chamado Sacro Império Romano. Impôs o cristianismo aos pagãos e aos de outras religiões e por isso foi beatificado e canonizado posteriormente.

apresentável hoje à noite, pois estaria de plantão para o casamento, mas não como convidada.

Por isso, o presente dele era perfeito.

Assim que terminou o café da manhã, Griffin dobrou o jornal e o colocou debaixo do braço.

— Pronta para começar o dia?

— Pronta — disse ela com um sorriso, e fechou o laptop. Jogou-o em uma sacola grande que passou a levar por aí, uma criação turística medonha que dizia ‘BELLISSIME: TERRA DE BELEZA’. Não a criticou. Teria tempo suficiente para isso depois.

— Temos um dia inteiro. — Griffin disse quando deixaram a mesa. Ao entrarem no saguão principal do hotel, fingiu ter esquecido algo e estalou os dedos — Preciso pegar algo. Encontro você no carro.

Ela apontou para o elevador.

— Quer que vá buscá-lo, Sr. Griffin?

Ele balançou sua cabeça.

— Pode deixar!

Confusa, ela saiu do hotel e ele se virou e foi até a mesa do concierge para garantir que a hora de Maylee no SPA fosse marcada. A funcionária era toda sorrisos, mesmo que parecesse um pouco confusa por Lorde Montagne Verdi marcar um horário para sua assistente.

Cinco minutos depois, Griffin caminhou até o sedan franzindo o cenho.

Maylee estava encostada na porta do carro, rindo e sorrindo enquanto o motorista, Robbie, pairava próximo e flertava com ela. Ficou

claro que o homem estava apostando sua reivindicação, a julgar pela maneira possessiva que olhava para Maylee.

Irritado, Griffin voltou ao escritório do concierge.

— Quero um novo motorista até esta tarde. — Informou.

— Oh, não tenho autonomia para isso, Senhor — ela começou.

Ele a cortou com um aceno de mão.

— Apenas faça isso por mim.

— Imediatamente, Lorde Montagne Verdi.

Ajeitou a jaqueta e voltou para o carro. Fez uma careta para Robbie e gesticulou para Maylee entrar no carro. Torceu a cara novamente ao perceber quando Robbie piscou para ela e abriu-lhe a porta, sendo agraciado com um agradecimento em seu sotaque suave. Estendeu o cartão de visita que o concierge lhe deu, para o atrevido.

— Leve-nos aqui primeiro.

— Muito bem, meu senhor — disse o motorista.

Dentro do carro, Maylee abriu o laptop e começou a ler seus e-mails.

— Seu horário das duas foi alterado para as três. Então tive que mudar algumas coisas para garantir que possamos pegar seu smoking no alfaiate e preparar tudo para o baile hoje à noite.

— E você tem um vestido? — Perguntou.

Ela mordeu o lábio.

— Bem, Sr. Griffin, sim, mas é muito chique e caro. Ia sugerir-lhe que o devolvesse.

— Bobagem. Foi comprado com antecipação tendo o baile em mente. Precisa comparecer enquanto trabalhar para mim.

— Não sei se devo ir. — Divergiu.

— Confie em mim, qualquer idiota em Bellissime estará nessa festa hoje à noite. Você se adaptará perfeitamente.

Ela estremeceu.

Maldição. Não foi exatamente isso o que quis dizer.

— Não se preocupe com isso. — Acrescentou bruscamente — Estará lá para trabalhar, independentemente de quem frequenta.

— Sim, senhor.

— E deve estar adequadamente vestida.

— Sim, senhor.

Griffin suspirou e olhou para o motorista. Queria bater na divisória de vidro, que separava a frente do sedan da traseira, mas isso o faria parecer impaciente. Ainda assim, tinham que chegar logo, não? O porteiro garantiu-lhe que o salão não estava a mais do que alguns quarteirões de distância. Olhou para as ruas, cobertas com bandeiras e estandartes do Bellissime, prontas para celebrar o casamento de sua princesa real. As pessoas andavam por elas, tirando fotos das decorações, e parecia que todos no mundo estavam na cidade nesta manhã.

Pararam em uma calçada movimentada e o motorista estacionou o carro, depois saiu para abrir a porta. Maylee ergueu os olhos do laptop, olhou para o local e franziu o cenho.

— Acho que estamos no lugar errado.

— Não estamos. — Assegurou Griffin — Pedi para vir aqui.

As sobrancelhas pálidas dela se ergueram.

— Por quê?

— É uma surpresa para você. — Manteve a expressão presunçosa no rosto. Queria ver a reação dela. Ver aquele sorriso ensolarado se espalhando por seu rosto redondo — Providenciarei para o Sr. Sturgess buscá-la em algumas horas — disse quando o motorista chegou ao lado dela e não ao dele.

— Me buscar? — Ainda mais confusa — Mas... Não entendo. Por quê? O que estamos fazendo aqui?

Griffin ajeitou os punhos, satisfeito consigo mesmo.

— Arranjei um horário para você. Farão seu cabelo e maquiagem para o baile hoje à noite.

Ela se encolheu novamente.

— Oh.

Apertou os lábios. Ela não parecia muito satisfeita. Talvez não tenha entendido.

— É para que possa ter um penteado adequado ao baile e parecer com as outras mulheres.

— Entendo — disse ela sem rodeios.

Bem, isso não saiu como previra.

— De nada. — Ele retrucou.

— Obrigada. — Resmungou em uma voz tão desagradável. Então, saiu do carro batendo a porta, praticamente invadindo o salão caríssimo reservado.

Carrancudo, Griffin olhou para Maylee. Não entendia aquela mulher. Quando o sedan se afastou do meio-fio novamente e começou a dirigir

em direção ao palácio para o ensaio de casamento, Griffin olhou o relógio. Era cedo em Bellissime, mas o dia estaria nas primeiras horas da madrugada em Nova York.

Pegou o telefone e discou para Hunter.

O telefone tocou seis vezes no escritório de Hunter e foi para o correio de voz. Desligou e discou a linha pessoal de Hunter. Seis vezes, correio de voz. Droga. *Acorde*, ele mandou uma mensagem para Hunter.

— *Preciso de conselhos. Marquei um horário para Maylee. Por que isso a deixaria brava?*

Dez minutos depois, seu celular tocou, o nome de Hunter aparecendo em sua tela.

— Então? Alguma ideia?

— Primeiro, estamos no viva-voz — disse Hunter com uma voz grave.

— Em segundo lugar, você é um idiota. — Gretchen gritou no telefone do outro lado — Por que ligou às quatro da manhã?

Griffin olhou para nada em particular enquanto segurava o telefone longe do ouvido.

— Sua namorada gritará epítetos comigo o tempo todo? Porque posso desligar.

— Ei, não fique com raiva de mim, amigo. Foi você quem telefonou às quatro da manhã.

— Isso é porque queria falar com Hunter. — Enfatizou — Não com Você.

— Somos um pacote. Não é verdade, querido? — A voz dela ficou doce, e Griff ouviu Hunter mal sufocar um gemido em resposta.

— Por favor, diga-me que não estão se beijando enquanto estou tentando ter uma conversa com você — disse Griffin, revoltado.

— Hum... Hunter está ocupado — disse Gretchen, e parecia um pouco boba e sem fôlego — Darei um conselho. Veja. Ela sabia que você marcou um horário para ela?

— Foi uma surpresa.

— E disse que era uma surpresa porque queria agradecê-la por trabalhar tanto? — Gretchen indagou.

Griffin ficou em silêncio.

— Olá? — Gretchen chamou. Griffin poderia jurar que ouviu outro gemido sufocado vindo de Hunter, e então uma risada abafada vindo de Gretchen. Isso não estava ajudando.

— Eu.. — Griffin começou — Eu disse que era para que pudesse estar adequadamente vestida.

— Ok, então sugeriu que ela está normalmente com uma aparência grosseira. Bem-feito, cabeça de merda.

— Eu não.

— Você basicamente disse que ela parecia uma porcaria.

Ele franziu a testa.

— Mas ela parece inadequada na maioria das vezes. Ela sabe disso.

— Oh, garoto. Deixe-me adivinhar. Você já disse várias vezes que ela parece inadequada?

— Claro. Tivemos que comprar roupas novas porque as outras eram extravagantes. Parecia completamente imprópria.

— Uau, Griff. Conseguiu foder com tudo magistralmente. Isso é uma façanha.

Ele gemeu.

— Então, o que devo fazer?

— Posso te perguntar uma coisa?

— Claro.

— Por que se importa?

— Como assim, por que me importo?

— Quero dizer, é um idiota para mim o tempo todo e nunca se importa com isso. Por que se importar com Maylee?

Ele franziu a testa.

— Isso não é da sua conta.

— Ooooh! – Ela exclamou ao telefone e, por um momento, ele teve o pensamento revoltante de que acabara de ouvir o orgasmo da namorada de Hunter do outro lado da linha. Mas no momento seguinte, ela cantou:

— Griffin e Maylee, debaixo da árvore, FODENDO...

O som do telefone caindo no chão fez Griffin afastar o celular do seu ouvido novamente. Um momento depois, houve um farfalhar na outra linha, e ouviu a voz de Hunter.

— Olá?

No fundo, Griffin podia ouvir o riso de Gretchen.

— Ainda estou aqui. — Griffin retrucou — Você não pode controlá-la?

— Não — disse Hunter, e Griffin poderia jurar que havia um sorriso na voz do homem — Mas cara, precisa ser legal com Maylee. É uma boa menina.

— Sei disso. — Respondeu Griffin. Deus, por que seus amigos eram tão irritantes? — Estava tentando fazer algo de bom para ela. Pensei que iria gostar. Que mulher não quer uma reforma?

— Uma mulher que acabou de ser chamada de feia. — Gretchen gritou do outro lado do telefone.

— Tire-me do viva-voz — disse Griffin entre dentes — Agora mesmo.

— Hunter tem que ir. — Gretchen chamou, sua voz fina e alta pelo viva-voz.

— Não — disse Griffin — Eu ainda preciso...

— Não, ele tem que ir. — Gretchen gritou — Está com um tesão enorme e cuidarei disso.

— Deus, Gretchen! — Disse Hunter, e parecia que estavam lutando pelo telefone novamente.

Ugh. Griffin desligou. Aqueles dois eram como animais selvagens no cio. Tamborilou com os dedos na perna, pensando. Talvez houvesse algo no que Gretchen havia dito, apesar de sua boca grosseira. Afinal talvez tenha, de alguma forma, ofendido Maylee.

Só precisava ser muito mais lisonjeiro quando voltasse, para que soubesse o quão bonita era.

Talvez parasse de franzir a testa, por tempo suficiente para deixá-lo beijá-la novamente. Pensou em sua boca macia e em como o beijou com entusiasmo.

Definitivamente far-lhe-ia um elogio, decidiu. Queria ver no rosto dela aquele sorriso florescer, que fazia seu coração bater forte. Sorriso que confirmaria que sua decisão em surpreendê-la fora acertada e que estava satisfeita.

Gostava de vê-la satisfeita.



Griffin terminou de ajustar as abotoaduras antigas, de família, e examinou a maneira como o casaco caía no espelho. Perfeito. Se estivesse um pouco desalinhado, sua mãe desabafaria, diria que estava péssimo e desleixado com a aparência e a ladainha nunca teria fim. Ninguém se importava mais com as aparências do que a princesa Sybilla-Louise, nem mesmo a rainha. Examinou as caudas do casaco com um pequeno giro. Ridículo. Parecia um pinguim. Por que os homens tinham que vestir roupas tão ridículas para uma festa? Colocou a gravata borboleta no pescoço e foi até a porta ao lado dos quartos. Robert atendeu Maylee à tarde e ela anotou recados enquanto ele se encontrou com a Bellissime Museum Society a fim de discutir uma doação, para financiar uma nova ala. Não a vira o dia todo.

E foi... estranho.

Sentia falta da competência alegre e do entusiasmo desenfreado. Kip fazia tudo certo e era mais um assistente do que um companheiro, mas Maylee parecia ser o contrário. Agora que estava acostumado às reações extremas dela diante de coisas novas, descobriu que sentia falta disso. Considerou observar à sua volta tendo a perspectiva dela em mente.

Sorriria quando visse aquela barraquinha de lembranças? Iria querer dar uma volta hoje à noite e visitar o bairro de chocolate? Passaram por lá no caminho de volta do palácio de sua mãe, e ele parou e comprou uma caixa de trufas, uma das poucas coisas pelas quais Bellissime era conhecida, e as guardou cuidadosamente para que pudesse apresentá-las a ela. Mais tarde. Queria ver seu rosto quando visse o presente caro.

Na verdade, não se importaria em alimentá-la na boca com essas delícias. Observando-a exclamar de prazer ao primeiro bocado, vendo seus olhos se abrirem maravilhados enquanto os sabores espalhavam por sua língua. Observá-la lamber os lábios sensuais com prazer e se virar para ele pedindo por mais. Talvez também lambesse seus dedos...

As calças de Griffin estavam desconfortavelmente apertadas. Ajustando-se com um movimento rápido, contou de cem para trás para ter controle sobre seu corpo. Quando ficou satisfeito, pigarreou e foi até a porta de comunicação dos quartos, estranhamente nervoso. Carregava uma pequena caixa de joias ancestrais na mão, tesouro vinculado ao título de Visconde de Montagne Verdi desde o século XIX. Queria que Maylee as usasse hoje à noite, para que qualquer um que a visse em sua posse soubesse a quem pertencia. Ele a estava reivindicando.

Perguntou-se o que sua mãe pensaria quando visse sua assistente pessoal americana usando as esmeraldas dos Verdi.

Decidiu que não dava a mínima.



Maylee tocou seus cabelos, satisfeita com sua aparência.

Parecia bonita esta noite. Muito bonita, se permitisse dizer a si. A senhora do salão tagarelava sem parar em francês, mas captou o suficiente para ouvir ‘grande recepção’ e ‘Lorde Montagne Verdi’ e ‘transformação’. Então ficou em silêncio e deixou a mulher fazer o que queria em seu cabelo. Poucas horas depois, as madeixas crespas foram moldadas em uma juba loira suave e brilhante. Seu cabelo alisado e puxado para cima e preso em um coque elegante, um pequeno grampo florido na parte de trás da cabeça, mantendo tudo no lugar. Uma camada grossa de maquiagem foi aplicada, acreditem, com um aerógrafo, deixando sua pele perfeita, sem sardas ou manchas rosadas. Olhos esfumados e cílios postiços transformaram os filamentos loiro-claros naturais em fartos e escuros.

Parecia uma princesa, pensou. Griffin não seria capaz de encontrar falhas em sua aparência hoje.

Também trajava vestes de princesa. O vestido foi adquirido juntos com as outras roupas que Griffin comprou-lhe. Quando o viu pela primeira vez, acreditou que havia ocorrido um erro. Com certeza, deveria usar este lindo vestido extravagante para festa. A senhora da boutique falou o nome do designer, mas havia se esquecido. Tudo o que sabia era que era incrivelmente bonito, e conseguiria usá-lo. Vestiu o sutiã sem alças e depois o corpete sem mangas. Era de um rosa profundo, quase aveludado, e o tecido era de tafetá, delicioso e farfalhante. O corpete em si era simples, reto na linha do busto e sem mangas. A cintura era cortada por uma faixa cheia de contas em um marfim pálido e, a partir da faixa, as saias cheias balançavam e pregueavam seu caminho até o chão. Continha também sapatos de salto alto marfim. Ela não possuía joias, então deixou para lá. Não queria ostentar esta noite.

Demorou um pouco para conseguir, mas foi capaz de fechar o zíper na parte de trás do vestido. De jeito nenhum pediria ao Sr. Griffin para fazer-lhe isso. Ainda não sabia o que fazer com ele. O homem a beijou e depois a insultou. Deu a ela olhares intensos e ansiosos e depois a levou a um salão de cabeleireiro para que parecesse ‘normal’. Lisonjeava seu ego por um minuto e o transformava em pó no próximo.

O que era muito difícil, porque gostava dele. Era esperto e levava suas tarefas muito a sério. Não sorria muito, mas quando o fazia parecia um presente. A fez rir com seu humor seco, e parecia genuinamente interessado no que ela tinha a dizer, o que era bom, considerando que a maioria das pessoas ouvia seu sotaque e a dispensava como uma idiota. E beijou-a divinamente, como se tivesse todo o tempo do mundo para prová-la e saboreá-la.

Realmente gostava muito dele, às vezes.

E outras queria que andasse sobre uma prancha de navio pirata, em direção a mar aberto.

Houve uma batida na porta adjacente e Maylee respirou fundo, chegando ao fim do zíper.

— Só um segundo! – Suspendeu a armação que fazia com que a saia ficasse mais rodada, dando leveza e brilho, e deslizou pelas pernas para calçar os sapatos — Estarei aí em duas sacudidas do rabo do cordeiro!

Podia jurar que ouviu um bufar do outro lado da porta.

Quando estava pronta, Maylee correu para abrir a porta.

— Sim, Sr. Griffin?

Ele abaixou a mão, claramente pronto para bater novamente, e olhou-a.

Maylee se curvou um pouco sob esse olhar. Ele tinha que ficar impressionado com seu novo visual.

— Maylee? – Murmurou incrédulo.

— Quem mais? – Sorriu e tocou seus cabelos quando o olhar dele pousou no penteado — Gostou?

Franziu as sobrancelhas.

— Você parece tão... diferente.

Sua bolha feliz estourou. Os ombros de Maylee caíram.

— Pensei que essa era a intenção, ficar diferente. — Não a levava deliberadamente ao salão porque odiava a sua aparência, e ela não aceitou por estar cansada de desonrá-lo?

— Não, não. — Ele se apressou a dizer — Está bem. Só fiquei surpreso. Parece uma pessoa totalmente diferente. — Deu-lhe um lampejo de sorriso — Está bom.

Não parecia bom. Maylee engoliu a mágoa e piscou para conter as lágrimas, porque não queria estragar as estranhas extensões de pestanas que a simpática senhora francesa no salão lhe dera.

— Bem — disse com uma voz alegre e falsa — O que posso fazer por você, Sr. Griffin? Precisa arrumar sua gravata?

Ele continuou sem palavras.



Ela parecia uma estranha.

Não parava de encarar Maylee. Um lindo anjo loiro que entrou em seu quarto, com seios que encheram o decote em faixas de um elegante vestido rosa. Seu cabelo estava brilhante e seus olhos estavam escuros e exuberantes, e ela parecia tão refinada que poderia se defender de qualquer pessoa nos corredores do palácio.

E isso o fez refletir.

Mandou-a ao coiffeur⁴³ para se transformar, então por que ficou desapontado ao ver a criatura perfeita e elegante diante dele? Porque estava triste ao ver aqueles cachos de saca-rolhas selvagens terem sido domados em um elegante penteado? Que as adoráveis sardas do nariz estavam agora totalmente cobertas por maquiagem?

Estava exatamente como ele queria que ela estivesse, certo?

Griffin esfregou o rosto, frustrado. Não sabia mais o que queria.

Sabia apenas que não queria aquele olhar triste e infeliz que estampava agora o rosto dela. Ela não perdeu a reação dele. Sabia que não estava satisfeito, a profunda decepção em seu rosto era óbvia, mesmo que estivesse fazendo o possível para escondê-lo.

— Você parece bem, Maylee. Realmente. Acabei de ter um longo dia e desculpe-me por não estar dizendo as palavras certas.

— Não precisa elogiar — disse com uma voz alegre — Sou sua assistente. — Pegou a gravata da mão dele e flexionou o dedo, gesticulando para que se inclinasse para frente. Ele o fez, e em um movimento rápido ela colocou a gravata nele e alisou o colarinho por cima — Ai está!

⁴³ Cabelereiro em francês.

— Obrigado. — Sussurrou ele, e olhou-se no espelho para arrumar suas roupas. Queria dizer coisas românticas a ela. Que parecia uma visão, que parecia uma princesa. Mas não conseguia esquecer o fato de ela não se parecer com Maylee. Isso o fazia sentir-se um pouco confuso.

— Como estamos fazendo transformações hoje, posso fazer uma pequena sugestão?

Ele olhou-a, surpreso.

— O que tem em mente?

A boca dela se curvou de um lado e o coração dele deu um pulo. Era como se sua Maylee estivesse espreitando por baixo do exterior glamouroso.

Então se repreendeu. A Maylee dele? Estava louco. Ela não era dele em nenhum sentido da palavra.

— Adoraria fazer algo diferente com seu cabelo. — Ela disse.

Ele olhou no espelho novamente, surpreso.

— O que há de errado com meu cabelo? – Alisou e gelificou como normalmente fazia. Sua risca estava perfeitamente reta, sem um fio fora do lugar.

— Nadinha... se tiver oitenta anos – Aquele sorrisinho provocador voltou ao seu rosto, e de repente ele queria beijá-la, limpar toda aquela maquiagem grossa e ver a feliz e radiante garota do interior por quem estava obcecado.

Precisava se controlar.

— O que está pensando em fazer?

Ela chamou-o com o dedo novamente, arqueando uma sobrancelha agora perfeita. Ele estava hipnotizado por aquele dedo sedutor. Também não pôde resistir àquela expressão em seu rosto. Se quisesse, poderia dizer-lhe que faria a barba com a navalha que ele permitiria, incapaz de se afastar.

— Deve tirar a jaqueta para não sujar. A camisa também. — Ordenou ela.

Interessante. Tirou a jaqueta primeiro e depois desatou a gravata que acabara de ser tão bem-feita, jogando-a na cama. Sentindo-se um pouco provocador. Olhou-a tentando descobrir se estava pensando a mesma coisa, porém seu olhar estava ausente, e as bochechas estavam tão rubras que era impossível dizer se estava corando ou era maquiagem.

Realmente precisava conversar com a funcionária do hotel. Mesmo que estivesse apenas fazendo seu trabalho, queria que alguém fosse culpado por seu desapontamento com a aparência de Maylee. Ela estava impossível de criticar; o vestido, a maquiagem e o cabelo estavam perfeitos.

E isso o estava incomodando. Não gostou, e não sabia exatamente por que não gostava, apenas que não. Desapontado, tirou a camisa.

Quando estava apenas de camiseta, olhou para Maylee.

— Certo. Você me deixou seminu. O que quer fazer comigo?

As palavras saíram mais roucas do que esperava.

Olhos se arregalaram e o sorriso se alargou, então ela mordeu o lábio, como se estivesse tentando esconder sua expressão.

— Hum. Gostaria de pedir emprestado seu roupão de banho, na verdade, para não acontecer nada comigo.

— Pegue o que precisar. — Porra, isso parecia incrivelmente erótico também. Qual era o problema dele?

Ela foi até o armário e pegou o roupão, vestindo-o pelos ombros sobre seu lindo vestido rosa. Quando o amarrou na cintura, ele sentiu outra onda de luxúria possessiva e teve que fazer, outra vez, uma contagem regressiva a partir do cem.

— Agora... — ela disse, apertando o cinto da túnica na cintura estreita —...preciso que se incline sobre a pia.



Vinte minutos depois, Maylee ficou satisfeita com a transformação. Lavou o cabelo dele e com a ajuda de um secador o moldou novamente, depois colocou um pouco de cera nos dedos para despentear um pouco... Aquele cabelo velho, engomado e liso como capacete, que sempre estava grudado no crânio, desapareceu dando lugar a uma coroa marrom-dourada clara, que cobria sua cabeça com pontas elegantes. Estava um pouco despenteado, mas na moda, arguiu. Muito melhor do que o seu penteado antigo.

— Aí. — Anunciou — Parece dez anos mais jovem.

Ele deu-lhe um olhar curioso, depois pegou os óculos e os colocou, estudando sua expressão no espelho.

— Parece que pertenço a uma boy band⁴⁴.

⁴⁴ Grupo vocal constituída por cantores do sexo masculino, geralmente é composta por jovens em sua adolescência ou na faixa etária de vinte anos

Ela riu.

— Não, não parece. Está muito bonito. E sabe, foi assim que o cabelo de Luke Houston foi feito em seu último filme. — Vira uma foto dele em uma das revistas do salão de cabeleireiro e ficou inspirada — Confie em mim, parece um Visconde jovem e arrojado, ao invés de ter o cabelo feito pelo meu avô.

Ainda estava receoso, tocando uma das mechas espetadas.

— E você gosta disso?

— Eu amo isso — disse entusiasmada. Ele estava incrivelmente bonito assim. Passou de nerd e acadêmico para um pouco mais diabólico.

Griffin assentiu e depois pegou sua camisa.

— Muito bem então. Devemos ir.

— Tudo bem. — Desviou o olhar para não vê-lo se vestir porque, se fosse pega encarando seu chefe temporário, isso embaraçaria os dois e concentrou-se em tirar o roupão emprestado e colocá-lo no armário. Sua mão alisou o tecido macio do roupão. Cheirava a Griffin, e era estranho como relutava em se separar dele. Vestido de festa, lembrou-se. Está usando o mais belo vestido de festa, de todos os tempos. Não pode usar um roupão de banho por mais que este cheire bem.

Mas, tinha que admitir, cheirava muito bem.

Depois que ele vestira a jaqueta, era seguro se virar e vê-lo colocar as abotoaduras com dedos longos e elegantes, e depois segurou a gravata novamente. Ela o arrumou e depois apontou para a porta.

— Devemos ir?

Griffin alisou sua jaqueta uma última vez no espelho, e percebeu que estava nervoso. Isso a fez sentir-se um pouco melhor sobre esta noite. Caramba, também estava nervosa e ninguém estava esperando nada dela.

— Tenho algo para você usar com seu vestido — disse Griffin.

— Um crachá de funcionário? – Ela indagou.

Ele deu um sorriso irônico.

— Não é um crachá. Um colar e alguns brincos. Pertencem ao meu título.

— Oh. — Seus olhos se arregalaram — Não sei se posso, Sr. Griffin.

— Bem, eu certamente não posso – Disse, mexendo na gravata — Destoariam terrivelmente com a faixa da minha roupa.

Maylee gargalhou alto.

— Estou imaginando você com brincos e é meio engraçado.

Ele sorriu genuinamente, e ela sentiu, sempre que acontecia dele sorrir-lhe dessa forma, como se tivesse recebido um presente.

— Eu sou mais um homem de broches.

— Pare com isso — disse com uma risada, pressionando as mãos nos seios na frente do vestido — Fará meus seios saltarem fora desse vestido.

— Deus me livre! – Disse com uma voz seca que implicava não se importar tanto com isso, deixando-a perturbada novamente. E ela podia jurar que ele olhou para seus peitos.

Eles pareciam bem bonitos neste vestido, reconheceu.

Ele pegou uma pequena caixa em cima da cômoda e abriu-a, depois mostrou as joias a ela. Esmeraldas grandes e quadradas, sem adornos,

pendiam de dois brincos, e o colar consistia em brilhantes cordas de diamante torcidas, com mais três esmeraldas quadradas penduradas no centro.

— Oh, Deus, parecem muito caros. — Maylee respirou.

— E são.

— Oh, Jesus! – Tocou um brinco e estremeceu. Era pesado — O que acontece se eu perder um?

— Processo você por trezentos mil.

Maylee empalideceu. Largou o brinco de volta na bandeja de veludo.

— Mesmo?

— Não. É apenas um brinco. E tem seguro. Não fique tão nervosa.

— O que acontece se eu vomitar? – perguntou quando ele pegou o colar.

— Isso é provável? – Fez sinal para que ficasse de costas.

— Muito provável. — Admitiu, virando-se. Meu Deus, parecia uma cena tirada de ‘Uma Linda Mulher’⁴⁵, exceto que não era uma prostituta. Maylee franziu a testa com o pensamento — Você normalmente compra roupas para mulheres?

A corrente fria de diamantes deslizou sobre a base de sua garganta, e então sentiu as mãos de Griffin roçarem em sua nuca enquanto ele fazia o fecho.

— Posso dizer com perfeita honestidade que é a primeira para quem já comprei roupas.

⁴⁵ Pretty Woman é uma comédia romântica americana lançada em 1990. Estrelada por Julia Roberts (prostituta) e Richard Gere (rico empresário) que contrata seus serviços de acompanhante.

Por alguma razão, isso a fez se sentir melhor. Deu um tapinha no colar e depois pegou o primeiro brinco. Para seu alívio, tinha dois fechos sendo um normal de ouro e outro de segurança, que impedia que o brinco escorregasse de sua orelha. *Obrigado Deus!* Maylee colocou os brincos e sacudiu a cabeça um pouco para testá-los.

— Como estou?

— Muito elegante — disse Griffin.

— Então, em outras palavras, nada como eu.

— Nada como você. — Concordou, aquele olhar estranho em seu rosto.

E por alguma razão, isso machucou seus sentimentos novamente. Não parecia gostar dela bem-vestida tão pouco com roupas normais. Não conseguia entendê-lo. Não podia simplesmente dizer que achava ela bonita e realmente querer dizer isso, maldição? Maylee suspirou, toda a diversão da noite desaparecendo novamente. Agora sentia a sobrecarga, como se estivesse usando um banco em volta do pescoço.

— Está pronto para ir, Sr. Griffin?

Ele estendeu-lhe o braço em um gesto cortês.

Ela colocou a mão na dobra da manga dele e desceram as escadas.

Para sua surpresa, Robbie não estava dirigindo o carro hoje à noite. Nem era o sedan de sempre. A limusine de Verdi surgiu novamente com força total, e um senhor idoso era o motorista. Maylee sorriu-lhe, para fazê-lo se sentir bem-vindo. Devia estar nervoso em uma noite tão importante. Ela sabia como era aquilo.

— Você mudou de motorista? — Maylee sussurrou para Griffin, curiosa.

Ele lançou-lhe um rápido olhar de satisfação.

— O Sr. Sturgess ficará indisponível durante o resto de nossa visita.

— Oh isso é muito ruim.

— Sim, sim. — Sua voz não parecia descontente.

Quando entraram na limusine, Maylee deslizou sobre o assento, puxando a faixa do busto para garantir que seu vestido não expusesse os seios. Alisou as saias e esperou pacientemente Griffin entrar, checando seus brincos e colar novamente para se certificar de que ainda os tinha.

Quando entrou na limusine, seu bolso zumbiu. Griffin pegou o telefone e deu um grunhido como se estivesse com dor.

— O que foi? — Maylee perguntou — Está tudo bem?

Ele mostrou-lhe sua tela.

— Descobriram uma coluna de mármore e alguns trabalhos de azulejos. Achem que pode ser parte de um piso. — A imagem que mostrou parecia um monte de pedra quebrada, ela deu de ombros.

— Sua escavação arqueológica na Espanha? — Deduziu.

Ele assentiu, encarando a foto. Havia um olhar de intenso desejo em seu semblante.

— Queria estar lá. — Lamentou.

— Se te consola, gostaria de estar lá também.

Olhou-a, surpreso.

— Não está se divertindo aqui em Bellissime?

Maylee estava sentada, sem palavras. Não tinha certeza do que dizer. Poderia revelar que gostava da companhia dele, mas achou o casamento

e a sociedade estressantes? Que constantemente sentia-se como se nunca fosse boa o suficiente? Que a cautela, para não pisar na bola novamente, a deixou tão nervosa que quase vomitou na pia, antes de vestir seu lindo vestido? Ficaria insultado por ela não querer estar aqui? Então, pensou com cuidado.

— Simplesmente... muita coisa acontecendo.

— Verdade. — olhou para o celular novamente e suspirou — Imagino que é muito mais calmo na Espanha. Nenhuma mãe se queixando de que está deixando sua equipe ficar íntima e complacente demais.

A língua dela colou-se ao céu da boca.

— Sua mãe disse isso de mim?

Sua expressão ficou um pouco distante, como se tivesse revelado demais.

— Não me importaria muito com isso, Maylee. Minha mãe é carinhosamente chamada de megera e não tão carinhosamente como uma cadela real. Ninguém gosta dela, nem mesmo as pessoas comuns. Nem a rainha, nem mesmo os filhos. É uma defensora da antiga monarquia, e Alexandra e sua família são mais progressistas. Não se preocupe com isso.

Maylee engoliu em seco.

— Então, deveria estar usando essas joias? Sua mãe não acha isso muito íntimo?

— Não ligo para o que minha mãe pensa.

Oh, Senhor! Ele estava armando para ela falhar? Então Sua Alteza Real Sybilla-Louise faria picadinho de Maylee com a língua afiada? Aquele nó doentio voltou ao seu estômago.

— S rio — disse novamente — Está tudo bem, Maylee.

— Se você diz. — Sussurrou. Ocorreu-lhe que não era a primeira vez que a chamava pelo primeiro nome, ao invés de Miss Meriweather.

Também não sabia o que isso significava.

Capítulo Nove

A limusine chegou ao palácio e, reduzindo a velocidade, entrou na fila e aguardou a vez de parar à frente do opulento prédio. Enquanto o veículo avançava lentamente, Maylee ficava cada vez mais nervosa. Passaram pelos portões onde os paparazzi se aglomeravam. Os terrenos estavam repletos de pessoas vestidas com elegância, e as escadas que levavam às enormes portas do palácio estavam cobertas com tapete vermelho.

Maylee tinha certeza de que vomitaria naquele belo tapete rubro.

— Você está bem? – Griffin perguntou pela segunda vez no último minuto.

— Só um pouco... assustada.

— Não há nada a temer — disse em uma voz suave. Colocou um braço em volta dos ombros e deu-lhe um abraço desajeitado, surpreendendo-a.

Era estranho Griffin confortá-la, mas bem-vindo. Aconchegou-se um pouco mais perto dele.

— Nunca estive em algo assim. Bem, quero dizer, tivemos baile em Pine Valley⁴⁶, e utilizaram os salões do Best Western⁴⁷. Isso é um pouco diferente.

A boca dele se contraiu.

⁴⁶ Provavelmente se refere a um local censo-designado no centro-norte de Washington County, Utah, Estados Unidos que fica a aproximadamente 45 minutos ao norte da sede do condado, St. George.

⁴⁷ Hotel localizado no condado de St. George, Utah, EUA.

— Só um pouco.

— Estou com medo. — Sussurrou — Tenho medo de estragar alguma coisa.

— Estarei com você — disse ele tranquilizando-a, e aquele braço pesado, sobre seus ombros, apertando novamente.

— Não deveria entrar com a realeza? E eu não deveria entrar com a equipe?

— Mmm, algo assim. — Inclinou um pouco mais perto e deu-lhe uma piscadela.

Surpresa com o quão atraente ele estava na penumbra do carro. Não que não era atraente, é claro. Mas o modo como normalmente olhava para ela, como se fosse um inseto a ser esmagado, se foi. Em seu lugar havia um olhar excitado e atraente.

— É o seguinte. Direcionarei você para as pessoas apropriadas para que não se perca. Estamos combinados?

— Combinado. Fico-lhe grata, Sr. Griffin. — Então não precisaria se preocupar em sorrir educadamente a um duque qualquer, para que não a olhasse como se fosse lixo.

A limusine parou e o motorista desceu. O estômago de Maylee revirou novamente, e deu a Griffin um olhar aterrorizado. Ele sorriu, encorajador.

— Ficaré tudo bem. Ninguém prestará atenção em você, Maylee. Estão todos aqui para ver minha prima e o famoso ator com quem se casará.

Relaxou um pouco com isso. Ele tinha razão.

O motorista abriu a porta da limusine e uma voz começou a soar sobre a multidão.

— Griffin, Visconde de Montagne Verdi.

Cabeças se viraram quando Maylee saiu da limusine. Seus olhos se arregalaram e seu estômago parecia estar tentando escapar das entranhas.

Mas ele estava ali, protegendo-a de olhares indiscretos quando saiu do carro. Puxou seu corpete decotado novamente para se certificar de que tudo estava correto, tocou suas joias e depois sorriu para Griffin, quando notou que este lutava contra uma risada por suas ações.

— Fácil para você rir. — Murmurou, mas colocou a mão na dobra do braço que ele ofereceu.

E entraram.



Não ficou surpreso ao ver que a festa era limítrofe. Todo mundo, que representasse qualquer coisa em Bellissime e em vários países vizinhos, foi convidado, e ninguém queria perder. Assim que entraram no salão, a temperatura subiu alguns graus devido ao amontoado de corpos, ouviu o suspiro desconfortável de Maylee.

Sua mão apertou os dedos que seguravam sua manga.

— Tudo certo?

— Não esperava ver tantas pessoas.

Ele também não. Mas isso não a faria sentir-se melhor, então simplesmente deu um tapinha na mão dela.

— Ajudarei você a encontrar o estribeiro da minha mãe.

— O que significa estribeiro? – Ela questionou enquanto desciam as escadas para o salão de baile.

— É uma palavra que a família real usa para assistente pessoal — disse Griffin com voz seca — Mas minha mãe nunca seria tão informal a ponto de usar ‘assistente’.

Ouviu-a abafar uma risadinha. Se pudesse rir, ficaria bem. Sabia que estava incrivelmente nervosa, cacete, isso também não era divertido para ele, mas duvidava que estivesse sentindo os mesmos níveis de pânico que estavam estampados em seu rosto.

Um dignitário visitante acenou para Griffin quando ele passou, seguido por uma atriz de Hollywood. A família real não estava em lugar algum. Droga, onde aqueles covardes estavam se escondendo? Se precisava estar aqui fora, se misturando, eles também deveriam estar.

Com Maylee agarrada ao seu lado, seria quase impossível avançar pela sala rapidamente. Mesmo agora, as pessoas pressionavam, roçavam contra eles, lançando-lhe olhares curiosos e examinando a americana. Sabiam quem ele era e estavam tentando descobrir quem ‘ela’ era. Nas proximidades, um fotógrafo tirava fotos de pessoas enquanto se misturavam. A princesa Alex deve ter permitido que um ou dois deles entrassem no baile como demonstração de boa-fé, mas Griffin ficou descontente ao vê-lo. Cuidadosamente conduziu Maylee na outra direção.

Fizeram o seu caminho para o outro lado da sala e se viraram. Maylee lançou-lhe um olhar nervoso e engoliu em seco.

Isso o deixou preocupado.

— Você está bem?

Ela fez uma careta.

— Não comi nada. Meu estômago não aceitou.

Griffin franziu a testa e acenou para um garçom com uma bandeja de aperitivos. O homem chegou com um floreio e apresentou sua bandeja.

— Lagosta embrulhada em pepino e presunto?

Maylee pegou a pequena trouxinha e colocou-a toda na boca, mastigando como um esquilo. Ele sabia que eram os nervos, mas teve que sufocar uma risada.

— É bom. — Sussurrou, colocando a mão na frente da boca para cobri-la — Obrigado.

— Coma outro. — Insistiu Griffin.

Ela pegou mais uma da bandeja e o garçom assentiu e seguiu em frente. Imediatamente, outro garçom apareceu com uma pequena tigela de cristal na bandeja, um guardanapo de linho ao lado. A rainha era uma defensora das bacias dos dedos, para que os convidados pudessem lavar os dedos após o lanche. Griffin estava acostumado a ver as tigelinhas delicadas nas festas, uma fatia de limão flutuando sobre a água para mantê-la fresca.

Ela enfiou o outro canapé em sua boca e depois pegou a tigela de dedos. Levou-a aos lábios.

Santo Deus. Inclinou-se, parando-a antes que pudesse se passar por tola.

— Maylee. Não beba isso.

— Oh. — Olhou para a pequena tigela de cristal na mão e depois de volta para ele — Não é um coquetel?

— É para lavar as mãos. — Apontou para o guardanapo, ignorando o olhar chocado do garçom que segurava a bandeja vazia.

— Oh. — Repetiu, e um olhar envergonhado cruzou seu rosto. Devolveu a tigela para a bandeja e voltou-se para ele com um olhar inseguro — Isso foi estúpido da minha parte, não foi? — Piscou rapidamente, como se estivesse lutando contra o desejo de chorar.

— De jeito nenhum! — Mergulhou os dedos na tigela para mostrar como era feito. Então, limpou os dedos no guardanapo e deu ao garçom um olhar presunçoso, como se o desafiasse a zombar dela na sua frente.

O homem acenou com a cabeça, esperou pacientemente até Maylee terminar de limpar os dedos e depois passou para o próximo hóspede.

Assim que o homem os deixou, virou-se para o Visconde e lançou lhe um olhar frenético.

— Não acho que consiga fazer isso, Sr. Griffin.

— Bobagem. Ficar bem.

— Eu não consigo. — Seu sussurro subindo para uma nota histérica — Envergonharei a nós dois! Não sei o que fazer em festas como essa. EU...

— Shhh... — Estendeu a mão e acariciou sua bochecha — Conseguirá.

Ela olhava-o, assustada com seu toque. Não a repreendeu e ficou um pouco surpreso consigo, por ter feito isso sozinho. Parecia certo e natural confortá-la. Ela é sua para proteger, caramba.

— Está elegante e é linda. — Tranquilizou-a em voz baixa e se inclinou — E apostaria minha carteira inteira que um desses tipos de Hollywood fez a mesma coisa que você.

Ela deu outra risada nervosa que quase partiu seu coração.

— Sua carteira está sempre vazia, Sr. Griffin. Não é uma aposta válida.

Aquela pequena provocação dela o fez se sentir melhor.

— Você me descobriu, não é? — Sorriu.

— Oh, acho que o tenho preso na palma da minha mão.

Deus, ela estava flertando com ele? Gostou disso e muito.

— Acho que está errada sobre algumas coisas.

— Acha? Teste-me. — Desafiou-o.

Não acho que perceberia que quero beijar esse seu pequeno sorriso agora, ele pensou, mas não disse nada. Estava feliz que seu nervosismo estava desaparecendo.

— Adoraria, mas, infelizmente, vejo o assistente da minha mãe. — Colocou a mão no ombro dela — Fique aqui.

Apontou para os pés, indicando que ficaria parada, e piscou-lhe.

E ele riu.

Cinco minutos depois, Maylee seguiu com o assistente de sua mãe, um senhor gentil e encorajador que sorriu para a pobre e assustada dama. Fez uma anotação mental para dar um aumento ao homem, já que era ele quem pagava por todos os criados de sua mãe. Quando os dois saíram, entrou na multidão, procurando por membros da família. Faria no seu tempo, passaria um tempo conversando com George e sua

mãe, cumprimentaria Alex, Luke Houston e a rainha, e faria uma dança ou duas para depois escapar.

Um braço passou por seus ombros.

— Aí está você, irmãozinho. — Uma voz zombeteira.

George. Bem, um obstáculo a ser ultrapassado.

— Olá, Vossa Graça. — Ironizou.

George riu e deu um tapa em seu ombro.

— Tão formal... Mamãe deve estar orgulhosa de você.

— De jeito nenhum. — Permitiu que George o levasse a um grupo de amigos. Todos eram homens titulados, da mesma idade e idiotas completos. Griffin os odiava, bem como seus modos de caçar raposas, perseguir mulheres e tomar champanhe, desde que conseguia se lembrar. Definitivamente não era o tipo de amigos que apreciava para sair. Preferia Logan, Hunter, Jonathan, Cade e Reese e todas as conversas de finanças que travavam a qualquer dia e hora. Não precisava dos amigos de seu irmão.

— Então... — George conduzia-o diretamente para a multidão de nobres entediados —...conte-nos sobre aquele bibelô que veio contigo.

— Ela é minha assistente — disse categórico, uma onda de raiva se formando — Está fora de alcance.

— Está metendo o pau nela? — Outro homem perguntou, um sorriso afetado no rosto comprido — Os peitos são reais? Ouvi dizer que todas as garotas americanas têm peitos falsos.

— Recuso-me a responder isso.

— Isso significa que ele não sabe — disse George rindo.

— Significa que não responderei — Retrucou, sua voz dura com fúria. Deus, odiava esses bastardos mimados. Pensavam que eram melhores que todos e, assim, tratavam o resto do mundo como merda sob seus pés — É minha funcionária.

— Sim, mas George fode suas funcionariinhas o tempo todo.

— E vejo que ela está usando as esmeraldas de Verdi.. — disse George com voz astuta, e Griffin estremeceu mentalmente – então, deve fazer algo certo.

— Isso não é da sua conta, George. — Griffin queria puxar sua gravata apertada, mas o decoro insistia em não tocá-la por medo de deixá-la torta. Sua aparência tinha que ser perfeita o tempo todo. Seu irmão despejava toda a sujeira a seus amigos em particular, mas sua aparência, e seu sorriso, sempre eram imaculados para o público.

— Nunca pensei que fosse do tipo que se apaixona por uma americana — disse o homem ao lado dele — Ela não tem o sotaque mais ridículo?

Uma centelha de raiva fez Griffin ver vermelho. Não apenas porque era rude falar sobre os americanos quando a princesa se casaria com um, mas porque se viu dizendo as mesmas coisas há poucos dias. Zombando do sotaque de Maylee. Condescendente por quem e o que ela era.

Ouvi-lo desses bundões o fez perceber o quão estava errado. Foi revoltante constatar que não era melhor do que aqueles homens mimados. Que imbecil era.

— Oh, vamos lá — disse George — Relaxe. Que bom que o encontrei. Alguém está te procurando hoje à noite.

Distraído, examinou a sala.

— Quem?

— Mostrarei – Disse George, e afastou o irmão dos homens. Passou um braço em volta dos ombros, tarefa nada fácil já que Griffin era mais alto que ele cinco centímetros, e se inclinou — Então, para onde enviou sua pequena e succulenta assistente?

— Está com o assistente da mamãe — disse Griffin distraidamente. Tentou reconhecer rostos familiares entre a multidão, mas não passava de um mar de smoking e vestidos brilhantes — Por quê?

— Não há razão — disse George suavemente — Ah. Aqui estamos. - Disse o irmão, quando encontraram um grupo de damas na beira do salão de baile — Sua Alteza, acho que encontrei o homem que estava procurando.

Ao som do título, Griffin reprimiu um gemido, apesar de manter o rosto impassível.

A mulher de costas era incrivelmente bonita. Alta, loira e nórdica, a princesa Heloísa de Saxe-Gallia⁴⁸, um pequeno país do outro lado da Dinamarca, virou-se e deu a Griffin um sorriso predatório. Passou por suas damas e estendeu-lhe a mão.

Foi forçado a se curvar sobre a mão e beijá-la.

— Sua Alteza. É um prazer vê-la. — Uma mentira. Não suportava Heloise. Foram jogados juntos nas funções reais, desde que ambos eram crianças. Sua mãe queria que se casasse com Heloise. Ela, no entanto, queria ser famosa, como alguém de Hollywood. Então vestia-se escandalosamente e agia ainda mais. Hoje, usava um vestido branco

⁴⁸ Saxe-Gallia é uma região da França povoada por Gauleses e Saxões.

arrebatador que era decotado demais para ser considerado apropriado para o casamento de outra pessoa.

— Visconde Montagne Verdi. Esperava vê-lo aqui, nesta noite.

— Estou lisonjeado — disse em uma voz educada. Pegou a mão que ela continuava estendendo-lhe e a colocou no braço, já que George o prendeu ali.

— Bem, deixarei vocês dois em paz para conversarem — disse George piscando. Ele se afastou e Griffin viu que se dirigia para a parte de trás do salão de baile, na direção em que deixara Maylee e o assistente de sua mãe. Maldito seja seu irmão conivente. Estava indo atrás de dela, não estava? Assim que escapasse das mãos da princesa, garantiria que o libertino aprendesse a ficar longe.

— É tão bom vê-lo novamente, Griff. — A princesa Heloise arrulhou para ele, apoiando-se na dobra do cotovelo e pressionando os fartos seios contra a manga do smoking.

— Da mesma forma, Sua Alteza. — Nunca diria o primeiro nome da mulher, não importa o que pensasse.

Ela os conduziu delicadamente pela multidão e para o centro da pista de dança, certificando-se de que todos os vissem juntos, incluindo os fotógrafos.

— Pensei com meus botões que seria realmente desapontador se não o visse aqui hoje. Como estão as coisas nos Estados Unidos?

— Bem. — Respondeu monossilábico.

— Ouvi dizer que fez uma fortuna por lá — disse brincando com as lapelas de uma maneira íntima demais — E há rumores de que financiou

os concertos da casinha de George e do palácio de sua mãe. Quanta consideração de sua parte. — Destilou a platinada.

Levantou uma sobrancelha para ela. Como regra, a realeza não falava sobre dinheiro. Quer você tenha ou não, ninguém falava de fortunas pessoais. Esperava-se que se comportassem como se fossem mais ricos que Creso⁴⁹. O fato de Heloise ignorar o protocolo e citar sua fortuna significava que estava interessada demais nela.

— É por isso que está procurando um mero Visconde hoje à noite, Alteza? – Suas palavras eram afiadas, e seus olhos observavam George saindo. O homem desapareceu entre as portas duplas reservadas aos funcionários.

Droga. Griffin cerrou o punho.

A princesa de Saxe-Gallia riu, batendo no braço dele como se tivesse dito algo hilário. Sacudiu os cílios para ele que, por um momento, ficou impressionado com sua aparência. Maquiagem perfeita, cabelo loiro claro e impecável, vestido decotado e joias de família reluzindo. Heloise era impressionante, é claro. Mas tudo o que podia ver era a artificialidade de sua aparência.

E ele fez Maylee modificar sua aparência para que ficasse exatamente assim. Caralho.

Heloise continuou a passear pela sala, levando-o novamente aos fotógrafos.

— Então, quando se casará, querido? Meu pai está pressionando para que eu encontre uma boa união, mas estou entediada com todos

⁴⁹ Último rei da Lídia, da dinastia Mermnada, (560 a.C.–546 a.C.), filho e sucessor de Alíates que morreu em 560 a.C. Submeteu as principais cidades da Anatólia (salvo a cidade de Mileto). Famoso pela sua riqueza, atribuída à exploração das areias auríferas do Pactolo, rio afluente do Hermo onde, segundo a lenda, se banhara o Rei Midas (que transformava em ouro tudo o que tocava). Mandou construir o Templo de Ártemis em Éfeso.

os nobres de Saxe-Gallia, e todos os príncipes europeus disponíveis são jovens demais ou velhos demais.

— Talvez deva encontrar um americano, como minha prima — disse Griffin suavemente.

Heloise congelou. Piscou, perdida, e ele sentiu uma pontada de despeito. Se insultasse os americanos, como suspeitava que ela faria, estaria insultando o noivo de sua anfitriã. Mas se admitisse o contrário, provavelmente pareceria como se estivesse se insultando. Heloise simplesmente deu um sorriso brilhante e apertou o braço dele.

— Ou talvez devesse encontrar um Visconde. Ouvi dizer que são devastadores.

E ela se inclinou e tocou seu queixo, no exato momento em que um fotógrafo se ajoelhou na frente deles e tirou a foto.

Resistindo ao desejo de revirar os olhos, Griffin esperou que Heloise retirasse a mão dele e depois lhe deu um sorriso educado.

— Não tenho interesse em me casar, Alteza.

— Seria uma união política maravilhosa.

— Também não estou interessado em promover a política.

Os olhos dela se arregalaram de surpresa.

— Estou surpresa que esteja me recusando, Griff, querido. Sabe que a linhagem da minha família é imaculada e sou a quarta na fila do trono de Saxe-Gallia. — Enalteceu-se Heloise.

Como se isso fosse uma vitrine de venda.

— E sou quem traz a carteira enorme para a mesa, não é?

Sua boca esboçou um sorriso forçado.

— Não seja grosso. Isso soa como algo que você ouviria de... — Fechou a boca repentinamente.

Griffin riu.

— Ia dizer ‘americano’?

— Não seja ridículo. — Mas havia manchas rubras em suas perfeitas maçãs do rosto.

Ele apenas sorriu.



— Há apenas uma regra — disse Maylee enquanto tocava gentilmente o pescoço de sua alteza real, a princesa Alexandra — Não pode me agradecer ou me pagar de forma alguma, ou não funcionará.

Os olhos manchados de lágrimas da princesa assentiram no espelho, e então ela estremeceu novamente.

— Tudo bem, então. — Gentilmente sentiu os lados do pescoço da princesa. Estava ao lado de Thomas quando perguntaram se sabia alguma coisa sobre primeiros socorros. A noiva fora queimada com uma chapinha e pediu ajuda a Maylee. Ela assentiu, é claro, e o cavaleiro a levou aos aposentos reais.

O quarto particular da princesa estava em alvoroço. Luke segurava a mão de sua noiva, parecendo quase tão perturbado quanto a amada chorosa. Perto uma criada soluçava, em suas mãos a chapinha de cabelo, e a equipe entrava e saía, sem saber o que fazer. Uma mulher estava ocupada tentando reparar a maquiagem soberana, enquanto as

lágrimas caíam pelas bochechas pálidas de Alex, e uma mulher mais velha segurava uma bolsa de gelo na parte de trás do pescoço.

Maylee entrou imediatamente.

— Posso consertar isso. — Pegou a bolsa de gelo da mulher e percebeu tarde demais que deu uma cotovelada na mãe da princesa e outra alteza real, mais ou menos. No entanto, não havia nada que pudesse fazer sobre isso agora.

E então Maylee retirou a bolsa de gelo, colocou as mãos nas laterais do pescoço de Alexandra e começou a conversar. Quando alguém estava sofrendo, emitia uma voz baixa e suave e fazia a pessoa descrever a lesão. A cabeleireira da princesa, que era a mulher chorando no canto, estava tentando enrolar algumas mechas soltas com uma chapinha. Um criado nervoso deixou cair uma bandeja de vinho, quebrando uma garrafa, e a mulher deu um pulo.

Quando o fez, sua chapinha acabou encostando no pescoço da nobre e queimando a pele macia. A marca era longa e vermelha, e parecia que iria formar bolhas. A pele ao redor da queimadura estava quente ao toque, então Maylee acariciou os dedos sobre a pele boa ao lado e manteve Alex falando. Estava animada com o casamento? Se queria dançar na festa de hoje à noite? Luke era um bom dançarino?

A princesa admitiu que não, o que fez Luke rir. Apertou a mão dela enquanto Maylee continuava a pedir que falasse. De vez em quando, perguntava se queria dar-lhe a dor. A mulher parecia um pouco cética, mas concordava toda vez que era incentivada.

Se pressionada, Maylee não sabia exatamente como sua habilidade funcionava. Sua mãe havia lhe passado o dom, era uma antiga tradição Meriweather. Em algumas famílias tinham pessoas que achavam água

ou pessoas que poderiam prever o clima. Meriweathers eram faladores. Tocou a pele queimada e gentilmente esfregou a marca inflamada uma última vez.

— Alexandra... Agora...

— Sua Alteza. — A mãe corrigiu rigidamente ao seu lado.

Ela parecia muito com Griffin naquele momento que Maylee se distraiu. Mas se recuperou e terminou sua sentença.

— Vá em frente e me dê o resto da dor.

Alexandra piscou por um momento, e então um sorriso cruzou seu rosto.

— Não está doendo mais. Como diabos fez isso?

Maylee levantou as mãos. Elas sempre pareciam um pouco quentes e doloridos depois de uma boa conversa.

— Não sei. Isso acontece na minha família. Minha mãe pode falar com as verrugas de qualquer pessoa, mas eu sou boa apenas com queimaduras.

— Verrugas? — Disse uma mulher horrorizada nas proximidades — Que vulgar.

— Eu não ligo — disse Alexandra, sorrindo no espelho para Maylee — Estava cética quando Griffin me contou, mas devo dizer que estou impressionada. Você tem meus agradecimentos. — A princesa acenou para a atendente de maquiagem e a mulher entrou correndo, esponjas cosméticas na mão, para consertar a maquiagem.

— Apenas seja cuidadosa com isso. — Maylee advertiu — Coloque um pouco de *aloe vera*⁵⁰ mais tarde e cubra-o para não irritar mais a pele. A marca desaparecerá em um dia, mais ou menos, mas não deve empolar.

— Isso é incrível. — Luke disse, o alívio no rosto. Sorriu para a princesa novamente — Tem certeza de que está bem, querida? Até para a festa?

— Não importa se estou ou não — disse Alex, mas seu sorriso tirou o ardor de suas palavras — Dê-me dez minutos e estarei pronta para descer. — Indicou uma cadeira próxima — Sente-se, Maylee. Caso precisemos de você novamente.

— Chega de chapinhas — disse Luke com firmeza — Você é adorável do jeito que é.

O sorriso de Alexandra enfeitou a boca.

— Nós apenas vamos fixar o resto. — Estalou os dedos e apontou para os cabelos, e a mulher que chorava enxugou os olhos e entrou em ação.

Maylee aproximou-se da cadeira designada para ela, mas alisou o vestido nervosamente.

— Alexandra, prefiro ficar de pé. Tenho medo de estourar uma costura ou algo pior, e então o Sr. Griffin ficaria realmente desapontado comigo.

A princesa olhou para o espelho, mas seu olhar foi para Maylee e depois voltou.

— Falando no primo Griffin, vejo que ele pegou as joias da família.

⁵⁰ Aloe Vera também conhecida como babosa.

Maylee rapidamente tocou os brincos e o colar novamente.

— Meu Deus, sim, e elas estão me deixando tão nervosa quanto um gato em uma sala cheia de cadeiras de balanço.

Luke sufocou uma risada.

— De fato — Alexandra disse com uma voz agradável — Ainda assim, ele deve estar satisfeito com o seu trabalho.

— Oh, é apenas um empréstimo. — Falou pressionando a mão contra o colar muito caro — Acho que senti pena de mim porque não tenho joias.

— Isso não soa como Griffin — disse a princesa.

— O que não soa como Griffin?

Maylee se virou ao som de sua voz familiar, subitamente desconsertada.

— Olá, senhor Gri...hum, Lorde Montagne Verdi.

Ele posicionou-se ao lado dela, pousando a mão em seu ombro. Atitude estranhamente possessiva para um empregador, conjecturou Maylee, mas não se afastou. Como se a estivesse incluindo no grupo, em vez de fazê-la se sentir uma intrusa. Apreciou o gesto.

— George está por aqui? - Perguntou Griffin, e ela sentiu os dedos dele no ombro.

— Ele não está — disse a princesa Alex, inclinando-se para que a atendente pudesse passar rímel nos cílios — Estamos prestes a descer, o que significa que a dança começará. Fugirá assim que começar, como sempre?

Griffin fez uma careta.

— Eu não...

A sucessora real provocou e a peleja entre eles parecia mais de irmãos do que princesa e Visconde.

— Conteí a Luke que você sempre foge dessas funções, porque odeia dançar, mais do que ele.

— Ahh, sairemos antes de assistir a dança? – Maylee não pôde evitar a nota melancólica em sua voz. Agora que estavam aqui e ela conheceu a princesa, que na verdade era muito legal, sentia-se mais relaxada. E queria ver como era uma dança real.

— Acho que podemos ficar para ver uma — disse Griffin.

— Duas. — Alexandra corrigiu e ficou de pé em um turbilhão de delicadas rendas francesas⁵¹ na cor azul — A primeira dança é para mim e Luke.



Vinte minutos depois, a princesa e seu noivo foram anunciados para a multidão, e a banda começou a tocar. O baile oficial havia começado, e Alexandra e Luke se moveram pela pista de dança em um elegante redemoinho.

— Ela é tão linda. — Maylee suspirou — Estou tão feliz por ela. Está maravilhosa.

— Sim está. — Griffin concordou ao seu lado. Não se afastou dela desde que saíram dos aposentos da princesa. Quando alguém o

⁵¹ Feita a mão e livre de costuras, tem custo altíssimo. Sua versão sintética leva o nome de Renda Chantilly.

chamava para conversar, ele arrastava Maylee junto. Ficou lisonjeada, mas permaneceu calada enquanto ele conversava, com outro político, sobre a recente eleição no Bellissime de um primeiro-ministro. Observou-o enquanto falava. Mesmo que não quisesse estar aqui, estava claro que poderia lidar com a multidão. Parecia totalmente à vontade, conversando naturalmente com quem vinha até ele.

Enquanto isso, permanecia ao seu lado, com a língua presa e com medo de falar e envergonhá-lo.

Uma salva de palmas fez com que todos olhassem para o centro do salão, os noivos estavam saindo, indo para o estrado onde a rainha assistia às festividades de seu trono. Um trono adicional havia sido posicionado para Alexandra que se sentou, Luke moveu-se de modo a ficar atrás, por cima do ombro.

Eram maravilhosos, Maylee reconheceu. Românticos como saídos de um conto de fadas. Poderia observá-los a noite toda e, a julgar pelas expressões sonhadoras de algumas das outras mulheres na sala, não era a única.

Depois que Alexandra arrumou as saias, acenou com a cabeça na direção da banda, e as notas de outra música começaram a soar. Os casais se mudaram para a pista de dança, e Maylee os observou com olhos brilhantes. Queria gravar na memória para nunca esquecer, todos esses vestidos caros e lindos e mulheres bonitas nos braços de homens arrojados e vestidos formalmente.

Uma mão estendida na frente de Maylee.

— Vamos?

Olhou para a mão de Griffin, depois olhou seu rosto, surpresa.

— SÉrio?

— SÉrio. Embora deva avisar, tenho dois pés esquerdos.

— Tudo bem — disse ela alegremente, e bateu a mão na dele — Também não sou muito boa dançarina.

— Ótimo. Então formaremos um par terrível.

Seu humor azedo só a fez rir.

Sua respiração flutuou em sua garganta com excitação, deixou seu par liderar o caminho enquanto se dirigiam para a pista. A música era imponente, e todos ao seu redor estavam apertando as mãos e se aproximando para a dança. Oh, que mágico.

As mãos foram até sua cintura, mantendo-a ligeiramente afastada. Sem saber onde colocar as próprias mãos, deslizou-as para o pescoço dele.

Ele olhou-a por um longo momento, e ela sentiu a respiração prender novamente com a intensidade de seu olhar, mesmo através das armações quadradas de seus óculos, que normalmente escondiam suas expressões. Os olhos foram de seu rosto para o colar em seu pescoço.

— Vejo que não os perdeu.

Suas palavras a confundiram. Isso era uma brincadeira? Ou realmente achava que ela faria o possível para perder as joias dele?

— Não. Eu tomei muito cuidado.

— Claro.

Dançavam um tipo de valsa, pelo menos era o que imaginava. Na verdade, lembrou-se vagamente de um baile do ensino médio, e uma risadinha escapou de sua garganta.

— O que foi?

— Só pensando que isso me lembra de uma dança da escola.

Um toque de sorriso curvou sua boca austera.

— Ah é? De que maneira?

Ela meneou a cabeça para um casal que estava perto.

— Os vestidos. O constrangimento. As crianças legais e os aspirantes.

— Crianças legais e aspirantes? – Sua sobrancelha arqueou — Qual deles é você?

— Oh, definitivamente uma aspirante.

— Por que você pensaria isso?

Engoliu em seco, desviando o olhar dele. Foi fácil disfarçar, apenas fingiu assistir todos dançando nas proximidades.

— Só me preocupo em dizer ou fazer algo errado e estragar tudo. Então, tento não falar.

Ele balançou a cabeça e suas mãos apertaram a cintura dela um pouco mais.

— Ninguém poderia ter vergonha de você hoje à noite, Maylee.

Por alguma razão, isso não a fez se sentir melhor.

— Por que não pareço eu mesma, certo?

— Por que acha isso? - Olhou seus pés mal se mexendo enquanto dançavam, e ele estava certo, não era um bom dançarino. Pisou em sua saia duas vezes e em seu pé uma vez, mas de alguma forma não importava.

— Você mesmo disse. — Ela respondeu.

Griffin suspirou.

— Bem, você falou. — Disse ela na defensiva — E então me levou ao salão para que pudessem me fazer parecer ‘apresentável’. Palavras suas.

— Você as interpreta mal.

— Realmente não tenho certeza de como é possível interpretá-las mal, Sr. Griffin. Acabou de dizer que ninguém poderia ter vergonha de mim esta noite. Visto que normalmente não me pareço com isso, tenho que pensar que sou constrangedora no dia a dia. E você deixou isso bem claro ao me comprar roupas. — Ah, agora estava vomitando todo tipo de mágoa nele. Ela precisava parar, mas não conseguiu se conter — Então, por favor, diga-me como estou interpretando mal isso. Posso ser uma caipira, mas não sou burra.

— Nunca disse que era estúpida.

— Vamos esquecer que eu disse alguma coisa, certo? — Ela estava arruinando esta noite adorável. Então virou-se para olhar todos os vestidos incríveis que passavam — Me desculpe, trouxe isso à tona. Tenho certeza de que esse não é o meu lugar.

— Senhorita Meriweather... — começou, e então disse —...Maylee... — parou novamente, e suspirou.

E agora se sentia mal. Ele gastou muito dinheiro para deixá-la toda arrumada esta noite e este lugar realmente era algo que nunca esqueceria.

— Eu... não sou bom com pessoas. — Admitiu.

— Agora isso é mentira. — disse-lhe — Ficou conversando com o resto desses nobres a noite toda.

— Sou bom em me misturar. Não sou bom com pessoas. Frente a frente. — As mãos se moveram na cintura dela, e ele se mexeu, inclinando o pescoço de um lado para o outro como se quisesse puxar a gola — Conheço muitas pessoas, mas não tenho muitos amigos, Maylee. E nunca digo a coisa certa.

— Com certeza diz muito para alguém que não diz a coisa certa. — Murmurou.

As mãos se movimentaram na cintura dela e, para sua surpresa, ele afastou uma de suas mãos do pescoço dele e a apertou. Era quase como uma valsa, exceto que duvidava que os dois soubessem dançar uma valsa.

— Só porque falo não significa que não continuo fodendo as coisas.

Ela apertou a mão dele, sentindo-se estranhamente conectada a ele no momento. Talvez fosse o intenso olhar de concentração em seu rosto, ou as palavras que ecoavam sua própria miséria por estar fora de lugar. Estava em casa com a alta sociedade e não sabia o que dizer individualmente. Ela era o oposto. Adorava conversar com todo mundo, mas entre essa multidão reluzente, sentia-se como um gato de rua, que de alguma forma escapara pela porta dos fundos.

— Então, se continua bagunçando as coisas, o que acha que deveria dizer? – Indagou Maylee.

Griffin engoliu em seco e por um momento pareceu tão desconfortável que queria rir. Então falou, e a risada morreu na garganta.

— Deveria lhe dizer que te acho, sim, impressionante — disse em voz baixa — Que seu sorriso aquece a sala. E que o quarto parece um pouco mais escuro quando você sai.

Os olhos dela se arregalaram. De repente, sua mão na dele pareceu incrivelmente íntima... quase sexual. Era quase como se estivesse com a mão no peito dela em vez da própria mão.

E por um breve momento selvagem, se perguntou como seria na cama. Seria aquele nobre incrivelmente polido, arrogante, quase entediado, que normalmente era? Ou descobriria outra personalidade por baixo?

— Diga algo.

— Eu... Não sei o que dizer... — ela murmurou. Ficou tão atordoada que estava perdida.

— Está corando. — Disse, notando o tom róseo suave que surgia. Sua voz mudou um pouco assumindo aquela nota arrogante típica — Esse rubor mexe com meu imaginário, me excita, penso que deveria saber

— Não precisa parecer tão enojado com isso. — Ficou na defensiva. Isso deveria ser um elogio? Deveria estar lisonjeada por parecer revoltado com o pensamento de estar atraído por ela?

— Estou enojado porque é minha funcionária e está fora do meu alcance por esse motivo. Não sou um predador para atacá-la só porque tenho certo poder sobre você. — Pareceu zangado com o pensamento — Essa não é uma situação em que deveria colocá-la. Não deveria ter dito nada esta noite, e ainda estou aqui, jorrando palavras como um bule de chá.

Por alguma razão, o pensamento de Griffin abafado e sério como um bule de chá a fez rir histericamente.

A música diminuiu e terminou.

— Já falei demais. — Finalizou, e suas mãos soltaram as dela. As pessoas pararam de dançar e começaram a bater palmas, e eles se afastaram, deixando Maylee com uma riqueza de sentimentos confusos.



Deixaram a festa cerca de meia hora depois, e ficou aliviada por escapar, apesar da estranha viagem de carro de volta ao hotel. Griffin ficou quieto, ocasionalmente mexendo nos botões do punho.

Desejou que ele falasse qualquer coisa, mas havia dito que falara demais. Então olhou pela janela e observou as ruas noturnas de Bellissime passarem. Seus próprios pensamentos estavam uma bagunça, mas não podia endireitá-los, não com ele sentado tão próximo, em silêncio. Então tocou as joias para se certificar de que ainda estavam lá, voltou a atenção para fora do veículo e tentou não pensar no silêncio dele.

Nada falaram quando pegaram o elevador até o andar das suítes. O guarda de segurança colocado no corredor assentiu para os dois. Parou do lado de fora de sua porta. Sua mão tocou as joias absurdamente caras novamente.

— Deveria devolver-lhe isso.

— Foi uma longa noite, Maylee. Recolherei pela manhã. — Tirou os óculos e esfregou os olhos, sem olhá-la.

— Tudo bem — disse suavemente, abriu a porta e entrou. Uma vez fechada, rapidamente verificou a sala à procura de intrusos. Poderia ter

pedido a ele, mas seus pensamentos ainda eram inseguros quando se tratava dele, e por algum motivo, não o queria em seu quarto se ele não a quisesse.

Pelo menos, não a verdadeira ‘ela’.

Olhou seu reflexo no espelho. A mulher que a encarava tinha cílios longos e escuros e cabelos louros perfeitos e lisos, reluzia em joias e usava um vestido caro que a fazia parecer uma dama elegante. Só ficou mais confusa.

Ele revelou que gostava dela, mesmo quando insistia constantemente que mudasse sua aparência. Como deveria levá-lo a sério se tentava a toda hora modificá-la?

Cuidadosamente removeu o colar pesado e o colocou na cômoda. Em seguida, os brincos. Então, removeu os grampos dos cabelos e sacudiu-os. Ainda eram muito leves e estranhos para serem dela. Assim como o rosto perfeito que a encarava. Precisava de um banho.

Tirou o vestido e não foi tarefa fácil, considerando que não teve nenhuma ajuda com o zíper. Pegou uma toalha, foi para o banheiro e lavou o cabelo.

Quando terminou, seu rosto estava completamente limpo, seu cabelo estava novamente molhado, cachos presos, e se sentia mais como ela mesma. Vestiu seu pijama de camuflagem, pegou o tricô e subiu na cama. No entanto, ela não conseguia se concentrar. Seu olhar continuava se desviando para as joias na cômoda, e seus pensamentos no que aconteceu durante a noite.

Griffin disse que gostava dela. Gostou do sorriso, do toque.

Mas realmente gostava dela? Queria a verdadeira Maylee? A garota do campo que usava pijama de camuflagem, que tricotava e tentava beber água de tigelas de dedos em festas chiques? Ou queria a loira suave e elegante em que tentou transformá-la?

Largou o tricô e apagou a luz. Mesmo assim, não conseguia dormir. O que queria dela?

Eu não sou bom com pessoas.

Achava que ele não era ruim com as pessoas; apenas não sabia como pedir coisas depois de uma vida inteira tendo tudo nas mãos. E esse pensamento a fez sentar-se na cama.

Não sabia como pedir coisas! Griffin apenas assumia que elas naturalmente se tornariam dele. Toda a nobreza pensava assim. Não sabia como perguntar se estava interessada nele. Rodeou e acabou dizendo que gostava dela. E foi isso. Depois não disse mais nada. Talvez nem tivesse percebido que ela precisava ouvir mais?

Essa era a estranha maneira que achou para perguntar se ela gostava dele? Se queria beijá-lo? Simplesmente dizer que era ruim com as pessoas e deixa-la interpretar? De repente, precisava obter a resposta para isso.

Acendeu a luz e pulou da cama, atravessando o quarto até a porta adjacente. Sem parar para pensar na hora ou se era educado, bateu rapidamente. Houve um barulho alto do outro lado da porta e, um momento depois, Griffin a abriu, os olhos levemente selvagens, os cabelos despenteados.

— Maylee! Está... está tudo bem? – Entrou no quarto com a luminária de cabeceira na mão, brandindo-a como uma arma mais uma vez.

Oh céus. Ela o assustou.

— Está tudo bem. Não há ninguém no meu quarto além de você.

Soltou o ar devagar e depois olhou-a. Com uma respiração baixa, assentiu e relaxou.

— Você me assustou.

— Sinto muito. — Cruzou os braços sob os seios, enfiando as mãos por baixo deles e se sentindo um pouco estúpida — Não deveria ter te acordado.

— Não seja boba. — Esfregou o rosto e voltou para o quarto para recolocar a lâmpada — O que precisa?

Preciso que você goste de mim, pensou, e ficou surpresa com seus próprios pensamentos.

— Estava apenas, hum, curiosa sobre o que disse antes.

— O que quis dizer antes?

— Quando disse que sou impressionante.

O rosto dele ficou vermelho. Isso, combinado com seu cabelo bagunçado, fez com que parecesse adoravelmente infantil, apesar do peito largo e definido que estava agora exposto à sua visão.

— Podemos conversar sobre isso de manhã.

— Oh. — Balançou o corpo alternando os pés, odiando que já a estivesse dispensando. Sentiu que haviam feito uma espécie de avanço e que se não dissesse algo neste momento, a oportunidade se perderia para sempre. Seria estupidez dizer algo? Mesmo quando estava de volta à sua real aparência em vez da mulher elegante de horas antes?

— Durma um pouco. Se quiser, verificarei seu quarto. — Proferiu com voz suave.

— Não, está tudo bem. Eu só gostaria de conversar agora.

— Sobre?

Ela ignorou aquela palavra afiada e cortada.

— Você e eu.

— Nós?

Maylee lançou lhe um olhar direto.

— Quero saber por que está constantemente tentando me mudar, se gosta de mim.

Ele parecia incrivelmente desconfortável com isso.

— Não estou tentando mudar você.

— Está.

Griffin esfregou o rosto novamente.

— Não é tão simples assim. Essas pessoas vivem e respiram protocolo. Só não quero... Não quero que ninguém machuque seus sentimentos, fazendo sentir-se inadequada.

— A única pessoa que faz isso comigo é você.

Ele se encolheu e desviou o olhar.

— É verdade. Toda vez que abaixei minha guarda, você me machucou. E eu... gosto de você. Mas não sei se devo.

— Sou um idiota. Nunca foi minha intenção magoar seus sentimentos. Qualquer coisa menos isso. — Resmungou severamente.

— E você gosta de mim? – Parecia estranho afrontá-lo com tanta ousadia, se questionou, mesmo não sabendo como abordá-la. Naturalmente tinha que a pergunta — De mim?

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que pensou que cometera um erro por ser tão franca. Seu estômago retorceu nervosamente.

Então, olhou-a lentamente e estendeu a mão para tocar uma mecha de seu cabelo. Estava úmido, cachos perfeitamente curvos. Enquanto ela o observava, ele o enrolou no dedo.

— Senti falta de vê-los esta noite.

— Sentiu? – Sua respiração ficou presa na garganta.

Ele assentiu, parecendo fascinado por aquele cacho entre os dedos.

— Ficava pensando que seu cabelo era bagunçado, despenteado e selvagem, mas não percebi o quanto gostava desse visual até que tudo estivesse alisado. Estava linda, mas não era... você.

E era isso que queria, não, precisava ouvir.

Maylee deu um passo à frente, movendo-se em sua direção. Colocou a mão no centro do peito dele, sobre o coração. Estava incrivelmente excitado. Ele não se mexeu, mas ela o sentiu tenso contra a mão.

— Posso dormir no seu quarto hoje à noite? – ela sussurrou.

O olhar dele encontrou o dela, e havia esperança e paixão nessa troca. Ele levantou os dedos e traçou as linhas da sua bochecha.

— Está com medo de dormir sozinha?

— Não. Posso dormir com você de qualquer maneira?

Ele gemeu e a arrastou para seu quarto.

Capítulo Dez

As mãos quentes de Griffin pegaram as dela puxando-a para seu quarto. As luzes estavam apagadas, mas pela luz que vinha do quarto dela podia ver uma cama muito amarrotada. Era obvio que ele também não estava dormindo profundamente. Estava pensando nela também? Incapaz de dormir por que a tinha em mente? Ou esse era um pensamento otimista?

Ele soltou a mão dela e fechou a porta do quarto adjacente. Estava escuro como breu.

— Devemos pegar as esmeraldas? Sinto-me estranha por deixá-las no outro cômodo sem estar por perto.

— Danem-se as esmeraldas. — As mãos dele se moveram para os ombros dela, e gentilmente a conduziu ainda mais para dentro do quarto — Venha para a cama.

— Não precisava de muita persuasão, Sr. Griffin. — Riu nervosamente.

— Por favor, esqueça o 'senhor', Maylee. Na verdade, pode me chamar de Griff, se quiser. Todos os meus íntimos me chamam assim.

Estava ele sugerindo que era uma de suas ‘íntimas’? Um calor percorreu seu corpo com o pensamento, e suas mãos se moveram para cobrir as dele que descansavam em seus ombros.

— Griff, então.

— Bem melhor...

— Não trouxe travesseiros. Para colocar entre nós. — Revelou em uma voz suave.

— Esperava que não precisássemos deles.

— Eu também, mas não queria presumir.

As mãos dele pressionaram seus ombros, e virou-a. No escuro, ela mal conseguia distinguir a linha de sua mandíbula, o brilho de seus olhos e os cabelos desgrehados que se erguiam tão adoravelmente de sua cabeça.

— Maylee... Antes de irmos para a cama, só quero que saiba que não tenho expectativas para esta noite. O que quiser está bem para mim. Se tudo o que quer é uma companhia, estou bem com isso também. Não quero que faça o que não quiser. Compreende?

— Fico feliz em ouvir, mas estou um pouco confusa sobre o porquê da necessidade em verbalizar.

— Porque, goste ou não, sou seu empregador e não quero usar minha posição para exercer poder sobre você. Isso seria injusto. Fora deste aposento estou no comando. Aqui, vale o que você disser.

— Sêrio?

— Sim — Os dedos dele roçaram o pescoço dela novamente em um toque suave que a fez estremecer de desejo.

— Qualquer coisa que diga, vale?

— Qualquer coisa.

— E se lhe dissesse para latir como um cachorro?

Ele parou.

— Quase qualquer coisa.

Ela riu de novo, principalmente porque *ele parecia* muito descontente. As mãos se moveram para o peito dele e deslizaram pela pele quente.

— E se, em vez disso, pedisse para tirar suas calças para mim?

— Tirará as suas?

— Não, porque eu estou no comando.

Com isso ele resmungou.

— Barganha muito bem, senhorita.

— Estou apenas exercitando meu músculo cerebral. Mas se não quiser, eu entendo. — Brincou.

— Então agora está recuando? – Havia uma pitada de malícia em sua voz que a surpreendeu.

— Bem, desde que encara dessa maneira... não. — De onde vinha todo esse jogo? Não sabia, mas estava gostando — Tire suas calças.

— Feito. — Dito isso, se afastou um pouco e ela pode ouvir um leve farfalhar de tecido e um baque suave quando as calças do pijama caíram no chão — Sou todo seu.

Uma repentina onda de timidez tomou conta dela, e Maylee riu nervosamente.

— Você sabe, Maylee... — a voz assumindo um tom cortante – a maioria dos homens não gosta de uma mulher que ri quando abaixam as calças.

— Não estou rindo de você. Estou apenas um pouco nervosa. — Assegurou.

Ela o ouviu respirar fundo.

— Você é virgem?

— Não. Você me deixa nervosa.

— Até que eu tire minhas calças, e você caia na gargalhada.

— Não enxergo nada, então não é você, Griff. — O apelido dele parecia estranho, mas agradável, nos lábios dela.

— Suponho que poderíamos acender uma luz, mas prefiro que não.
— Ele então a alcançou — Os cegos veem com as mãos. — Encontrou as dela no escuro e as colocou em seu peito — Acho que estão certos.

Ela respirou fundo. As pontas dos dedos roçaram o peito dele, e sentiu as delicadas linhas da clavícula.

— Quer que o toque?

— Não gostaria de mais nada – Disse com voz rouca.

Maylee estremeceu, aproximou-se o suficiente para sentir o pênis ereto roçar suas coxas. Definitivamente estava nu. O calor queimava suas bochechas e queria explorá-lo com as mãos para ver se era tão longo quanto parecia, mas não estava pronta para fazer isso, ainda.

Então deixou os dedos desenharem pequenos círculos na pele dos ombros dele, sentindo os músculos ali. Então, as deslizou para baixo e sentiu os bíceps, dando um suspiro de apreciação quando ele flexionou sob as mãos dela.

— Pensei que era um estudioso.

— E sou. — Sua voz soou tão perto do seu ouvido e tão elegante. Podia ouvi-lo falar, sobre nada em particular, por horas e horas.

— Tem músculos poderosos para um estudioso.

Ele riu.

— Às vezes, a única chance de colocar em dia minhas leituras é na academia. Então, visito-a com bastante frequência. Gosto de estar em forma, caso uma das viagens esteja fora dos roteiros mais conhecidos. Na faculdade, Jonathan e eu recriamos a jornada original de Hiram Bingham⁵² pelas montanhas do Peru até Macchu Picchu e ele quase chutou minha bunda. Depois disso, decidi que precisava ficar em forma.

— Mmm. — Realmente se manteve em forma. Apertou os braços dele novamente e depois moveu as mãos de volta ao peito. Os dedos deslizaram para baixo, circulou pelos mamilos, satisfeita ao ouvir sua respiração ofegar. Queria colocar a boca neles, para ver como reagiria se pegasse um e lhe desse um pequeno puxão com os dentes, mas não conseguiu afastar as mãos dele. Em vez disso, passou as unhas levemente um pequeno gemido de prazer escapou quando o sentiu tremer em resposta.

— Amo suas mãos, Maylee. — Aquela voz rouca e elegante que retumbava em seu baixo ventre — Estava pensando em frases ridículas quando voltamos, para tentar descobrir como fazer com que você as colocasse em mim. Pensei em me queimar com uma chapinha como Alex, exceto que não tenho uma. E então pensei em simplesmente lhe dizer que estava com uma ardência nas calças, mas depois pensei que pareceria uma infecção.

Ela riu de novo.

— Você realmente não é muito bom com as pessoas.

— Realmente não sou. — Parecia triste.

— Tudo isso só para colocar minhas mãos em você?

⁵² Hiram Bingham (Honolulu, 1875-1956) foi um acadêmico, explorador, militar e senador norte-americano considerado o descobridor de Machu Picchu.

— Faria tudo e qualquer coisa para que colocasse suas mãos em mim. — Admitiu.

Oh... que palavras docemente românticas. Aproximou e colocou as mãos na nuca dele, puxando a boca em sua direção. Desejava tanto beijá-lo, para garantir que o que compartilharam no outro dia não fosse apenas uma invenção de sua imaginação.

A boca dele desceu sobre a dela faminta. Ela ficou assustada com a intensidade do beijo, apenas momentaneamente. Ser devorada por esse homem era algo maravilhoso. E quando a língua deslizou em sua boca e dançou com a sua, se entregou completamente ao longo e apaixonado beijo, que parecia despertar cada centímetro do seu corpo.

Subitamente sua boca se afastou da dela, deixando-a sem fôlego e arranhando seus ombros.

— Oh, Misericórdia. Você não beija como um estudioso.

— É bom ouvir isso — disse entre mordidinhas no lóbulo da orelha dela — Beijou muitos estudiosos?

Seus dedos encontraram o cabelo dele, que era macio e desgrenhado porque o convencera a não fixá-lo com gel. Gostava de tocá-lo.

— Só você.

— Bom. — Aquela possessividade em sua voz era bastante agradável.

Maylee se aproximou mais, incapaz de evitar a pressão de seu pênis em seu ventre. Seus dedos estreitavam ao redor do corpo dele, mas não queria que ele entendesse errado. Era apaixonada por beijos, beijar e abraçar na cama, mas não tinha certeza de que estava pronta para transar. Queria compromisso e sabia da incerteza sobre a direção que ele seguiria. Não se importava, apenas queria as coisas claras entre eles.

— Griff... Ohh! – Gemeu e agarrou-se a ele quando sentiu a língua deslizar pelo lóbulo sensível.

— O que foi? – Os dedos afastaram os cachos dela, e ela sentiu a pressão quente do peito dele contra a blusa do pijama. Os mamilos rígidos raspavam contra ele, numa das provocações mais perversamente deliciosas.

— Deveríamos conversar... uh. sobre isso. — Estava com dificuldade para se concentrar enquanto ele mordiscava suas orelhas. Quem imaginaria que eram tão sensíveis? Toda vez que seus dentes roçavam sobre elas, parecia que estavam tocando outras partes bem mais sensíveis da anatomia dela.

— E exatamente o que é *isso*?

— Não sei até que ponto estou disposta a ir... — Essa boca estava tornando o raciocínio impossível.

— Eu te disse, Maylee. — Murmurou contra sua garganta, e ela inclinou a cabeça para trás para que ele pudesse continuar a explorar a pele em chamas — Iremos até onde você quiser. Posso colocar minhas mãos em seus seios? – A língua dele invadiu sua boca novamente, distraíndo-a da pergunta por um longo momento. Então repetiu a pergunta — Posso?

— Sim. — Respondeu em um suspiro, quase arqueando o corpo com o pensamento. Queria a boca dele lá, mas as mãos seriam a próxima melhor coisa.

Uma palma grande e quente segurou seu peito e Maylee suspirou.

— Mmm. Tamanho perfeito. — Griffin aprovou — Farto e delicioso. Qual a cor dos seus mamilos? Rosa pálido?

— Sim, sim. — Os dedos provocando através do tecido faziam seus quadris sacudirem involuntariamente. Deus, fazia tanto tempo desde que fizera sexo. Sempre foi bom brincar assim?

— Parecem pequenos. — O polegar traçou a ponta — Pequenos mamilos pálidos nos seios carnudos. Mal posso esperar conferir...

— Logo...

— Hoje não. — Concordou. Os quadris dele pressionaram ainda mais entre as coxas, mais fundo, e antes que soubesse o que estava fazendo, Maylee flexionou os joelhos e, em seguida, envolveu as pernas ao redor dele, puxando-o até ele descansar perfeitamente sobre seu núcleo.

Suas mãos se moveram para a bunda dele, e sentiram os músculos tensos lá.

— Mmm. Também não é traseiro de um estudioso idiota.

Griffin riu.

— Estou feliz que me ache tão atraente.

— Oh, sim. — A voz sonhadora — Acho mesmo.

Ele empurrou entre as pernas dela, e ela ofegou. O tecido a protegia da penetração, mas ainda sentia o calor dele, endurecendo contra sua entrada, com promessas de satisfação. Esfregando a ereção dolorida sobre o clitóris latejante, em um vai e vem torturante.

— Gosta? — Havia uma tensão em sua voz que não existia antes, como se estivesse se segurando, esperando. Se negasse sabia que ele iria parar, então impediria que isso acontecesse.

— Mais. — Implorou pressionando as unhas sobre a carne dos braços másculos.

Ele empurrou novamente, ela derreteu mais um pouco. Oh, Deus, transar com roupas era quase tão bom quanto transar sem roupas. Era muito mais uma provocação, porque nenhum deles conseguia o que queria, mas a antecipação deliciosa era um nível de prazer completamente diferente. Quando empurrou novamente, o ouviu gemer também. O atrito das roupas os deixava loucos de desejo.

Griffin investiu, cada impulso áspero e selvagem, ela estava protegida com segurança pelo tecido de seu pijama. Mas ele não estava acertando nos lugares certos; havia muito tecido sobre seu clitóris, e não importa o quanto erguesse os quadris e se pressionasse contra ele, não estava atingindo o ponto. Lamentos suaves de frustração surgiram de sua garganta.

— O que precisa? – Apertou contra o monte, entre as investidas — Diga-me, Maylee. Quero que seja prazeroso para você.

— Preciso de... Mais. Eu não sei. — Ofegou, levantando os quadris para pressionar contra a extensão de seu pênis.

— Mais? – Mudou o ponto de apoio retirando o peso sobre ela para poder pressionar a mão entre suas pernas. Usou o dedo indicador para massagear o clitóris através do tecido de seu pijama agora encharcado — Assim, querida?

Maylee gritou, chocada como aquele toque rápido poderia fazer toda a metade inferior apertar tão rapidamente. Estava à beira de um orgasmo instantaneamente, e seus gritos encorajaram Griffin ainda mais. Ele esfregou com mais força, enfiando seu pau contra a cavidade úmida e quente.

Sem conseguir conter-se apertou as pernas ao redor dos quadris dele liberando o som do prazer entre xingamentos e palavras desconexas.

— Santo Cristo! – Derramou o gozo encharcando seu centro e retesando a musculatura, fazendo todo o seu corpo tremer com a força do seu orgasmo. Continuou a xingar baixinho enquanto ele continuava a esfregar seu clitóris através do tecido, sua voz suave mesmo quando seu pênis empurrou e atingiu a costura de suas calças.

Quando as estrelas desapareceram de seus olhos, Maylee suspirou, tremendo.

— Oh Deus.

Griffin abafou o riso.

— Bom?

— Incrível. – Deslizou a mão pela lateral quente e com uma fina camada de suor, fazendo ele se encolher com o leve toque — E você?

— Apenas... tomarei um banho rápido. — Começou a sair de dentro dela.

Ela travou as pernas ao redor dos quadris, prendendo-o.

— Você não fez... você sabe. — Podia ouvir o rubor em sua voz.

— Gozar em cima de você?

— Algo assim... — Disfarçou.

Ele riu da sua timidez.

— Não consegue dizer isso? Estava gritando algumas obscenidades um momento atrás.

Ela corou no escuro, feliz por ele não poder ver seu rosto. As mãos acariciaram os braços tensionados dele.

— Entendeu o que quis dizer. Você não...gozou?

Ele hesitou, mas respondeu.

— Não sabia ao certo até onde você estava disposta a ir. E me masturbar, gozar em cima da sua barriga e espalhar meu esperma na sua pele, não me pareceu ser o que imaginou pra uma sessão de amassos.

Respirou fundo imaginando a cena. Seria ruim tentar isso?

— Bem, agora só pensarei nisso.. — Admitiu, engasgando com uma risada — Você quer?

Ele gemeu, e ela o sentiu desmoronar em cima dela, suas mãos indo para os emaranhados de seus cabelos.

— Mais que qualquer coisa. — Pensou por um momento — Bem, quase qualquer outra coisa. Enterrando-me fundo dentro de você e explodindo também parece divertido.

As mãos dela deslizaram sobre a pele úmida e deliciosa.

— Então quer que te mostre minha barriga?

Desta vez, foi gratificante ouvi-lo respirar fundo.

— Maylee, você não precisa...

— É, não preciso fazer nada, mas eu quero. — Usou de toda a gentileza nas palavras — Quero que goze.

Entrelaçou as mãos nas de Griffin e guiou-as para levantar a blusa de seu pijama, deslizando pelo ventre liso.

Soltando um gemido estrangulado ele sentou sobre as pernas, ainda entre as dela. Ela podia ver toda a sua grandiosidade se erguendo sobre ela na cama, e deixou escapar um gemido quando ele agarrou o tecido da blusa e o subiu até os seios.

Seus dedos percorreram seu estômago nu em desenhos irregulares como sua respiração.

— Ainda pode desistir — Advertiu-a, rouco.

— Não quer gozar em mim? – perguntou docemente.

Ele gemeu novamente, e sua mão segurou o seio nu sob as roupas. Maylee choramingou de surpresa, principalmente quando os dedos começaram a puxar seu mamilo.

— Droga. Tão bonito. — Sua voz era quase um rosnado — Então... Droga... lindo.

Ela sentiu um líquido quente espirrar sobre a pele enquanto ele gemia seu nome. Maylee deitou-se, atordoadada com o erotismo. Por que o que deveria ser uma rápida sessão de amassos se transformou em um dos momentos sexuais mais eróticos de sua vida?

Ofegante, a mão trêmula de Griffin se moveu por sua barriga contornando todo o esperma que havia derramado lá.

— Eu deveria ter deixado as luzes acesas.

Ela tocou seu estômago, incerta.

— Conseguiu em todo lugar? Devo pegar uma toalha?

Ele riu.

— Não, só queria ver você debaixo de mim, coberta de porra. É uma coisa masculina primitiva, acho. — Inclinou sobre ela e deu-lhe um beijo forte na boca — E pegarei a toalha.

A cama rangeu quando ele pulou e, do outro lado da sala, uma luz acendeu. Iluminado pela luz do banheiro, estava o traseiro gloriosamente nu de Griffin, todo musculoso e com suas coxas grossas.

Oh, Misericórdia. Não era uma visão deliciosa? Maylee sentiu-se despertando de novo e piscou decepcionada quando as luzes se apagaram mais uma vez, deixando-a na escuridão.

Então, ele estava de volta na cama, limpando suavemente sua pele e puxando o pijama.

— Devia tirar o pijama. Precisa ser lavado. Pode dormir com uma das minhas camisas.

— Oh. Tenho certeza de que tenho outro pijama limpo...

— Não. Gosto de vê-la na minha camisa. Alegra-me.

— Tudo bem, Sr. Gri...hum, Griff. — O rubor tomando conta de suas feições.

Quando ele se levantou, para se livrar da toalha, aproveitou para pegar uma camiseta macia para ela vestir.

— Precisa de ajuda para se despir? — Colocou a peça nas mãos dela.

— Acho que consigo — Disse ela com uma voz irônica e sem fôlego. Rapidamente tirou a roupa e vestiu a camisa, consciente da presença dele se virando para o outro lado da cama. Faltava a calcinha que jazia destruída no chão e não tinha outra de reposição — Hum. Você tem cueca boxer?

Ele riu.

— Se faz questão, embora esteja ligeiramente desapontado, por não ter o prazer de tê-la aconchegada contra mim a noite toda, sem roupa.

— Boxers — Repetiu. Um momento depois, um tecido macio tocou sua mão, e percebeu que estava com ele o tempo todo.

— Você é vergonhosamente perverso, Griffin Verdi. — Repreendeu-o enquanto se enfiava na cueca. Ficou um pouco apertada na bunda, pois tinha mais ‘enchimento’ do que ele.

Uma vez resolvido o problema do pijama, deitou na cama e ajeitou o travesseiro. O que fariam agora? Dar um beijo de boa noite e rolar para os lados separados?

O nobre pareceu ler seus pensamentos e resolveu essa dúvida. Assim que ela se recostou, a agarrou pela cintura e a puxou, seus quadris se curvando contra os dela. Ahá! Ele gostava de uma conchinha. Griffin acariciou seu pescoço quando estavam colados.

— Isso é muito melhor que o travesseiro, não acha?

As palavras dele fizeram cócegas no ouvido dela.

— É definitivamente mais íntimo. Espero que não ronque.

— Nunca ronco – Discordou, com aquela voz altiva — Você, por outro lado, poderia envergonhar um trator.

Ela bufou.

— Agora sei que está mentindo. Sou uma garota do sul. Garotas sulistas não roncam, nem xingam.

— Hum. As meninas do sul estão claramente fora da realidade.

Ela fez cócegas nas costelas dele antes que conseguisse segurar suas mãos. Então aconchegou-se contra o peito, sua boca provocando o pescoço, e de alguma forma adormeceu.



Na manhã seguinte, Griffin acordou com cachos loiros violentos e duros, fazendo cócegas no nariz e uma vontade de passar o dia na cama.

Ergueu-se um pouco e estendeu a mão sobre a mulher, agarrada a seu corpo, para desligar o seu alarme, e notou com diversão que nem se mexeu. Bem, na verdade, tudo o que fez foi cavar mais fundo no peito dele, aumentando o problema da ereção matinal.

Porra, mas gostou da noite passada.

Passou a mão sobre os cachos descontrolados, admirando a maneira como eles se afofavam e a fazia parecer completamente, adoravelmente fodida. Mesmo tendo o pijama como obstáculo, impedindo um maior contato, não podia negar que brincar com Maylee foi a melhor coisa que lhe aconteceu em muito tempo. E pela primeira vez, ficou bastante agradecido pelo casamento real e pela inconveniente catapora de Kip.

Inclinando-se, beijou sua bochecha.

— Maylee, querida, acorde.

Ela murmurou algo sobre alimentar os cães e passou a mão na bochecha como se estivesse afastando um mosquito. Aquilo foi encantador. Sorrindo para si, relutantemente a soltou e foi para o banheiro. Tomaria banho e depois a acordaria quando voltasse.

Tirou a roupa e se examinou no espelho. Estava sorrindo como bobo. Não, percebeu que sorria como Reese, sempre que alguém mencionava Audrey. Normalmente apenas revirava os olhos para aquele sorriso idiota e apaixonado no rosto de Reese e imaginava que Audrey fazia acrobacias incríveis na cama.

Mas Maylee não fez acrobacias incríveis. Simplesmente fora ela mesma, excitada, sem fôlego e louca de necessidade, e achava que era a coisa mais erótica de todos os tempos.

Só de pensar, sentiu seu pau tremer, e pegou-o na mão quando entrou no chuveiro, ligando a água. Havia pequenos arranhões vermelhos nos ombros, resultado das unhas da pequena sulista, e isso fez seu membro doer ainda mais. Derramou um pouco de condicionador na mão, espalmou a outra no azulejo e se afastou, imaginando-a ajoelhada à sua frente enquanto enterrava as mãos naqueles cachos loiros selvagens e fodia sua boca.

Quando finalmente saiu do banho algum tempo depois, Griffin enrolou uma toalha em volta do quadril e saiu do banheiro para ver Maylee sentada no final da cama, piscando sonolenta, com os cabelos quase arrepiados.

— Você não me acordou. — Balbuciou, esfregando os olhos.

Sentou-se ao lado dela inclinando-se para beijar aqueles cachos loucos e elásticos que estava amando.

— Você parecia cansada. Pensei em deixa-la dormir mais alguns minutos.

Suas bochechas ficaram vermelhas por isso, e ela pulou da cama.

— Devo me vestir para não chegarmos tarde no café da manhã.

Quando ela se virou apressada, admirou a maneira como a bunda dela encheu sua boxer. Esconderia aqueles pijamas de camuflagem, para que não tivesse escolha a não ser dormir em suas roupas. Gostou muito do que via. Parecia que ela lhe pertencia completamente.

Como deveria pertencer, decidiu.

Vestiu-se, jogou algumas gravatas sobre a cama, para deixá-la escolher uma. Ela voltou para o quarto pouco tempo depois, aqueles deliciosos cachos esmagados em um coque apertado e seu corpo, ainda mais delicioso, envolto em um terno, disforme e recortado, que tinha certeza de que viu a mãe da princesa usar uma vez. Isso a fez parecer pelo menos dez anos mais velha do que era. Franziu a testa. Ele transformou sua deliciosa Maylee despenteada nesta criatura desajeitada.

Ela se aproximou com um sorriso radiante, tirou uma gravata da pilha e flexionou o dedo, e ele esqueceu tudo sobre qualquer coisa, exceto aquele pequeno gesto sexy.

— Um dia desses... — brincou enquanto amarrava a gravata no pescoço dele – mostrarei como amarrar sua própria gravata. Existem tutoriais no YouTube, sabe. Muito didático, com passo a passo detalhado, para que possa acompanhar.

— Maravilha. — Exprimiu.

— Pense em como você será independente.

— A independência é superestimada, se isso significa que perco o fato de você colocar suas mãos em mim — disse corajosamente, e foi recompensado com o rubor dela e uma risadinha feliz.

— Pronto. — Articulou dando um puxão final para ajeitar gravata — Tudo feito. Agora vamos lá. Hoje temos que tomar um café da manhã rápido, porque sua agenda está cheia.

Ele suspirou profundamente.

— Não vejo como pode estar cheia. O casamento é daqui a dois dias e juro que visitei todos os grupos de dignitários, museus e instituições de caridade de todo Bellissime até esse momento.

Ela riu e lançou lhe um olhar atrevido.

— Não fiz sua agenda, Griff. Apenas administro.

Verdade. Poderia culpar Kip por isso.

Colocaram as esmeraldas de volta em sua caixa de veludo, pararam no andar de baixo para trancá-las em um cofre seguro, no escritório do gerente e depois seguiram para tomar o café da manhã. Mal se sentaram antes que Maylee abrisse o computador e começasse a digitar, um olhar concentrado em seu rosto.

— Deveríamos pedir uns dois sanduíches na cozinha antes de irmos.

— Comentou distraidamente — Será um dia daqueles.

Ele cruzou os braços, quando um garçom colocou uma xícara de café na sua frente, e franziu a testa. Droga. A última coisa que queria era ‘um dia daqueles’. Queria um dia de relaxamento. Passando um tempo com Maylee e vendo aquele sorriso radiante novamente. Queria ver o rosto dela se iluminar como quando comprou aquelas lembranças feias e ridículas. Certamente não queria gastá-lo ouvindo uma instituição de caridade, ou três, descrevendo como seu dinheiro seria melhor gasto por eles.

Griffin olhou o rosto da loira. Havia indícios de manchas sob seus olhos. Parecia cansada, e não era só da noite passada. Sabia que sua agenda atribulada esgotaria qualquer um. Também estava cansado disso. Tamborilou com os dedos sobre a mesa, pensando.

— Já teve a chance de ver um pouco de Bellissime, Maylee?

Ela estava lendo e-mails e seus lábios se moviam, como se estivesse guardando as informações na memória. Ele teve que repetir a pergunta antes que obtivesse sua atenção.

— O que? Ah não. Estamos muito ocupados para isso.

Enquanto falava, colocou as mãos no teclado e começou a digitar novamente. Então, pegou a ridícula pilha de Post-it e começou a fazer anotações. Encontrava-os constantemente presos na parte de trás do sedan. Até encontrou um preso no fundo de um sapato uma vez. Assim como ele, estava sobrecarregada.

Para um dia era o suficiente. Pensou na empolgação dela diante da pequena barraca de lembranças que visitaram. Como reagiria quando mostrasse sua Bellissime à luz do dia, em vez de uma rápida caminhada à noite?

Griffin pegou sua xícara de café.

— Acho que ficarei doente hoje.

Maylee demorou um momento para parar de digitar e, quando o fez, olhou-o.

— Hã?

— Estou doente. — Enunciou, e tomou um gole de café — Cancele meus compromissos.

— Ah, mas sim... — Olhava do computador para ele e franzia a testa — A respeito...

— São compromissos com minha mãe, outras pessoas tituladas que querem uma visita da realza ou pessoas que querem dinheiro. Diga às instituições de caridade que podem me enviar uma conta e darei o que querem. Diga a todos os outros para irem embora.

Ela riu.

— Devo escrever assim? Lorde Montagne Verdi deseja que você vá embora.

— Pode fazer o que achar melhor, é claro. E então vamos fazer passeios turísticos.

Os olhos dela brilharam, dando-lhe a certeza que tomou a decisão certa.



Depois do café da manhã, se retiraram para seus quartos para trocar de roupa. Imaginaram que, se não quisessem ser seguidos, precisariam de disfarces. Maylee pegou algumas camisas turísticas e bonés de beisebol que comprou para a família, e assim foram vestir os jeans e colocar as feias camisetas serigrafadas. Griffin enfiou um boné de beisebol na cabeça e franziu o cenho para o reflexo.

— Terrível.

É claro que, quando ela retornou alguns minutos depois, com um boné de beisebol sobre os cachos, uma camiseta apertada e jeans delineando suas curvas, ele mudou de opinião sobre a escolha de roupas. Sua bunda deliciosa encheu seus jeans notavelmente bem.

Reconheceu que era um bom plano.

— Também trouxe alguns óculos de sol. — Mostrou uma monstruosidade de plástico com as lentes impressas com a bandeira Bellissime.

— Tenho meus óculos de grau.

— Sim, e todo mundo reconhece você neles. Você pode ver sem eles?

— Você pode ver bem? – Corrigiu-a.

— Posso ver muito bem. É com você que estou preocupada.

Ele suspirou.

— Deixa pra lá. Sim, posso ver bem sem eles.

— Então coloque um destes. Tudo faz parte do seu disfarce.

Ele fez, e virou-se para lhe dar um olhar infeliz e ela engasgou com uma risada.

— Muito bom. — Maylee foi incapaz de manter a cara séria.

— O primeiro lugar que vamos é uma loja de óculos de sol. — Advertiu, tentando fazer uma cara séria, mas sem sucesso ao ver sua felicidade.

— Vamos lá. — Estendeu a mão para ele pegar — Sei um caminho para sairmos do hotel. Ninguém nos verá.

Deram-se as mãos e Griffin se viu gostando da agradável sensação. A dela era quente e macia e o lembrou de seus toques ontem à noite. Isso definitivamente estava ficando mais agradável a cada minuto.

Atravessaram o labirinto do hotel e depois o setor de carga e descarga nos fundos, e escaparam por um beco estreito, caminhando dois quarteirões antes de sair no meio das ruas de Bellissime. Elas estavam cheias de turistas, as ruas enfeitadas com as cores da família real.

— Onde primeiro? – Maylee perguntou com um aperto de mão.

Ele bateu nos óculos de sol.

— Vamos nos livrar deles.

Rindo foram para o distrito comercial.



Griffin apreciava passar tempo com Maylee. Era fascinada por tudo, desde os vendedores ambulantes com bonecos de madeira na forma da princesa e Luke Houston, até os bolos de chocolate vendidos nas esquinas. Passaram por muitas lojas, mas Maylee estava mais interessada em comprar coisas para enviar à família do que propriamente por bugigangas.

Pegou um par de óculos de sol bem menos embaraçoso e deixou-a liderar o caminho depois disso. Para sua surpresa, estava tão interessada nos edifícios mais antigos de Bellissime quanto nas paradas turísticas. Cada placa pela qual passavam, parava para ler e depois fazia perguntas. Foi um prazer passear pelas ruas e contar sobre sua terra natal, e Maylee absorveu cada palavra. Gostou especialmente do suspiro dela quando passaram pela catedral Saint-Anne de la Vallée, a minúscula igreja antiga na qual Alex e Luke se casariam em poucos dias.

— É tão bonita. — Aquela impressão sonhadora na voz.

— É muito antiga. — Discorreu sobre a história da igrejinha que remonta a Carlos Magno. Ouvia cada palavra com prazer, de olhos arregalados. Normalmente, quando falava sobre seus interesses em antiguidades, as pessoas ficavam entediadas ou desligadas. Ela apenas parecia impressionada e fascinada. Fez uma anotação mental para levá-la numa próxima viagem. Talvez para o Peru. Será que Macchu Picchu

a impressionaria? Ele havia achado a visão ‘estimulante’ e não se importaria em voltar a vê-la, agora através dos olhos da adorável caipira.

Torceu a expressão lembrando que não era sua assistente e sim do Hunter. Estava emprestada apenas.

Questionou-se sobre quanto seria necessário pagar a ela para que desertasse em favor dele. Era tão leal quanto uma pessoa poderia ser e duvidava que Hunter estivesse disposto a desistir dela, uma vez que Gretchen parecia gostar da garota. Antecipava todos os novos tipos de problemas que a contratação de Maylee traria. Kip era muito competente e merecedor de seu emprego e a última coisa de que precisava era dois assistentes. Teria que pensar numa saída para esse impasse.

— Cara, com toda a certeza, gostam de sobremesa aqui, não é? – Verbalizou ao parar e olhar a vitrine de uma loja de doces, o sotaque chamando atenção para a pergunta que era mais uma constatação.

— Bellissime é muito orgulhoso de seu chocolate. Quer experimentar?

— Pensei que nunca perguntaria. — Sorria de orelha a orelha.

Alguns minutos depois, saíram da loja, com dois cones de sorvete na mão. Ele havia comprado um tradicional sorvete de chocolate para si e ela um *crème à la menthe et chocolat*, que gracejou dizendo que era uma maneira extravagante de dizer chocolate e menta.

Do lado de fora da loja, Maylee deu uma lambida no cone.

— O meu é incrível. Acho que amo Bellissime.

— Levamos o chocolate muito a sério aqui. — Diz estampando um sorriso.

Ela olhou para o cone dele.

— O seu é melhor que o meu?

— Quer provar? – Sentaram em um banco de parque próximo. Uma fonte borbulhava nas proximidades e as pessoas passavam, tirando fotos. Era tudo muito turístico e bonito — Compartilho se quiser.

— Se disser que sim, rirá de mim por comer o seu e o meu?

— De modo algum. Adoraria ver você lamber meu cone. — Arqueou as sobrancelhas para ela.

Ela fez uma cara entre chocada e ofendida.

— Perverso. — Mas pegou a mão dele e puxou o cone em direção à boca, e depois deu uma lambida e não conteve um gemido de puro deleite — Oh meu Deus. Isso é incrível. Por que tudo é tão bom aqui?

Não conseguia tirar os olhos da sua boca, a pequena língua rosa disparando para lamber seu cone novamente e depois recuando entre aqueles lindos e perfeitos lábios. E uma ereção bastante desconfortável se formando. Fechou os olhos e começou a contar centenas, mesmo ela emitindo pequenos ruídos na garganta, enquanto saboreava seu sorvete.

— Quer provar do meu, Griff?

Deus, queria realmente levá-lo à loucura, não queria? Esqueça a contagem. Abriu os olhos no exato momento em que abocanhava o topo do seu cone, a língua de fora se movimentava numa dança sexy. Os lábios rosados cobertos de chocolate.

Verdi se inclinou para frente e tomou o lábio inferior dela na boca, chupando-o.

— Delicioso. — Murmura contra a boca dela e mordisca o lábio superior arrancando sons suaves que o deixavam muito excitado — Acho que gosto mais do seu.

Atordoadada, fitava-o enquanto ele se afastava. A boca ligeiramente aberta, os lábios molhados pelos beijos.

— Você... quer provar de novo? – Estava sem fôlego.

— Mais do que tudo. — Anuiu — No entanto, se o fizer, me citarão por atentado violento ao pudor.

Maylee direcionou o olhar para o colo, onde o braço dele estava estrategicamente posicionado sobre o pênis. Não conteve o riso.

— Sinto Muito. Irei me comportar.

— Vamos conversar sobre como me livrará do meu problema, não é? E guarde as degustações para mais tarde.

— Tudo bem. — Alegrementemente deu uma grande mordida no cone. Depois de um momento, pediu: — Conte-me sobre sua infância.

Isso funcionaria. A conversa sobre sua família sempre fazia desaparecer qualquer pensamento sexual.

— Devo?

— Bem, não, acho que não precisa.

Griffin olhou para a fonte próxima.

— Receio que seja uma daquelas histórias revoltantes de 'pobre menino rico'. Exceto quando era criança, meu lado da família não era tão rico assim. Tínhamos várias propriedades, mas, além do dinheiro da coroa, estávamos em processo de falência. Minha mãe, Sua Alteza Real Sybilla-Louise, casou-se com meu pai porque seu ramo da família detinha um título aceitável e riqueza suficiente para manter as propriedades da família. Não foi uma união de amor. Nem mesmo perto. Você notará que na família real, com exceção da minha prima Alexandra, muitos não se casam por amor.

— Parece meio atrasado. — Observou Maylee, dando um lambe furtivo no cone.

— E é. Gostamos de fingir que a família real é tão esclarecida quanto os tempos atuais, mas ainda estão presos no protocolo antigo mais do que qualquer outro grupo que já imaginei. Minha família não era calorosa. Raramente via meus pais, exceto para as funções do estado, e meu irmão e eu fomos arrastados para morar com várias babás nas propriedades rurais de meus pais. Quando tínhamos idade suficiente, fomos para internatos. — Deu um encolher de ombros — Fui para Eton na Grã-Bretanha.

— Isso parece horrível.

— Eton? Não foi tão ruim.

— Não, sua família. Não se amarem e se importarem com os outros? Ele esboçou um sorriso amarelo.

— Eu me preocupo mais com minha prima Alexandra do que com qualquer outra pessoa da minha família.

— Isso é tão triste. — Seu rosto redondo parecia infeliz — Não se sentia solitário?

— Às vezes sim. Tinha meus livros e meus estudos. Não precisava de muito mais do que isso.

Estendeu a mão tocando na dele deixando-o desconfortável com a demonstração de simpatia.

— De qualquer forma, meu pai morreu quando eu tinha quinze anos e meu irmão George se tornou o duque, o que o fez ainda mais insuportável do que já era. Quando terminei meus estudos em Eton, fui chamado de volta por um tempo, mas foi um tanto quanto... miserável.

— Fez uma pausa, pensando nos acessos de raiva de George sobre dinheiro, sua nova esposa que chorava porque ele nunca voltava para casa, o comportamento frio e distante da mãe que se preocupava mais com a bainha do casaco do que o bem-estar do filho mais novo. As constantes funções reais e escrutínio público — Pedi para ir para a Faculdade nos Estados Unidos. Minha adorável mãe ficou chocada com a ideia, mas não cederia. Na época queria ficar o mais longe possível, da minha família e de Bellissime, e os Estados Unidos seria o lugar perfeito para isto.

— Então finalmente deixaram você ir.

— Hum. Tive que abrir mão de todos os direitos ao trono para sair. Sybilla acreditava que nosso país não aprovaria um sucessor ao trono criado no estrangeiro, não importando o fato de que eu figurava na nona posição na linha de sucessão. Nunca chegaria a assumir o trono, a menos que uma praga descesse sobre a Casa Real. — Contraiu a boca olhando-a — Imagine a piada, agora que Luke Houston será o próximo soberano de Bellissime.

Maylee não achou graça, no entanto exibiu uma expressão de simpatia.

— Então perdi qualquer reivindicação ao trono, abdiquei de todos os meus títulos. Minha mãe fez a rainha revogar meu título original, fazendo minha herança retornar para as mãos de George, o que o fez acelerar o processo de me mandar para a América, tão logo tudo se concretizasse. Recebi o título de Visconde Montagne Verdi, já que para minha mãe não era de bom tom ter um mero ‘senhor’ como filho. — Exibiu um sorriso fraco — Finalmente me mudei para Nova York e nunca mais voltei.

— E fez caminhões de dinheiro e os esfregou em seus narizes...

Ele ria.

— Fiz caminhões de dinheiro, então paguei todas as dívidas de mamãe e George.

— Por quê? – Questionou franzindo as sobrancelhas.

— Lealdade familiar, acho. — Embora, às vezes, se perguntava por que o fazia. Certamente não havia melhorado as coisas com a mãe ou George. De qualquer forma, se ressentiam mais por ele ter seguido seu próprio caminho e acabado incrivelmente rico.

— Sua família parece ter um monte de idiotas, Griff.

— São intitulados. Não podem ser idiotas. Esnobes e babacas, sim. Idiotas, não.

Ela riu e jogou um pedaço de seu cone no chão. Imediatamente, os pássaros voaram para perto, partiu outro pedaço.

— Parece muito triste e solitário, se me permite dizer. Tem família nos Estados Unidos?

Pensou na Irmandade, seus amigos que estavam ao seu lado, o ajudaram mais do que qualquer membro da sua família faria.

— Tenho amigos. É suficiente para mim.

O telefone dele tocou.

Griffin tirou-o do bolso e fez uma careta para a foto que apareceu. Jonathan e o capataz de sua escavação, agachado ao lado de uma vala escavada e sorrindo como dois idiotas.

— Falando em amigos.. — disse secamente. — Jonathan está determinado a me fazer odiá-lo, ao que parece.

Olhou por cima do ombro dele, para a foto na tela.

— Por que ele está lá e você não?

— Não poderia abandonar Alex. Embora desejasse, sinceramente, que ela tivesse fugido.

Maylee riu.

Capítulo Onze

Aproveitaram o dia andando pelas ruas de Bellissime, de mãos dadas. Ela comprou algumas lembranças, porém passou a maior parte do tempo visitando os pontos turísticos, saboreando doces em todas as confeitarias por onde passaram. Quando voltaram para o hotel, os pés de Griffin doíam e seu estômago se contorcia por conta da quantidade absurda de chocolate que ingeriu, porém feliz por ter aproveitado todos os momentos do dia com ela.

Chegando à porta da suíte, Maylee puxou a mão da dele e rumou para seu quarto.

Ele ficou surpreso e sem entender. Por várias vezes se beijaram e flertaram ainda mais. Ficaram de mãos dadas por horas... E não iria dormir com ele? Mentiria se não admitisse que pensou nisso o dia todo.

— Algo errado?

Ela balançou a cabeça em negativa e abriu a porta.

— Só preciso ligar para minha mãe e fazer algumas coisas. — Desapareceu porta adentro, antes que ele pudesse protestar.

Estava dispensando-o? Cansada de passar todo o tempo com ele? Frustrado, arrancou o hediondo boné de beisebol que estava usando e o jogou na cama. Pegou o livro e começou a ler, mas a irritação o impediu de se concentrar. Em vez disso, se levantou e começou a andar.

O som fraco da voz de Maylee o fez parar, encostou-se na porta adjacente aos quartos. Ela estava definitivamente no telefone, embora sua voz estivesse baixa demais para se entender. Suspirou, voltou para

a cama e pegou seu livro novamente, lendo o mesmo parágrafo várias vezes. Por que era tão importante que chamasse a mãe pouco antes de dormir? Achava que se deram muito bem hoje. Na verdade, mais do que apenas bem. Nunca se sentiu tão confortável com uma mulher. Seus relacionamentos eram um cenário embaraçoso após o outro, uma breve trepada de merda e depois uma indiferença mútua.

Podia dizer honestamente que não havia um pinga de aborrecimento no que dizia respeito à secretária. Na verdade, odiava a distância dela. Disse que odiava ser sufocado? Foi por isso que ela desapareceu? Para dar espaço a ele? Porque gostava dela colada a seu lado. Ouviu todas as histórias e parecia genuinamente interessada nelas, em vez de simplesmente ignorá-las. Até falou sobre seu projeto atual por pelo menos uma hora, comparando a Atlântida teórica à Tárzis e porque eles estavam perseguindo as ruínas da Espanha versus o Mediterrâneo, onde se supunha que a Atlântida estaria localizada, se realmente existiu.

Parecia cativada. A menos que fosse ruim em lê-la? Talvez tenha dito algo que a incomodou e ela queria falar com alguém para desabafar? Uma facada de culpa o fez sentar na cama. Inadvertidamente machucou seus sentimentos novamente com suas palavras descuidadas? Porra.

Griffin levantou-se da cama e foi até a porta adjacente. Ergueu a mão para bater ao mesmo tempo em que ela a abriu.

Encararam-se por um breve momento, depois ela, agradavelmente surpresa, notou a mão suspensa e sorriu.

— Sentiu minha falta, Griff?

Ele abaixou a mão.

— Algum problema?

— Não. — Entrou no quarto fechando a porta atrás de si.

— *Nós precisamos conversar?*

— Não. — Repetiu, e começou a descer o zíper em seu jeans apertado

— Quer tomar banho?

— Juntos? – Seu pênis ganhou vida novamente em seu jeans.

— Sim, você e eu. Só um pouquinho de amassos antes da hora de dormir. O que acha? – Deu-lhe uma piscadela atrevida, largando o jeans, que escorregou por suas pernas. Uma calcinha de biquíni curvada ao longo de seus quadris e o triângulo de tecido nas costas parecia abraçar sua bunda, mais do que cobri-la. Era uma visão gloriosa.

— Acho que é uma ideia esplêndida. — Pronunciou em um fio de voz, seguindo-a até o banheiro.

O banheiro da suíte era quase tão grande quanto o quarto dela. Havia uma enorme e funda banheira de hidromassagem e um chuveiro de pedra que ocupava grande parte do chão. Assistiu Maylee entrar no quarto, tirando a blusa e revelando um sutiã bege que o excitou mais do que qualquer roupa de baixo rendada que já vira.

— Você tem toalhas, Griff?

— Em algum lugar. — Não arredaria o pé dali, não enquanto ela tirava a roupa.

Ela se aproximou do balcão onde os sabonetes e xampus estavam guardados, em uma cesta delicada, pegou um e o cheirou.

— Os seus são diferentes dos meus. Está pegando os extras todos os dias?

— Extras?

— Você sabe, eles os substituem todas as manhãs por novos. Deveria escondê-los se não os usar, para obter novos todos os dias.

— Isso não é como roubar? – Ele franziu a testa.

— Não. O hotel espera que você faça isso. — Apontou o dedo para ele — Preciso que comece a esconder os frascos todas as manhãs se não os usar. E os sabonetes. Para mim.

— Posso lhe comprar sabonetes.

— Não é o mesmo que obter grátis do hotel. — Brincou, soltando o sutiã.

— Não acredito que estamos tendo uma discussão sobre roubar sabonetes de hotéis enquanto fica nua. — Estava fascinado pela lingerie simples.

Parou no momento em que desabotoou o sutiã, sem tirá-lo.

— Você está certo. Deveria estar nu também. — Deixou o sutiã solto pendurado em seus ombros enquanto se aproximava dele, um olhar travesso em seu rosto. As mãos de Maylee foram para o zíper, esfregando através do tecido — Parece que a mente de alguém está em outra coisa que não tomar banho.

Gemeu com a ousadia. Deus, ela estava à sua frente, cheia de atitude. Ele amou. Caralho! Desejou tê-la arrastado para sua cama uma semana atrás.

— Você é uma megera.

— Talvez. — Brincou com seu pau novamente, esfregando através do jeans — Talvez esteja apenas o encorajando a tirar essas roupas para que possa esfregar minhas costas.

— É tudo que quer de mim? Que esfregue suas costas?

— Depende do quão bom é nisso. — Provocou, suspendendo a bainha da camisa.

— Então, serei o melhor esfregador de costas que você já conheceu. — Griffin tomou suas mãos nas dele e a puxou contra o peito. Ela inclinou o rosto para cima para encontrá-lo no momento em que se inclinou para beijá-la, e seus lábios se uniram. Mais uma vez, extasiado com o quão bom era beijar Maylee. Como seus lábios e línguas se fundiram e os barulhos suaves que fez quando a beijou. Amou tudo isso. Suas mãos acariciaram suas costas nuas e retirou o sutiã solto em seus ombros.

Ela se desvencilhou e se afastou, sem fôlego, aqueles cachos selvagens emoldurando seu rosto. Seus seios deram um pequeno salto quando se endireitou, deixando-o fascinado. Eram tão lindos quanto os imaginara. Seus seios eram fartos, as curvas arredondadas. Um pequeno mamilo rosa pálido inclinado em cada um, não conseguiu se conter, estendeu a mão e roçou as costas dos dedos sobre eles.

— Você é deliciosa.

Maylee choramingou em sua garganta e puxou seu pescoço, arrastando-o de volta contra ela.

— Beije-me novamente.

Ele o fez, sua língua acariciando a boca dela com ousadia, mesmo quando colocou as duas mãos em seus seios. Segurou e apalpou enquanto a beijava. Ela gemeu de prazer, estreitando a distância entre os corpos, a ponto de pressionar os seios com suas mãos em um apelo sedento por mais.

— Amo tocar você. — Gemeu contra a boca dela.

— Nunca vamos conseguir tomar banho nesse ritmo. — Avisou-o, com os olhos cheios de desejo.

— Oh, nós vamos. — Proferiu, e passou o polegar sobre a ponta de um mamilo, deliciando-se com o tremor de resposta dela — A única coisa melhor do que ver esses seios lindos é o pensamento de vê-los molhados e pesados.

— Quero ver você nu também.

Griffin sorriu, puxou os óculos, colocando-os no balcão. Tirou a camisa, satisfeito com os olhares de admiração e com o jeito que ela demonstrou seu desejo. Era gratificante saber que o queria tanto quanto a queria.

— Agora as calças. — Ela exigiu.

— Você é bastante mandona, não é? — Abriu as calças e as tirou, seguido de sua boxer. Ao fazê-lo, percebeu que Maylee também tirava a calcinha.

Finalmente estavam, um na frente do outro, completamente nus.

Ela colocou os dedos nos lábios, considerando o físico dele. Então, olhou-o sorrindo.

— Você tem se escondido um pouco debaixo das roupas, Griff. — A mão dela avançou para acariciar seu pênis — Isto é... bastante tentador.

— Então é assim? — Disse tocando o fio pálido de seu monte de vênus. Como podia imaginar que seria tão loira entre as pernas quanto na cabeça? Ela era deslumbrante, não havia como negar isso.

Maylee gemeu e empurrou contra a mão dele, colocando o braço em volta do pescoço.

— Você gosta do meu toque, querida? – Murmurou, apreciando seu aceno de resposta — Quer que esfregue suas costas agora?

O olhar que recebia era atordoado, e focado em sua boca, como se estivesse dividida entre beijá-lo e prestar atenção às suas palavras.

— Acho que sim... hum... esfregar?

— Tem certeza disso? Porque posso continuar te beijando, se preferir

— Comprimiu a palma da mão contra o monte.

— Mudo meu voto para beijar. — Completamente excitada inclinou-se novamente oferecendo-lhe os lábios.

Pressionou levemente a boca na dela. Maylee passou a beijar seu queixo deixando-se arrastar para o chuveiro.

— Vamos.

Ela o seguiu, com os braços ainda em volta dele, a boca se movendo sobre cada centímetro de pele que podia tocar.

De alguma forma, conseguiu soltar uma mão o tempo suficiente para ligar a água e depois a puxou para dentro do box, entrando embaixo da ducha. Decidiu que seria um banho rápido. Pegou uma toalha do rack do lado de fora do chuveiro e começou a ensaboá-la. Começou a esfregá-la, sobre os seios arredondados, fascinado pela espuma que brincava sobre sua pele.

— Onde está minha toalha? – Suas mãos não paravam de acariciar a pele dele.

— Ensaboarei você primeiro.

— Não será mais rápido se nos ensaboarmos?

O pensamento dela esfregando-o enquanto a banhava era muito atraente. Entregou-lhe a toalha e inclinou-se para fora do box para pegar outra. Assim que se molhou, voltou-se de frente a ela e imediatamente sentiu uma mão ensaboada apertar em torno do seu pênis. Deixou escapar um gemido urgente, fechando os olhos. Não queria que isso acabasse. Enterrou os dedos no cabelo e a puxou, arrastando sua boca de encontro à dele, sem que a carícia, por todo o seu comprimento, cessasse.

— Se continuar assim, não me deixará durar muito tempo. — Advertiu-a, empurrando o membro contra o aperto escorregadio.

— Então não se contenha. — Provocou — Não me importo.

— Está me distraindo na minha tarefa original.

Inclinou-se e tomou seus lábios, mordiscando alternadamente entre o inferior e o superior. Passou a língua por entre o vão, numa dança erótica, ao mesmo tempo em que desenhava círculos em seus mamilos pontiagudos.

Intensificando o aperto naquela ereção deliciosa, ela choramingou forçando contra ele.

— Isso mesmo. — Falava entre beijos e carícias ensaboadas em seu corpo — Você é tão bonita. Não me canso de admirá-la.

Liberando uma risada gutural, intensificou as investidas de seu punho, em um vai e vem firme e enlouquecedor, quase sugando todo o ar dos pulmões dele.

— Isso é só o seu pau conversando com minha mão.

— Não é... — Teve as palavras cortadas por um beijo sedento, as bombeadas mais rápidas agora. Estava perdendo o controle e iria gozar

rápido se ela não parasse. Empurrou várias vezes na mão dela e não mais conseguiu se segurar quando ouviu os gemidos profundos e necessitados dados a cada estocada. Ela queria que soubesse o tanto que gostava de tocá-lo e fazê-lo de modo selvagem.

Seu orgasmo veio com um silvo, jorrando seu gozo sobre as mãos e barriga mais uma vez.

— Mmm, acho que venci essa rodada. — Maylee deu a ele um sorriso malicioso.

— Era uma competição? — Ofegava tentando recuperar o fôlego — Se assim for, tem que me avisar antes.

— Por quê?

— Para que possa usar todo o meu arsenal e garantir minha vitória.
— Empurrou-a contra a parede gelada, suas costas batendo na pedra, roubando-lhe outro beijo ardente e faminto de sua boca, por tanto tempo que deixou ambos sem fôlego quando se soltaram.

Então, enfiou a mão entre as pernas dela.

— Agora é minha vez.

Os gritos de puro prazer dela, ao gozar tremendo em sua mão, foram muito gratificantes.



Maylee acordou com o despertador da recepção e a sensação do braço dele ao seu redor. Ao contrário de se arrastar lentamente para fora da cama, como costumava fazer, entrou em ação quase imediatamente,

caindo da cama com pressa. Excitação correu através dela. Hoje seria sua surpresa para Griffin. Ficaria bravo ou encantado? Esperava que fosse a segunda opção.

— Acorde. — Sacudiu-o inclinando-se para beijá-lo de leve — Grande dia hoje.

— Mmm? – Enterrou a mão por entre aqueles cachos rebeldes, fazendo o contato mais longo e profundo.

Ela relutou em se afastar.

— Temos que ir ou vamos nos atrasar. Está tarde.

Griffin sentou-se na cama e esfregou os olhos, olhando-a.

— Como assim, tarde? O que podemos ter agendado antes do café da manhã?

— Bem, para começar... — Saindo da cama e indo para a porta adjacente, a fim de trocar as roupas dele pelas suas – você está doente de novo hoje.

— O quê? – Exclamou ele.

Sorrindo, o ignorou e foi até o armário, vestir seu único par de jeans e outra camiseta turística do Bellissime. Infelizmente não possuía muitas roupas casuais, e hoje definitivamente não pedia um terninho.

Claro que Griffin abriu a porta sem bater, pegando-a no exato momento em que puxava a camiseta por cima da cabeça, estacando deixou que o olhar se fixasse nos seios nus por um momento, balançou a cabeça como se quisesse limpar a visão de sua mente.

— Como assim, hoje estou doente de novo?

— Limpei sua agenda. — Dizia vestindo um sutiã e deliberadamente fazendo seus seios tremerem um pouco mais, apenas para assistir o olhar vidrado dele.

— Fez isso? — Não conseguia tirar os olhos dos seios dela, o que era bastante divertido.

— Fiz. E temos que pedir o café da manhã aqui, caso contrário vamos nos atrasar para o nosso voo.

— Nosso voo. — Ecoou, e então pareceu perceber o que estava dizendo — Como assim, 'nosso voo'?

— Quero dizer, nosso voo para Cádiz. Bem, não diretamente. — Corrigiu — Mas algum aeroporto próximo e seguiremos para a escavação. Daremos uma olhada em todas essas coisas que Jonathan continua te enviando...

— Mas e o casamento?

— Voltaremos para cá hoje à noite e chegaremos em casa a tempo do casamento. — Finalizou, enfiando a camiseta pela cabeça e puxando-a para baixo — Mas precisamos correr, se quisermos chegar a tempo.

— E meus compromissos?

— Terão que esperar ou serem cancelados. Não quer passar o dia tomando chá, quer?

Griffin correu na sua direção, assustando Maylee. Agarrou suas bochechas e a puxou para um beijo alto e estalado.

— Você é a melhor mulher que eu já conheci.

— Acho que está de acordo com o cronograma, então?

— Totalmente. — Já correndo para o quarto gritou — Vamos nos apressar e chegar ao aeroporto!

Maylee sorriu e vestiu seu jeans.

— Sim, senhor.



Dezesseis horas depois, Maylee estava na parte de trás do sedã, com a cabeça apoiada no colo de Griffin enquanto se dirigiam para o hotel. Foi um longo dia, porém maravilhoso. Voaram para a Espanha, dirigiram para o local da escavação e encontraram Jonathan, que ficou muito feliz em ver o amigo. E enquanto os homens conversavam, ela observava alegremente o rosto do Visconde se iluminar com entusiasmo. Conversavam sobre mapeamento de radar e digital, e ela se dispersou, principalmente quando Jon tirou um rolo após outro de impressões e comparavam os dois, apontando pontos novos ou esquecidos que haviam sido descobertos.

Depois, entraram no jipe do homem e ele os levou aos locais de escavação para mostrar a Griffin o progresso feito. Após isso, fizeram uma pequena viagem ao armazém, onde os artefatos estavam sendo catalogados e guardados, discutindo o que foi encontrado com os arqueólogos na escavação durante o trajeto.

Maylee estava interessada principalmente porque seu chefe estava. Adorava ver o rosto dele tão animado e feliz enquanto discutia as coisas com o sócio. Ficou de fora da conversa para que pudessem conversar sem ter que explicar a ela o que era o ‘radar profundo’ ou a importância

de comparar o trabalho de Platão com as ruínas que haviam localizado. Pegou o tricô e trabalhou nele para não olhar para Griffin como um ‘bezerro com olhos de lua’⁵³ o tempo todo.

Por quê? O homem era tão fofo quando estava animado com alguma coisa.

Jonathan era mais um mistério a ser desvendado. Aparentava ser mais quieto e independente do que Griffin, e pegou-o lhe dando olhares curiosos ao longo do dia, como se não conseguisse entender qual era o objetivo dela. Mas foi impecavelmente educado.

E bonito, reconheceu. Enquanto Griff tinha feições regulares e aristocráticas, que só se tornavam bonitas quando lhe dava aquele sorriso de menino, havia algo mais perigoso e um pouco imprudente na boa aparência de Jonathan.

Definitivamente gostava mais do rosto de Verdi.

Da sua parte, estava distraído, mas ainda estava atento a ela. Segurou-lhe a mão quando andavam. Enquanto parados, esperando, puxava-a e beijava-lhe os cabelos ou murmurava obscenidades em seus ouvidos que faziam-na corar. Inclusive fez tudo isso na frente de Jonathan, que arqueava a sobrancelha com curiosidade.

Griffin perdeu completamente a expressão do amigo, mas Maylee não. O fato fez com que ela se questionasse sobre ele trazer mulheres em seus preciosos sítios de escavação. Aparentemente não, e sentiu o coração aquecer por compartilhar deste momento com ele.

Tiveram que sair do local quando o sol se pôs e, relutantemente, seguiram para o aeroporto, voar de volta a Bellissime. Ainda assim, ele

⁵³ Com encantamento.

estava mais contente do que estivera a semana toda e carregava um pacote de novos relatórios que Jonathan lhe deu para ler. Ela espalhou creme no nariz queimado pelo sol e cochilou contra o peito dele por horas enquanto voavam de volta. Mesmo agora, mal conseguia ficar acordada enquanto seguiam para o hotel, então, quando a encorajou a colocar a cabeça em seu colo, não precisou de muita persuasão. Relaxou e se aconchegou contra suas coxas fortes, ele brincou distraidamente com seus cachos.

Estava completamente contente.

Este era o Griffin que ela estava adorando. Nada do aristocrata arrogante e esnobe, mas um estudioso cheio de entusiasmo por seu trabalho. Que não se importava se estava ou não à sua volta, mas ainda assim a queria por perto para que pudesse lhe segurar a mão ou depositar beijos em sua pele em momentos ociosos. Que lhe sorriu como se estivesse iluminando o próprio sol naquele dia.

Poderia se apaixonar por um cara assim.

Quando voltaram para o quarto de hotel, ele insistiu em arrastá-la para seu quarto. Não por sexo, mas apenas para que pudessem dormir juntos. Ela meio que dormiu antes mesmo de tirar as calças, e sonolenta entrou e saiu de consciência enquanto Griffin tirou o tênis e a calça jeans e depois deslizou para o seu lado na cama.

Poderia jurar que lhe disse, enquanto adormecia: *Você é uma mulher maravilhosa, Maylee.*

Todavia poderia ter sido sua imaginação.



A manhã seguinte foi cheia de muitas atividades. Acordaram antes do horário habitual, pois Griffin devia chegar cedo ao palácio para um café da manhã de casamento. Então, teria que mudar seu traje completo, participar da cerimônia na pequena igreja, no coração de Bellissime e depois passar horas de fotografias antes que pudesse finalmente escapar. Houve uma recepção de casamento naquela noite porque a família de Luke era americana e insistia nisso, mas Sua Alteza Real Sybilla-Louise ficou horrorizada com o pensamento de passar mais tempo na companhia de americanos, e apelou para que não estivesse presente no que não foi atendida. Nem a rainha, que era idosa e se recolhia antes de todos.

Griffin imaginou que, como não iriam comparecer, seria seguro pular as etapas. Compraria um belo presente de casamento para a prima Alex para compensá-la, talvez um castelo no vale do Noire. Sabia que ela gostava do lugar.

Mas primeiro, aguentaria o dia se arrastar, e seria longo e tedioso, disse isso a Maylee repetidamente, enquanto ela tentava arrumar sua gravata.

Ela deu-lhe um leve tapinha no peito.

— Fique quieto, Sua Alteza Real Fussiness⁵⁴.

— Na verdade, meu título correto seria Visconde Fussiness, ou Lord Fussiness. — corrigiu, e não resistiu a passar as costas dos dedos pela curva do peito dela enquanto ela se inclinava sobre ele — Não sou mais uma alteza real no título.

⁵⁴ Pode ser traduzido do inglês como 'piegas' ou 'pieguice'.

Deu um último tapinha na gravata, se afastando.

— Está todo extravagante agora, Lorde Fussiness. — Havia alegria em sua voz — Poderia ser pior. Se tivesse que usar um desses chapeuzinhos ridículos. — Apontou para o adereço emplumado de renda azul claro preso em seus cachos platinados.

— É chamado de fascinador. — Explicou-lhe — Todo mundo usará um. É educado.

— Parece que uma codorna foi capturada e empratada e esmagada em minha cabeça – Resmungou.

Ele não conteve o riso, porque parecia isso mesmo.

— Se tenho que usar roupas ridículas para este casamento, você também usará.

— Sim, mas não irei ao casamento. — Ajustando a pequena rede decorativa em seu fascinador⁵⁵ — Sou apenas uma humilde serva que não possui deveres exceto aguardar por vossa senhoria pacientemente de pé.

— Uma deliciosa e fascinante serviçal. — Censurou inclinando-se, incapaz de resistir em beijar o belo pescoço — Com um par de seios adoráveis, que não consigo parar de tocar. — Enfiou a mão no pequeno decote e colocou a mão sobre o peito dela, encantado pelo mamilo endurecer com seu toque.

— Agora me escute, Lorde Naughty⁵⁶ - Afastou a mão atrevida, embora tenha se virado e aconchegado ao seu peito. Seus dedos tocaram o queixo, recém-barbeado, em o pequeno arranhado ali — Se você se

⁵⁵ Enfeite de cabeça confeccionado geralmente com rendas, tules, fitas ou penas.

⁵⁶ Traduzindo do inglês "Senhor Atrevido".



comportar, estava pensando que poderíamos fazer amplo uso deste adorável quarto de hotel, enquanto o tiver.

Seu pau endureceu imediatamente em suas calças.

— Oh?

— Sim. — Os olhos dela brilharam de desejo, delineando levemente o queixo dele com as unhas — Acha que o hotel tem uma caixa de preservativos que poderíamos pegar?

— Não posso pedir preservativos ao hotel. — A voz rouca evidenciava seu estado de excitação — Estaria estampado em todos os tabloides de escândalo de Bellissime, pela manhã.

O beicinho que exibiu o fascinou, seu lábio inferior rosa rechonchudo brilhando.

— Então acho que não vamos nos divertir muito hoje à noite, não é? Que pena, porque estava tão ansiosa por isso...

Incapaz de se conter inclinou-se e beijou a porra daquela boquinha sensual. O fascinador estúpido dela bateu em seus óculos, não se importou. Então os lábios se tocaram, a boca de Maylee estava aberta, quente e disposta, e sua língua encontrou a dele com o mesmo desejo. Quando a afastou, seu olhar lânguido e atordado despertou-lhe a vontade de jogá-la na cama e fodê-la repetidamente, esquecendo o maldito casamento.

Griffin olhou para o relógio. Droga. Tinha que estar no palácio real dentro de uma hora.

— Essa porra de casamento está me matando.

Ela deu uma risada suave e sensual e ajeitou novamente a gravata.

— O que acha de pedir para o motorista te deixar no palácio e depois me levar até a farmácia para pegar alguns preservativos? – Os dedos dela alisaram sua jaqueta, deslizando até a frente da calça para então cobrir sua ereção já dolorida — Extragrande, eu acho?

— Você sabe bajular um homem. — Com relutância, removeu a mão, mesmo querendo estocar contra ela uma e outra vez até que gozasse — Esse plano soa como música para meus ouvidos, querida. Café da manhã infernal, casamento ainda mais infernal, depois foder até o amanhecer.

— Até o amanhecer? – Deu-lhe um olhar impressionado — Talvez deva comprar duas caixas de preservativos, então.

— Não é necessário.

— Não há muita resistência no membro real, milorde? – Na pior imitação de um sotaque britânico que já ouvira. Era absolutamente adorável.

Inclinou-se e roçou os lábios em sua orelha.

— Acho que se não aguentarmos, posso passar o resto da noite lambendo e chupando aquela sua bucinha encantadora.

O som da respiração sendo sugada foi extremamente gratificante de ouvir. Ela choramingou.

— Talvez precise trocar minha calcinha antes de irmos para o palácio.

— Pobre bebê. — Zombou com simpatia zero, seu pau latejando implorava por liberação. Quando ela se apressou a ir para o outro quarto, se sentou na beira da cama e começou a contar de cem para trás.

Não funcionou, fez de novo.

Esta noite valeria a pena todos os dias dessa ridícula maratona, pensou.



Pouco tempo depois, foram para o andar inferior do hotel. O gerente os encontrou quando saíram do elevador, uma expressão preocupada no rosto.

— Lorde Montagne Verdi, há muitos fotógrafos na frente do prédio. Arranjei para que um sedan não identificado estacionasse na parte de trás do hotel, e seu motorista está esperando-o. Se me seguir, o levarei até lá.

— Malditos paparazzi. — Esfregou a testa irritado — Muito bem.

Maylee pegou sua jaqueta cerimonial recém-lavada a seco no outro braço, aproximou-se dele.

— Tudo acabará logo, Griff.

Recebeu uma olhada atravessada dele, assim como o gerente, mas não disse nada e, por um momento, se perguntou o que havia feito de errado. Eram apenas os nervos, conjecturou. Ele odiava desfilar ao redor das pessoas. Provavelmente ficaria tenso e azedo hoje. Teria que ignorá-lo e provocá-lo mais tarde.

Apesar de percorrer os corredores dos fundos do hotel, ainda havia muitas pessoas por lá. Parecia que todos os funcionários tinham comparecido naquele dia e estavam encontrando desculpas para transitar pelo corredor no mesmo horário. Todos os olhos estavam em

Griffin, e o porquê dela estar com ele. Sentiu-se estúpida em seu chapéu fascinador bobo, além de desconfortável e deslocada. Essas pessoas estavam olhando e julgando-a porque seus cabelos estavam em cachos, que o Lorde desaprovava tanto? O vestido estava enfiado na parte de trás da meia-calça? Secretamente sentiu sua bunda, mas tudo parecia bem nesse sentido. Estava apenas nervosa.

Maylee olhou para Griffin que parecia igualmente tenso. Pobre homem. Seu coração inchou de carinho, sabia que aquele olhar fechado no rosto de ‘detesto tudo e todos’, mascarava seu próprio desconforto. Chegando um pouco mais perto, enquanto caminhavam pelo longo corredor, ela roçou a mão na dele e tentou segurar seus dedos.

A mão dele afastou a dela.

Talvez não tenha notado a tentativa dela de pegar sua mão? Andou um pouco mais próximo dele e deliberadamente pegou sua mão.

Ele se afastou e olhou-a com uma careta.

— Hoje não, Maylee.

— O que quer dizer com hoje não? – Piscou surpresa.

A postura dele mudou, andando um pouco mais rápido, como se tentasse ficar fora de seu alcance.

— Hoje sou o Visconde Montagne Verdi e nada de mãos dadas.

— Oh. Desculpe. — Suas bochechas ardiam de vergonha, mortificada evitou o olhar das pessoas que as observavam.

Que humilhante.

Ele não percebeu o desconforto dela e não disse nada. Nem estava olhando em sua direção. Ela estava confusa, mas achou que devia ser apenas o nervosismo.

Tinha que ser isso, certo? Não seria cruel com ela novamente, não depois de estarem tão próximos? Não depois do dia maravilhoso de ontem? Abraçou-a e segurou sua mão enquanto passeavam pela escavação na Espanha. O que havia de diferente hoje?

Ficaram em silêncio quando entraram no carro e dirigiram em direção ao palácio. As ruas estavam cheias de pessoas, barricadas e policiais alinhados no caminho. As bandeiras de Bellissime estavam por toda parte, e Maylee começou a ser pega pela emoção do dia. Estavam prestes a ver um casamento real. Caramba, veria em primeira mão!

Bem, quase. Na verdade estaria esperando na parte de trás com o resto da equipe, mas tudo bem também.

A multidão de pessoas perto dos portões do palácio era esmagadora, e o motorista do carro diminuiu a velocidade.

— Meu Deus. A multidão está eufórica.

— Não é todo dia que uma princesa se casa com um ator — disse Griffin com voz seca.

— Acredito que não. — Lançou-lhe um olhar curioso, imaginando como estava o humor dele. Parecia um pouco mais com seu velho e desagradável eu.

Quando chegaram às portas da frente do palácio, um guarda desceu os degraus e o motorista saiu do carro para chegar à porta do Visconde. Para surpresa dela, Griffin se inclinou e lhe deu um beijo rápido e feroz nos lábios.

— Você pegará os preservativos?

— Sim. — Concordou e riu da expressão de prazer em seu rosto. Isso era mais parecido com o homem que conhecia. Seu péssimo

comportamento anteriormente era consequência apenas do nervosismo — Te vejo em breve.

E então se foi. Quando emergiu do carro, podia-se ouvir o rugido da multidão cada vez maior, e ele parou para ajeitar a jaqueta, dando um leve aceno antes de entrar. Mesmo que não gostasse da multidão, eles gostavam dele. Como não gostar, Maylee pensou consigo mesma, esperando o motorista voltar ao volante. Era jovem, bonito, incrivelmente rico e intitulado. E recluso. Era um conto de fadas em construção.

— Para onde, senhorita? — O motorista disse assim que voltou ao carro.

— Uma farmácia. — Instruiu, ignorando o rubor nas bochechas — E então voltaremos para o palácio, mas para a entrada de serviço. — Não tinha permissão para entrar pelas portas da frente.

— Muito bem, senhorita.

O caminho para a farmácia levou mais tempo do que imaginava, graças à multidão. Era difícil não ficar animada com o entusiasmo deles. Em todos os lugares, via fotos do rosto elegante de Alex, seu retrato de noivado com Luke, bandeiras de Bellissime e meninas usando véus de noiva. Parecia que este era um dia de conto de fadas para todos os envolvidos, e era muito divertido fazer parte dele.

O motorista finalmente parou em um prédio da esquina.

— Farmácia, senhora.

— Obrigado. Não demoro. — Saiu do carro antes que ele pudesse abrir a porta dela. Correu para dentro, sentindo-se visível com seu chapéu e vestido. No interior, a farmácia era singular, as prateleiras curtas e

vagamente cheias de uma variedade de itens. Parecia haver mais lembranças na frente do que produtos farmacêuticos, pensou ironicamente, mas subiu e desceu os corredores escassos, procurando preservativos. Parecia um pouco embaraçoso comprar apenas preservativos, então pegou uma caixa e depois foi para a loja de souvenirs. Já comprara a maioria dos cartões postais, bandeiras minúsculas e uma caneca comemorativa, mas hoje as bancas estavam cheias de jornais e revistas, todas com orgulho em celebrar o casamento da amada princesa Alexandra com o ator americano Luke Houston. Um jornal exibia uma foto enorme de Luke e Alex se beijando no baile, e embaixo da manchete estava o subtítulo **Atualizações sobre toda a família real!**

Curiosa, se seu chefe estava lá, pegou o papel grosso e depois foi para o balcão. O balconista lançou-lhe um olhar curioso, mas não disse nada. Totalizou a compra e falou para ela o valor e ela pagou com o cartão que Griffin lhe dera alguns dias antes. Então, voltou para o sedan.

— De volta ao palácio. — Anunciou, colocando a caixa de preservativos no assento ao lado. Quando o sedan se arrastou para as ruas lotadas novamente, pegou o jornal e começou a folhear. Havia fotos de Alex e Luke em vários estágios da vida, que eram encantadoras. Após as primeiras dez páginas de fotos dedicadas a Luke e à princesa, o jornal começou a incluir outros membros da família real. Várias páginas foram dedicadas à rainha, depois aos filhos. Havia a mãe de Alex, uma mulher de aparência distante. Havia a viúva HRH Sybilla-Louise, parecendo tão real e incrivelmente desagradável como de costume. Depois vieram os netos da rainha, e Maylee fez uma pausa para um homem que parecia muito com seu aristocrata. George, duque de Calcaire, descrevia o jornal, filho mais velho de Sybilla. O irmão também não parecia

agradável, pensou. Não admira que Griffin nunca quisesse passar um tempo com sua família. Olhou as fotos do duque com sua esposa, uma loira tímida com uma criança ao seu lado. Uma página era inteiramente dedicada a um notório romance de George, e Maylee sentiu pena de sua pobre esposa, que teve de suportar a humilhação pública.

‘Mas esse não é o único membro da realeza que não consegue se manter dentro das calças’..., a parte inferior da página proclamava com uma grande seta vermelha indicando que o leitor deveria virar a página. Obrigatoriamente, Maylee o fez, curiosa.

Estacou, atordoada.

Havia Griffin.

Sorrindo e olhando para a câmera, ao lado de sua mãe em uma foto oficial do palácio. Outra foto dele, embaçada e granulada, sentada com ela no banco do parque e dividindo sorvetes e beijos. Alguém os estava seguindo naquele dia.

Mas o pior era uma foto dele no baile, de pé com uma mulher alta e bonita em um vestido decotado. Estava inclinada, para tocar-lhe o rosto, enquanto ele sorria de volta.

Ele estava sorrindo para ela. Para a mulher estranha e bonita. A legenda da foto dizia: ***Visconde Montagne Verdi se diverte com Sua Alteza Real, a princesa Heloise de Saxe-Gallia. Finalmente fará dela uma mulher honesta?***

A legenda sob sua foto com Griffin, daquele dia inocente no banco do parque, compartilhando sorvetes: ***O mulherengo Lorde Verdi com uma de suas amantes americanas.***

Maylee sentiu como se tivesse levado um tapa na cara.

Uma de suas amantes?!

O olhar voltou para a foto de Griffin com a princesa. Fazer dela uma mulher honesta? Dela? Tremendo, Maylee dobrou o jornal e aproximou-o para facilitar a leitura, apesar do borrão de lágrimas nos olhos.

‘Velhos amigos, Lorde Verdi e HRH Heloise se aconchegam no baile de casamento da princesa. Há rumores de que o Visconde retornou a Bellissime especificamente para pedir sua mão em casamento, e fontes dizem que os dois nunca estiveram mais próximos. A família do Visconde tem pressionado por um compromisso entre os dois membros da realeza, pois conectaria a casa de Bellissime à casa real de Saxe-Gallia em uma união muito esperada. Os dois são amigos desde a infância.’

— É apenas uma questão de tempo. — Profetiza um confidente próximo ao casal — Marque minhas palavras. Ele se casará com ela quando estiver pronto para se estabelecer.

Com repulsa, largou o jornal no banco. Estava flertando com o homem, tirando a roupa e tomando banho com ele. Dormindo na cama dele. Beijando. Puta que pariu, saiu para comprar preservativos e, durante todo o tempo, estava flertando com uma princesa real com quem pretende se casar? Se não era a namorada, o que Maylee realmente significava para ele?

Com um aperto no estômago, lembrou-se de sua tentativa de segurar a mão dele naquela manhã. Foi afastada. ‘Não agora’.

Entendeu o que aquilo significava. ‘Não em público’.

‘Não onde outros podem nos ver’.

‘Não se iria se casar com uma princesa’.

Não queria ser visto com ela, se fosse apenas uma foda conveniente. Maylee começou a chorar.

— Senhora? – O motorista olhou-a pelo espelho retrovisor — Está tudo bem?

— Oh, claro. — E só chorou mais. Sentiu-se tão estúpida. Sentiu-se dilacerada. Achava realmente que tinham algo, que havia descoberto quem era verdadeiramente Lorde Verdi por baixo daquela máscara engomada, mas agora se perguntava se havia mudado apenas porque queria alguém para foder antes de fazer o pedido a uma princesa.

Doeu muito.

— Aqui, pegue. — Levantou a cabeça para ver o motorista lhe estender uma caixa de lenços de papel, através da divisória de vidro, entre os bancos.

— Obrigado. — Verteu mais lágrimas e aceitou a caixa. Limpou o rosto, estremecendo com as manchas de rímel borrando o lenço. Teria que retocar a maquilagem antes de voltar ao palácio. O estômago retorceu com o pensamento, pegou um pequeno espelho. Observou seu reflexo por um longo momento, então arrancou o fascinador do cabelo e jogou-o no piso do carro.

— Precisa de alguns minutos, antes de voltarmos ao palácio, senhora?

Enxugou o rosto novamente e pensou, olhando pela janela fechada para todas as pessoas gloriosamente felizes que ladeavam as ruas, esperando o casamento do conto de fadas passar. Que piada. Maylee enrolou o lenço de papel e jogou-o no chão, depois pegou outro, enfiando um pouco mais em sua pequena bolsa. Provavelmente precisaria de alguns deles para tentar passar o dia.

A capa azul do passaporte a encarava, visível dentro bolsa aberta. Tentou raciocinar, olhou novamente o documento. Levava sempre junto sua identificação e passaporte, o tempo todo. Pensou nos itens em seu quarto. Alguns jeans, algumas lembranças e várias roupas que Griffin havia lhe comprado porque era muito vergonhosa para ser vista em público ou para segurar-lhe as mãos.

Isso dilacerou-a.

Pegou sua minúscula bolsa de moedas e começou a vasculhar, procurando algo. Com certeza, espremido entre algumas moedas de Bellissime, encontrou uma pílula feliz e solta. Sempre mantinha uma à mão em caso de emergência durante a viagem – e não importava se estava coberta de fiapos ou vencida – enfiava na boca e engolia.

— Pode me levar para o aeroporto?

— Sim, madame.

— Obrigada pela gentileza. — Dirigiu-lhe um sorriso choroso.



O dia fora puro e absolutamente tortuoso.

Quando Griffin saiu do palácio real após o casamento e todos os obrigatórios acenos para a multidão, estava de mau humor. O casamento em si fora uma série de desastres de última hora. Havia os problemas esperados com acessórios e criados correndo por toda parte, compostos por fotógrafos e paparazzi determinados a invadir os terrenos

do palácio e os guardas da polícia, tão decididos a pegá-los antes de subirem os degraus de mármore.

As ruas estavam tão cheias que a família real não conseguiu chegar à pequena capela, e Alex ficou tão chateada que insistiu que o casamento acontecesse dentro do próprio palácio. Então tiveram um casamento improvisado bem na base do trono da rainha, o primeiro da história do pequeno principado, para grande desgosto de HRH Sybilla-Louise.

Maylee não havia retornado com sua jaqueta cerimonial e não estava em lugar algum. Irritado e tenso, disparou contra o assistente de sua mãe até o homem localizar o terno, que havia sido entregue por um dos motoristas. Ela desapareceu e ele sentiu um pouco de preocupação. Deve ter passado mal e voltado para o hotel. Esperava que estivesse bem. O pensamento daquele sorriso ensolarado tolhido pela gripe o fez sentir uma pontada de simpatia. Pegaria uma sopa de macarrão para ela no caminho de casa, decidiu, e mandou o pedido para as cozinhas do palácio.

Quando sua prima se casou em segurança e todas as fotografias e aparições públicas foram feitas, sentiu-se moído e exausto. Não se importava em fazer, ou não, sexo com Maylee naquela noite. Ela estava doente e ele cansado. Só queria voltar para o quarto e abraçá-la. Enroscar os dedos naqueles cachos gloriosos e contar-lhe tudo, sobre a brutalidade do seu dia. Escutar sua voz doce e arrastada enquanto o confortava. Aconchegar-se contra seu corpo delicioso e cheio de curvas.

No entanto, seu pau demonstrava se importar em fazer sexo. Só um pouco. Ajeitou as calças furtivamente na parte de trás do sedan, olhando o recipiente ensacado de sopa de macarrão com galinha no piso do carro,

que as cozinheiras haviam preparado para sua volta para casa. Havia um pedaço de papel branco saindo debaixo de um dos assentos, abaixou para pegá-lo.

Quando percebeu que era um lenço usado, quase o deixou com nojo, mas as manchas negras nele o fizeram relutar. Parecia rímel. Seu coração deu um aperto estranho e levantou o lenço de papel para que o motorista pudesse vê-lo.

— O que é isso?

O homem olhou no espelho retrovisor.

— Parece um lenço, meu senhor.

Suspiro.

— Não, o que está fazendo na parte de trás do meu sedan?

— A senhora deve ter deixado cair antes de ir para o aeroporto, meu senhor.

Ele congelou.

— Aeroporto?

— Sim, meu senhor.

Rangeu os dentes. Pela primeira vez, odiava as regras, que os funcionários bem treinados da monarquia seguiam, especialmente a ‘não conversar com a família’.

— Por que levou minha assistente para o aeroporto?

— Ela insistiu, meu senhor. Estava chorando um pouco.

— Chorando? Mas não estava tudo bem?

— Não sei, meu senhor. — O olhar do homem no espelho retrovisor era cuidadosamente neutro — Ela deixou algumas coisas no carro e não tinha certeza do que fazer com elas. Estão no porta-malas.

— Quero vê-las.

Pararam nos fundos do hotel e Griffin pulou para fora do veículo, apertando o maço de papel na mão.

— Abra o porta-malas. — Exigiu batendo sobre ele, evidenciando sua urgência, caso o homem demorasse a obedecer.

Um segundo depois, ouviu o estalo do porta-malas e abriu olhando para dentro. O fascinador estava lá, e a visão fez seu coração pular uma batida no peito por medo. O que, diabos, estava errado? O que a fez chorar, tirar o chapéu e abandoná-lo? Era sua assistente, caramba.

Pegou o adorno dela e um jornal. Debaixo do jornal, havia uma caixa de preservativos. Também a pegou, confuso e frustrado. Cumpriu com suas palavras provocadoras e comprou os preservativos. O que havia mudado?

O motorista deu a volta com um olhar curioso, estendendo a bolsa com o recipiente de sopa. Devia parecer muito esquisito segurando o enfeite feminino, um jornal e a caixa de preservativos, ainda assim pegou a embalagem que lhe fora estendida.

— Por que ela queria ir para o aeroporto? – Interrogou após uma breve pausa.

— Ela não disse, meu senhor. — Desta vez, havia uma pitada de censura no rosto do homem, como se fosse culpa de Griffin.

Isso o irritou sobremaneira.

— Obrigado. — Agradeceu com brusquidão, se virou e entrou no hotel.

Quando passou pelo guarda de segurança colocado no elevador, perguntou ao homem: — Minha assistente voltou aqui hoje mais cedo?

— Não, meu senhor. Devo ligar para a recepção...

— Não. — Tentou levantar a mão para parar o homem, mas ainda segurava a caixa de preservativos. Merda, provavelmente parecia um idiota — Obrigado.

Largou seus vários pacotes no quarto e se dirigiu para o quarto de Maylee. Tudo estava exatamente como havia deixado, com a mala e as roupas ainda no mesmo lugar, sacolas de lembranças no fundo do armário. Pegou sua mala e a abriu. Estava vazia de tudo, exceto por uma pequena bolsa cheia de sabonetes e xampus de hotel.

Deixou todas as suas coisas para trás. Ele não entendeu nada. Deixara-o sem dizer uma palavra – abandonando o emprego – e estava chorando.

Alguém da família morreu? Será por isso que estava com tanta pressa? A preocupação atravessou seu peito. Pensou na sua suave e doce cacheada, devastada com a morte de sua mãe ou de um de seus avós. Possuía um coração tão bom e gentil. Isso a destruiria.

Imediatamente verificou seu telefone para ver se havia mensagens. Nada. Talvez estivesse chateada demais para deixar uma. Pegou o celular e o verificou duas vezes, depois tentou mandar uma mensagem para o próprio número, para se certificar de que estava funcionando corretamente.

Então, discou para a recepção.

— Quero um motorista aqui de manhã. Um novo motorista. — Emendou lembrando-se do olhar reprovador que recebeu do subalterno — E que alguém venha e faça minhas malas bem cedo, no primeiro horário. E preciso do meu avião fretado pronto para voar assim que tudo estiver pronto. Conseguirá tudo isso?

— Sinto muito, meu senhor, disse que precisa de suas malas prontas...

— Apenas faça. — Cortou a conversa e desligou. Ótimo, agora estava se sentindo mais impotente do que o normal. Ele mesmo arrumaria as coisas. Pegando uma mala, jogou-a na cama e começou a enfiar as roupas nela. Parou quando só conseguiu colocar suas jaquetas e não havia mais espaço. Havia mais duas malas e mais da metade do seu armário para guardar. Como diabos Kip conseguiu espremer todas as suas roupas nessas coisas?

Frustrado, sentou-se na beira da cama e passou a mão pelos cabelos e seus dedos ficaram presos. Estavam cobertos de gel, como era seu estilo – ela protestou pela manhã, mas ele insistiu, já que não queria chamar a atenção para si. Droga, nem gostava mais de seu próprio cabelo. Precisava que Maylee lhe mostrasse como consertá-lo novamente, para que não parecesse um idiota.

Enquanto fitava o vazio, passando os dedos pelos cabelos, seu olhar captou no jornal. Pegou sem pensar duas vezes sobre ela tê-lo deixado no carro e só agora percebeu que as páginas pareciam enroladas de modo a ficarem abertas em um determinado local. Virou as páginas que se abriram no meio, onde alguém claramente estava lendo.

Duas páginas respingadas estavam cheias de fotos dele. Com Maylee e com aquela maldita princesa da Saxe-Gallia.

O mulherengo Lorde Verdi com uma de suas amantes americanas.

Manchas de lágrimas secas amarrotaram o papel, e Griffin de repente soube por que sua assistente o abandonara.

Capítulo Doze

O voo de volta à Nova York foi interminavelmente longo. Passou a maior parte disso em telefonemas. Primeiro foram os cancelamentos do restante de seus compromissos em Bellissime. Estava programado para ficar no país por pelo menos mais uma semana e teve que dar desculpas a todos, principalmente à mãe. Depois, houve ligações para Kip para organizar sua viagem para casa, um carro para buscá-lo e um milhão de outras coisas que pareciam se acumular em todos os lugares que ele virava.

Como Maylee conseguiu manter tudo isso em ordem? Encontrou as notas Post-it grudadas no laptop e ficou frustrado novamente.

Ela não confiava nele nem um pouco. Isso o irritou e feriu seu orgulho. Esteve ao lado dela em todos os momentos da viagem. Quando foi que imaginou que teria tempo para não pensar nela? Não a deixou usar as joias de sua família? Não percebeu que privilégio era esse?

Daria um ou dois dias para que suas emoções se acalmassem, aquiesceu, e depois conversaria com ela. Depois que percebesse o quão tola fora, retornaria para seus braços e a levaria para a cama. Então, se sentiria boba por ter duvidado dele.

Griffin dormiu no avião, satisfeito com seus planos. Voltou para sua casa, cumprimentou um Kip bastante desacostumado e esperou que Maylee o contatasse.

Alguns dias depois, no entanto, não obtivera notícias dela e estava muito preocupado. Ela não sabia que a seguiu de Bellissime para casa?

Procurou o número de telefone dela, mas não encontrou em lugar algum. Droga, isso era deveras irritante.

Enviou uma mensagem de texto para Hunter.

— *Diga para sua assistente para me ligar. É importante* —

Alguns minutos depois, o celular tocou e ele atendeu.

— Maylee?

— Olá, idiota.

— Gretchen. — Griffin cumprimentou-a, seus lábios curvando com aversão — Por que está me ligando?

— Você disse a Hunter para que a assistente te ligasse. Olha só, estamos no telefone. Magia, certo?

— Onde está Maylee?

— Desistiu.

— Como assim, desistiu?

— Quero dizer, se demitiu, seu imbecil. Acabou de me enviar um e-mail e me pediu para encaminhar seu último cheque para o apartamento dela. Disse que não podia mais trabalhar para Hunter. O que fez com ela, seu idiota?

— Você realmente deveria parar de me chamar desses nomes...

— Você realmente deveria parar de ser um completo idiota...

Ele desligou. Olhou para o telefone por um minuto e depois o pegou para ligar novamente.

— Olá. — Gretchen disse com uma voz doce.

— Apenas me dê o endereço de Maylee. Falarei com ela pessoalmente.

— Quero saber o que fez primeiro. Foi estúpido com ela?

Ele suspirou.

— Não fui...

— Sério? Porque não acredito nisso.

— Tudo bem, fui ruim com ela no começo...

— O que eu acredito...

—...mas então passamos a gostar um do outro... — *Como Hunter conseguia alguma vez ter a palavra?*

— O que não sei se acredito. — Gretchen duvidou — Custaria muito alguém fazer aquela garota especial desistir, mas você conseguiu o feito no espaço de uma única viagem. Quero dizer, tem ideia de quantas vezes Hunter rosnou para ela? Ela apenas engole e aguenta. Mas aí vem você, e descobrimos que Maylee está arrumando as malas e fugindo.

Eu sou uma Meriweather. Não fugimos e nos escondemos de nossos problemas. Você pode ser tão mau comigo o quanto quiser, Sr. Griffin, mas farei meu trabalho da melhor maneira possível, não importa o quão desagradável você seja.

— Se está tentando fazer com que me sinta culpado não conseguirá com que me sinta pior do que já estou me sentindo.

— E se te disser que ela me ligou, chorando de soluçar?

Sua respiração ficou presa na garganta.

— Ela fez isso? – Sua pobre, doce e ensolarada Maylee deve ter sido tão machucada. Ele se sentia como um idiota real.

— Bem não. Estava curiosa para saber o que diria, caso fosse isso que tivesse acontecido.

Desligou o telefone na cara de Gretchen novamente.

Um momento depois, seu telefone tocou com uma mensagem de texto recebida.

— *O endereço de Maylee está aqui* —

Ela listou o endereço e o seguiu com um aviso: — *De nada* —

Matou-o digitar obrigado, mas o fez de qualquer maneira.



O prédio de Maylee era repugnante. Griffin franzia o cenho enquanto subia os degraus, olhando o papel alumínio em várias janelas. Os aparelhos de ar-condicionado pingavam condensação lá de cima, deixando rastros nos tijolos e fazendo todo o lugar parecer como se estivesse chorando. Ele não culpou. O edifício era um casebre.

Bateu na porta do que seria seu apartamento, e não houve resposta. Preocupado, desceu ao primeiro andar e procurou o do senhorio. Encontrou uma porta menos avariada que as outras, deu um palpite e bateu.

Um homem sujo em uma camiseta igualmente suja olhou-o.

— O que quer?

Precisou de toda sua resistência em não ceder à vontade de segurar um lenço no nariz com nojo.

— Estou procurando a senhorita Meriweather.

— Ela se foi.

— Como assim, foi embora?

— Mudou-se.

A frustração fez as narinas de Griffin se dilatarem.

— Está mentindo pra mim?

O homem cruzou os braços e olhou de volta.

— Está me chamando de mentiroso?

Estava, na verdade. Mas não chegaria a lugar algum acusando esse homem. Então pegou sua carteira e a abriu... e franziu a testa porque estava vazio. Droga.

— Espere aqui. — Ordenou ao homem.

Pediu dinheiro emprestado ao motorista e voltou para a porta do senhorio, dez minutos depois. Tirou várias notas de vinte da pilha e estendeu-as para o homem.

— Quero ver o apartamento dela.

O homem parecia considerá-lo um pervertido sujo e, por um momento, ele se sentiu como um. Mas pensou no jornal que abandonou e nas pistas que havia lhe oferecido. Talvez tenha deixado outras coisas também. Talvez este homem estivesse mentindo porque ela havia pedido.

Tinha que saber.

Então seguiu o senhorio desprezível até a parte de trás do prédio e viu o homem abrir uma porta deteriorada com um conjunto de chaves. Deu-lhe passagem indicando o interior do apartamento.

— Não faça bagunça lá, amigo.

Griffin fez uma careta. Achava que ia se masturbar com as coisas dela? Fez uma anotação mental para saber sobre a compra deste edifício. Hunter sabia como os imóveis funcionavam. No momento, o principal pensamento dele era tirar esse senhorio daqui. Se pegava algumas notas e mostrava o apartamento de uma mulher para um estranho, Maylee não estaria a salvo aqui.

Entrou no apartamento. Não demorou muito, considerando que era um pequeno cômodo sujo e sem janelas. Ficou horrorizado ao vê-lo, as rachaduras nas paredes, os danos causados pela infiltração de água no canto do teto. Não havia banheiro, nem armário, nem nada. Um colchão estava no chão, a única coisa que restava ali. Apesar da pequena umidade do local, estava limpo.

Não conseguia imaginar sua exuberante Maylee aqui, nesta pocilga.

— Quer ficar aqui sozinho por um tempo? – O homem atrás dele perguntou — Posso olhar para o outro lado pelo preço certo.

Lançou um olhar ameaçador ao homem, ignorando sua pergunta.

— Ela não deixou nada aqui?

— Nada. Saiu com pressa. Provavelmente foi demitida do emprego. — Bufou com escárnio.

A mandíbula de Griffin ficou tensa de raiva.

— Obrigado. Você foi muito útil. — Virou-se e saiu do buraco que era o apartamento, mais irritado do que nunca.

Você pode ser tão mau comigo quanto quiser, Sr. Griffin, mas farei o meu trabalho da melhor maneira possível, não importa o quão desagradável você seja.

Ela suportou tudo para ter sucesso aqui, e de alguma forma ele destruiu isso – e seu coração – de uma só vez.

Irritado com o mundo, mas principalmente consigo, voltou ao seu sedan. Entrou e acenou para o motorista voltar para sua casa, começou a mandar uma mensagem para Hunter.

— *Diga a Gretchen que sou um idiota. E pergunte a ela se posso, por favor, ter o endereço residencial de Maylee.*

A casa dela em... para onde quer que, em nome de Deus, voltaria. Arkansas? Louisiana? Um daqueles lugares onde todos falam como ela.

Macia, doce e adorável.

Griffin passou a mão pelo rosto. Realmente era um idiota, não era?



— A Irmandade está desfalcada de um membro esta noite — disse Reese enquanto acendia seu charuto — Jonathan fugiu em uma de suas viagens programadas novamente.

Griffin franziu o cenho para suas cartas. Estava esperando Jon aparecer para poder falar sobre a escavação conjunta deles. Todavia descobriu que não dava muita importância no momento. O desaparecimento de Maylee o estava roendo como uma mazela. Poderia falar sobre arqueologia a qualquer momento, contudo agora só queria sua namorada de volta.

Era isso que era para ele? Fez uma careta para sua mão de cartas, nem mesmo as vendo. Namorada parecia ser a palavra errada. Era muito frívolo, insuficiente para descrever como se sentia.

Tudo o que sabia era que precisava dela, que se foi porque a machucou. Precisava consertar isso.

Logan olhou-o do outro lado da mesa, franzindo a testa.

— Irá jogar, Griff?

Olhou para suas cartas, ainda não as vendo, e desistiu. Descartou e acenou com a mão na mesa, Cade e Reese jogaram suas fichas depois de Logan.

A porta do porão se abriu e Griffin olhou para cima, com o coração batendo forte. Queria ver Hunter esta noite, mais do que isso, queria ver Gretchen. Talvez soubessem alguma coisa.

A pessoa que estava esperando para ver desceu as escadas – Hunter. O bilionário cheio de cicatrizes, encolheu os ombros, tirou o paletó esporte e o jogou em uma cadeira próxima, e se sentou à mesa.

Um momento depois, pés mais leves ressoaram escada abaixo.

— Guarde um lugar para mim, baby!

Logan gemeu. Cade sorriu e Reese manteve sua expressão cuidadosamente neutra quando sua nova cunhada, Gretchen Petty, entrou na sala e sentou-se à mesa, com a voz sem fôlego.

— Desculpe estou atrasada. Tive que urinar.

— Obrigado por compartilhar. — Logan disse em uma voz seca. Lançou um olhar para Hunter — Não sabia que viria a todas as reuniões a partir de agora, Gretchen.

— Eu a convidei — disse Hunter, olhando de volta para Logan.

— Você sabe que Griff e Jonathan não gostam dela aqui. Somos irmãos em primeiro lugar.

— Estou bem com isso. — Ao falar, Griffin observou Gretchen, tentando não parecer muito esperançoso. Não queria que fosse embora, não hoje. Precisava que ficasse para que pudesse extrair dela informações sobre Maylee.

Gretchen notou-o e deu um sorriso muito doce em sua direção.

— Olá, cara de pau.

— Isso é realmente necessário... — Cade começou.

— Está tudo bem. — Manifestou Griffin com uma voz cansada — Parece que estou na lista negra de várias mulheres ultimamente.

— Puta merda — disse Reese. Inclinou-se e deu uma cotovelada em Griffin — O que fez? Buceta demais na terra natal?

Griffin olhou para Reese.

— Isso passou um pouco dos limites.

Gretchen colocou a cadeira entre Reese e Hunter, ignorando deliberadamente a conversa.

— Então, o que estamos jogando? Slap Jack⁵⁷?

— Slap Jack? — Reese lançou-lhe um olhar incrédulo — Está chapada? É pôquer!

— Deveríamos jogar Slap Jack. Hunter seria incrível nisso. Tem uma mão direita muito forte. Todos aqueles anos se masturbando...

⁵⁷ Jogo de cartas simples, jogado por crianças como introdução aos jogos de baralho. Tem as regras semelhantes ao Rouba Monte brasileiro.

— Gretchen. — Hunter fala suavemente, cortando-a. Mas sua boca se contorceu e Griffin desconfiou que estivesse rindo interiormente.

— O que? Não é assim que os caras conversam? Falam tudo sobre o sexo e mulheres? — Piscou para Hunter e esticou a mão para acariciar sua coxa debaixo da mesa.

Pelo menos, esperava que fosse sua coxa.

— Estamos jogando poker. — Repetiu Reese — Ou pelo menos, alguns de nós estão. Outros estão apenas desistindo no início de cada rodada. — Fez uma careta na direção de Griffin.

— Está bravo consigo porque é um cara de pau. — Alfinetou Gretchen novamente.

— Não é interessante que toda vez que Gretchen aparece, faz toda a reunião girar em torno dela? — As palavras de Cade foram provocadoras. Eles eram velhos amigos.

— Sou minha matéria favorita. — Brincou e Hunter colocou a mão em volta dos ombros de forma protetora. Como se aquela mulher horrenda precisasse de proteção, Griffin pensou consigo mesmo. Era como um animal raivoso, mesmo nos seus melhores dias.

— Então, por que nosso amigo é um cara de pau? — Logan perguntou.

— Diferente do habitual — disse Reese com um sorriso.

— Pegou emprestado a secretária de Hunter para sua viagem, a fodeu e depois a demitiu — declarou Gretchen.

— Porra. — Griffin explodiu, seu temperamento finalmente queimando — Eu não a fodi e certamente não a demiti.

— Se não transou com ela, então por que está tão mal-humorado? — Logan indagou.

— Bolas azuis. — Reese entrou na conversa.

Griffin olhou para Reese novamente.

— Não deveria estar em casa com sua esposa grávida?

— Irmandade se encontrando hoje à noite. Coisas muito importantes.

— Mastigou o charuto com uma piscadela — Além do que, não estou conseguindo nada no momento. Audrey tem enjoos matinais noite e dia. Então é melhor eu estar aqui.

— Falou como um verdadeiro cavalheiro. — Cade murmurou.

— Oh, vá se foder. — Reese soltou com uma voz alegre — Depois que sairmos daqui, irei à loja de pickles que ela ama, no Upper West Side para comprar-lhe. Pretendo também parar e comprar seu sorvete favorito. Após tudo isso serei um fodido santo.

— Ainda não entendi ao certo por que estamos todos bravos com Griffin, por não foder a assistente dele — disse Logan.

— Talvez ela realmente quisesse sexo e ele a negou, porque tem um pau enorme enfiado na bunda. — Gretchen ponderou — Seja lá o que for, a fez desistir e correr de volta para casa, e agora meu pobre querido não tem uma assistente em seu escritório. — Deu a Hunter um olhar suave — Estou ajudando, mas não estamos trabalhando muito.

— Muita informação, querida — Hunter murmurou.

— Você me ama. — Afirmou Gretchen com uma piscadela. E acariciou sua coxa novamente.

— De qualquer forma, vim aqui hoje para dar conselhos. — Revelou Gretchen brilhantemente, e seu olhar se estreitou novamente no nobre — Conheço Maylee. Gosto dela. Odeio que a tenha machucado. Mas posso ver que você não está em um mar de rosas, realmente espero que

esteja tão confuso com a partida dela quanto a própria. E só quero dizer que, se gosta dela, vá atrás e mostre. Você é meio cagado com essa coisa de 'simpatia'.

— Gretchen... — Hunter advertiu novamente.

— É verdade. — Protestou — Ele é tão caloroso e amigável quanto um picolé.

Griffin considerou. Ela, à sua maneira rude, havia apontado o dedo na sua cara. Era péssimo em demonstrar afeto. Não era de sua natureza e linhagem, que contrastavam terrivelmente entre o que era esperado e adequado dele, como nobre, em comparação com o que era esperado em um relacionamento normal. Não havia equilíbrio. Estava certa. Ele não era bom nisso.

E talvez, pelo bem de Maylee, precisasse se esforçar mais. Teria matado ele segurar-lhe a mão quando queria? Significaria muito para ela, e não estariam na situação em que estavam agora.

Por que, diabos, se importava tanto? Por que importava o que as pessoas em Bellissime pensavam dele? Não morava mais lá, não queria mais morar lá, então por que entrou em pânico quando ela tentou mostrar um pouco de afeto publicamente?

— Bem? — Gretchen desafiou.

— Um conselho incrivelmente bom, na verdade. Obrigado, Gretchen.
— Aquiesceu Griffin.

Ela piscou várias vezes e arregalou os olhos em total espanto.

— Ok, admito! Não estava esperando isso. Mas desde que está sendo um bom garoto, e tudo o mais, merece receber um agrado. — Puxou um pedaço de papel dobrado do bolso e o estendeu na direção dele.

Griffin ficou olhando por um longo momento e depois estendeu a mão para pegá-lo. Abriu devagar e leu o conteúdo. Havia um endereço – no Arkansas. Olhou para o rosto astuto de Gretchen.

— Eu poderia te beijar agora.

— Mas não fará! – Advertiu Hunter, e puxou sua mulher para mais perto.

Gretchen parecia presunçosa.

— Vá buscá-la, tigre.



Ela acordou com lambidas molhadas e desleixadas de seu cão de caça, em seu rosto. Rolou no futon⁵⁸, tentando se sentir confortável e longe da língua entusiasmada de Bubba.

— Vá embora, filhote.

O cachorro choramingou e lambeu-lhe o braço.

Gemendo, se arrastou para fora da cama.

— Bem, bem. Hora do banheiro. Caminhou pelo chão do trailer para deixar Bubba sair para um xixi rápido. O cachorro desapareceu no mato com um som animado, logo que a porta foi aberta, e Maylee ficou na varanda, braços cruzados, bocejando, enquanto tentava acordar.

⁵⁸ (布団, **futon**) É um tipo de colchão usado na tradicional cama japonesa. Os **futons** são baixos, com cerca de 5 cm de altura, e têm no interior algodão, lã ou material sintético. Vendem-se conjuntos no Japão que incluem o colchão (shikibuton), o edredom (kakebuton) e a almofada (makura).

A casa estava silenciosa, o que significava que suas irmãs mais novas ainda estavam dormindo, no quarto. A caminhonete da mãe não estava na garagem, então ela acordou cedo e saiu, provavelmente para a loja. Tudo estava quieto e pacífico, e não havia som, exceto pássaros cantando nas árvores, o farfalhar das folhas e os bufos de Bubba nos arbustos, enquanto procurava o lugar certo para marcar.

Nada era como na cidade de Nova York.

E incomodou-a que ainda pensasse nisso. Por mais que gostasse de estar em casa com a mãe, as irmãs e os avós nas proximidades, não era a mesma coisa. Adorava ter seu cachorro por perto, mas estava percebendo coisas que nunca havia prestado atenção antes. A ferrugem na saia do trailer, a madeira estridente e desgastada da varanda, a estrada lamacenta e não pavimentada que levava à casa deles. A pobreza absoluta da área.

Observou através da perspectiva do olhar de Griffin e sentiu vergonha. O que pensaria se a visse vivendo assim? E odiava que o pensamento lhe passasse pela cabeça. Só porque ele era um esnobe, não significava que estivesse com vergonha de sua família. Não estava. Ela só.... não pode deixar de ver algumas das coisas para as quais ele torceu o nariz no passado. Foi por isso que a manteve em segredo, ela não era boa o suficiente. Nenhuma garota que habita um reboque seria adequada para o Visconde Montagne Verdi, de Bellissime.

Mexeu os dedos dos pés nus e olhou para o pijama. Recusou-se a ser confundida por um homem que pensava que ela era sujeira. Então, por que não conseguia parar de pensar em Griffin? Por que estava tão completa e totalmente magoada que ele tenha vergonha dela? Achou que

finalmente a procurara por quem era e apreciava sua ajuda e sua competência.

Em vez disso, tentava convencê-la a se manterem em segredo, enquanto namorava uma princesa em público.

Isso foi o que mais machucou. Estava apaixonada por ele e, durante todo esse tempo, Griff esteve ocupado se certificando de que ninguém os visse em público. Seu coração é mole e estúpido. Maylee limpou as lágrimas dos olhos e observou Bubba circular uma árvore próxima. Era ingênua e burra, e ele se alimentava disso.

Quando o cachorro se aliviou, a caminhonete de sua mãe parou na garagem, estremeceu com os sons estridentes que o motor emitia ao desligar. Deixara seu emprego bem remunerado na cidade e agora sua mãe não teria a renda extra que enviava para casa todos os meses. Ela lhe disse que estava tudo bem, mas era o dinheiro de que todos precisavam, especialmente porque as meninas mais novas iriam para a faculdade em alguns anos. Com sua demissão, isso estava fora de cogitação por enquanto, e possivelmente para sempre. Sentiu-se envergonhada e derrotada por isso também.

Realmente, ela era um desastre, não era? Suspirou e, disfarçadamente, bateu nos olhos lacrimejantes novamente, depois acenou para a mãe que saia da caminhonete.

— Oi mamãe.

A matriarca ostentava os mesmos cachos de saca-rolhas loiros claros, embora os dela estivessem mais prateados agora, e seu bronzeado fosse mais acentuado. Usava uma camiseta velha e um par de jeans igualmente velho, e Maylee sentiu uma pontada de infelicidade. Sua família poderia usar tanto o dinheiro de seu trabalho. Por que

deixou Griffin expulsá-la de Nova York? Foi muito egoísmo de sua parte voltar para casa.

Era só isso... sentiu-se tão sozinha e indesejada em seu pequeno apartamento sujo. Deitou-se na cama e chorou, sentindo falta – e odiando – Griffin, depois sentindo falta da mãe, irmãs e até seu cachorro. Parecia natural voltar para casa. Agora que gozara de alguns dias para descansar, estava com raiva de si mesma por desistir.

— Estou feliz que esteja acordada, Maylee querida. — A mãe gritou. Pegou um saco de papel com mantimentos — Esqueci a salsicha na loja. Você pode colocar um jeans e voltar lá correndo para mim? Preciso começar o café da manhã. Sua Nana e Pepaw estão vindo.

— Eu irei, mamãe. — E estalou os dedos para chamar Bubba. O cachorro trotou de volta para ela e as duas mulheres entraram no pequeno trailer. Maylee entrou no banheiro para trocar de roupa e, quando saiu, pegou as chaves do caminhão e foi para a loja.

Vinte e cinco minutos depois estava de volta à entrada de sua casa e viu um sedan preto brilhante com janelas escurecidas parado na frente.

Seu coração começou a pulsar freneticamente, não tinha certeza se era terror ou emoção.

Não podia ser... Podia?

Um homem baixo, vestindo um casaco esporte, estava encostado na lateral do sedã, fumando um cigarro. Não era Griffin... Não que quisesse vê-lo, de qualquer maneira. Este homem era baixo e careca, ao contrário de seu Visconde esbelto, acadêmico e esnobe. O estranho lançou-lhe um olhar entediado quando estacionou ao seu lado.

Saiu do caminhão com sua sacola de compras e deu ao homem um sorriso amigável.

— Oi, posso ajudá-lo?

Deu outra tragada no cigarro e dirigiu-lhe um olhar de desdém.

— Estou apenas esperando alguém.

Franziu a testa, confusa.

— Está perdido? Esta é uma propriedade particular.

Ele bufou e balançou a cabeça.

— Peço a Deus que estejamos.

Esse sentimento engraçado começou a borbulhar em seu estômago novamente, mas ignorou-o e ofereceu sua mão.

— Eu sou Maylee.

— Kip.

Os olhos dela se arregalaram. Ah não. Não, não, não.

— O que está fazendo aqui?

— O que acha que estou fazendo aqui? – Havia uma riqueza de menosprezo em seu tom.

— Oh, não. — Respirou fundo, e subiu correndo os degraus do trailer.

Quando entrou em casa, atravessou a pequena cozinha seguindo até a pequena sala de jantar. Ali, sentado ao lado de suas duas irmãs de pijama, estava Griffin. O cabelo dele não estava com a aparência normal e penteada, mas com uma espécie de desarrumado. Usava seus trajes da corte de Bellissime e uma mão estava envolvida em uma toalha branca e fofa. Olhava, através dos óculos, para o que parecia ser uma tigela de grãos à frente.

— O que está fazendo aqui? – Exclamou exasperada.

— Maylee. Seja cortês. Temos um convidado.

— Não preciso ser legal com ele!

Griffin levantou-se ajeitando os óculos, ficou de pé apesar do espaço apertado, abraçando a mão coberta pela toalha junto ao peito. Essa visão fez seu coração bater dolorosamente. De que forma se machucou? Por que se importava, droga? Com a mão livre deu-lhe um aceno agudo.

— Senhorita Meriweather.

Suas irmãs olharam-na com olhos arregalados e sem piscar.

Maylee entregou o saco de salsichas à mãe, recusando-se a olhá-lo no rosto.

— Precisa sair, Sr. Verdi. Deixei de ser sua assistente.

— Este cavalheiro necessita de uma conversa com a queimadura, Maylee. — Sua mãe chamou-lhe a atenção com o tom de ‘não discuta comigo’ — Veio aqui por causa disso.

Culpada, olhou para a mão, ainda envolta na toalha. Não sabia o que dizer. Quão grave era a lesão? Poderia ela ignorar um homem necessitado, mesmo que seja quem partiu seu coração e a fez sentir-se como se fosse pior que sujeira?

— Tudo bem. Vamos. — Acenou para ele avançar.

— Obrigado. — começou, mas ela lançou-lhe um olhar ameaçador e ele parou — Certo. Sem agradecer.

— Exatamente. — Sem parar para verificar se a estava seguindo, saiu para a varanda e sentou-se no primeiro degrau. Um momento depois,

Griffin relaxou seu corpo ao lado dela, medalhas e cordões tilintando em seu casaco cerimonial.

Ela não lhe dirigiu a atenção, olhando para longe, tentando compor seus pensamentos.

— Jaqueta legal. — Articulou, e estava orgulhosa de quão indiferente sua voz soava.

— Isso me coloca no meu lugar — Admitiu.

Como no trailer de minha mãe, Maylee pensou, mas não disse nada. Com um longo suspiro, preparou-se e depois se voltou para encará-lo.

— Certo, me mostre a mão.

Ele estendeu-lhe a mão enrolada, seu olhar atento em seu rosto.

Pegou a mão enfaixada na dela, segurando-a com cuidado, para não machucá-lo mais do que já estava.

— Ok. — Murmurou baixinho — Você sabe como isso funciona. Seja como for, não pode me agradecer por isso.

— Muito bem. — Sua voz estava tão suave que fez arrepios subir e descer sua pele.

Segurou o embrulho grosso por um momento.

— Fale comigo sobre a dor. — O primeiro passo era sempre fazer a pessoa falar e se concentrar em contar o que estava errado.

— Está comigo dia e noite. — Griffin emitiu voz baixa — Não irá embora, não importa o quanto tente me distrair. Continuo dizendo que a culpa é minha, mas de alguma forma, isso não ajuda. Tudo o que sei é que é a única pessoa que pode consertar isso para mim.

— Mmm. — Gentilmente começou a desfazer a atadura improvisada, ignorando o palpitar de seu coração com as palavras ditas — O que fez?

— Sou um idiota e não estava prestando atenção em onde deveria ter colocado minha mão.

Era difícil estar tão perto dele, percebeu. Podia sentir o cheiro refrescante, o perfume cítrico da sua colônia, o calor do seu grande corpo próximo ao dela, o seu rosto ardendo diante de seu olhar penetrante. No entanto, seu corpo teimava em se lembrar do seu toque. Seus mamilos reagiram, endurecendo sob o sutiã. Queria encolher os ombros na esperança de que ele não notasse. Este homem foi terrível com ela, então por que ainda estava atraída por ele?

Puxou o restante do tecido livre e ficou surpresa ao ver que a mão estava fechada em punho. Colocou os dedos nos dele e começou a desenrolá-los gentilmente.

— Oh, Griff, você realmente deve relaxar sua mão se a machuca...

Ele abriu a mão e revelou uma pele rosada e perfeita.

Na palma escreveu: *Esta mão é propriedade de Maylee.*

Ela franziu o cenho, depois olhou para ele.

— Não entendo. Não está machucado? – Por que estava tão aliviada? E confusa?

O rosto de Griffin era solene quando a olhou.

— Sou um idiota, Maylee. Um babaca que não pensa e que magoou seus sentimentos repetidamente. Deveria ter segurado sua mão quando me pediu, e então talvez não tivesse deduzido o pior quando viu aqueles tabloides.

Balançou a cabeça, soltando a mão dele como se fosse ela a chamuscada.

— Não entendo. Como você...

— O motorista explicou muito para mim e encontrei a revista. Foi fácil juntar as peças. Nunca flertei com a princesa de Saxe-Gallia. Nunca flertei com ninguém além de você. Caralho, nem tenho certeza de ter flertado contigo, porque sou realmente podre. — Passou a mão pelo cabelo bagunçado, arruinando qualquer esperança de estilo que tenha tentado reproduzir — Vim aqui para pedir que volte comigo e para lhe oferecer isso. — Estendeu-lhe a mão novamente, e ela olhou para as palavras escritas na palma — É sua quando, e quantas vezes, quiser.

Maylee se viu levantando a mão para estapear o próprio rosto. Pulou do degrau da varanda rapidamente, tentando se distanciar dele.

— Você foi cruel comigo. Por mais de uma vez. Fez com que me sentisse como se nunca fosse boa o suficiente para você! Continuou tentando me mudar!

Ele se ergueu, parecendo desconfortável em sua jaqueta cerimonial.

— Concordo que tentei. Fui cruel e não deveria ter sido. Quando Hunter e Gretchen enviaram-na para mim, te detestei à primeira vista, porque você era tudo que não gosto. Estava malvestida, conversou ignorantemente, e pensei que merecia algo melhor e que Hunter e Gretchen haviam insistido em indicá-la para me sacanear, justo em um momento em que não podia me dar ao luxo de ter alguém que não fosse nada além do melhor entre os melhores, ao meu lado.

— Não está fazendo com que me sinta melhor...

— Apenas ouça. — Havia um desespero em sua voz que a fez ficar calada — A mantive porque estava sem saída.

— E porque eu poderia amarrar uma gravata borboleta.

— Isso também. — Uma sombra de sorriso apareceu em seu rosto e então pegou sua gola e puxou-a desconfortavelmente — Depois de alguns dias, passando um tempo com você, minha aversão inicial mudou.

— Para odiar?

— Não. Vi que as roupas terríveis que usava escondiam um coração muito grande e uma mulher determinada a fazer o que era melhor para sua família, mesmo que não seja o melhor para ela. E vi alguém apavorada e desconfortável com a situação, e nem por isso não procurou um jeito de deixar todos à sua volta confortáveis e felizes, da equipe nas cozinhas, aos funcionários do hotel, aos fotógrafos e motoristas. Esforçava-se por mim, quando eu não merecia. Você foi legal com todos, Maylee. E estava genuinamente encantada por estar na viagem, mesmo que estivesse te tratando como se não merecesse estar lá. Aceitou todos os meus abusos, porque sabia que o dinheiro ajudaria sua família, mas acho que também os aceitou porque é uma pessoa genuinamente boa, não importa o quanto tentei lhe tirar o máximo de proveito.

Estava silenciosa e mirava o sapato, que arrastava no chão, sem se atrever a levantar os olhos, para que ele não visse as lágrimas que brotavam.

— E não importa o quanto tentei te mudar... permaneceu a mesma Maylee. Você tem uma alegria ilimitada na vida, uma fé inabalável em todas as pessoas que a cercam, e me fez perceber que eu também precisava de um pouco dessa alegria e fé na minha vida. Não importava

como estava vestida. Não mais. De fato, quando estava de roupa e de cabelo trocados, me senti vagamente insatisfeito com os resultados e agora sei o porquê.

— Oh? – Cruzou os braços protetoramente sobre o peito. Sentia-se um pouco desconfortável com as palavras dele. Estava lhe preparando outro golpe?

Para sua surpresa, se inclinou para frente e tocou os cachos roçando seus ombros.

— Amo seus cachos ridículos, Maylee. Para mim, eles incorporam tudo a seu respeito. Um pouco selvagens e despretensiosos, mas são tão cheios de luz e sol que não se pode deixar de apreciar a visão deles. São indomáveis, e sempre devem ser.

A mão brincando com seus cabelos a estava distraindo, assim como suas palavras. Ela tremeu.

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que amo seus cabelos crespos. Amo sua voz lenta e arrastada e como quer fazer sua fê curar a todos que encontra. Amo que me ouça divagar sobre minhas escavações e nunca me diga que estou te entediando. Amo que nunca me pergunte sobre meu dinheiro, ou se pode passar algum tempo com a família real, e sei que é porque essas coisas não importam, quase tanto quanto importam a mim. Que, para você, sou uma pessoa, não apenas um título ou uma carteira. E isso é algo que nunca tive com ninguém em Bellissime. — Por trás dos óculos, os olhos dele estavam sérios — É por isso que estou me apaixonando por você.

Ele estendeu a mão de volta, em sua direção. *Esta mão é propriedade de Maylee.*

Olhou da mão para seu rosto, pensando. Griffin estava à frente, totalmente rígido. Sua gola estava torta de puxá-la, e parecia incrivelmente desconfortável.

Não lhe pegou a mão. Não sabia se estava pronta para isso.

Ele parecia perceber isso também. Lentamente deixou-a cair ao seu lado, os ombros curvados em derrota.

— É engraçado.. — A voz permanecia suave — Quando se é membro da família real, não espera pelo carinho de ninguém. É certo que lhe será concedido automaticamente. Nunca tive que trabalhar para convencer alguém a gostar de mim antes. EU... Não sou muito bom nisso. — Parecia enojado consigo mesmo — Gostaria de saber a coisa certa a dizer ou fazer para convencê-la da minha sinceridade.

Por alguma razão, essa triste confissão a convenceu mais do que sua declaração de amor. Maylee olhou-o e deu-lhe um leve sorriso.

— Beijaria o cachorro?

— Imploro seu perdão? – Inclinou a cabeça, como se não tivesse certeza de tê-la ouvido corretamente.

— Meu cão, Bubba... o beijaria para provar que me ama?

Griffin inclinou a cabeça para ela, tão graciosamente.

— Se precisar...

Maylee colocou os dedos na boca e assobiou.

— Bubba!

O cachorro galopou para fora do trailer e em sua direção, todas as orelhas, bochechas e cordas de baba voadoras. Parou na frente dela que se ajoelhou para esfregá-lo com carinho.

— Olá, Bubba. Este homem lhe dará um belo beijo, ok, garoto?

— Ele é bastante... babador.

Ela riu disso.

— É um cão de caça. Tendem a babar.

— Então... Percebi.

E para sua surpresa, ele se abaixou e beijou o topo da cabeça do cachorro. Então, se endireitou com uma careta.

— Prefiro beijar você.

— Tenho certeza. — Misericórdia, deveria receber uma medalha por conseguir conter o riso.

— Estou perdoado?

— Não decidi. Talvez precise que beije uma galinha também.

Parecia resignado.

— Como alguém beija uma galinha?

— Com muito cuidado. — Ficou de pé, espanando as mãos na calça jeans — Faria isso por mim?

— Se for preciso para convencê-la da minha sinceridade, beijarei cada pedaço de ave que colocar na minha frente. — Seu tom era tão firme e sincero.

Suas risadas escaparam.

— Por que não posso ficar brava com você?

— Porque um homem que beija um cachorro babado só para fazer sua mulher sorrir é uma figura patética, de fato? — Tentou colocar um sorriso em sua voz, mas seu rosto permaneceu sombrio — Maylee, me

desculpe por magoar seus sentimentos. Sou péssimo em mostrar afeto adequadamente, especialmente quando estou em casa e todo mundo espera que aja como um da família real, mesmo que não esteja mais na linha do trono. É como se sofresse lavagem cerebral para não ver nada além de como a família real pensa que as coisas deveriam ser. Se Alex quebrou as regras, também posso. — Estendeu a mão e tocou a dela — Posso garantir-lhe que nunca incentivei Saxe-Gallia ou qualquer outra pessoa. Era simplesmente a imprensa marrom fabricando lixo para vender escândalos em papéis.

As palavras dele eram tão fervorosas que sabia que eram verdadeiras. Não importava seus sentimentos feridos, tinha que parar e pensar racionalmente. O homem havia crescido com mãe e pai frios e distantes. Como poderia esperar que fosse afetuoso em uma família que parecia não saber o significado disso? Até Alex era reservada em torno de Luke, e era o noivo dela.

Na verdade, sabia que os dois estavam casados agora. Pobre homem, entrara para a realeza conservadora. Sorriu imaginando a situação.

Ao seu sorriso, Griffin pareceu relaxar um pouco e um brilho surgiu em seus olhos.

— Por favor, diga-me que não me odeia mais.

— Não te odeio mais. — Pegou-lhe a mão, apertando suavemente.

Griffin parecia um pouco descontente com isso.

— Esperava que me enchesse de beijos, com a minha declaração de amor.

Emitiu um gracejo diante do tom enojado dele.

— Pensei que, sendo um nobre, não gostava de demonstrações de afeto?

— Estaria disposto a deixar isso passar, por você.

Maylee bufou.

— Volte comigo. — Puxou-a para mais perto dele — Deixe-me mostrar-lhe minha casa na cidade de Nova York e como sou um solteiro enfadonho e maçante.

— Você é um solteirão chato?

— Sou. Minha casa é cheia de livros e cheira a poeira, não há absolutamente nada que atraia uma mulher. — Demonstrava um semblante triste — Posso seduzi-la com promessas de conversas sobre civilizações antigas até as primeiras horas da manhã.

— Posso levar meu tricô? – Fingia considerar.

— Absolutamente. Recomendaria que tivesse algo em mãos para mantê-la ocupada enquanto a aborrecerei até a morte.

— Você nunca é chato. — Imprimiu toda a suavidade nas palavras enquanto fitava a boca aristocrática bem delineada — Não para mim.

— É por isso que é perfeita. — Puxou-a inclinando-se em direção a seus lábios.

Maylee pressionou os dedos nos seus lábios, parando-o antes que pudesse beijá-la.

— Então... E agora? Eu te perdooi, mas deixei Nova York. Lá é difícil conseguir um emprego, para uma garota como eu.

— Irá morar comigo. Não quero que trabalhe. Quero-a ao meu lado todos os dias.

— E depender de você para tudo? Não. — Negou, balançando a cabeça.

— Então seja minha escudeira. Minha assistente. Minha escrava sexual. — Balançou as sobrancelhas na última frase.

— Você já tem um assistente. — Expeliu com força o ar dos pulmões.

— Sim, e ele nunca cortou minha carne por mim, nenhuma vez. — Deu-lhe um olhar suplicado, a alma implorando — Diga que voltará comigo. Sempre posso ter outro assistente. Parece que me lembro de alguém me dizendo como estava desamparado.

— Você está um pouco desamparado. — Reconheceu, tocando uma das medalhas em seu casaco — Todos os seus assistentes moram com você?

— Kip sim. Meu primeiro ato será levá-lo para uma casa vizinha.

— E eu?

— Quero você em minha casa.

— Até rompermos? E então o que faço? É muito arriscado.

— Pagarei cem mil dólares por ano para ser uma péssima assistente para mim. E assinarei um contrato declarando que, se terminarmos, concederei mais cem mil dólares em indenizações. Não quero que se preocupe com dinheiro enquanto estiver comigo.

O dinheiro fez seus olhos se arregalarem, mas declinou balançando a cabeça.

— Sinto que está tentando comprar meu carinho.

— Se for a única maneira de obtê-lo, é isso que tentarei. — Estreitou o abraço assim que a alcançou — Maylee, por favor. Volte para mim. —

Arqueou as sobrancelhas de uma maneira óbvia — Tenho uma sacola inteira de sabonetes e xampus de hotel roubados com o seu nome neles.

Estava hesitante apesar de sorrir. Reconheceu a intensidade do olhar que ele emitia.

— Por favor. Preciso de você.

Foram essas três pequenas palavras que fizeram-na decidir. *Preciso de você*. Quanto tempo esperou que ele admitisse uma coisa dessas? — Deixarei que me contrate, com uma condição.

— Qualquer coisa.

— Só serei sua funcionária, até confiar que não partirá meu coração novamente. — Deu um pequeno sorriso trêmulo — Quando me sentir confortável contigo novamente, irei me demitir, porque aí saberei que posso confiar em você. Não quero que as coisas entre nós sejam sobre dinheiro.

— Feito. Tudo feito. O que quiser, aceito.

— Então acho que ganhou uma nova assistente.

Ele a beijou com tanta força que seus dedos se curvaram, e ela se agarrou ao grosso casaco de lã dele. Sua língua deslizou contra a dela em uma dança possessiva, deixando-a ofegante e mole quando se afastaram.

— Acho melhor dizer à mamãe e a eles que estou voltando para Nova York.

— Ótimo — Disse Griffin, tão arrebatado quanto ela. Seu olhar a devorou — Muito bom.



Poucas horas depois, Maylee beijou sua mãe, avó, seu pai e suas irmãs, fez as malas, e amarrou Bubba, e eles estavam indo para Nova York. Griffin concordou em deixá-la trazer seu cachorro, mesmo que estivesse claro que não sabia o que fazer com o cão. Ela se questionou se ele já teve um animal de estimação, e então pensou na rainha com seus gatos grandes e fofos, e tentou imaginá-lo acariciando um, e riu para si mesma até o aeroporto.

Prestes a embarcar na aeronave, Kip pegou a correia do cão e sentou-se na frente do avião com uma bebida e uma revista.

— Estarei aqui caso precise de mim. — A voz seca do faz-tudo ressoou — Com fones de ouvido ligados —

Era uma coisa estranha de se dizer, pensou enquanto segurava a mão de Griffin e se dirigia aos bancos traseiros do avião.

— Por que ele nos disse isso?

Sentou-se em uma grande poltrona de couro e a puxou para seu colo.

— Acredito que Kip ache que teremos uma sessão de amassos nos fundos. — Passou os braços em volta dela, puxando-a para mais perto, acariciando as costas e coxas, como se fosse impossível parar de tocá-la.

Retirou os óculos dele e jogou-os em um assento vazio próximo. Inclinou e capturou o lábio inferior do Visconde entre os dentes, mordendo-o levemente e apreciando o arrepio que percorreu seu corpo.

— Então não devemos decepcioná-lo?

O gemido de resposta de Griff foi deliciosamente gratificante de ouvir.

— Há uma suíte na parte de trás do avião.

— Tem camisinha? – Provocou novamente os gemidos dele.

— Espero por Deus que sim.

— Vamos dar uma olhada. — Convidou contra a boca dele e depois saiu do colo. Percorreu a curta distância até a parte traseira do avião e abriu a porta, sabendo que os olhos estavam nela, a cada passo do caminho.

O quarto na parte de trás do avião era exatamente como se lembrava. Havia uma cama de tamanho grande de um lado e um espelho na parede atrás dela. Do outro lado da pequena suíte havia uma mesa com uma cadeira e uma porta que dava para o banheiro.

Foi ao banheiro e ouviu-o fechar a porta do quarto e trancá-la. Dentro do banheiro, havia vários artigos de higiene pessoal, mas o que mais a interessou foi uma caixa de preservativos embaixo da pia. Parecia a que havia comprado em Bellissime, se virou e mostrou para ele.

— Você guardou isso?

— Como não guardaria? O motorista estava me dando olhares tão sujos por quebrar seu coração que os tomei como uma insígnia de vergonha. — Exibiu uma careta com a lembrança.

— Fico feliz que se sintam mal por isso, porque me senti pior.

Aproximou-se, estreitou-a nos braços e acariciou seu pescoço.

— Saiba que é a única para mim.

A respiração dela ficou presa na garganta. Queria acreditar nas palavras – ah, acreditava – mas foi pisoteada e magoada muitas vezes

pelas palavras impensadas para crer nele de todo coração. Então, por enquanto, confiaria e aguardaria.

Enterrou os dedos no cabelo brilhante e macio, bagunçando-os.

— Este é um visual diferente para você, Lorde.

— Kip não aprovou. — Desceu os lábios ao longo do pescoço — Mas não é ele quem gosta de passar os dedos pelos meus cabelos.

— Fico feliz por isso. — Rindo, deslizou as unhas pelo couro cabeludo.

— Senhor, isso é bom. — Derreteu-se o homem.

Calou-o com uma risadinha.

— Terá que ser mais discreto se não quiser que Kip escute.

Endireitou-se, lançando um olhar ansioso de volta para a cabine da frente.

— Não tenho certeza absoluta de que estou confortável com ele sentado ali fora.

Ela fez um beicinho falso e sua mão percorreu a frente da calça dele.

— Cresci em um trailer. Se alguém sabe ficar quieto quando se apaixona, sou eu.

Ele franziu o cenho para ela.

— Com quem exatamente estava saindo?

— Meninos. — E então o beijou para calá-lo.

O beijo foi retribuído. Oh, adorava tanto beijá-lo. Ninguém beijava como Griffin. Havia uma fome constante em sua boca, como se temesse que tudo fosse arrancado no instante seguinte, e então tinha que devorá-la enquanto podia. Amava essa intensidade singular e suspeitava que era assim também, na cama.

Mal podia esperar para descobrir. A mão esfregou seu pênis, sentindo o comprimento grosso debaixo dos dedos.

— Agora... — murmurou, acariciou aquele pau que se avolumava e fez uma pausa —... o que quer aqui com sua nova assistente? Porque ela é um tipo bastante exigente.

Seus olhos estavam vidrados de paixão.

— Oh?

— Muito... — *Estocada* — Exigente... — *Estocada*.

Griffin mal conseguia segurar suas lamúrias, cada vez mais altas, e ela teve que beijar sua boca para acalmá-lo, satisfeita em saber que o homem, extremamente controlado, entre quatro paredes não conseguia se conter.

— Quer saber o que exijo? — Maylee perguntou.

Ele assentiu, incapaz de formar palavras, rendido com as empurradas que recebia através do tecido.

— A tua língua... — *Estocada* — Sobre todo o meu corpo. — *Estocada* — E então farei o mesmo com você. — *Estocada* — O que te parece?

— Incrível... — Parecia completamente entregue, a expressão atordoada aqueceu o coração da pequena assistente.

— Então vamos dar uma olhada naquela cama, vamos? — Relutante, largou o pau dele e saiu do banheiro minúsculo.

Ele a seguiu, sua mão tocando suas costas, seu braço, como se relutasse em deixá-la sozinha por um momento. Foi bastante gratificante e doce, de uma só vez. Ela sentiu uma onda de carinho por esse homem solitário e arredio, que não sabia como pedir carinho, mas se deliciava com suas atenções.

Tomaria cuidado com o coração dele. Virou-se para dar-lhe um sorriso doce e dizer o quanto se importava.

Mas a boca dele cobriu a sua, um braço a segurar-lhe a cintura enquanto o outro firmava sua cabeça pelo pescoço, e se esqueceu de ter cuidado com alguém ou qualquer coisa. O desejo dele devorou o dela, aprofundando o beijo de tal forma que os joelhos dela ficaram fracos. Nunca fora afetada por um beijo antes. Uma súbita necessidade desesperada de sentir pele contra pele fez com que agarrasse as roupas dele.

— Tire a roupa. — Exigiu ofegante.

— Você primeiro. Disse que queria minha língua em todo o seu corpo e pretendo obedecer. Agora, fique nua para mim.

O tom autoritário provocou um calafrio que percorreu todo o seu corpo. Tanta coisa para comandar. Ele assumiu o controle e ela desistiu de se rebelar contra as ordens dele. Com um movimento rápido, puxou a blusa por cima da cabeça e depois desabotoou a calça jeans, tirando-a e chutando-a para o lado. Então ficou diante dele com nada além de um sutiã e calcinha velhos que tinham visto melhores dias.

Torceu a cara imaginando como deveria parecer aos olhos dele.

— Deixei todas as roupas que comprou para mim no hotel. Tudo o que tenho são essas coisas velhas...

— Você é linda. — Beijou-a com infinita ternura — Mesmo que usasse trapos, seria a coisa mais linda que já vi na minha vida. Antes de você, nunca achei camuflagem erótica, e agora fico de pau duro à vista de todos.

Lágrimas picaram seus olhos e lhe deu um sorriso suave.

— Está dizendo isso apenas para entrar na minha calça.

— Estou na sua calça. Quero dizer exatamente isso. Amo você, Maylee Meriweather, e para mim você é a criatura mais maravilhosa que já vi.

Suspirou de prazer ao ouvi-lo dizer isso. Este era o homem por quem se apaixonara. Estava apavorada diante do que poderia acontecer. E se fossem apenas palavras? E se, um homem com uma educação como a dele, não soubesse amar? Preocupou-se que tudo não passasse de outro mal-entendido, porém manteve esses pensamentos para si. Para distraí-lo de seu silêncio, tirou o sutiã e a calcinha.

— Absolutamente estonteante. — Reverenciou, passando os dedos pelo braço bronzeado — Como minha própria Vênus pessoal. — Desenhrou um tracejado com as pontas dos dedos, movendo-os levemente pela pele, sobre os ombros e clavícula — Sou o homem vivo mais sortudo do mundo.

Suas mãos tremeram quando as colocou no casaco formal, seu desejo fazendo-a pulsar e doer entre as pernas.

— Ficará nu comigo?

— Talvez. — Sua mão passeou entre os seios dela — Primeiro, quero me deleitar com a visão do seu corpo.

Permaneceu trêmula, na frente dele, enquanto seu corpo explorado pelos dedos longos e elegantes. Deslizaram roçando suaves pelos seios, circulando os mamilos pontudos. Desceram a curva suave da sua barriga, traçando ao longo das linhas de seus ossos do quadril. Eles se moveram entre as pernas e brincaram levemente com os cachos úmidos de sua excitação, e ela respirou fundo, esperando que aqueles dedos pressionassem entre suas pernas e as abrissem.

Mas, em vez disso, se ajoelhou diante dela e beijou ternamente a pele logo acima de seu monte.

— Tão bonita.

Estava praticamente queimando com o desejo.

— Griff... — a voz rouca de desejo —...se não me jogará nesta cama e fará amor comigo, então me ajude.

Ele a ignorou e pressionou o rosto para dentro, levemente aninhando os cachos de seu sexo com a boca, e ela sentiu a ponta da língua roçar seu clitóris.

Um rosnado estridente escapou de sua garganta e seus joelhos dobraram levemente. Apenas as mãos, nos quadris dela, a mantinham de pé.

— Oh Deus.

— Deite-se, querida, quero colocar minha boca em você.

Encontrou a beira da cama e sentou-se nela com as pernas trêmulas. Recostou-se, observou-o abrir devagar, metodicamente, os botões do grosso casaco cerimonial e jogá-lo no chão, revelando uma camiseta enfiada em suas calças e nos braços musculosos. Ela deu um suspiro de prazer ao vê-lo, maravilhando-se novamente com a tatuagem feia em seu bíceps que parecia não combinar com ele.

— Minha linda e querida Maylee. — Subiu na cama e rastejou sobre ela enquanto descia. Beijou gentilmente a sobrancelha, depois as maçãs do rosto, detendo-se aí para prestar homenagem a todos os detalhes. Beliscou seu queixo de uma maneira que fez seus mamilos retesarem ainda mais, e se mexer, quase ofegando de desejo. Estranho como esses

beijos doces e atenciosos eram mais eróticos do que qualquer coisa que já tenha experimentado em sua vida.

Conduziu os lábios pelos ombros e os seios, gentilmente colocando a ponta de cada um na boca, chupando e provocando levemente até que ela estivesse mordendo seus gemidos de prazer. Mãos incontrolláveis percorriam seu cabelo e costas, enquanto seu quadril se erguia da cama cada vez que a boca apertava um mamilo. Era tão bom que ansiava por mais e se doía profundamente por ele.

Continuou a descida torturante da língua pelo ventre, até mergulhar no umbigo, circulando e dando-lhe uma prévia do que estava por vir.

— Oh, Meu Senhor...

— Fico de pau duro toda vez que a ouço gemer desse jeito? Quase gozo nas calças. Por alguma razão, esse seu doce sotaque me deixa incrivelmente duro. É como se imaginasse sua língua se curvando sobre suas palavras, e então imagino você se curvando sobre a cabeça do meu pau.

Oh, Deus, falava na cama. Isso a estava desestruturando. As mãos de Maylee agarraram os cobertores, silenciosamente implorando para que obtivesse mais.

— Ahhhh — disse depois de um momento, como se tivesse descoberto algo agradável, e a respiração dela explodiu como sua imaginação — Você está muito molhada para mim, não está, querida?

Confirmou com um balançar da cabeça, não confiando em sua voz, e um pequeno gemido escapou de sua garganta.

Os dedos dele separaram sua carne, sentiu a boca em suas dobras um momento depois, a lambia para cima e para baixo na fenda úmida.

— Tem um gosto tão bom quanto parece. — Encontrou o clitóris, roçando com a ponta da língua, e então chupou com avidez, provocando-o com os lábios.

Um tremor a percorreu, crescendo em intensidade. Continuava a chupar seu clitóris, sem se desviar, agora que havia encontrado exatamente onde ela era mais sensível ao toque, a intensidade aumentada, explodindo atrás dos olhos dela. Para sua satisfação, gozou em uma explosão rápida e violenta, seus dedos arranhando o couro cabeludo dele, mesmo quando suas pernas dobraram e seus calcanhares cravaram na cama.

— Oh... Oh... Oh, Meu Deus. Oh, Griff.

Quando arrancou os últimos estremecimentos dela, levantou a cabeça, os lábios brilhando de sua umidade, e havia um olhar satisfeito de prazer em seu rosto lindo, como se estivesse orgulhoso de ter sido capaz de fazê-la gozar tão duro. Ela resfolegava vendo-o deslizar para o seu lado, na cama. Deitou-se de lado, observando-a se recuperar.

O homem parecia incrivelmente satisfeito consigo mesmo.

— Precisa de um momento, querida? – Estendeu a mão e acariciou seu peito, apertando o mamilo casualmente. Parecia ter todo o tempo do mundo agora que a satisfiz, apesar de sentir a pressão do pênis dele contra a perna.

Onde estava todo aquele controle usual? Foi fingimento. Seu Griffin era bom demais em fingir ser controlado.

Queria vê-lo selvagem. Então rolou sobre as mãos e joelhos e deu um empurrão em seu ombro, indicando que deveria deitar na cama.

Suas mãos se moveram para segurar seus seios pendurados, e ele fez um pequeno som de prazer em sua garganta.

— Você é incrivelmente linda.

— Mencionou isso uma ou duas vezes. — Brincou Maylee, encontrando sua voz novamente. Puxou a camiseta dele para cima, expondo sua barriga lisa e os músculos ali. Pensou em torturá-lo da mesma maneira que foi torturada – beijos sem fim por toda a pele – mas seu pênis estava esticando suas calças, sabia que já estava dolorosamente excitado. Ele esperava que ela demorasse, assim como fizera.

Mas ela queria surpreendê-lo.

Então desceu um pouco na cama, afastando-se daquelas mãos deliciosas que brincavam com seus seios e começou a abrir as calças dele com movimentos rápidos e hábeis. Ele se abaixou para ajudá-la ganhou um tapa na mão.

— Você é meu agora. Sente-se e comporte-se.

Griff riu, afastou as mãos para leva-las aos cabelos cacheados, tocando-os, apreciando a textura. Parecia realmente gostar, então teria que acreditar no que havia dito. Que apreciava eles soltos, de forma selvagem e livre.

Habilmente desabotoou as calças e afastou o zíper. Ele levantou os quadris para que as roupas deslizassem, contudo o plano mudou quando ela usou uma tática diferente, mas rápida. Rasgando o botão que segurava a abertura de sua boxer, Maylee o tirou e manipulou seu pênis através do tecido, expondo-o.

— Bem, olá de novo. — Conversou baixinho vendo sua ereção subindo, a coroa grossa e brilhante — Que bom ver você. Agarrou a base do pênis e engoliu a cabeça.

Ele imediatamente se enrijeceu na cama, seu corpo inteiro ficando tenso.

Sua língua girou em torno da ponta bulbosa, em seguida, traçou levemente a parte de baixo da coroa, explorando-o. E grande e grosso, como a mulher gananciosa que era, adorava que fosse assim. Queria tudo dele, e lidar com ele assim estava fazendo-a doer entre as pernas. Mal podia esperar para senti-lo profundamente dentro dela. Antecipando isso, abriu bem a boca e o levou mais fundo, sugando com força.

Ele quase saiu da cama.

— Oh, caralho, Maylee...

Ela gemeu de prazer com reação, a vibração na garganta enviando outro arrepio pelo corpo dele. Então, continuou a garganta profunda nele, deixando sua boca ficar suave e molhada enquanto o deslizava contra a parte de trás da língua e o levava mais fundo ainda. Sabia que estava indo bem quando os quadris se ergueram para encontrar sua boca acariciando-o, e a mão agarrou seus cabelos, como se estivesse tentando desesperadamente não se aprofundar.

Puxou-a dele um momento depois, ofegante.

— Não, espere...

Protestou, tentando puxá-lo de volta à boca.

— Preservativos. — Exigiu ele, rolou da cama, indo para encontrá-los.

Aguardou na cama, dolorida e cheia de necessidade, ele voltou um momento depois, os dedos rasgando a caixa apressadamente, o pênis saindo entre a boxer aberta, por cima do zíper da calça. Não se conteve em alcançá-lo novamente, e ele gemeu, se afastando dela e se livrando de suas roupas. Teve problemas com a cueca enganchada na braguilha e rasgou-a, o som ecoando pelo aposento. Verdi não pareceu se importar. O cabelo desarrumado e as bochechas coradas entregavam a intensidade do que estavam fazendo.

Ele era lindo.

Pegou a camisinha e rolou-a pela extensão do membro. Sentou na beira da cama e depois deu três tapinhas na coxa.

— Venha sentar no meu colo, querida. — Seu pênis se levantou, indicando exatamente onde deveria se sentar.

Ela passou uma perna por cima dele, e as mãos de Griffin foram imediatamente para os quadris, para segurá-la. Guiou-a, fazendo-a deslizar lentamente pela sua carne dura, até que estivesse completamente sentada. O empurrão em seu corpo a fez respirar fundo, imediatamente tensionou os músculos, agarrando-se aos ombros dele. O membro era maior do que o do seu último amante, e ardeu um pouco quando entrou, mas foi delicioso.

— Griff. — Gemeu — Oh, Meu Senhor.

— Maylee. — Grunhiu em resposta, enterrando bem fundo nela. — Doce e realmente bela.

Gritou, apenas para ter seu choro sufocado pelo beijo dele. Esta posição permitiu que seu corpo inteiro se esfregasse nele. Travou as pernas em volta da cintura dele. Os seios roçaram-no o peito, o braço na cintura segurou-a firmemente no lugar.

Beijou-a. Oh, Deus, a beijou tão profunda e completamente que ela se sentiu penetrada duplamente. Sua mente estava atordoada, e choramingou quando ele empurrou seus quadris e isso fez tudo balançar um pouco mais fundo.

— Minha. — Murmurou por entre dentes, balançando os quadris em um movimento, que ela não tinha certeza absoluta se era bom, seus quadris se movendo para frente e para trás, mesmo quando ela balançava para aumentar o atrito. Seu clitóris estava esfregando contra sua virilha, seus mamilos roçavam o peito e a boca continuava lambendo e escorregando por conta própria.

Fora a coisa mais erótica que já sentira. Nunca fizera sexo assim antes, sentando-se em cima de alguém e deixando-o transar com ela na vertical. Isso tornou tudo muito íntimo.

Seus movimentos eram lentos e controlados, mas Maylee não parecia controlar seus quadris. Empurrou o mais forte que pôde, desfrutando de seus pequenos gemidos de resposta. Seu próprio corpo tremia, e sentiu seu sexo apertar em resposta quando outro orgasmo começou a crescer. As unhas dela cravaram na pele e os beijos assumiram um ritmo frenético, ele empurrou com mais força nela, incentivando essa onda orgástica que se formava.

Sentia isso por todo o corpo no momento da explosão, tudo tremendo e se apertando ao redor dele com tanta força que sabia que ele sentia, mesmo que não emitisse nenhum som. Seus grunhidos o delatavam.

Deitou-a na cama e rolou por cima rapidamente, prendendo-a debaixo do seu corpo. Antes que ouvisse um resmungo sequer, arqueou o tronco e se enterrou, investindo profundamente e com força nela.

Atordoada com o quão bom isso foi, ofegou. Quando fez isso de novo – mais rápido e mais áspero do que antes – a força de seus movimentos a empurrou um pouco sobre a cama, e sua pele bateu na dela. Ela se agarrou a ele, adorando.

— Griff. — Choramingava baixinho — Oh, Griff.

— Eu te amo. — As palavras entrecortadas saíram — Amo você, Maylee.

E ele gozou, arrastando o nome dela como se fosse uma bênção.

Abraçou-o e deu um longo suspiro de satisfação, enquanto ele convulsionava e tremia nos braços dela, perdido em seu próprio prazer.

Finalmente retirou-se de dentro dela, sob protesto quando os corpos se separaram. Ela não queria ser abandonada nunca mais. Logo ele retornou, deitou-se e se enrolou em torno de seu corpo nu, puxando-a contra ele.

Aconchegados, um nos braços do outro, contentes.

— Não durma por muito tempo. – Beijou-lhe os cabelos — O voo para casa não é tão longo e precisa se vestir antes que Kip venha nos procurar.

— Dê um momento para uma garota te abraçar, sim? – Gracejou passando a mãos sobre a pele dele.

— Vários momentos, se você quiser.

— Eu sei. — Correu um dedo sobre a tatuagem, um crânio feio com o dinheiro saindo da órbita ocular. Tão extravagante. Era uma escolha estranha para um homem como Griffin — Isso é horrível.

— Não é? – Sua voz divertida a surpreendeu.

— Por que fez se acha feio? Não parece você.

Ele hesitou.

— Longa história.

— Não irei a lugar nenhum no momento. — Provocou.

— Não posso dizer agora, Maylee. — Negou-lhe a explicação.

— Oh, tudo bem. — Sorriu-lhe sem conseguir esconder sua inquietação. Segredos já? Esperava que tivessem passado essa fase — Acho que devo me levantar e me vestir.

Para sua surpresa, quando tentou se sentar para se vestir, foi arrastada de volta para a cama e beijada apaixonadamente. Assim que o beijo terminou ele sussurrou: — Disse que não posso lhe contar agora, querida. Não que não vá contar. Apenas me dê um tempo, está bem?

Aceitou, por que o que mais poderia fazer? Ele ainda não estava pronto para compartilhar todos os seus segredos, foi o que ela entendeu...

Só esperava que não fosse algo que a machucaria a longo prazo.

Capítulo Treze

Maylee ficou encantada com a casa de Griffin porque era exatamente a cara dele. Não sabia ao certo o que esperava, mas, ao ver as prateleiras de parede a parede, os mapas antigos emoldurados nas paredes e as pilhas de livros em todos os lugares, bateu palmas e riu.

— É perfeito.

— É? – Parecia surpreso. Olhou sua casa com certo ceticismo, como se tentasse enxerga-la através dos olhos dela.

— É. — Ecoou. Ajoelhou-se e soltou Bubba de sua correia para que pudesse se familiarizar com o lugar, tão logo Griffin fechou a porta — Parece exatamente como imaginei que um nobre acadêmico viveria.

Esfregou o queixo e, por um momento, parecendo envergonhado.

— Suponho que sim. Não é uma cobertura enorme como a de Logan, ou uma mansão como a de Hunter. Só tenho três quartos e um foi transformado em uma biblioteca.

— Três quartos em Nova York? Não é exatamente uma favela, Griff.

Moveu uma pilha de livros em uma mesa, hesitou, depois os jogou em outra mesa.

— Nunca pensei em ter mais que isso na verdade. Cresci em palácios de quarenta quartos e nunca me senti em casa.

Ainda estava encantada com o lugar. Havia janelas com vista para o Central Park, estantes de livros por toda parte, pisos de madeira e sancas. Apostou que havia até dois banheiros. Ela já adorou.

— Não faz sentido em uma casa enorme se houver apenas duas pessoas nela. — Pegou um livro e franziu a testa para a camada de poeira nele — Você não limpa?

Agora ele estava realmente envergonhado.

— Mantenho Kip ocupado o suficiente para que ele não faça muita limpeza. Tenho uma senhora que vem uma vez por semana para faxinar pesado, mas suponho que há mais a ser feito.

— Então tem sorte de ter uma segunda assistente. — Usou um tom de brincadeira.

— Não te contratei para limpar minha casa.

— Não, me contratou para — trocar o óleo — — disse sem fitar o homem.

Ele ficou calado. Diante do silêncio, Maylee voltou-se em sua direção para olhá-lo, e ficou surpresa em descobrir que estava com o rosto vermelho de vergonha. Não conteve o riso.

— Vamos, nunca ouviu essa expressão?

— Não dirigida a mim. — Esfregou a orelha que também estava vermelha. *Que fofo!*

— Seu quarto também está cheio de livros?

— Há espaço suficiente para duas pessoas – O olhar confuso voltou a brilhar. Ajeitou sua excitação disfarçadamente — Devo te mostrar?

— Isso parece tentador. Mas primeiro... — Olhou em volta — Onde está o Kip?

Ele acenou com a mão.

— Disse para ele escolher uma casa para si. Por minha conta. Acredito que está comprando. — Fez uma careta — O homem gosta de fazer compras.

— Ele pode manter as tarefas de compras — declarou Maylee, e arrastou Griffin para o quarto.



Três dias depois, Griffin estava mais feliz do que nunca. Tinha uma Maylee excitada e maravilhosa em sua cama, estava de volta à sua casa e tudo estava perfeito.

Bem, quase tudo. Havia um cachorro babando que havia encontrado mastigando um livro naquela manhã, e sua casa estava sendo revirada de cabeça para baixo pela mulher do cabelo selvagem, que estava determinada a organizar as coisas, mas, no geral, estava contente.

Estava com a mulher que amava e a fodia todas as noites por horas. Ocasionalmente por várias vezes em uma noite. Só de pensar nela fez seu pau endurecer, levantou-se da cadeira da janela, deixando seu livro de lado para encontrá-la.

Encontrou-a na pequena sala de estar, sentada no chão, de pernas cruzadas. Usava o pijama camuflado horrível, e achou a vista encantadora agora, em vez de terrível. Desligou a TV assim que ele entrou na sala. O sorriso que lhe dirigiu era forçado e exagerado.

— Ei você.

— O que há de errado?

Fez um muxoxo negativo com a cabeça.

— Nada. Quer um lanche ou algo assim? Estava prestes a fazer um...

Quando ela passou próximo a ele, teve o controle remoto tomado de sua mão. Griffin ligou a TV. Era um especial de notícias sobre o casamento de Alex e Luke. Dirigiu a Maylee um olhar curioso.

— Não viu o suficiente em Bellissime?

Deu de ombros, sem encontrar o olhar dele.

— Na verdade não vi o casamento em si. Só estava... curiosa, acho.

— Deu um tapinha no ombro dele e foi em direção à cozinha.

No ombro com a tatuagem, não pôde deixar de notar. Xingou silenciosamente quando viu a princesa de Saxe-Gallia aparecer no programa.

Ainda tinha dúvidas. Sabia que mantinha pelo menos um segredo, o da Irmandade, e até ter certeza de que não a machucaria novamente, ficaria na defensiva. Reconheceu o olhar desconfortável no rosto dela. Era a expressão que exibia tantas vezes em Bellissime, depois que ele machucava seus sentimentos. Reservada. Cautelosa. Esperando ser ferida a qualquer momento.

Respirou fundo e exalou, esfregou o rosto em frustração, quase arrancando os óculos do rosto. O que faria para provar que a amava? Para fazê-la se sentir segura e confortável com ele?

Dizia que a amava uma dúzia de vezes por dia.

Ela nunca devolvia a declaração. Continuou esperando e esperando que relaxasse, se sentisse mais à vontade, e perceberia que o amava tão profundamente quanto ele a amava. Mas conter o – eu te amo – parecia

ser algum tipo de armadura. Que, desde que não se exponha completamente, ainda poderia escapar ilesa.

No entanto, não cogitava deixá-la ir.

Frustrado, ouviu Maylee ficar de enrolação na cozinha. Entrou e a beijou na testa.

— Terminarei meus estudos.

— Tudo bem. — Sua voz estava animada além do normal — Darei uma ajeitada aqui.

Retirou-se para o escritório e, ao invés de voltar aos livros, pegou o telefone. Olhou a tela por um momento, pensando. Podia ligar para Hunter e pedir conselhos, mas aquele animal de mulher, Gretchen. Para começar, não saberia lidar com um coração tão sensível e delicado quanto o de Maylee. Precisava de alguém mais perspicaz.

Ligou para o Cade, mas caiu no correio de voz. Droga. Não queria deixar uma mensagem apaixonada, então tentou o próximo, Jonathan.

— *Você está aí?*

Jonathan quase nunca atendia as ligações, mas uma mensagem era infalível. Veio a resposta um momento depois.

— *Aqui.*

— *E aí? Você voltou para Nova York?*

— *Não. Tinha algumas coisas para cuidar.*

Griffin pensou por um momento.

— *Preciso de conselhos. Sobre uma mulher.*

— *Ai Jesus.*

— *Não me aborreça.*

— *É sobre aquela loirinha saltitante, que estava contigo na Espanha? Era tão adorável quanto um botão de rosa. E ficou claro que estava na sua.*

Por alguma razão, isso o fez sentir-se melhor.

— *Você acha?*

— *Oh sim. Ficava te olhando encantada. toda vez que falava, como se estivesse cagando pepitas de ouro.*

A boca de Griffin se contorceu de diversão.

— *O nome dela é Maylee e pedi que morasse comigo, mas ela não está feliz.*

— *Por que não está feliz? Não consegue guardar os sapatos com todos os seus livros?*

Então, um momento depois...

— *Por que está tendo essa conversa comigo?*

— *Não sei. Cade não está disponível, Reese é um idiota, Hunter é péssimo com as mulheres e Logan apenas sugere que compre algo.*

— *Você tentou comprar-lhe algo?*

— *Ela não gosta de dinheiro.*

— *Cristo, como encontrou uma garota em Nova York que não está interessada em sua carteira?*

— *Está desviando do assunto. Ela não está feliz. Está tentando ser, mas acho que não confia em mim.*

Pensou por um momento, depois mandou outra mensagem de texto:

— *Ela voltou antes porque pensou que eu a estava escondendo porque estava envergonhada.*

— *E estava?*

— *Originalmente? Sim.*

— *Ai, cara.*

— *Não me censure.*

Novamente. Talvez tivesse sido uma péssima ideia pedir conselhos a Jonathan. Mas que droga, estava desesperado.

— *Sabe muito bem que não sou bom com esse tipo de emoção.*

— *Está bem, está bem. Ainda a está escondendo?*

— *Claro que não. Ela se mudou. Kip acha que é muito legal.*

— *Ninguém dá a mínima para o que seu assistente pensa. Eu quis dizer, apresentou ela a todos? Fê-la sentir-se bem-vinda?*

Oh! Ele nem havia pensado nisso...

— *Quer dizer como Gretchen, Audrey e os outros? Ela perguntou sobre a minha tatuagem.*

Foi um longo momento antes de Jonathan responder.

— *Olha, cara, não lhe direi para não lhe contar sobre a Irmandade. Poderia tentar, mas se está pensando com seu pau como todo mundo, sei que é uma causa perdida. Então faz o que achar certo. Confio em você. Todos confiamos, ou não estaria na Irmandade.*

Griffin não sabia o que dizer.

— *Entendo.*

— *E mais uma coisa.*

— *O que é?*

— *Se está apaixonado, quero dizer muito, muito apaixonado, precisa mover o céu e a terra para mostrar que a ama. Porque se não o fizer, a perderá. Então não valerá a pena viver a vida. Vai por mim, está bem?*

Franziu o cenho para a tela. Jonathan se manteve afastado de todos, até de seus irmãos. Ouvir essa confissão fez Griff se perguntar o que estava escondendo.

— *O que isso significa? Essa é uma pista ruim sobre um coração partido?*

— *Eu te digo outra hora. Agora, tenho um avião para pegar.*

— *Mais tarde.*

Ele desligou o telefone e pensou por um longo tempo. Maylee achou que ele não a estava levando a sério? Estava na hora de fazer mais? Ser mais demonstrativo? Ele fazia amor com ela todas as noites. Disse que a amava várias vezes ao dia. Eles fizeram longas caminhadas juntos no Central Park, de mãos dadas e passeando com o cachorro. Ele até a deixou levar sua besta suja para a cidade de Nova York em sua casa cheia de livros. Se isso não era amor, ele não sabia o que era.

Mas talvez ela precisasse de gestos maiores, algo que não pudesse ser contestado. Refletiu por mais um tempo até decidir mandar uma mensagem para Reese.

— *Audrey está aí?*

— *Por que você está me mandando uma mensagem e perguntando sobre minha esposa? Arranje sua própria mulher.*

Irritado, Griffin rangeu os dentes e mandou de volta:

— *Eu tenho uma. Quero dar uma festa para ela e não sei por onde começar. Pensei que Audrey pudesse saber.*

A esposa de Reese poderia organizar praticamente qualquer coisa.

— *Vá se foder, cara. Estou por fora de qualquer assunto relacionado a isso. Eu ajudaria, mas você ligou para o cara errado quando se trata de planejamento.*

— *Por isso, perguntei pela sua esposa.*

— *Espere.*

Um momento depois, Reese mandou uma mensagem:

— *Aqui está o número da Audrey. Chame-a.*

Ele ligou e uma voz eficiente atendeu o telefone.

— Olá? – Audrey Petty não fazia bobagens e era prática, foi por isso que o surpreendeu que tenha acabado com alguém tão volátil quanto Reese.

— É Griffin. Maylee veio morar comigo e quero dar a ela uma festa de boas-vindas.

— Quer? – Sua voz subiu uma oitava — Isso é muito gentil, Griffin. Quer ajuda para organizá-la?

— Sim. Por favor. Nem sei por onde começar.

Ela riu.

— Tudo bem, vamos começar com a localização. Tem algum lugar em mente?

Pensou por um momento. Precisava de algo vistoso, para demonstrar o quanto se importava.

— Pode pensar em um lugar que seja absurdamente ostensivo?

— Hum. A casa de Hunter?

— Perfeito. — Pareceu lembrar-se de algo mais e acrescentou: — Conhece alguém da mídia?

— Tenho certeza de que posso localizar alguém. Teremos um evento interessante?

— Depende se você é do Bellissime.

— Ookay. Contará mais?

— Apenas confie em mim.



— Aonde vamos? – Maylee perguntou, esticando o pescoço para que pudesse olhar pela janela — E a quem todos esses jardins pertencem?

— É uma surpresa.

Ela deu-lhe um olhar cauteloso e um sorriso nervoso.

— Não tenho certeza se gosto de surpresas. — Alisou seu suéter amarelo claro e tocou o jeans que estava usando, como se silenciosamente se perguntasse se estava usando a roupa adequada.

— Está linda. — Acalmou-a. Como parecia tão preocupada, acrescentou:

— Estamos visitando a propriedade de Hunter.

— Ah. — Deu outro sorriso rápido e depois olhou pela janela mais uma vez — Nunca estive na casa dele, mas Gretchen diz que é enorme.

— É maior que o palácio real em Bellissime.

— Meu Senhor. — Chocada ao avistar a propriedade — Isso é uma casa.

— Sim. — Teve que concordar. Sabia que era um lar ancestral para Hunter, mas isso lembrava demais dos palácios tristes e remotos de sua própria infância e ele odiava o lugar. Não parecia uma casa, quase tanto quanto a casa dele. Um lugar como esse exigia manutenção constante, e Griff estava mais interessado em viajar para diferentes sítios arqueológicos do que cuidar de uma mansão em ruínas.

Mas cada um na sua.

Maylee agarrou sua mão quando entraram na garagem. Ele assentiu para Kip e gesticulou para estacionar o carro. Então, saiu do carro e estendeu a mão a ela.

Ela aceitou o apoio, subiram a escadaria de mãos dadas.

Quando chegaram à porta ela se abriu e uma Gretchen radiante os cumprimentou.

— Ei vocês dois! Entrem. Acabamos de beber champanhe.

— Ah? O que estamos comemorando? – Ainda estava com a mão grudada na de Griffin.

— Nada ainda. — Gretchen deu uma piscadela exagerada para o antigo adversário e seguiu para dentro da casa, que o fez querer estrangulá-la — Vamos. Estamos na sala de jantar vermelha.

Eles a seguiram pelo labirinto que era a casa. Maylee exclamou baixinho sobre o tamanho do lugar. Sabia que Buchanan Manor⁵⁹ era intimidadora, mas agora estava questionando se a opção do lugar, para

⁵⁹ Traduzido do inglês: significa Feudo Buchanan.

a festa, fora acertada. Queria que ela se sentisse à vontade e bem-vinda, não mais isolada e deslocada do que nunca.

Então apertou a mão dela, que surpresa pelo gesto lhe deu um sorriso agradecido, apertando sua mão de volta.

Na sala de jantar vermelha, havia um pequeno grupo de pessoas. Sentiu-a endurecer, mas colocou o braço em volta dos ombros dela e a conduziu gentilmente.

— Maylee, quero que conheça meus amigos.

Foi apresentada a Reese e Audrey, Logan e Brontë. Ambas deram boas-vindas à cacheada, embora lhe lançassem olhares curiosos de tempos em tempos. Maylee conversava com todos com seu sotaque suave e adorável, e ele teve certeza de que essa festa foi uma boa ideia.

Agora era tão óbvio. Apresentá-la aos amigos parecia a coisa mais razoável do mundo. Mostrar-lhe que pertencia a ele era uma coisa tão pequena, todavia podia ver, pelo brilho em suas bochechas, que estava feliz.

Deveria ter pensado nisso antes, em vez de vê-la ficar irritada por uma semana.

Ela conhecia Hunter e Gretchen, é claro. Apresentou Cade Archer, um bom amigo e o único homem na festa que estava sozinho. No entanto, não parecia se importar com isso.

— Jonathan não veio? – perguntou já sabendo a resposta Jon fugiu dos negócios, algo para cuidar. Ultimamente, seu amigo estava cada vez mais ausente.

Cade apenas deu de ombros como se dissesse: *O que se pode fazer?*

Depois que Maylee conheceu todo mundo, ele pegou as duas taças de champanhe e estendeu uma na mão dela. Ela pegou, sorrindo, mas intrigada.

— Parece uma festa.

— É uma festa.

— O que estamos comemorando?

Ele olhou para as pessoas na sala e depois ficou de frente para ela.

— Tenho uma coisa que quero contar-lhe.

Ela arregalou os olhos, o brilho da incerteza estampada novamente, embora fizesse o possível para escondê-la.

— Oh?

Griffin seguiu em frente.

— Você perguntou sobre a minha tatuagem.

Reese interrompeu com um gemido.

— Oh, aqui vamos nós. O pior segredo mantido de todos os tempos.

Audrey o calou.

O Lorde lançou um olhar ameaçador para Reese e depois voltou para a namorada. Tomou um gole de champanhe e pousou a taça. Pegou a mão dela e notou que estava tremendo.

— Maylee, contarei algo que nunca contei a mais ninguém. — Fez uma pausa respirando lentamente — Estou em uma sociedade secreta. Todos estamos.

As sobrancelhas dela se enrugaram.

— Hum, ok. Isso é tudo?

Ele esperou.

— É muito secreto. – Enfatizou — Pode nos arruinar financeiramente se for descoberto. Seis bilionários trabalhando juntos significaria que seríamos investigados por todos os auditores fiscais deste país.

— Tudo bem. — O olhar denotando confusão — Não contarei a ninguém. Pensei que era algo ruim. Contanto que não sacrifiquem gatinhos, acho que posso lidar com isso.

— Apenas nos feriados. — Gretchen brincou, mas Audrey a silenciou.

Ele apertou a mão da amada.

— Essa informação não pode sair desta sala. Você entende em como estou confiando em você? – Griffin segurava firme suas mãos.

— Eu entendo. — Assentiu — Obrigada.

— Mas não foi isso que te trouxe aqui. — Ele agora sorria largamente.

— Não? – Os olhos se estreitaram, desconfiados.

— Não. — Fez um sinal olhando para Audrey.

Ela sorriu e correu em frente, a blusa solta mal indicando o estômago redondo de grávida. Desapareceu no corredor e voltou com uma pequena bandeja de prata e um homem ao seu lado, que segurava uma câmera.

Griffin assistiu-a tentar descobrir, franzindo a testa. Pegou a caixa de Audrey e depois se virou para Maylee. A caixa retangular era de veludo e ela provavelmente reconheceria o formato. Dentro dela estavam as esmeraldas Verdi.

— Você usou isso uma vez, no baile de Bellissime.

— Eu lembro. Brincos grandes e um colar. — Confusão definia o sorriso suave.

— Isso mesmo. Há outra peça que acompanha esse conjunto, e quero que a use.

E ele abriu a caixa e tirou um anel.

Não era o mais elegante ou delicado dos anéis. Como o resto das esmeraldas Verdi, a pedra era muito antiga, quadrada e cercada por minúsculos diamantes. Era um anel grande e feio.

Os olhos de Maylee brilharam, assim como o flash da câmera brilhou em seu rosto.

— O que significa isso, G? — Referia ao homem com a câmera.

— Isso... — gesticulando para o fotógrafo —...é um homem trabalhando em um artigo, para enviar para Bellissime, sobre nós dois. — Olhou-a nos olhos e então caiu de joelhos — Maylee...

— Oh — Mal respirava, congelada no lugar, na frente dele.

— Sei que tenho sido um idiota... — Começou.

— Fico feliz em ouvi-lo admitir.

Ouviu Gretchen murmurar ao fundo. Ignorou-a.

— E sei que se preocupa, por pensar que acho que não é boa o suficiente para mim. Então, queria que soubesse o quanto te valorizo. Essas pessoas nesta sala são a única família que já me importou. Fico nos Estados Unidos não porque não amo meu país, mas porque minha família, minha família de verdade, está aqui. E agora você faz parte dela. — Ergueu o anel à sua frente — E é a mulher mais bonita e digna que já conheci. Eu nunca pensei em oferecer esse anel a ninguém até conhecê-la. Você quer se casar comigo?

— Por que ele está aqui? — Ela hesitou, olhando para o fotógrafo novamente.

Griffin se inclinou e sussurrou: — Porque seu rosto irá estampar uma dúzia de jornais de Bellissime como: **‘A americana que capturou um Visconde’**. Espero que não se importe com a invasão da privacidade, mas queria que as pessoas soubessem que vamos nos casar, porque tenho muito orgulho da minha mulher.

Seu rosto se transformou em um lindo sorriso. Ela flexionou um dedo para ele, daquela maneira sexy que faz seu coração palpitar e seu pau doer.

Quando se adiantou, ela deu um grito indigno e pulou nos braços dele.

Epílogo

Naquela noite na cama, depois de todas as celebrações, Maylee passeou os dedos na — trilha feliz — de Griffin e sentiu-se imensamente feliz. A pedra em seu dedo pesava a mão inteira, e era um anel feio, mas significava que ela pertencia ao amado e, portanto, adorou.

Ele a escolheu acima de todas as outras. Ela. A caipira, e simplória, Maylee. Não se vestia de forma sofisticada. Usava jeans e um suéter de verão de mangas curtas, o cabelo como o bagunçado saca-rolhas habitual.

Mas Griffin não se importava. Olhara-a com tanto amor nos olhos, enquanto colocava as joias nela, o anel em seu dedo. O jornalista tirou muitas fotos e feito tantas perguntas que sua cabeça estava girando.

Fez isso na frente de seus amigos mais próximos. Estava tentando mostrar-lhe o que ela significava para ele, e ela entendeu agora. Realmente, realmente entendeu.

A mão deslizou até o pênis dele, alisando-o. Tinham acabado de fazer sexo, alguns minutos atrás, mas ela apostou que poderia fazê-lo erguer-se novamente em pouco tempo.

— Ei, Griff?

— Hum? — A voz estava deliciosamente sonolenta, a mão acariciando seus cabelos enquanto ela descansava a bochecha em seu estômago.

Continuou acariciando seu pênis, satisfeita ao vê-lo se mexer e começar a endurecer mais uma vez. Uma visão tão deliciosa. Apreciando esse homem delicioso gemer e bombear em sua mão.

— Lembra, como disse que queria ser sua empregada até confiar em você? Realmente confiar?

Ficou quieto, aguardando embaixo dela, apesar do fato de que ela ainda o estava trabalhando com a mão.

— Lembro.

— OK. Bem, desisto.

Um segundo depois, Maylee se viu deitada de costas na cama e riu quando Griffin a prendeu no colchão, com um sorriso selvagem no rosto. Era tão diferente de sua expressão reservada normal.

— Desiste?

— Desisto. Desisto totalmente, totalmente. — Não parava de sorrir.

Inclinou-se e beijou-a com tanta força que seus lábios ficaram machucados, mas ela não se importou.

— Isso é maravilhoso.

— Acho que, como estou desempregada, talvez consiga abrir uma loja de fios e linhas em algum lugar por aqui.

— Pode. — Concordou — Mas isso pode esperar? Adoraria levá-la à Espanha, no próximo mês, para que possamos passar mais tempo em Cádiz. Então talvez voemos para a Grécia, depois parar em alguns lugares mencionados nas obras de Homero.

— Mais viagens? Parece incrível.

— Não se importa de viajar? Viajo bastante, mas posso adiar se preferir ficar aqui e criar um negócio. — Os olhos dele brilhavam.

— Posso esperar pela loja de fios. — Aconchegou-se perto dele — Prefiro passar um tempo com você.

— Eu te amo, Maylee. Eu realmente a amo.

— Sei que sim — disse com suavidade acariciando as bochechas dele. Disse não saber como demonstrar afeto, mas Deus, aprendeu rápido.

Ele beijou-lhe a mão, esticou-se para pegar outra camisinha do lado da cama. Beijou-a ferozmente mais uma vez enquanto vestia o preservativo, e ela abriu as pernas debaixo dele, esperando em antecipação.

Quando empurrou dentro dela, ela gritou seu nome com prazer.

O sexo foi rápido e brutal. Maylee mordeu e arranhou a pele de Griffin que estocava fundo e duro, os dedos trabalhando o clitóris para trazê-la ao orgasmo pouco antes dele gozar. Ofegantes, voltaram a se beijar.

— Eu te amo. — Ela disse suavemente em seu ouvido.

— Também te amo e me perdoa, fui um estúpido brigando contigo, em todos aqueles momentos.

Ela sorriu e mordeu o lóbulo da sua orelha.

— Você só precisa fazer as pazes comigo.

— Mmm, posso pensar em algumas maneiras. — Iniciou o movimento lento e ritmado dentro dela, de novo.

Ela poderia também. Conseguia pensar em um milhão de maneiras...

Fim

Próximo livro

Romancing the Billionaire

Jonathan Lyons. Playboy, bilionário e aventureiro, ele vive a vida no limite. Quando ele ouve que seu mentor, Dr. Phineas DeWitt, tinha um diário secreto que leva a um artefato lendário, Jonathan entra em ação. Isso mexe com seu sangue, mas vem com um desafio inebriante: a filha de DeWitt, Violet. Ela tem o que Jonathan precisa. E ela não está desistindo para o homem que partiu seu coração.

Violet é a fraqueza de Jonathan - ele ainda está apaixonado, apesar da separação volátil deles há uma década. Mas as memórias de Violet são mais nítidas. Ela nunca o perdoou por abandoná-la. Ou então ela pensou. Quando as atenções de Jonathan se tornam sedutoras, ela corre o risco de se apaixonar por ele novamente. E ela não pode deixar de se perguntar ... ele realmente a quer, ou apenas o que ela está escondendo?



AVISO 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em redes sociais ou qualquer outro meio!

Quer baixar livros do PL? Entre no nosso grupo ou em grupos parceiros do Telegram, lá você encontrará todos livros que disponibilizamos e acompanhará nossos lançamentos!

Postagens dos livros em outros meios podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

AVISO 2

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são feitos e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

**Solicitar dinheiro por romance é crime, pirataria!
Seja esperta (o).**